

KRYON

<http://www.kryon.com>

LIVRO 5

A viagem para Casa

A História de Michael Thomas
e os Sete Anjos

Lee Carroll

Os livros e outros textos de Kryon estão disponíveis em
www.velatropa.com

Nota da tradução portuguesa

Na tradução e revisão deste texto, efectuadas entre Janeiro e Março de 2004, colaboraram:
Ana de Castro, Catarina Gonçalves, Domingas Cruz, Fátima Lobo,
Maria Antónia Gameiro, Placília Espinha,
Rita Estima, Sandra Milena e Vitorino de Sousa.

QUEM É KRYON?

Kryon é uma entidade amorosa e gentil que está actualmente na Terra para nos ajudar na mudança para uma energia maior, a qual chamamos de Nova Era. As palavras de Kryon mudaram a vida de várias pessoas e trouxeram amor e luz aos lugares mais escuros e recônditos do nosso ser interior. O enredo desta «Parábola» foi inspirado por Kryon e escrito por Lee Carroll.

INTRODUÇÃO

No dia 8 de Dezembro de 1996, Kryon sentou-se diante de mais de 500 pessoas em Laguna Hills, Califórnia, durante o encerramento de um seminário. Numa sessão para contar histórias, que durou cerca de uma hora, a caminho de Michael Thomas foi apresentada – um caminho nascido do desejo de um Ser Humano, cansado da Terra, se juntar à sua família espiritual e retornar para o Lar.

O próprio nome Michael Thomas representa os atributos sagrados e incríveis do Arcanjo Miguel (Michael) e as velhas energias de São Tomé (Thomas), o Incrédulo. Esta combinação representa muito do que nós sentimos como seres espirituais, embora sempre duvidando da nossa capacidade para nos movermos para a frente em direcção a um novo milénio, que apresenta novas demandas espirituais de crescimento e desafios ameaçadores.

A caminho de Michael para o Lar revela-nos, aos poucos, uma aventura através de sete Casas coloridas, cada uma ocupada por um Grande Anjo. Cada Casa representa um atributo da Nova Era, que nela está inserido como sabedoria, ensinamento, bom humor e uma visão interior daquilo que Deus quer que saibamos sobre nós mesmos. Ganhamos, também, uma visão da maneira como as coisas funcionam enquanto nos movemos através do novo paradigma da Nova Era.

Avançando para um movimentado e surpreendente final, a caminho de Michael Thomas revela aos homens uma mensagem cheia de instruções de amor, vindas de uma fonte espiritual que frequentemente deseja «lavar os nossos pés».

Se você alguma vez já perguntou a Deus: «O que desejas que eu saiba?» – A resposta talvez seja o que está aqui!

Junte-se a Michael Thomas na sua excitante caminhada. Pode ser que ela o leve a lembrar-se do seu próprio caminho.

Dedicado àqueles que compreenderam
que os homens têm o poder de mudar as suas vidas,
e que as coisas nem sempre são o que parecem!

1 - Michael Thomas

Pedaços de acrílico preto voaram em todas as direcções enquanto Mike empurrava, com força demais, a caixa de «entrada de papéis» contra a parede do cubículo que era o seu escritório de vendas. Este era outro exemplo de um objecto inanimado que estava a suportar o impacto da raiva crescente de Mike perante a situação em que vivia. De repente, uma cabeça levantou-se acima da planta artificial, empoeirada, à sua esquerda.

- «Está tudo bem por aí? - perguntou John do cubículo anexo.

As paredes de cada cubículo eram altas apenas o suficiente para permitir que cada pessoa achasse que tinha o seu próprio escritório. Mike colocara diversos objectos altos na sua escrivaninha, para iludir o facto de os seus colegas de trabalho estarem, permanentemente, a apenas um metro e meio de distância – todos eles fingindo estar sozinhos no seu «espaço», e tendo conversas «particulares».

O brilho da luz fluorescente, vinda do tecto acima dos cubículos, banhava Mike e os colegas com aquele tipo de falsa iluminação encontrada apenas em empresas e indústrias. Parecia absorver o vermelho do espectro visual, tornando todos pálidos... apesar de viverem na ensolarada Califórnia. Ter passado anos sem apanhar sol fazia com que Mike parecesse ainda mais pálido. «Nada que uma viagem às Bahamas não cure», respondeu Mike sem olhar para a planta, através da qual a cabeça de John tentava aparecer. John encolheu os ombros e voltou à sua conversa ao telefone.

Mesmo que as palavras tenham escapado dos seus lábios, Mike sabia que nunca iria às Bahamas, ganhando o salário de um vendedor a trabalhar nas «minas de carvão», como os empregados chamavam à fábrica para a qual trabalhavam. Mike começou a recolher os pedaços da bandeja de acrílico que tinha estilhaçado e suspirou – uma coisa que estava a fazer muito, ultimamente. Estava ali com que objectivo? Por que não sentia energia ou incentivo para melhorar a sua vida? O seu olhar parou no ursinho de pelúcia que oferecera a si próprio, e que dizia: «Abraça-me.» Ao lado do ursinho estava uma tira da sua banda desenhada preferida que mostrava o «pássaro azul da felicidade»: Mas, bem pelo contrário, ele estava a ter que lidar com a «galinha da depressão!»

Não importando quantas caras sorridentes ou desenhos ele pregasse nas paredes do seu cubículo, Mike continuava a sentir-se bloqueado. Estava a levar uma existência parecida com o trabalho da máquina de fotocópias do escritório: todo dia duplicando tudo, sem nenhum propósito. A frustração e a impotência que sentia deixavam-no com raiva e deprimido, e os sinais começavam a aparecer. O seu supervisor já tinha reparado nisso.

Michael Thomas tinha trinta e poucos anos. Tal como várias outras pessoas no escritório, «fazia o que era preciso para sobreviver». Aquele era o único emprego que encontrara onde não tinha de se preocupar muito com o que fazia. Podia, simplesmente, desligar-se durante oito horas por dia, voltar para casa, dormir, tentar pagar as contas pendentes durante fim-de-semana, e regressar ao trabalho às segundas. Mike apercebeu-se que só sabia o nome de quatro pessoas entre as trinta que trabalhavam naquele escritório de Los Angeles. Não se importava com isso, e assim ficou cerca de um ano - desde o momento em que ocorrera aquele problema emocional que lhe ferira o coração para sempre. Nunca tinha compartilhado essas memórias com ninguém, mas elas invadiam a sua cabeça quase todas as noites.

Mike vivia sozinho, se exceptuarmos o seu solitário peixe. Sempre quis ter um gato, mas o senhorio não permitia. Sabia estar no papel da «vítima», mas, como a sua auto-estima estava sempre em baixa, continuava a «massajar a ferida» em que se tornara a sua vida – mantendo-a intencionalmente aberta e sangrando para se poder amparar nela. Não tinha mais nada que pudesse fazer, e sabia que não dispunha da energia para mudar as coisas, mesmo se quisesse. Deu o nome de Gato ao peixe só por brincadeira, e conversava com ele sempre que chegava em casa ou antes de sair para o trabalho.

- Mantém a fé, Gato. – dizia Mike para o seu amigo, quando saía.

É claro que o peixe nunca respondeu.

Com cerca de um metro e noventa de altura, Mike metia respeito. Por isso sorria. O seu sorriso largo tinha um charme que dissolvia todos os pré-julgamentos que alguém pudesse fazer, com base na sua estatura. Não foi por acaso que se viu a trabalhar pelo telefone, onde os clientes não pudessem vê-lo. Era uma forma de negar propositadamente o seu melhor atributo – quase uma prisão auto-imposta, permitindo que mergulhasse no melodrama da sua situação actual. Mike sobressaía devido às suas habilidades pessoais, mas raramente as usava, a não ser quando era necessário por questões de trabalho. Não cultivava amigos por opção e, no actual estado de ânimo, o sexo oposto nem existia para ele – apesar de que as mulheres decerto teriam gostado dele. Os seus colegas de trabalho diziam: «Mike, quando foi a última vez que tiveste uma namorada? Precisas de sair e encontrar uma boa moça. Muda essa mentalidade!» Depois, todos eles volta-

vam para as suas casas, para as suas famílias, cachorros e filhos adoráveis – e um ou outro também teria um peixe. Mas Mike não conseguia imaginar como poderia começar o processo de reconstruir a sua vida amorosa perdida. Decidiu que não valia a pena. Dizia para si mesmo:

- Encontrei a minha metade muito cedo, só que ela não sabia disso.

Nessa altura, estava muito apaixonado, sentindo todas as expectativas que vêm com o amor. Ela, por outro lado, estava apenas a divertir-se. Quando, finalmente, isso se tornou óbvio, foi como se todo futuro de Mike tivesse murchado e desaparecido. Ele amara-a com uma paixão singular, que, segundo acreditava, sentiria apenas uma vez na vida. Gastara todo o seu amor com ela... e ela tinha-o rejeitado!

Criado pelos pais numa fazenda na pequena cidade de Blue Earth, no Minnessota, Mike tinha escapado de uma situação que considerava sem saída: cultivar produtos que, ou eram comprados por países estrangeiros ou armazenados indefinidamente em silos enormes, devido à superprodução. Desde muito cedo descobriu que a vida de fazendeiro não era para ele. Nem mesmo o seu país parecia valorizar essa profissão. Que vantagem teria? Acresce que não podia aguentar o cheiro de tudo o que o rodeava. Queria trabalhar com pessoas em vez de com animais e tractores. Tinha sido um bom aluno, e era absolutamente o melhor em qualquer coisa que envolvesse interacção com outras pessoas. Acabar por trabalhar em vendas era uma coisa natural para ele. Não teve, por isso, qualquer problema em encontrar um emprego como vendedor de uma série de produtos e serviços, que podia representar com honestidade. As pessoas adoravam comprar coisas a Michael Thomas.

Olhando para o passado, para o que os seus pais, agora mortos, tinham deixado, apercebeu-se de que uma coisa ficara arraigada nele: a sua crença em Deus. «Grande coisa, esse sentimento agora», pensava amargamente. Mike era filho único. Os pais – seus amados mãe e pai – tinham morrido num acidente de viação alguns dias antes do seu 21º aniversário. Continuava a chorar a sua perda e mantinha à vista as suas fotos para se lembrar de como tinham vivido... e de como tinham morrido. Apesar de tudo, continuava a ir à igreja e seguia o culto, ao menos por mera formalidade. Quando o padre o questionava acerca do seu estado espiritual, Mike admitia abertamente a fé e a crença na sua natureza espiritual. Estava certo de que Deus era justo e amoroso, embora não estivesse muito perto Dele no momento – pelo menos nos últimos anos, para dizer a verdade. Mike rezava sempre por uma situação melhor, mas tinha pouca esperança de que as coisas realmente mudassem.

Mike não era propriamente bonito, mas era bastante atractivo, pois herdara a postura altiva do pai. As mulheres achavam-no irresistível. O seu sorriso cintilante, o cabelo louro, o porte esbelto, o queixo quadrado e os profundos olhos azuis eram cativantes. Quem tivesse intuição apercebia-se que Mike era um homem íntegro. Por isso, confiavam nele imediatamente. Dispusera de diversas oportunidades para beneficiar indevidamente de várias situações – tanto nos negócios, quanto no romance – mas nunca se aproveitou disso. Mike era um produto da consciência firme dos fazendeiros – um dos únicos atributos valiosos que trouxe da sua infância, passada na sua fria cidade natal.

Era incapaz de mentir e entendia intuitivamente quando outros precisavam de ajuda. Abria as portas para as outras pessoas ao entrar e ao sair do supermercado, respeitava e conversava com os mais velhos, e sempre dava aos pedintes, fossem homens ou mulheres, a moeda que eles pediam, mesmo que suspeitasse que poderia ser gasta em bebidas.

Sentia que todos deveriam trabalhar em conjunto para melhorar as coisas. Nunca entendeu por que razão, na cidade que tinha adoptado, as pessoas não conversavam nem se encontravam com os vizinhos. Talvez não precisassem de ajuda por causa do excelente clima. «Que irónico», pensou.

O seu único modelo feminino de mulher era a mãe; portanto, tratava as mulheres com o tipo de respeito que tinha aprendido com aquela mulher, sensível e maravilhosa, de quem tanto sentia a falta. Parte da sua tristeza, agora, derivava do sentimento de ter sido traído no único relacionamento «real» que tivera. Mas, na verdade, a experiência de Mike fora apenas o resultado de um choque cultural: o que era esperado por uma pessoa não foi concedido, e vice-versa. A garota da Califórnia, que tinha destroçado o seu coração, estava apenas a seguir o que acreditava ser a sua verdade acerca do amor. Porém, Mike não via as coisas assim. Recebera outro tipo de educação... e não tolerava opiniões diferentes sobre o amor.

* * *

E é assim que a nossa história realmente começa.

Ali estava Michael Thomas com a sua auto-estima em baixa, regressando a casa numa noite de sexta-feira, pronto para se recolher no seu apartamento, uma espécie de estúdio de duas assoalhadas (casa de banho

incluída!). Parou na mercearia para comprar alguns suprimentos de que precisava para sobreviver nos próximos dias. Há muito tempo descobrira que podia fazer render o dinheiro se comprasse as marcas genéricas e usasse sabiamente os vales de compras. Mas, qual era a sua verdadeira chave para a frugalidade?... Não comer muito!

Comprava comida enlatada, que não precisava de ser cozinhada. Assim, prescindia do fogão ou evitava pagar muito pelo consumo de energia eléctrica. Esta prática deixava-o desnutrido, com fome, e sem sobre-mesa... o que servia muito bem ao seu propósito de se sentir como uma vítima. Além disso, descobriu que, se comesse todos os alimentos directamente da embalagem, junto do lava-loiça, não precisava de lavar qualquer prato... coisa que detestava. E gabava-se como tinha resolvido problema, junto de John, o seu colega de serviço e único amigo. Sabendo dos hábitos de Mike, John comentou, de brincadeira, que Mike não tardaria a encontrar uma forma de não fazer nada – viver até sem apartamento – indo morar no abrigo mais próximo. John riu-se ao dizer isto e deu uma palmada nas costas do amigo. Mike, no entanto... pensou seriamente em considerar a questão.

Quando saiu da mercearia e foi para casa, já estava escuro. Uma neblina espessa ameaçava chuva para todo dia, tornando tudo escorregadio e brilhante à luz artificial dos candeeiros da rua, reflectidos nos degraus da entrada do apartamento. Feliz por viver no sul da Califórnia, Mike sempre se lembrava dos Invernos rigorosos em Minnesota, onde crescera. Durante a juventude, sentira uma paixão pela Califórnia, e jurou a si mesmo que escaparia do castigo daquele clima que toda a gente, simplesmente, aceitava.

E perguntava à mãe:

- Como é possível alguém viver num lugar onde se pode morrer congelado em dez minutos?

A mãe, olhando para ele, limitava-se a sorrir e respondia:

- As famílias ficam onde têm as suas raízes, sabes? Além disso, este lugar é seguro.

Aquele era o sermão de sempre, acerca de como Los Angeles era uma cidade perigosa e de como Minnesota era agradável. Isto só fazia sentido se a pessoa não acrescentasse «morte por congelamento»!

Mike não conseguia convencê-la de que o perigo dos terremotos era como a lotaria: poderia ocorrer durante a sua vida, ou não. Os penosos Invernos em Minnesota, no entanto... todos os anos eram infalíveis – uma ocorrência cíclica que se podia esperar com toda a certeza!

É inútil dizer que Mike saiu da sua cidade natal assim que terminou os estudos secundários, mudando-se para a Califórnia para frequentar a faculdade. Usou as suas capacidades de vendedor para financiar pessoalmente tudo que fez. Agora, porém, desejava ter ficado mais tempo em casa – para estar com a sua mãe e o seu pai durante os anos que antecederam o acidente. Achava que, na sua necessidade de escapar ao frio, se privara do convívio com eles. Por isso se sentia egoísta e infeliz.

Na penumbra, Mike subiu os degraus da frente até ao andar do seu apartamento e procurou as chaves. Balançou o saco da mercearia e colocou a chave na fechadura. A chave entrou normalmente... mas foi aí, na noite daquela sexta-feira que o «normal» acabou para Michael Thomas. Do outro lado da porta tinha um presente – potencialmente uma parte do destino de Mike – algo que iria mudar a sua vida para sempre.

Devido à moldura deformada da porta, Mike aprendera a usar o peso do corpo para ajudar a abrir a teimosas fechadura do quarto. O resultado era a porta ser aberta sempre à força. Mike tinha aperfeiçoado o método de segurar o saco da mercearia apoiado no quadril, deslizar a chave na fechadura, virando-a e empurrando com o pé ao mesmo tempo. Esta manobra exigia um certo balanço dos quadris e, embora desse resultado, John tinha comentado que era algo muito estranho de se ver!

A obstinada porta abriu com o impacto dos quadris de Mike, assustando ladrão que estava dentro do quarto às escuras. Com a rapidez de um gato e anos de experiência de lidar com o inesperado, o estranho, um palmo mais baixo do que Mike, atirou-se instantaneamente para frente, agarrou-lhe o braço e puxou-o para dentro da sala. Como a inusitada forma de abrir a porta já o desequilibrava naturalmente, foi fácil para o ladrão derrubá-lo, apesar da desvantagem física. As compras foram atiradas com tanta força contra a parede oposta que as tampas das embalagens abriram-se. Antes de alcançar o chão, Mike, surpreendido e com todos os sinais de alarme a soar no seu corpo, ouviu a porta a fechar-se atrás de si... ficando o ladrão do lado de dentro! De relance, reparou que a sua cara iria direito a um pedaço de vidro partido, resultado da janela estilhaçada por onde entrara o pequeno homem.

Este é um daqueles momentos que ficam gravados na mente, como se o tempo parasse ou andasse lentamente. Mas tal não foi o caso de Michael Thomas: os segundos voaram num tempo compacto, enevoado, criando um grande pânico. O homem que arrombara o apartamento estava determinado em continuar a sua busca e remover o aparelho de TV e o estéreo, certamente não se importando com o que aconteceria com a

sua vítima. Portanto, assim que Mike caiu no chão, o ladrão, com as mãos suadas, já estava em cima dele. Parecia que um torno lhe apertava o pescoço. Os seus grandes olhos estavam somente a alguns centímetros dos de Mike... que podia sentir e cheirar o hálito quente e pesado do ladrão no seu rosto, e o peso dos quadris no seu estômago. Reagiu instintivamente, como qualquer outra pessoa que estivesse para morrer, e tentou um golpe que podemos ver em qualquer filme de segunda classe. Apesar da sua desorientação, atirou a cabeça para frente com toda a força contra a do ladrão. Funcionou. O assaltante, surpreso com a força do movimento, relaxou um pouco as mãos o que permitiu que Mike rolasse rapidamente para o lado e tentasse levantar-se. Antes de se equilibrar, no entanto, o ladrão atacou novamente. Desta vez aplicou um forte soco no estômago de Mike, que foi praticamente atirado para cima com o impacto, indo cair de costas sobre a sua esquerda e bater brutalmente contra algo grande, que vagamente lhe pareceu ser o aquário. Com um barulho terrível, o móvel, o aquário e o solitário peixe misturaram-se com as compras, no chão da pequena sala.

Mike sentia muitas dores e estava sem fôlego. Ainda arfava – tinha os pulmões em fogo pela falta de oxigênio – quando, com olhos esbugalhados, viu uma bota - que parecia maior que o estado de Montana - vir na sua direção. O assaltante, agora, estava a sorrir.

Aconteceu muito depressa: a bota achou o alvo e Mike sentiu e ouviu os ossos da garganta e do pescoço fazerem um barulho horrível. Engasgou-se com horror, sabendo que a passagem de ar estava danificada, e até, talvez, a coluna vertebral. Todo o corpo reagia ao estalar e pulsar do pescoço mutilado. Entrou em choque ao sentir a realidade da situação. Era isso: a morte estava perto! Tentou gritar, mas a voz não saía. Mike não conseguia respirar, e a visão escureceu. Tudo ficou quieto. O ladrão apressava-se a concluir a sua noite de trabalho, não se preocupando com o homem imóvel no chão, quando foi novamente surpreendido por alguém que batia freneticamente na malvada porta do apartamento.

- O que está a acontecer aí?... Está tudo em ordem? - perguntava um vizinho.

O ladrão praguejou pela falta de sorte e dirigiu-se rapidamente em direção à janela partida. Para desimpedir a saída retirou alguns cacos de vidro que ainda restavam e saltou para fora do prédio.

O vizinho de Mike, que, na verdade, nunca se encontrara com ele, ouviu o som de mais vidro a partir-se e decidiu virar a maçaneta da porta. Por estar destrancada, entrou. Encontrou o apartamento todo revirado, e um homem a fugir pela janela partida. Movendo-se cautelosamente no escuro para evitar a TV e o estêreo estranhamente colocados no meio da sala, o vizinho acendeu a luz de uma simples lâmpada pendurada no tecto.

- Oh meu Deus! – ouviu-se a dizer com a voz embargada pela comoção.

Num segundo, já estava ao telefone a pedir ajuda. Um Michael Thomas seriamente ferido e inconsciente estava deitado no chão. Na sala reinava o sossego, agora. O único som era o barulho do peixe a debater-se, perto da cabeça de Mike. Gato contorcia-se entre os legumes e o monte de comida pré-cozinhada – uma mistura repugnante que começava a ficar vermelha ao misturar-se com o sangue que escorria dos ferimentos de Mike.

2 - A Visão

Mike acordou num lugar desconhecido. Então, com um clarão na memória, lembrou-se de tudo. Vagando ao acaso, os seus olhos, descobriram que não estava no seu apartamento, nem sequer num hospital da cidade. Tudo estava calmo. De facto, o silêncio era tão constrangedor que começava a ficar nervoso. Não ouvia nenhum outro som excepto o da sua própria respiração! Nenhum carro passava na rua, nenhum barulho de ar condicionado – nada, nada! Mike soergueu-se e conseguiu recostar-se na cama.

Olhou para baixo, e reparou que estava deitado numa estranha cama, pequena como uma marquesa. Não tinha pijama, e vestia exactamente a mesma roupa do dia em que fora atacado. Levantou a mão e tocou no pescoço. O seu último pensamento, enquanto ainda estava consciente, fora de que estava partido, mas, para seu alívio, não detectou nenhum sinal de fractura. Mike, na verdade, sentia-se muito bem! Apalpou-se em diversos lugares, e o mais estranho é que não tinha nenhum ferimento ou inchaço no corpo. Mas... aquele silêncio! Estava a ficar louco por não ouvir qualquer estímulo para os seus ouvidos. A luz era estranha, também. Parecia vir de lugar nenhum e de todos, ao mesmo tempo. Era de um branco brilhante – um branco tão vazio de cores que feria os olhos. Então, decidiu examinar melhor o lugar onde estava.

Era assombroso. Não estava num quarto – e não estava ao ar livre! Só havia ele, a cama e o chão branco, que se estendia até onde podia ver. Deitou-se novamente. Sabia o que acontecera: estava morto. Não era preciso ser um cientista para reconhecer que o que estava a ver e sentir não correspondia ao mundo verdadeiro. Mas... por que ainda conservava o corpo?... Mike decidiu tentar algo absurdo. Beliscou-se para ver se sentia dor, e contraiu-se proferindo um forte Ai!

- Como te sentes, Mike? - perguntou uma calma voz masculina.

Mike imediatamente olhou na direcção da voz e viu uma figura da qual não se esqueceria para o resto da sua vida. Sentiu uma presença angélica, uma sensação de grande amor.

Mike sempre se perguntava primeiro o que SENTIA, e só depois o que VIA. Realmente, tinha o hábito de descrever as suas experiências desta maneira quando era questionado, e, naquele momento, viu uma figura de branco, ameaçadora e esplendorosa ao mesmo tempo. Perguntou: «São asas, isso que estou a ver? Que banal!»... E sorriu para visão que tinha à sua frente, achando difícil de acreditar que era real.

- Estou morto? - perguntou estoicamente, mas com respeito, ao ser que estava na sua frente.

- De modo algum. - disse a figura, aproximando-se. «Isto é apenas um sonho, Michael Thomas.» A aparição aproximou-se ainda mais, aparentemente sem andar. Mike viu uma face velada, desfocada do «homem» em frente à sua cama, mas, de alguma forma, sentiu-se a salvo, seguro e protegido. Tudo o que podia fazer era continuar a conversa. Era uma sensação ótima!

A figura estava vestida de branco, mas não se podia dizer que usava roupa. A vestimenta parecia estar viva e movia-se com a figura, como se fosse a sua pele. A face era indefinida. Mike não conseguia ver nenhuma prega, botão ou vinco, onde a roupa acabava e a pele começava, apesar dessa estranha vestimenta não ser apertada. Parecia uma renda flutuando e, por vezes, parecia brilhar de forma vaga e indistinta. Além disso, aos olhos de Mike, essa veste branca parecia misturar-se com a incrível brancura que o cercava. Era difícil ver onde acabava a figura angélica e começava o cenário dos acontecimentos.

- Onde estou eu?... Parece uma coisa idiota, mas acho que tenho o direito de fazer esta pergunta, - disse Mike em voz baixa.

- Estas num local sagrado. Um local que tu mesmo construístes, e está repleto de amor. É exactamente isso que estás a sentir agora. - A angélica figura inclinou-se para Mike e pareceu emitir ainda mais luz.

- E tu, quem és...? - perguntou Mike respeitosamente, apenas com um fio de voz.

- Provavelmente adivinhaste. Eu sou um anjo.

Mike nem pestanejou. Sabia que aquela visão estava a dizer a verdade. A situação, apesar de estranha, era extremamente real. Mike percebeu tudo claramente.

- Os anjos são do sexo masculino?

Mike arrependeu-se imediatamente de ter feito a pergunta assim que a formulou. Que parvoíces lhe dava para perguntar! Era, obviamente, um dia muito especial. Se era um sonho, era tão real como jamais experimentara.

- Eu sou apenas o que tu desejas ver, Michael Thomas. Não sou uma forma humana. O que estás ver é apresentado desta forma para que te sintas confortável. Mas, não – os anjos não são do sexo masculino. Na verdade não temos sexo. E também não temos asas.

Mike sorriu novamente, pensando que o que estava a ver talvez fosse um produto da sua imaginação.

- Que aspecto tens realmente? - perguntou Mike, que começava a sentir-se com mais liberdade para conversar normalmente com esta criatura amorosa. - E porque é que o teu rosto está velado? - Esta era uma pergunta válida, dentro das circunstâncias.

- A minha forma iria surpreender-te. Além disso, sentirias uma estranha lembrança ao vê-la, pois também é a forma com que te pareces, quando não estás na Terra. Esta forma está além de qualquer descrição. Portanto, continuarei assim, por agora. Quanto ao meu rosto, vê-lo-ás em breve.

- Quando **não estou na Terra?**

- A experiência na Terra é temporária, mas tu já sabes isso, não? Eu sei quem tu és, Michael Thomas. És um ser espiritual que compreende a natureza eterna dos Seres Humanos. Já agradeceste uma infinidade de vezes por possuíres uma natureza espiritual, e aqueles que estão ao meu lado ouviram cada uma das tuas palavras.

Mike ficou em silêncio. Sim, ele tinha rezado nas igrejas e em casa, mas pensar que fora ouvido claramente era difícil de acreditar. Esta entidade no seu sonho conhecia-o?

- De onde vens? - perguntou.

- De Casa.

A entidade amorosa, agora, parecia estar a brilhar directamente em frente da pequena cama de Mike. A figura inclinou a cabeça de lado – e esperou pacientemente enquanto Mike assimilava tudo aquilo. Mike sentiu um arrepio subir e descer pela coluna vertebral. Um forte sentimento dizia-lhe que estava perante uma grande verdade e que um jorro de conhecimento lhe seria dado, se o pedisse.

- Tens razão! - respondeu o anjo aos pensamentos de Mike. - O que fizeres agora irá mudar o teu futuro. Sabes que é assim, não é verdade?

- Consegues ler meus pensamentos? - perguntou Mike timidamente.

- Não. Podemos senti-los. O teu coração está ligado a todos, como sabes, e nós respondemos quando tu precisas de nós.

A situação estava a ficar cada vez mais misteriosa.

- Falas no plural. Mas eu só te vejo a ti.

O anjo riu-se abertamente... e o som era espectacular. Que energia tinha aquele riso! Mike sentiu cada célula do seu corpo ressoar com o humor que o anjo expressava. Tudo que o anjo fazia era novo, maior do que a vida e, de alguma forma, trazia uma lembrança que estava fundo no subconsciente de Michael. Estava atordoado com aquela vibração, mas nada disse.

- Eu falo contigo com a voz de um, mas represento as vozes de muitos. - declarou o anjo, enquanto levantava os braços, deixando a sua estranha veste flutuar e ondular com o movimento. - Há muitos ao serviço de cada Ser Humano, Michael. Isto tornar-se-á óbvio para ti, caso faças essa escolha.

- **É claro que faço essa escolha!** – gritou Mike. Como poderia um convite como aquele ser ignorado?... Mas logo se sentiu embaraçado, como se estivesse a agir como uma criança perante um artista de cinema. Ficou em silêncio durante algum tempo e viu o anjo mover-se para cima e para baixo, como se estivesse em cima de um elevador hidráulico. Reflectiu novamente sobre se tudo aquilo poderia ser o resultado do seu desejo de perceber as coisas, por ter assistido a filmes, ido à igreja, ou contemplado grandes obras de arte.

Estava tudo em silêncio novamente – e que silêncio! O anjo, obviamente, não iria partilhar informações a menos que Mike começasse a fazer perguntas:

- Posso saber qual é a minha situação?... Isto é realmente um sonho?... Parece tão real.

O anjo aproximou-se e disse:

- O que é um sonho, Michael Thomas?... Um sonho é uma visita à tua mente biológica e espiritual, que te permite receber informações sobre o meu lado do véu – algumas vezes metaforicamente. Sabias disto?... Um sonho pode não ser igual à tua realidade, mas, na verdade... está mais perto da realidade de Deus, do que qualquer outra experiência que tenhas regularmente! Como te sentiste sempre que o teu pai e a tua mãe participaram nos teus sonhos?... Não parecia real?... Parecia... e era! Lembra-te da semana após o acidente, quando eles te visitaram?... Tu, como resposta, choraste durante semanas. Era a realidade **deles**. As suas mensagens para ti eram reais. Eles continuam a partilhar amor contigo, Michael, porque, tal como tu, são eternos. Quanto às perguntas sobre a tua situação, por que pensas que estás a ter este sonho?... Este é o único propósito desta visita. É algo lícito, que ocorre no tempo certo.

Mike estava contente com a longa conversa com este maravilhoso ser, que lhe parecia cada vez mais familiar.

- Será que me sairei bem desta situação?... Acho que estou seriamente ferido e inconsciente. Talvez até esteja a morrer.

- Depende. - disse o anjo.

- Depende de quê?

- O que é que realmente queres, Michael? - perguntou o anjo amorosamente. - Diz-nos o que **realmente desejas**. Mas tem cuidado com o que vais dizer, pois a energia de Deus, geralmente, é literal. Além disso, nós sabemos o que tu sabes. Não podes enganar a tua própria natureza.

Michael desejava ser honesto na sua resposta. A situação cada vez era mais real. Lembrava-se realmente dos sonhos nítidos que tivera com os pais, logo após o acidente. Eles apareceram juntos, nas poucas vezes em que conseguira dormir naquela semana terrível, e tinham-no abraçado e amado. Disseram-lhe que era o tempo certo para partirem – qualquer que fosse o significado. Mike, de facto, não tinha aceite o que acontecera. E disseram que os eventos que culminaram com as suas mortes tinham acontecido para que Michael recebesse um presente. Ele sempre se perguntara que tipo de presente seria... mas aquilo era apenas um sonho, ou não?... O anjo dissera que era real. A experiência parecia-lhe tão verdadeira que talvez as mensagens dos pais também o fossem... assim como o anjo. «Como é confuso», pensou com frustração! «O que desejo eu?» perguntou a si mesmo. Considerou a sua vida e todas as coisas que tinham acontecido no ano que passara. Sabia o que queria... mas achou que não seria correcto pedir.

- Michael, ocultar os desejos mais íntimos não confirma a tua magnificência - disse-lhe o anjo em tom de brincadeira.

- Que chatice! - Mike disse para si mesmo. - O anjo apercebeu-se novamente do que estou a pensar. Não há nada que eu possa esconder. - Então, indagou:

- Se já sabes o que quero, por que vieste perguntar-me?... E que história é essa de eu ser magnífico?

Pela primeira vez, o anjo mostrou algo diferente de um sorriso. Era um sentimento de honra e respeito!

- Tu não tens ideia **do que e de quem** és realmente, Michael Thomas, - disse o anjo com seriedade. E acrescentou: - Achas-me maravilhoso?... Pois deverias ver como **tu** és!... Algum dia verás. Quanto ao facto de saber os teus pensamentos e sentimentos, é claro que sei. Sou uma parte do apoio que recebes e, portanto, estou contigo de muitas maneiras. É uma honra para mim aparecer para ti, mas, desta vez, é a tua intenção que vai trazer as mudanças. Tens agora a oportunidade de me dizer, ou não, qual é o teu maior desejo como Ser Humano neste momento. A resposta deve vir do teu próprio coração e ser dita em voz alta, para que todos possam ouvir – até tu! O que fizeres a este respeito, representará uma enorme diferença para muitos outros seres.

Mike deixou aquelas palavras penetrarem dentro dele. Teria de dizer a sua verdade, mesmo que não fosse exactamente o que o anjo queria ouvir. Pensou por um momento, e disse:

- **Eu quero ir para Casa!** Estou cansado desta vida como Ser Humano!

Pronto! Dissera tudo. Queria ir-se embora, e acrescentou emocionado:

- Mas não quero evitar algo que seja importante no plano de Deus... A vida parece não ter sentido, mas aprendi que fui feito à imagem de Deus, com um propósito... portanto, o que posso fazer?

O anjo moveu-se para o lado da cama, para que Mike pudesse vê-lo melhor. Era espantosa, essa visão, esse sonho ou o que quer que fosse. Iria jurar que sentia o perfume de violetas – ou seriam lilases?... Mas, porquê flores? O anjo naturalmente tinha um perfume! E era mais maravilhoso ainda quando se aproximava. Michael sabia de que o anjo estava contente com o diálogo. Podia sentir isso, mesmo que não conseguisse visualizar nenhuma expressão no rosto angelical.

- Diz-me, Michael Thomas: É pura a tua intenção?... Queres realmente o que Deus quer?... Desejas ir para Casa, mas também estás ciente de um plano maior – não queres desapontar-nos ou actuar de uma forma espiritualmente errada?

- Sim, - disse Mike. - É isso mesmo. Quero livrar-me dessa situação, mas receio que o meu desejo seja uma contradição... ou seja egoísta.

- E se eu te disser que podes conseguir ambas as coisas? - perguntou o anjo com um sorriso. - E se eu te disser que o teu desejo de ir para Casa não é egoísta, mas natural, e não está em conflito com o desejo de honrars o teu propósito enquanto Ser Humano.

- Por favor, diz-me como posso fazer isto, - pediu Mike, excitado.

O anjo tinha visto o coração de Mike e agora honrava-o espiritualmente pela primeira vez.

- Michael Thomas de Intenção Pura, a fim de determinar se é isto que queres, devo fazer mais uma pergunta antes de continuar a falar sobre o assunto. - O anjo moveu-se ligeiramente para trás e concluiu:

- O que esperas ganhar indo para Casa?

Mike meditou fundo sobre isto. O seu silêncio teria sido incómodo durante uma conversa normal entre pessoas, mas o anjo entendeu perfeitamente, sabendo que esta era uma hora sagrada para a alma de Michael Thomas. Pela medida do tempo na Terra, Michael ficou parado durante dez minutos ou mais, mas o anjo não se moveu nem disse nada. Não teve nenhuma demonstração de impaciência ou cansaço. **Mike começava a**

perceber que essa entidade não tinha realmente a percepção do tempo, e que a impaciência dos Seres Humanos se devia à sua realidade do tempo linear.

- Eu quero ser amado e estar perto do amor, - foi a resposta de Mike. - Quero sentir-me pacífico durante a minha existência. - E depois de uma pausa: Não quero estar sujeito às preocupações e interações triviais daqueles que me cercam. Não quero preocupar-me com dinheiro. Quero sentir-me solto! Estou cansado de estar sozinho. Quero sentir-me importante para outras entidades no Universo. Quero saber que existo com algum propósito, e que a minha parte no céu – ou qualquer que seja o nome – possa ser correcta e apropriada ao plano de Deus. Não quero continuar a ser um Ser Humano como tenho sido. Quero ser como tu! - Fez outra pausa e acrescentou. - É isto que «ir para Casa» significa para mim.

O anjo deslocou-se outra vez para os pés da cama e comentou:

- Então, Michael Thomas de Intenção Pura, irás ter aquilo por que tanto te empenhaste!

O anjo parecia estar ainda mais brilhante, como se isso fosse possível! Exibia uma incandescente luz branca, que, agora, começava a misturar-se com uma cor dourada.

- Mas deves seguir o caminho que está previsto e deves fazê-lo voluntariamente, com intenção e por escolha própria. Então serás recompensado com a viagem para Casa. Farás isso?

- Sim, farei, - respondeu Mike. E percebeu o início de um sentimento incrível, que somente poderia ser descrito como um banho de amor. O ar começou a ficar denso. O brilho do anjo começou a rodear a cama e os pés de Mike. Arrepios começaram a subir-lhe pela sua espinha e, involuntariamente, começou a tremer com uma vibração rápida, como nunca sentira antes. Era tão rápido que parecia um zumbido. Subiu pelo corpo até a cabeça. A sua visão começou a mudar, com flashes momentâneos de azul e violeta, fazendo grande contraste com o branco intenso que estivera a ver desde que tudo começara.

- O que está a acontecer? - perguntou Mike amedrontado.

- A intenção que manifestaste está a mudar a tua realidade.

- Não entendo - disse Mike aterrorizado.

- Eu sei, respondeu o anjo num tom compassivo. - Não tenhas medo da integração de Deus no teu ser. É uma fusão que requisitaste e que é lícita para a tua Jornada para Casa.

O anjo afastou-se da estreita cama de Mike, como se quisesse dar-lhe mais espaço.

- Não te vás embora, por favor! - exclamou um Mike, ainda assustado e amedrontado.

- Calma. Estou apenas a ajustar-me ao teu novo tamanho, - disse o anjo, divertido. - Partirei apenas quando tivermos acabado.

- Continuo sem compreender, mas não estou com medo, - mentiu Mike.

Novamente o anjo se riu e encheu o espaço com uma ressonância que surpreendeu Mike com a sua alegria e intensidade de amor. Mike viu que ali não havia espaço para segredos, pelo que continuou a falar. Tinha de saber que sensação era aquela. E o anjo voltou a rir-se.

- O que acontece quando ris? Se alguma forma, isso afecta-me internamente. É algo que nunca senti antes.

O anjo, encantado com a pergunta, respondeu:

- O que tu ouves e sentes é um atributo que é puramente da fonte de Deus, - disse o anjo. O humor é uma das únicas qualidades que passam imutáveis do nosso lado para o teu. Já pensaste que os Seres Humanos são as únicas entidades biológicas da Terra que podem rir? Podes acreditar que os animais riem, mas estão apenas a responder a estímulos. Vocês são os únicos seres que têm a chispa real da sabedoria espiritual que dá suporte a esta propriedade; os únicos seres que podem criar humor a partir de um pensamento abstracto ou de uma ideia. Portanto, a tua consciência é a chave. Acredita-me, o humor é sagrado, e é por este motivo que cura, Michael Thomas de Intenção Pura.

Esta era a explicação mais longa que o anjo já lhe dera até ao momento. Mike sentiu que poderia conseguir extrair mais algumas jóias de verdade, antes que aquele momento passasse. E tentou avidamente.

- Como te chamas?

- Eu não tenho nome.

E o silêncio regressou numa longa pausa. - Ops! - pensou Mike, voltamos às respostas curtas.

- Como és conhecido? - continuou a investigar.

- Eu SOU conhecido por todos, Michael Thomas – e porque SOU conhecido por todos, logo existo.

- Não entendo - respondeu Mike.

- Eu sei - disse o anjo sorrindo. Mas este riso era uma homenagem à inocência de Michael, numa situação onde não se esperava que pudesse saber mais sobre o assunto – tal como um pai consentiria que o filho lhe fizesse perguntas perspicazes sobre a vida. Havia amor em tudo que o anjo dizia ou fazia. Mike sabia que tinha de parar de pressionar e ir directamente ao centro da questão.

- De que caminho estás tu a falar, querido anjo? - Mike sentiu-se desconfortável por ter utilizado a palavra «querido», mas, de alguma forma, tal expressão cabia à personalidade que estava à sua frente. O anjo era paternal, fraterno e amigo, e, simultaneamente, ainda transmitia a sensação de ser um amante. Este era um sentimento que Mike não esqueceria tão cedo. Queria permanecer nesta energia, e temia o pensamento de que ela poderia chegar a um fim.

- Quando voltares para a tua realidade, Michael, prepara-te para empreender uma aventura de vários dias. Quando estiveres pronto, o início do caminho ser-te-á mostrado. Serás convidado a viajar para as sete Casas do Espírito, e em cada uma delas encontrarás uma entidade parecida comigo, cada uma com um propósito diferente. O caminho poderá ter surpresas e até perigo, mas poderás parar sempre que quiseres, e não haverá nenhum julgamento sobre isso. Vais transformar-te durante o caminho e aprenderás muitas coisas. Serás convidado a estudar os atributos de Deus. Se visitares todas as sete lugares, então a porta para o Casa ser-te-á mostrada. E, Michael Thomas de Intenção Pura - o anjo fez uma pausa e sorriu - haverá uma grande celebração quando abrires essa porta.

Mike não sabia o que dizer. Sentiu uma espécie de alívio, mas também um nervosismo sobre a viagem para o desconhecido. O que iria encontrar? Deveria percorrer o caminho? Talvez isto fosse apenas um sonho sem pés nem cabeça. O que era verdade, em tudo isto?

- O que tens à tua frente agora é real, Michael Thomas de Intenção Pura, - disse o anjo que novamente tinha lido as emoções de Mike. - Retornarás para uma realidade temporária, construída apenas para os Humanos fazerem a sua aprendizagem.

Bastava que Michael tivesse uma dúvida, e o anjo logo a esclarecia. Mais uma vez sentiu que, de alguma forma, estava a ser violentado por este novo meio de comunicação, embora, ao mesmo tempo, estivesse a ser dignificado! «Num sonho - pensou Mike - estás em contacto com a tua mente. Portando, não pode haver segredos de ti para ti mesmo.» Talvez por isso fosse correcto manter a conversa com esta entidade que sabia o que ele estava a pensar. Além disso, Mike estava a experimentar exactamente o que o anjo dissera. Começava a sentir-se confortável nesta «realidade onírica», e não lhe apetecia nada voltar para nada menor do que isto.

- E agora? - perguntou Mike hesitantemente.

- Já manifestaste a tua intenção de percorrer o caminho. Então, agora, vais regressar para o teu estado de consciência humano. Entretanto, há que destacar alguns pontos: as coisas não serão sempre como parecem, Michael. À medida que fores progredindo, estarás mais perto da realidade que estás a experimentar agora comigo. Portanto, é provável que tenhas de desenvolver uma nova maneira de ser – talvez um pouco mais...

- O anjo fez uma pausa - **mais no presente** do que costumavas estar, enquanto te aproximas da porta da Casa.

Mike não entendeu o que o anjo estava a dizer mas, mesmo assim, ouviu atentamente.

O anjo continuou.

- Existe outra pergunta que devo fazer-te já, Michael Thomas de Intenção Pura.

- Estou pronto - respondeu Mike, sentindo-se pouco seguro de si, mas honestamente pronto para seguir em frente. - Qual é a pergunta?

O anjo moveu-se para mais perto dos pés da cama e disse:

- Michael Thomas de Intenção Pura, amas Deus?

Mike estava perplexo com a pergunta. «É claro que amo», pensou. Porquê esta pergunta?... E respondeu: Se podes ver o meu coração e conheces os meus sentimentos, deves saber que amo a Deus.

Fez-se um silêncio... e pareceu-lhe que o anjo estava satisfeito.

- Claro que sim!

Foi a última frase que Mike ouviu dos indistintos lábios desta maravilhosa criatura que, obviamente, o amava muito. O anjo chegou perto de Mike e moveu a sua mão de tal modo que atravessou a sua garganta. Como conseguia ele fazer isto? Imediatamente sentiu como se centenas de pirilampos tivessem voado para o seu pescoço e estivessem a alterar a sua personalidade. Não sentiu qualquer dor, mas, subitamente, vomitou.

3 - A Preparação

(Começa a Viagem)

- Inclina a cabeça para a esquerda, para a bandeja! - gritou a enfermeira para o paciente. - Ele está a vomitar. - Nessa noite, a sala de emergência do hospital, como sempre às sextas-feiras, estava a abarrotar. Desta vez a lua cheia também complicou bastante. Embora não possuíssem qualquer conhecimento sobre astrologia ou outro assunto metafísico, a maioria dos hospitais tinha o hábito de colocar mais funcionários nas Urgências nessa época do mês. Parecia que ocorriam coisas que não aconteciam noutras alturas. A enfermeira correu para fora do quarto para atender outra chamada urgente.

- Ele está consciente? - perguntou o vizinho que tinha acompanhado Mike até o hospital. O enfermeiro de bata branco baixou-se para examinar atentamente os olhos de Mike.

- Sim. Está a acordar. Quando conseguir conversar com ele, não o deixe levantar-se. Está com um corte muito feio na cabeça e levou alguns pontos, além do maxilar que ainda vai doer durante bastante tempo. A radiografia mostrou que está praticamente fracturado. Felizmente conseguimos corrigir o desvio do osso, enquanto ele estava inconsciente.

O enfermeiro saiu do cubículo, uma área separada por uma cortina presa numa armação semicircular. Ao sair fechou a cortina novamente, para que Mike e o seu vizinho pudessem ficar sozinhos. Os sons da ala de emergência eram quase imperceptíveis, embora o vizinho conseguisse ouvir as pessoas e as actividades nos cubículos de ambos os lados. À esquerda, estava uma mulher, vítima de uma punhalada; do lado direito, estava um senhor idoso com falta de ar e um braço inchado. Estavam ali há tanto tempo quanto Mike – cerca de uma hora, aproximadamente.

Mike abriu os olhos e sentiu uma forte dor no maxilar inferior. Soube imediatamente que estava acordado. «Acabou-se o sonho com anjo», pensou, assim que a forte dor e toda a situação se transformaram lentamente em realidade. A iluminação fluorescente que iluminava a sala com uma luz brilhante fez com que Mike crispasse o rosto e fechasse os olhos. Fazia frio na sala e, instantaneamente, sentiu necessidade de um cobertor. Mas ninguém lhe ofereceu um.

- Você esteve inconsciente durante um bom bocado, companheiro, - disse o vizinho, sentindo-se um pouco embaraçado por não saber nem o nome de Mike. - Eles cozeram-lhe a cabeça e puseram o maxilar no lugar. É melhor que não fale.

Mike olhou agradecido para o homem que estava curvado sobre ele. Apesar de estar ainda um pouco atordoado, analisou as feições do rosto do vizinho. Reconheceu-o como sendo o morador do apartamento ao lado do seu. O homem sentou-se junto da cama... e Mike que caiu num sono profundo.

* * *

Quando acordou, apercebeu-se que estava num local diferente. Estava tudo tranquilo e silencioso, deitado numa cama. Assim que abriu os olhos e tentou clarear a mente enevoada, compreendeu que continuava no hospital, mas, desta vez, num quarto particular. «Que quarto mais acolhedor», pensou. O seu olhar apático levou-o até os quadros na parede e à vistosa cadeira ao lado da cama. Havia um material de isolamento acústico no tecto, cruzando o quarto em pequenos e elegantes quadrados... que a sua visão distorcida transformava em losangos. As lâmpadas fluorescentes continuavam lá, mas desligadas e semi-escondidas pela decoração. A claridade vinha principalmente de uma janela com vista para a baía e um par de lâmpadas dentro do quarto. Em vez do suporte do aparelho de TV que a maioria dos hospitais, costuma ter na parede em frente da cama, havia um armário com um fino acabamento. As lâmpadas tinham vários tons, como num hotel de luxo, que combinavam com o papel de parede!

Que espécie de lugar era este?... Uma residência particular?... Mas bastou examinar com mais cuidado, para reparar que, em vários pontos do quarto, havia canalizações de ar condicionado, gás e electricidade, habituais em todos os hospitais. Mike adivinhou que, atrás dele, tinha diversos equipamentos de diagnóstico – um deles estava preso ao seu braço com adesivo e emitia um sinal intermitente e periódico.

Aparentemente não havia ninguém por ali, e Mike começou a analisar o que tinha acontecido. Teria sido operado à garganta?... Conseguiria falar?.. Levou a mão bem devagar até a garganta, esperando encontrar ligaduras e até mesmo um aparelho de gesso. Em vez disto, encontrou uma pele macia! Apalpou em volta do pescoço, e verificou que tudo estava bem. Gradualmente, tentou aclarar a garganta, e logo se surpreendeu ao ouvir a sua própria voz. Foi só quando abriu a boca que descobriu qual era o problema. Uma dor violentíssima, capaz de causar náuseas, ferrou-se na boca e na base dos ouvidos. «Já sei onde me doeu,» pensou Mike enquanto guardava o propósito de não abrir novamente a boca tão depressa.

- Ah! Vejo que já acordámos!... Posso dar-lhe algo para lhe tirar essa dor, Sr. Thomas, - disse uma voz feminina, lamurienta mas gentil, vinda da porta do quarto. - Mas irá recuperar mais depressa se conseguir aguentar sem os analgésicos. Não tem nenhum osso partido; só precisa de exercitar a mandíbula.

A enfermeira, usando um uniforme padronizado, aproximou-se da cama. Para além desse uniforme, bem passado e perfeito, notava-se que tinha muita experiência. Acima do bolso, várias medalhas e distintivos demonstravam a sua capacidade.

Mike falou com a boca entreaberta para que não lhe doesse, movendo apenas a mandíbula para pronunciar as palavras:

- Onde estou eu?

- Está num hospital privado de Beverly Hills, senhor Thomas. - disse a enfermeira, aproximando-se da cama. - Passou aqui a noite, depois de o terem trazido dos Cuidados Intensivos das Urgências. Mas em breve terá alta.

Mike abriu os olhos surpreendido, e o seu rosto assumiu uma expressão de grande preocupação. Sabia de casos em que pagavam de 2 a 3 mil dólares diários por estar internado num sítio assim. O seu coração palpitou aceleradamente ao pensar como iria pagar a factura.

- Não se preocupe, senhor Thomas - disse a enfermeira tranquilizando-o, ao ver a expressão de Mike -. Tudo está solucionado. O seu pai tratou de tudo e já pagou a factura.

Mike permaneceu em silêncio por um momento, a pensar como é que o seu pai, já falecido, pudera fazer algo assim. Talvez ela tivesse *deduzido* que era o seu pai, mas era o seu vizinho. Mike recuperou força para dizer o seguinte:

- Você viu-o?

- Claro que o vi! É muito simpático, o seu pai. Alto e louro como você, e com uma voz de santo. Sabe? Teve muito êxito entre as enfermeiras.

Enquanto ouvia a enfermeira, reparou que ela tinha um sotaque de Minnesota, onde ele nascera. Naquela zona fala-se um pouco arresado, pondo o sujeito no final da frase: uma forma estranha de falar que ele tinha tido que corrigir quando chegara à Califórnia. A forma de falar de Minnesota fazia lembrar Yoda¹, uma das personagens da *Guerra das Estrelas*.

- Pagou em dinheiro - continuou a enfermeira -. Não se preocupe, Sr. Thomas. Ele até deixou uma mensagem para si.

Mike sentou o coração aos pulos, embora continuasse a suspeitar que o «seu pai» era o vizinho. Porém, a descrição da enfermeira não quadrava com nenhum dos dois. Ela saiu do quarto para ir buscar a mensagem. Menos de cinco minutos depois regressou com um pedaço de papel que, evidentemente, tinha uma mensagem escrita à máquina.

- Ele ditou a mensagem - explicou a enfermeira, enquanto tirava a folha de papel de dentro de um sobrescrito, timbrado com o logótipo do hospital -. Disse que não tinha boa letra, por isso o escrevemos à máquina. Mesmo assim é difícil de entender. O seu pai tratava-o por Pepe quando você era pequeno?

A enfermeira entregou a folha a Mike. Leu o seguinte:

Querido Michael - PePe:

Nem tudo é o que parece. A tua busca começa agora. Cura-te rapidamente e prepara as tuas coisas para a viagem. Preparei a tua rota para Casa. Aceita este presente e segue em frente. O caminho ser-te-á mostrado.

Mike sentiu um calafrio a percorrer-lhe a espinha. Olhou para enfermeira com gratidão e, colando o papel contra peito, fechou os olhos dando a entender que queria ficar sozinho. A enfermeira captou a mensagem e abandonou o quarto.

1 - O bichinho pequenino e de orelhas grandes, instrutor de Luke, o herói da epopeia.

A mente de Mike processou várias possibilidades. A nota dizia: *Nem tudo é o que parece*. Mas esta era uma explicação insuficiente! Sabia perfeitamente que, na noite anterior, uma facínora tinha pontapeado e ferido a sua garganta, e tinha-o deixado meio morto no chão do apartamento. Sentira, segundo a segundo, como todos os ossos tinham chiado durante aquele horrível incidente. No entanto, nada sofrera excepto a mandíbula deslocada, que logo fora colocada novamente no lugar, alguns arranhões e uma ou outra nódoa negra na cara e na cabeça, que doeriam durante algum tempo mas que, de forma nenhuma, o deixariam incapacitado. Era esse o «presente» que tinha recebido?

A ideia de que a visão do anjo tinha sido um acontecimento verídico não passou a fazer parte da realidade de Mike até ler aquela mensagem. Se não era do anjo... de quem era, então? Realmente, não conhecia ninguém com bastante dinheiro ou que fosse suficientemente conhecido para lhe dar fosse o que fosse... muito menos para pagar a sua considerável conta de hospital. Que outra pessoa, para além do anjo, sabia da viagem que ele prometera fazer?... O seu corpo vibrava com tanta pergunta e ele continuava com dúvidas acerca da mensagem e do seu significado, quando, finalmente, recebeu a confirmação do que necessitava. Então sorriu: a enfermeira perguntara se lhe chamavam Pepe. Na nota estava escrito claramente PePe, como se fosse um nome (indubitavelmente, era o anjo quem o ditara, letra por letra, e também tinha pago a factura). Mas não se tratava de um diminutivo ou de uma alcunha; aquelas letras eram iniciais de: Pe-Pe – «Propósito Puro». Portanto, a saudação significava: *Querido Michael, de propósito Puro!*

O sorriso de Mike transformou-se em riso; estava dorido mas continuava a rir, e todo o seu corpo estremeceu com a alegria do momento, até que, por fim, se calou e derramou lágrimas de felicidade.

Iria para Casa!

Os dias seguintes foram especiais. Mike recebeu alta e saiu do hospital, levando consigo uns quantos analgésicos que o ajudariam a aliviar a dor. Mas descobriu que não precisava deles. O seu maxilar parecia recuperar a uma velocidade incrível, o que lhe permitia exercitá-lo com cuidado. Podia falar bem e, ao fim de dois dias, já conseguia comer com normalidade. No início custou-lhe um pouco, mas ao longo do processo apenas sentiu alguma dor. O maxilar estava um pouco rígido mas era suportável, dadas as circunstâncias. Mike recusou-se a tomar os analgésicos para evitar perder a euforia que sentia ao pensar que iria realizar a sua busca espiritual. Em pouco tempo os cortes e as nódoas negras foram desaparecendo progressivamente, ainda que se tenha admirado com a rapidez com que tal ocorreu.

Renunciou ao seu emprego pelo telefone. Tinha imaginado muitas vezes como o faria e, de facto, saboreou o momento de dar por finalizado o seu vínculo com trabalho horrível. Depois telefonou ao seu amigo John explicando-lhe, o melhor que pôde, que ia tirar umas longas férias e que possivelmente não regressaria ao escritório. John desejou-lhe muita sorte, mas expressou a preocupação pelas reservas de Mike acerca do que tencionava fazer.

- Vamos, pá, a mim podes dizer – disse John em tom persuasivo. - Não direi a ninguém, nem farei nada... O que é que se está a passar?

Mike sabia muito bem que John não entenderia a explicação que lhe aparecera um anjo e lhe tinha dado instruções. Assim, manteve as suas reservas.

- Tenho de fazer uma viagem muito pessoal – disse a John. - Significa muito para mim. - E não deu mais explicações.

Mike arrumou as suas coisas e despediu-se do apartamento. Separou cuidadosamente os seus pertences mais pessoais, da roupa e dos electrodomésticos. Não tinha grande coisa, mas guardou em duas maletas o que mais gostava: as fotos e alguns livros. Como tinha consciência de que não podia levar muita roupa, seleccionou apenas a que precisaria se fosse fazer uma breve viagem, e guardou-a junto das fotos e dos livros.

Mike chamou o vizinho que lhe tinha salvo a vida e ofereceu-lhe roupa, o televisor, a bicicleta que usava para ir trabalhar e grande parte dos escassos pertences que acumulara durante o ano anterior. Disse-lhe:

- Se não quiser, ofereça a uma instituição de beneficência.

O vizinho ficou comovido pelo gesto e apertou efusivamente a mão de Mike, mostrando um aberto sorriso. Mike teve a sensação de que aquele homem precisava de muitas daquelas coisa que lhe dera. Já que, depois de ter chamado a ambulância, o vizinho também tinha salvo o Gato, o peixe, era natural que também ficasse com ele. Afinal, já estava no seu aquário.

- Adeus, Gato, porta-te bem! – disse Mike com um sorriso, ao despedir-se dele no apartamento do vizinho. Gato nem se dignou a olhar para ele porque estava entretido com os seus novos amigos do aquário.

Ao quinto dia depois de ter saído do hospital, Mike apercebeu-se que estava a chegar ao fim dos preparativos. Não sabia exactamente o que fazer nem onde ir. Era de noite e tudo estava silencioso. Tinha a certeza

de que o anjo sabia que ele estava pronto para partir e que o dia seguinte seria o início de algo novo. Sentia que a sua viagem era algo absolutamente real; estava convencido de que saberia o que fazer. Tudo quanto tinha acontecido naquela semana justificava a sua fé.

Então, decidiu rever o que tinha guardado nas malas para a sua viagem espiritual.

Abriu-as e examinou o que julgava necessário levar consigo. Antes do mais, as fotos. O álbum estava a desfazer-se devido ao passar do tempo, e muitas das velhas fotos estavam seguras às folhas por aqueles antigos cantos autocolantes, que se usam nos anos 50. Abriu o álbum com cuidado para não os descolar e, uma vez mais, sentiu a familiar melancolia ao deparar-se com a fotografia do casamento dos seus pais, a primeira do álbum.

Tinha-a encontrado depois do acidente, junto de outras fotos deles. Nesta, os pais sorriam para a câmara, sendo evidente que estavam muito apaixonados; começavam ali a sua vida em comum. Mike achava graça à roupa que usavam, e, se bem se lembrava, aquela era a única vez que vira o seu pai de gravata. Mais tarde, Mike encontrou o velho vestido de noiva da sua mãe numa arca, e teve de pedir a um vizinho que o embrulhasse e guardasse, pois, para ele, era muito doloroso. Quando tiraram aquela foto, Mike era apenas um brilho de entusiasmo no seu olhar, pois encaravam o futuro com muita esperança de coisas boas da vida. Contemplou a foto durante algum tempo e, finalmente, disse serenamente:

- Papá, mamã. Sou o vosso único filho. Espero que o que vou fazer não vos decepcione. Gosto muito dos dois e desejo vê-los em breve.

Passaram uns minutos preciosos, durante os quais, Mike folheou as páginas do álbum que continha a história da sua infância. Isto arrancou-lhe mais do que um sorriso. Ali estavam a velha quinta e as fotos dos seus diversos amigos. Adorava a foto no tractor, quando tinha seis anos. Aquele álbum era um tesouro! Sentiu que Deus estava contente porque ele respeitava os seus pais e a sua educação, ao decidir levar aquelas fotos na sua viagem especial. Não sabia o que acabaria por fazer ao álbum mas, naquele momento, sentia que não podia deixá-lo para trás.

Depois, estavam os livros. Ah! Como os adorava! A sua *Bíblia*, gasta de tanto lê-la, tinha-o reconfortado em muitíssimas ocasiões. Embora não entendesse todo o conteúdo, sentia a sua energia espiritual. Tinha-a guardado cuidadosamente e era algo a que nunca renunciaria.

Depois, vinham os livros que lera durante a infância, a que atribuía grande significado. Eram apenas uns livritos de bolso, que relia periodicamente. Cada vez que os relia, recordava-se do que fizera naquela idade em que descobrira, pela primeira vez, essas maravilhosas histórias e personagens.

Finalmente, estava a grande aventura de *Moby Dick*, que leu quando já era mais velho, assim como a colecção de *Sherlock Holmes*, e os seus poemas favoritos, escritos por autores quase desconhecidos.

Tanto os livros quanto as fotos estavam cuidadosamente metidos em duas maletas para poderem ser transportados mais facilmente. Isto permitia-lhe levar também uma bolsa de tamanho médio, capaz de guardar um par de sanduíches, num momento de penúria.

Mike sentiu que estava preparado, e sentou-se no chão do apartamento, agora vazio. Tinha uma almofada, o que lhe bastava para dormir. Estava preparado para defrontar-se com o dia seguinte. A ansiedade gerada pela ideia de ir iniciar a sua busca espiritual quase o impediu de dormir, pois a sua mente estava repleta das imagens do tudo o que tinha acontecido até ao momento... e outras coisas esperavam por emergir da memória!

Era provável que, no dia seguinte, começasse a sua viagem para Casa.

4 - A Primeira Casa

O dia seguinte amanheceu um pouco cinzento, mas Mike estava animado. Com os escassos fundos que tinha reservado, permitiu-se tomar um bom pequeno-almoço na esplanada de um café local. Sentia-se estranho por estar na rua a essa hora, já que, habitualmente, estava no escritório, acostumado a trabalhar duramente durante todo o dia e a almoçar uma sandes sentado em frente do escritório. Quando o Sol se punha, ainda ele estava no interior do edifício.

Quando saiu da cafetaria, com as maletas nas mãos e a bolsa pendurada no ombro, Mike perguntou-se que caminho deveria tomar exactamente. Sabia que não podia ir para Oeste, pois rapidamente chegaria ao oceano. Assim, optou por ir para Este, pois não tinha alternativa. Mike, naturalmente, sentia-se muito bem ao iniciar uma viagem baseada na fé... embora desejasse ter um destino mais claro.

- Se ao menos tivesse algum indício do caminho a tomar!... Talvez um mapa ou uma indicação da minha posição actual - disse Mike enquanto caminhava devagar para Este, atravessando lentamente os subúrbios de Los Angeles até aos limites de uns bairros aparentemente intermináveis. Pensou:

- Vou levar semanas a sair daqui!

Verdadeiramente, não sabia para onde ia, mas continuou para Este. À hora do almoço, sentou-se na beira de uma vala e comeu as sobras que guardara do pequeno-almoço. Uma vez mais se perguntou se ia pelo caminho correcto.

- Se estás aí, preciso de ti agora! - exclamou Mike em voz alta, em direcção ao céu. - Onde está a porta do caminho?

- Terás um mapa actualizado.

Mike ouviu uma voz familiar que lhe falava ao ouvido. Levantou-se e olhou à sua volta, mas não viu ninguém. Mas reconheceu a voz do anjo que tinha conhecido.

- Ouvi isso realmente ou foi impressão minha? – murmurou Mike com uma sensação de alívio. Finalmente, havia comunicação. - Por que demoraste tanto? – acrescentou com uma ponta de humor.

- Só agora pediste ajuda – disse a voz.

- Mas... Andei horas às voltas!

- Essa foi a tua escolha. Porque levaste tanto tempo a verbalizar o teu pedido?

Era evidente que a voz tinha um matiz divertido, ao responder à observação de Mike.

- Estás a dizer que só tenho ajuda quando a peço?

- Sim, claro!... Es um espírito livre, respeitado e poderoso, capaz de escolher o teu próprio caminho, se assim o decidires. Aliás, é o que tens feito durante toda a tua vida. Nós sempre estivemos aqui, mas só actuamos quando pedes.... Parece-te assim tão estranho?

Mike sentiu-se momentaneamente irritado com a lógica absoluta das palavras do anjo.

- Bom, diz-me, para onde devo ir? Já passa do meio-dia, e levei a manhã toda a adivinhar para onde tenho de ir.

- Adivinhaste bem – respondeu a voz com ironia implícita -. A porta do caminho está precisamente na tua frente.

- Quer isso dizer que ia por bom caminho?

- Não te surpreendas demasiado por ires na direcção correcta. Fazes parte do Todo, Michael Thomas de Propósito Puro. Com a prática, a tua intuição será muito eficaz. Hoje, estou aqui unicamente para te dar um pouco de orientação. – A voz fraquejava -. Olha bem na tua frente... Sim, já estás no umbral!

Mike estava junto de uma sebe que ia dar a um barranco, ladeado por fileiras de casas.

- Não vejo nada.

- Olha outra vez, Michael Thomas.

Mike olhou para o arbusto e, pouco a pouco, foi-se apercebendo de que ali estava a silhueta de uma porta. Passava despercebida porque estava completamente camuflada e parecia fazer parte da estrutura total da planta. Mike pensou que era impossível **não** ver a porta, mesmo querendo não ver. Era tão evidente! Desviou o olhar por um momento e logo voltou a olhar, com uma nova percepção. Continuava ali, mais evidente do que antes.

- O que está a acontecer? - perguntou Mike, consciente de que a sua percepção tinha mudado.

- Quando as coisas ocultas se tornam óbvias – disse a voz doce – já não podes regressar à ignorância. Agora, verás todas as portas com claridade, posto que exprimiste essa intenção.

Ainda que Mike não pudesse compreender totalmente o que estava a receber, estava completamente preparado para empreender o principal caminho da sua viagem. A sebe deixou de parecer uma porta e, de facto, converteu-se numa! Mesmo em frente dos seus olhos, estava a alterar-se e a definir-se.

- Isto é um milagre! – sussurrou, enquanto continuava a observar como a alta sebe se transformava numa porta tangível. Recuou um pouco para permitir que o fenómeno dispusesse de suficiente espaço.

- De facto, não é um milagre – replicou a voz -. O que acontece é que o teu propósito espiritual modificou-te um pouco, e as coisas que vibram no teu novo nível entraram, simplesmente, no teu campo de visão. Isso não é um milagre. Muito simplesmente, é assim que funciona.

- Estás dizer-me que a minha consciência pode transformar a realidade?

- Semântica!... A realidade é a essência de Deus, e é constante. A tua consciência humana só revela aquilo que desejas experimentar. À medida que vais mudando, uma parte cada vez maior vai-se tornando evidente. Então, podes experimentar as numerosas revelações novas e utilizá-las como quiseres. No entanto, não poderás voltar para trás.

Mike começava a compreender. Mas, antes de iniciar o caminho atravessando a porta que acabava de se revelar ante os seus olhos, ainda queria fazer mais uma pergunta. Sempre tivera a tendência para analisar tudo em função da verdade, e isto incluía a doce voz que, agora, estava a ouvir na sua mente. Pensou um pouco e perguntou o seguinte:

- Disseste que sou uma criatura de livre-arbítrio. Então, porque não posso voltar para trás, se assim decidir?... O que acontece se preferir ignorar a nova realidade e voltar a uma mais simples?... Acaso não é isso livre-arbítrio?

- É a física da espiritualidade que cria um axioma que estabelece que tu jamais poderás regressar a um estado de menor consciência – replicou a voz -. No entanto, se escolhes activamente ir nessa direcção, então estás a negar a iluminação que te foi dada, e irás desequilibrar-te. Podes, é claro, tentar retroceder. É o teu livre-arbítrio. Mas é triste que haja Humanos que tentem ignorar aquilo que sabem ser a verdade, porque não continuarão a ter, durante muito mais tempo, um índice vibracional dual.

Mike não compreendeu completamente a nova informação espiritual que a voz lhe dera. Não obstante, recebera a resposta à sua pergunta. Sabia que podia dar meia volta e regressar à cidade. A escolha era sua. Mas, enquanto estivesse ali, continuaria a ver a porta. Se optasse por ignorá-la, apesar de saber que existia, era provável que se desequilibrasse e, sem dúvida, adoeceria. De algum modo, tudo isto fazia sentido, e o seu desejo era avançar, não retroceder.

Desta forma, pegou nas malas e na bolsa e cruzou a porta que significava o início da sua viagem. Esse caminho era um simples carreiro de terra, similar a qualquer caminho de qualquer barranco. Estava emocionado, e pôs-se em marcha, deixando para trás, rapidamente, a porta aberta.

Logo de seguida, uma figura esverdeada, sinistra e indefinida, deslizou atrás dele, passando também pela porta. Assim que passou, pisou o arbusto que definiu imediatamente. Se Mike não se tivesse adiantado ter-se-ia dado conta da sua presença e do fedor que desprenhia. Rapidamente, esta figura começou a seguir Mike, mantendo-se fora da sua vista, mas acompanhando o seu passo impetuoso. Como era um espectro astuto e veloz, Aquilo seguia Mike ensombrando o seu ímpeto e a sua alegria com a mesma quantidade de ódio e propósitos obscuros. Mike não podia sequer imaginar que Aquilo existia.

Pouco depois de se ter posto a caminho, o panorama e, inclusive, a percepção do terreno, mudaram ostensivamente. Já não conseguia ver a gigantesca cidade de Los Angeles, nem a enorme quantidade de prédios da área suburbana. De facto, não havia qualquer indício de civilização, como, por exemplo, postes de telefone, aviões e auto-estradas. Tomara, com entusiasmo, aquele caminho não asfaltado que se abria na sua frente, e avançara sem pensar, como uma criança que abre os seus presentes de Natal. Então, apercebeu-se de que, passo a passo, ia entrando profundamente noutro mundo. A viagem estava levando-o a uma realidade que ainda estava longe de apagar e que acabara de experimentar. Mike perguntou-se se não se encontraria num lugar entre a Terra e o Céu, onde começaria a sua aprendizagem espiritual. Tinha dado como certo que esse processo não tardaria, o que o prepararia para a honra de regressar ao Lar. O caminho, parecido com um carreiro, começou a alargar-se gradualmente até que ficou da largura de uma estrada. Não apresentava quaisquer vestígios de pegadas, e era muito fácil de seguir.

Subitamente, Mike olhou à sua volta. O que era aquilo?... Os seus olhos captaram uma imagem verde-escura que se movia rapidamente, e que correu apressadamente para a esquerda, ocultando-se atrás de uma rocha, grande e redonda.

- Deve ser a fauna local - pensou.

O caminho que tinha percorrido até agora era um reflexo exacto do lugar para onde agora se dirigia: uma estrada larga que se escondia e voltava a aparecer, desaparecendo no horizonte, colina após colina.

O caminho percorrido desenrolava-se num campo exuberante e magnífico, cheio de árvores, prados verdejantes e florações entre as rochas. As flores salpicavam a paisagem como infinitos pontos de cor luminescente, situados exactamente nos lugares precisos daquele tapete da Natureza.

Mike parou para descansar. Não trazia relógio mas, ao observar na posição do Sol, calculou que seria hora de almoço. Sentou-se à beira do caminho e comeu os restos do substancial pequeno-almoço, que guardara para a próxima fome. Olhou à sua volta e apercebeu-se da tranquilidade.

- Não há pássaros - pensou. Olhando para o chão mais de perto, acrescentou. - E também não há insectos! Este lugar é realmente estranho. - Mike observava tudo quando sentiu uma ligeira brisa no cabelo. «Bom, pelo menos, há ar! - Olhou para o céu e contemplou o azul nítido de um dia magnífico e renovador.

Apercebeu-se que não havia mais comida, mas também sabia que não estava sozinho e que, de um modo ou outro, Deus lhe daria sustento. Recordou a história de Moisés no deserto, o qual tinha percorrido durante 40 anos juntamente com as tribos de Israel. Recordou que esses nómadas receberam o alimento do céu, e reflectiu sobre esta história, perguntando-se se seria verdadeira. Pensou: Todas aquelas famílias que seguiram Moisés tinham adolescentes refilões, tal como temos hoje. E imaginava-os a queixarem-se aos seus respectivos pais: - Eh! Já é a oitava vez que estamos na mesma rocha, desde que nascemos! Por que confiam nesse tipo, esse tal Moisés?... O homem só nos faz andar em círculos! Ele não pode ser assim tão sabedor! Será que ainda não percebem isso?

E riu-se enquanto imaginava a cena. Então, perguntou-se se, dentro em pouco, veria essa rocha... que também lhe indicaria que estava a andar em círculo! Não tinha a menor ideia para onde se dirigia, tal como os israelitas no deserto e também não tinham que comer! A semelhança entre ambas as situações ainda lhe deu mais vontade de rir.

Talvez porque o riso tivesse sido respeitado ou, simplesmente, porque se tratava do momento propício, a verdade é que ao sair da curva seguinte do caminho de terra, Mike, viu-a. Era a primeira Casa, de cor azul brilhante. Pensou:

- Céus!... Se Frank Lloyd Wright visse isto, daria um grito! - E, rindo-se para dentro, acrescentou: «Espero não ter sido irreverente!» A verdade, porém, é que nunca tinha visto uma Casa azul.

O caminho levava directamente à porta, e assim soube e reconheceu que estava diante da sua primeira pagagem. Além disso, era evidente que não havia qualquer outra edificação nos arredores.

À medida que Mike se aproximava da pequena casa de campo, pôde apreciar que a sua cor era azul metálico e que, do seu interior, saía uma luz difusa. Enquanto percorria o caminho até à porta, reparou num pequeno sinal que identificava a Casa como CASA DOS MAPAS. Reconheceu, de imediato, que era isso, precisamente, que tinha pedido. Talvez o resto da viagem não tivesse tantas incertezas. Um mapa actualizado podia ser um instrumento valioso nesta estranha terra.

A porta da Casa abriu-se subitamente para dar passagem a uma criatura alta e bonita... de uma cor azul que se harmonizava perfeitamente com o azul da Casa. Era, evidentemente, uma entidade angélica pois, tal como o anjo da visão, ultrapassava a realidade e era maior do que um Ser Humano. A sua presença enchia o ar de uma sensação de esplendor e de uma essência floral. Uma vez mais, Michael conseguia aperceber-se da fragrância que emanava da entidade. Então, este grande ser azul, postou-se na sua frente.

- Bem-vindo, Michael Thomas de Propósito Puro! Estávamos à tua espera.

Diferentemente do anjo da visão, a cara deste ser era perfeitamente visível, e Mike pôde ver nela uma sensação de bem-estar e de alegria que parecia ser contínua, dissesse o que dissesse. Sentiu-se agrado pela sua companhia e mostrou-se respeitoso perante a situação. Saudou o anjo:

- Bem-vindo tu também, grande ser azul.

Mike engoliu em seco. E se o anjo não gostasse que lhe chamassem azul?... E se a sua cor azulada fosse somente um produto da mente humana e ele, de facto, não fosse azul?... «Talvez até nem goste dessa cor!» Mike suspirou ante a lista de «E se...» que estava a passar pela sua mente humana.

- Sou Azul para todos os seres, Michael Thomas de Propósito Puro - disse, pensativo, o anjo - e aceito as tuas boas-vindas com alegria. Por favor, entra na Casa dos mapas e prepara-te para passares aqui a noite.

Desta vez, Mike alegrou-se por o anjo ter lido os seus pensamentos. Ou, mais do que lê-los, podia senti-los, tal como lhe tinha dito o anjo da visão!... Em qualquer caso, alegrou-se por não ter ofendido o guardião da primeira Casa.

Mike e o anjo, duas entidades diferentes reunidas, entraram na Casa Azul. Mas, enquanto a porta se fechava atrás deles, dois olhos descomunais, penetrantes, coléricos e vermelhos vivo, que os espiavam atentamente, um pouco para a esquerda da entrada da Casa, demonstravam estar muito alerta. Não se cansavam, e eram muito pacientes e silenciosos. Não se mexerem nem pestanejavam até verem que Michael Thomas estava pronto para recomeçar a sua viagem.

Ao entrar em Casa, assombrou-se com o que viu. O interior da estrutura era imenso. Parecia interminável, ainda que o seu exterior fosse modesto e humilde. Lembrou-se que o anjo da visão lhe dissera que as coisas podiam não ser o que pareciam, e era evidente que isto fazia parte da nova e estranha realidade da sua consciência. E fez conjecturas acerca de esta nova percepção: Teria um significado mais amplo?

Seguindo o anjo, Mike percorreu os amplos vestíbulos da Casa dos Mapas. O interior lembrava o de uma biblioteca de primeira categoria, parecida com algumas das ilustres bibliotecas europeias, onde estão classificados importantes livros históricos, de todos os tipos. No entanto, em lugar de estantes com livros, nas paredes havia dezenas de milhar de cubículos, cada um dos quais parecia conter algo que Mike identificou como um pergaminho. As paredes pareciam não ter fim, e havia cubículos em ambos os lados de cada vestíbulo que ia cruzando, com vários andares de altura. Embora não pudesse ver de perto os cubículos, era possível que contivessem mapas, já que o nome da Casa assim o indicava. Mas, porque havia tantos?... O percurso pelas gigantescas salas parecia no ter fim. Pelo caminho, não se encontrou qualquer ser vivo.

- Estamos sozinhos? - perguntou.

O anjo voltou-se para ele, sorriu e disse:

- Depende do que queres dizer com esse «sozinhos». Estás a ver os contratos que cada Ser Humano estabelece com o planeta.

Dito isto, continuou a andar com naturalidade. Mike parou e olhou à sua volta, reagindo com assombro ao que o anjo acabara de lhe dizer. A distância entre eles aumentou, dado que o anjo continuou a andar. Ao ver que Mike não o seguia, parou, voltou-se e esperou pacientemente, sem dizer nada.

Mike viu as escadas apoiadas contra enormes paredes com vários andares, cheias de intermináveis cubículos de madeira que continham pergaminhos, uns ao lado dos outros. O anjo tinha-lhes chamado «contratos». Mas, o que significava isso?

- Não percebi nada do que me disseste – exclamou Mike enquanto alcançava o anjo.

- Antes de terminares a tua viagem, compreenderás – respondeu o anjo com uma voz reconfortante -. Aqui não há nada que seja aterrador, Michael. Tudo está em ordem, a tua visita era esperada e respeitamo-la. O teu propósito é puro, e todos nós podemos constatar isso. Relaxa e desfruta do nosso amor.

As palavras do ente azul impressionaram Mike verdadeiramente. Ninguém, em todo o Universo, poderia dizer algo melhor do que ele acabara de dizer. Começara Mike a sentir com maior intensidade?... O anjo da visão tinha-lhe dado um pouco das mesmas vibrações amorosas, mas agora estava a sentir uma reacção emocional que superava qualquer outra que já experimentara.

- Ser amado é uma sensação maravilhosa, não é verdade, Michael?

O anjo azul caminhava novamente junto de Mike e era muito mais alto de que ele.

- O que é este sentimento - perguntou Mike calmamente. Estou quase a chorar.

- Estás mudando para outra vibração, Michael

- Não entendo o que isso quer dizer... Eh!... o senhor tem nome?

Mike novamente se perguntou se teria ofendido aquele ser. E se fosse um anjo feminino?... Mike nada sabia acerca deste tipo de coisas, mas o porte e a aparência do anjo poderiam ser perfeitamente femininos.

- Chama-me simplesmente Azul – respondeu o anjo piscando o olho -. Eu não tenho género, mas, pelo meu tamanho e pela minha voz, a tua mente deduz que sou do género masculino. Para mim, está bem que me trates como tal. - Fez uma pausa para que Mike pudesse captar o que fora dito e, continuou: A tua estrutura celular de Ser Humano pode existir em diversos índices vibratórios, Michael. O índice vibratório a que estás habituado é, digamos assim, o nível número um. Habituaste-te a ele, que te serviu dignamente. Todavia, nesta viagem é preciso que vás mais longe, que passes a um índice vibratório de valor seis ou sete, para assim poderes avançar até à tua meta. Neste momento estás a mudar para o que poderíamos chamar o «índice dois», dado que não temos um nome melhor para lhe dar. Como já te disse, cada índice vibratório implica uma maior consciência da verdadeira realidade de Deus. O que estás a sentir agora é a consciência do amor. O amor é tangível, Michael. Tem propriedades físicas e é poderoso. O teu novo índice vibratório permite-te senti-lo muito mais, como nunca tinhas sentido. É a essência desta Casa, e irá intensificar-se à medida que fores visitando cada uma das outras Casas.

Mike estava encantado por ouvir Azul. Esta fora a explicação mais longa e, também, a mais clara, que tinha recebido até ao momento.

- És um mestre? – perguntou?

- Sim, cada um dos anjos das Casas existe com essa finalidade, excepto o da última. Terei de te fazer várias revelações que dizem respeito à minha Casa, e os outros anjos farão o mesmo. Quando tiveres terminado a viagem, a tua visão de conjunto acerca de como funcionam as coisas no Universo será muito maior do que a que tens agora. A minha missão é proporcionar-te parte daquilo que te tornaste merecedor por teres expressado o teu propósito. Estás aqui, na minha Casa, para receber o mapa do teu contrato. Amanhã cedo, antes que tu prossigas o teu caminho, mostrar-to-ei e responderei a algumas perguntas. É muito importante que esta Casa seja a primeira, porque te ajudará na tua viagem. De momento, convido-te a que desfrutes dos nosso presentes que consistem em sustento e descanso.

De novo, Mike seguiu o anjo, a quem começava a sentir como se fosse um velho amigo... ainda que muito azul. Entraram num bonito jardim interior onde todos os frutos e vegetais, todos os canteiros e hortas eram cultivados utilizando uma meticulosa agricultura. A luz, tal como em todas as outras salas, entrava a jorros pelas clarabóias do tecto, enchendo cada zona de uma essência exterior natural. Mike também podia detectar o cheiro do pão cozendo no forno, que provinha de outra zona do imóvel.

- Quem se encarrega da manutenção desta Casa? – perguntou Mike -. Só te vejo a ti, aqui. Tu comes?

- Cada Casa tem espaços como este, Michael. E, não, eu não como. Este jardim existe exclusivamente para os Humanos que, como tu, estão a fazer este caminho, dedicam um tempo a esta experiência de aprendizagem e passam por aqui. O jardim tem muitos zeladores, só que agora não podes vê-los. Enquanto percorres o teu caminho de conhecimento, não te faltará sustento, saúde e alojamento. Esta é a nossa forma de te honrar e respeitar o teu propósito!

Mike começou a sentir a agradável sensação de estar protegido, enquanto iam visitando outras salas... com o Ser Humano seguindo sempre o ente azul.

Finalmente, chegaram a uma zona singular de descanso, composta por dependências privadas, providas de uma fantástica cama de dossel e memoráveis lençóis brancos, que convidavam Mike a deixar cair sobre eles o seu corpo fatigado. As fofas almofadas chamavam a sua atenção, oferecendo-lhe a comodidade e a segurança de um sono profundo. Mike está espantado com o nível de organização que reinava naquela Casa. Então, perguntou espantado:

- Tudo isto é para mim?

- Para ti e para todos os outros, Michael. Tudo isto foi preparado para que qualquer um que tenha o mesmo propósito do que tu.

Na sala contígua havia um banquete tal, que Mike jamais conseguiria consumi-lo todo, por muito que tentasse. Era composto pela comida mais succulenta que jamais vira e em demasia para uma só pessoa.

- Come o que quiseres, Michael – disse o anjo – que nada se desperdiçará. Mas não guardes o que sobrar; resiste à tentação de levar. Isso faz parte de uma prova do teu processo, e é algo que entenderás mais tarde.

Azul deixou-o sozinho e saiu do recinto. Mike pousou a sua bagagem, sentou-se e pôs-se a comer como raramente tinha comido. Teve cuidado para não cair na gulodice, mas comeu do delicioso manjar até estar satisfeito. As pálpebras começaram a fechar-se, e o ambiente proporciona um grau de comodidade que Mike não voltara a experimentar desde o tempo de criança, ao cuidado dos seus carinhosos pais.

- Se pudesse conservar esta sensação! - pensou. Até o facto de ser Humano valera a pena. Levantou-se da mesa pensando que lavaria os pratos sujos no dia seguinte de manhã. Sentia-se tão cansado! Conseguiu tirar a roupa com dificuldade, e pendurou-a nos cabides da parede. Caiu redondo na cama e rapidamente foi possuído pela cálida abrangência de um sono tranquilo.

Na quietude da manhã, Mike levantou-se sentindo-se incrivelmente renovado. Lavou-se e dirigiu-se à zona do restaurante, onde constatou que já tinham levantado a mesa. No lugar dos pratos sujos do jantar, estava um fantástico pequeno-almoço.

Em parte, tinha acordado com o cheiro de batatas fritas e dos ovos estrelados, e com o aroma delicioso de um pão acabadinho de cozer. Comeu sozinho, e naquele silêncio novamente se perguntou se a sua decisão de voltar para Casa fora correcta:

- Será um erro querer sair da experiência terrena?... O que acontecerá àqueles que deixamos para trás?

Eles não teriam a capacidade de experimentar os níveis de progresso vibratório que ele podia atingir. Seria justo?... Começou a ser invadido por um sentimento de melancolia ao pensar nos seus amigos e nos seus companheiros de trabalho. Estava até preocupado com a sua ex-amante! E perguntou-se:

- O que é que está a acontecer?... Começo a sentir empatia com toda a gente. Isto não costumava acontecer-me. É verdadeiramente doloroso!... Começo a lamentar o facto de possuir algo que os outros não têm. Quer isto dizer que estou errado?... Deveria voltar para trás?

Subitamente, Azul apareceu no umbral da porta e disse:

- É inevitável que te faças essa pergunta, Michael. Uma vez mais, o anjo sintonizara com os sentimentos de Mike. Embora sobressaltado, Michael adorou ver Azul e deu-lhe as boas-vindas com um aceno de cabeça. Disse:

- Fala-me dessas coisas, Azul. Com toda a honestidade, preciso de orientação. Começo a questionar se fiz o que deveria ter feito.

- O trabalho do Espírito é maravilhoso, Michael Thomas de Propósito Puro – disse Azul -, e o postulado da iluminação é este: primeiro, ocupa-te de ti mesmo, e a dignidade da tua viagem será transmitida àqueles que te rodeiam de uma maneira sincrónica, dado que o propósito de uma pessoa sempre afectará muitas outras.

- Uma vez mais, tenho dificuldade em compreender totalmente o que dizes, Azul – replicou Mike, confuso.

- Ainda que não o compreendas neste momento, Michael, as tuas acções afectarão os outros, dando-lhes a oportunidade para tomarem as suas próprias decisões. Não teriam essas opções se tu não tivesses decidido estar aqui, agora. Confia na verdade destas coisas, e não te recrimines.

Mike sentiu que o seu Espírito se libertava de um grande peso. Embora Azul não tivesse conseguido que ele compreendesse por que as coisas funcionam espiritualmente, a afirmação do anjo chegava-lhe, e isso fazia com que se sentisse com mais determinação para seguir em frente. Então, recolheu os seus pertences e saiu do restaurante privado e da zona de dormitórios. Entrou no enorme vestíbulo que desembocava na porta pela qual passara, no dia anterior, vindo do exterior. Azul caminhava lentamente atrás dele, enquanto Mike se maravilhava com a imensidade de tudo o que o rodeava. O anjo não disse nada quando reparou que a sua bolsa mostrava umas protuberâncias: sabia que eram pães e bolos!

- Onde vamos? – perguntou Mike -. Sigo nessa direcção.

Sabia que tinha de receber o seu próprio mapa e queria que Azul o levasse até ele. Mas Azul disse:

- Espera aqui.

Os dois pararam no centro de um enorme vestíbulo azul, profusamente adornado. Azul dirigiu-se em silêncio para uma parede afastada, perto de uma escada e disse:

- Chega aqui, Michael.

Mike obedeceu e, num ápice, Azul fê-lo subir a escada até ao cubículo específico onde se encontrava o seu mapa. À medida que ia subindo, agarrado ao corrimão, notou que havia um nome escrito em cada cubículo embutido na parede. Na verdade, havia dois nomes em cada compartimento: um deles parecia escrito em caracteres árabes e o outro em caracteres romanos. Em lugar de estarem ordenados alfabeticamente, esses cubículos estavam dispostos segundo um sistema que Mike desconhecia, mas que, sem dúvida, era familiar a Azul. Este, tinha-lhe dito, exactamente, onde procurar e, agora, Mike estava a uma curta distância do compartimento que Azul lhe indicara.

Finalmente, vi-o. O compartimento tinha escrito «Michael Thomas», junto de outro letreiro escrito em estranhos caracteres, tal como os outros compartimentos. Mike pensou: «Provavelmente, estão escritos na linguagem angélica». Tinham-lhe dado as seguintes instruções: não olhar para o que estava à sua volta, tirara o pergaminho do compartimento correspondente e descer para o examinar. Mike acabava de o tirar do cubículo e começara a descer a escada quando os seus olhos se fixaram noutra de nomes. Sentiu que o seu coração parara! Os nomes dos seus pais também estavam ali! A disposição dos pergaminhos era em grupos familiares! Era nisso que consistia o sistema espiritual utilizado no enorme vestíbulo. Mike sabia que estava absolutamente proibido de tocar no pergaminho de outra pessoa; no entanto, ficou ali por uns momentos para examinar alguns dos nomes que não faziam sentido para ele.

- Por que estão esses outros nomes, junto dos da minha família?

- Michael! – chamou Azul, de baixo.

- Vou já, senhor! – respondeu um tímido Mike. Azul sabia o que ele estava a pensar, mas Mike não queria formular um tipo de pergunta capaz de romper o protocolo daquele lugar sagrado. Pensativamente, desceu a longa escada azul e entregou o pergaminho a Azul. Este, olhou para Mike durante um bom bocado, e na sua firme expressão não havia segredos: transmitia a sua gratidão por este ter respeitado a sacralidade do sistema. Mike sentiu que o amor de Deus inundava todo o seu ser, e ambos sorriram amplamente em face daquela comunicação sem palavras. Mike começava a sentir que as palavras já não eram necessárias. Era como e conseguisse comunicar a Azul tudo quanto quisesse, sem emitir qualquer som. E pensou.

- Isto é estranho!

- Não tão estranho como aquilo que irás ver, em breve. – disse Azul em resposta aos seus pensamentos,

- Caramba!... Aqui não tenho hipóteses! - pensou Mike.

Azul ignorou este último pensamento. Colocou o pergaminho sobre uma mesa e virou-se para Mike.

- Michael Thomas de Propósito Puro - disse formalmente -, este é o mapa da tua vida. De uma forma ou de outra, levá-lo-ás contigo, a partir de agora. É-te dado com muito amor e é uma das coisas mais valiosas que jamais possuirás.

Logo Mike recordou as palavras do anjo da visão do hospital a propósito de que a Nova Energia seria muito mais activa do que antes. Então, Mike fez a pergunta inevitável:

- É uma mapa actualizado?

- Mais actualizado do que poderias desejar – foi a fantástica resposta do alto ser de cor azul. Mike ficou até com a sensação de que Azul se ria dissimuladamente.

Azul, sem pronunciar uma palavra, entregou o mapa a Mike, convidando-o a examiná-lo. Mike pegou nele e apertou-o contra o peito, durante um momento, desfrutando daquele presente, como se fosse uma criança. Sentiu o carácter sagrado do momento, e abriu o mapa com tal cerimónia que fez sorrir Azul, que sabia o que ia acontecer.

Qualquer reacção de assombro ou expectativa desapareceu enquanto Mike desenrolava o pequeno pergaminho. Estava em branco!... Ou não?... Precisamente no centro do pergaminho, visível apenas através de um cuidadoso exame, encontrava-se um grupo de símbolos e letras. Mike inclinou-se e observou de perto aqueles caracteres agrupados. Uma seta assinalava um pequeno ponto vermelho. Junto desse ponto estavam as palavras: **Estás aqui**. Ao lado, havia um pequeno símbolo que representava uma casa de campo, no qual se podia ler: «Casa dos Mapas». Ao lado deste, havia uma pequena zona profusamente detalhada, de cerca de três centímetros, que continha o caminho percorrido por Mike até ao momento. E acabava ali... sem mais!... O mapa só mostrava onde ele estava naquele momento, e detalhava, unicamente, uma pequena zona que se estendia, mais ou menos, por cem metros em cada direcção.

- O que é isto? – inquiriu Mike, sem muito respeito. - Trata-se de uma piada angélica, Azul?... Percorri todo este caminho até à Casa dos Mapas para receber um maravilhoso pergaminho sagrado que me diz que... estou na Casa dos Mapas?

- As coisas nem sempre são o que parecem, Michael Thomas de Propósito Puro. Guarda este dom e leva-o contigo.

Na realidade, Azul não estava a responder à pergunta. Mike apercebeu-se intuitivamente que não seria boa ideia voltar a fazê-la, pelo que enrolou aquele inútil mapa e guardou-o na mochila. Estava claramente decepcionado. Azul, seguido por Mike, percorreu, de novo, o caminho que levava à porta principal e saiu para o ar livre.

O anjo dirigiu-se a Mike, dizendo:

- Michael Thomas de Propósito Puro, devo fazer-te uma pergunta, antes de continuares a viagem para Casa.

- Diz, meu amigo azul, qual é a pergunta?

- Michael Thomas de Propósito Puro, amas Deus? – Azul estava muito sério. Mike achou estranho que o anjo da visão do hospital também lhe tivesse feito a mesma pergunta, e quase no mesmo tom. E perguntou-se qual seria o significado desta repetição.

- Querido e esplendoroso mestre azul, dado que podes ver o meu coração, já sabes que amo Deus, sem qualquer dúvida.

Mike olhou de frente para o anjo, enquanto lhe dava a sua sincera resposta.

- Que assim seja – disse Azul e entrou na pequena casa azul-cobalto, fechando a porta com firmeza.

Mike tinha uma sensação de repentina desconexão e perguntou-se:

- Esta gente alguma vez dirá adeus?!

* * *

O tempo estava agradável e aromático. Mike pegou na sua bagagem e na bolsa com víveres, entre os quais estavam os bolos e o pão que tinha guardado na Casa Azul, e meteu pelo caminho de terra, numa direcção que sabia que o conduziria a outra Casa de aprendizagem. Começou a relembrar a lista de todos os elementos humorísticos que faziam parte dos acontecimentos ocorridos na Casa dos Mapas, e pensou: «Imagina!... Um mapa que só te diz onde estás nesse preciso momento! Que inutilidade!... É evidente que já sei onde estou. Que lugar mais estranho, este!

Ecoss dos risos soaram nas colinas, enquanto Michael Thomas de Propósito Puro fazia participar da alegria da sua situação, as árvores e as rochas, à medida que prosseguia a sua viagem para Casa.

Os seus risos também chegaram às orelhas verdes, cobertas de verrugas, do ente tenebroso que o seguia, somente a duzentos metros de distância. Mike não tinha a menor ideia de que a dita forma obscura tinha esperado pacientemente que ele retomasse o caminho e, uma vez mais, estava a seguir os seus passos. O ente não projectava alegria, somente a determinação de que Michael Thomas jamais chegaria à última Casa. Já tinha concebido a sua estratégia que consistia em reduzir a distância entre ele e Michael Thomas de Propósito Puro.

5 – A Segunda Casa

Não passou muito tempo sem que Mike tivesse notado que se tinha produzido uma mudança na forma do que estava habituado até então. Avançava facilmente pelo caminho e nunca pensou que poderia vir a enfrentar algum tipo de escolha quanto ao caminho a tomar. Além disso estava perturbado, porque intuitivamente tinha a sensação de estar a ser observado.

Apercebeu-se então claramente que, adiante, se apresentava uma situação problemática: havia uma bifurcação no caminho que o obrigaria a escolher entre dois rumos a seguir para chegar à Casa seguinte. Encolheu os ombros e deteve-se um pouco, observando o que tinha na sua frente. Pensou:

- O que é isto? Como posso conhecer o caminho nesta estranha terra de anjos e Casa coloridas?

Não esperava obter resposta, dado que as perguntas eram retóricas e tinha-as feito a si mesmo; não obstante, preocupava-se. E, naquele preciso momento, recordou-se do mapa.

Sentou-se à beira do caminho. Tinha posto o mapa na mesma bolsa que levava o pão, e estava a pensar tirá-lo quando quase desmaiou com o mau cheiro que vinha do interior da bolsa. Interrogou-se:

O que é que está podre aqui dentro?

Cheirava tão mal que esteve quase a não querer averiguar qual era a causa de semelhante pestilência.

Como, indiscutivelmente, era um odor orgânico, deduziu que se trata do pão; e não se enganou. Com cuidado, pegou no mapa, tratou-o com o cuidado adequado de um precioso presente, e com a esperança de que o mau cheiro não tivesse danificado aquele objecto sagrado mas aparentemente inútil. O mapa estava inteiro, mas o pão e os bolos não. Despejou todo o conteúdo da mochila no chão e estremeceu com o que viu.

Ali estavam as sobras do pão e dos bolos, completamente podres, como se tivessem sido expostas às intempéries de uma chuvosa selva tropical. Os pútridos restos estavam cobertos de bolor. Foi então que descobriu os primeiros e únicos insectos nesta terra estranha. E havia-os aos milhares! Parecia um criador de minhocas. Mike deixou cair a bolsa e levantou-se num salto. «O pão não apodrece!», pensou. «E aqui não há carne morta! Como é possível?» Além disso, só tinha deixado a Casa Azul há tão poucas horas. Nem sequer a carne se podia decompor de forma tão contundente. O que está acontecendo ali?

Tapando o nariz, aproximou-se para observar com mais atenção. No chão, a massa negra fervia de minhocas e continuava a degradar-se perante o seu olhar. Observou como as pequenas e repugnantes criaturas devoravam os restos da asquerosa massa decomposta. E assim aconteceu com a totalidade dos restos! Perante o espectáculo, o estômago de Mike revolveu-se e virou a cabeça, para evitar tão repugnante visão. Nesse momento, chamou-lhe atenção algo que estava atrás de si.

«Sim, há algo ali!». Sabia que, anteriormente, tinha visto algo verde e confuso que desaparecia da sua vista e se camuflava entre a vegetação. Mike sentiu calafrios que lhe percorreram a coluna de alto a baixo. Intuitivamente, tomou consciência do perigo a que se expunha se fosse observar o que era aquilo, de forma que ficou quieto. Uma bifurcação do caminho? Um animal ou criatura ou o que quer que fosse que estava a segui-lo? O que estava a acontecer neste lugar sagrado? O que tinha acontecido ao pão?

Mike voltou-se para ver de novo a abominável asquerosidade que estava no caminho, e então apercebeu-se de que estava a ver um monte de pó! Já não havia minhocas, nem pão, nem mau cheiro. Tudo tinha voltado regressivamente às suas origens básicas, e o suave vento que soprava estava começando a dispersar esse pó.

O que significava tudo aquilo? Mike lembrou-se que o anjo o tinha advertido para não guardar nenhum alimento. Mas jamais imaginara que isso também se aplicava a um pequeno lanche para o caminho! Seria possível que o que os produtos que havia nas Casas fossem de alguma forma diferentes e não pudessem conservar-se durante o caminho? Olhou então para o mapa com preocupação e cuidado com medo de tocar nalguma minhoca que tivesse ficado agarrada. Mas o mapa estava limpo, tal como o tinha guardado na bolsa. E não conseguia entender como não se manchara por ter estado junto da comida. Então decidiu fazer outra prova: pegou na bolsa olhou e, com algum receio, cheirou-a. Não restava nada da horrível pestilência que lhe tinha agredido o olfacto há minutos atrás. Mike não tinha a menor ideia do que acontecera, mas aprendeu uma valiosa lição: durante a sua viagem, jamais voltaria a levar comida de nenhuma Casa.

De novo, viu que algo se movia atrás de si! Os alarmes começaram a tocar na sua cabeça. Põe-te em marcha! Mike sentiu-se desesperado e, instintivamente, desenrolou o mapa com a esperança de encontrar uma

pista para o caminho a seguir na bifurcação. No mapa, lá estava outra vez o ponto vermelho com a inscrição «Estás aqui!», mostrando simplesmente a sua posição actual, e nada mais. A bifurcação nem sequer aparecia no inútil objecto!

- Maldição! – exclamou, em voz alta. Evidentemente, este impropério estava completamente deslocado nesta terra, mas reflectia a frustração que sentia.

- Que raio de mapa me deste, Azul!

Uma vez mais, Mike detectou movimento atrás de si. Essa coisa, ou o que quer que fosse, estava a aproximar-se? Porque não podia vê-la? Como se movia tão rapidamente? O que era? E como, nesse momento, os sensores de alarme do cérebro de Mike assinalavam «Alarme de Pânico», levantou-se num salto e começou a dirigir-se para a bifurcação, vigiando por cima do ombro. Mas a fugaz sombra não deu sinais de vida. Como podia ela saber com tal exactidão o momento em que Mike olhava por cima do ombro? Cada vez que o fazia, Mike acelerava o passo e avançava a grande velocidade. A presença que o perseguia sempre acompanhava o seu ritmo. Cobriu os trezentos metros que o separavam da bifurcação com uma velocidade maior do que a que tinha desenvolvido desde o início da viagem por esta enigmática terra. Sentia-se aterrorizado.

Deste modo, chegou rapidamente à bifurcação, cansado, devido tanto ao esforço para manter o passo rápido como ao seu próprio medo. Chegou ao cruzamento dos caminhos sem nenhum indício sobre que direcção tomar, sentindo-se muito perturbado pela indecisão. Parou na encruzilhada, cheio de pânico, e gritou desesperado para as nuvens.

- Azul! Que caminho tomo?

Como, na realidade, Mike não esperava que Azul respondesse, ficou emocionado quando a suave voz que parecia emanar de sua cabeça lhe respondeu:

- Rápido Michael usa o mapa!

Mike não estava com disposição para questionar se a pergunta era certa ou não, pelo que repetiu exactamente a mesma acção anterior: desenrolou o mapa tão rápido quanto pode e o ponto vermelho dizia «Estás aqui» indicava o mesmo lugar no centro do mapa. Mas... Um momento! O que era aquilo que estava ali? Mike examinou com mais detalhe, e varias gotas de suores caíram sobre o pergaminho.

O ponto mostrava agora a bifurcação! Dado que, naquele preciso momento se encontrava na encruzilhada, o mapa mostrava essa actualização. A mente de Mike não se deteve para captar o humor que havia no significado que o anjo dera à palavra. Todavia examinou o mapa e, desta vez, viu que, junto da encruzilhada, uma seta assinalava claramente direita!

Mike nem vacilou, enrolou o mapa e tomou o caminho da direita, que subia por uma pequena colina. Continuou pela retaguarda, olhando para atrás com frequência, porque percebia, sabia, que o seu perseguidor estava por ali escondido. A indefinida figura verde saltava rapidamente de rochas a arbustos, e acertava o passo com o de Mike, acelerando quando este acelerava. Mike respirou aliviado quando chegou ao alto da colina, porque avistou uma Casa. Sentiu que a salvação estava ao alcance da sua mão. Sem deixar de prestar atenção ao que o seguia, acelerou o passo e desceu a correr o caminho que o levava ao lugar onde sabia que encontraria segurança, refúgio e comida.

O ente vil e sinistro, que perseguia Mike, estava furioso! Se Mike tivesse hesitado um pouco mais, Aquilo tinha-o apanhado! Estava furioso porque tinha desperdiçado uma boa oportunidade, e deixou-se ficar entre as copas das árvores que rodeavam a Casa onde Mike acabava de entrar, que era cor de laranja brilhante. Parado ali, o repugnante ser dispôs-se a esperar pacientemente. Seria uma longa espera, mas isso não incomodava Aquilo.

O anjo esperava Mike no interior da Casa, mesmo à entrada. Mike quase se emocionou quando Laranja – tal como decidiu chamar-lhe – lhe falou pela primeira vez.

- Bem-vindo, Michael Thomas de Propósito Puro! Estávamos à tua espera.

- Também eu te dou as boas-vindas! - respondeu Michael embora com voz trémula, mas com a esperança de não denunciar o alívio e a falta de fôlego que estava a sentir. Conteve a vontade de abraçar a enorme ser laranja que estava na sua frente, e sentiu-se muito contente por estar novamente protegido.

- Vem comigo – pediu o anfitrião laranja, enquanto o conduzia ao interior da «Casa dos Dons e dos Instrumentos». Mike certificou-se que a porta tinha sido fechada e seguiu o anjo. Mas ainda a tremer e assustado com a experiência que acabara de viver momentos antes. Continuava com medo e fazia a si próprio muitas perguntas sobre esta terra de assombrosos contrastes.

O anjo era esplendoroso como os seus antecessores. Uma vez mais, Mike ficou impressionado com a sua elevada estatura e grande bondade. Esta entidade fazia com que se sentisse querido e acolhido, tal como

acontecera com todas as outras que tinha encontrado até agora. «Pergunto-me se todos são feitos do mesmo», reflectiu.

- Na realidade, todos somos da mesma família – comentou o anjo.

Mike sentiu-se mortificado por ter esquecido tão rapidamente como funcionava a comunicação com essas criaturas espirituais. Só pôde dizer: «Lamento». Laranja virou-se, parou e abanou a cabeça de uma maneira engraçada, enquanto Mike observava o seu rosto.

- Lamentas? – o anjo fez uma pausa e acrescentou -: Porquê? Por honrares a minha magnificência? Por te sentires amado? Por perguntares quem somos? – O anjo sorriu – Costumamos ter muitos hóspedes, Michael Thomas. De todos os que visitaram esta segunda Casa, tu és, até agora, aquele que fez o menor número de perguntas.

- O dia ainda é uma criança - disse Mike suspirando. Queria interrogar o anjo sobre o medo e o posterior pânico que tinha acabado de sentido, antes de chegar à Casa. Quem estava segui-lo? Mas o anjo sabia que ele formularia essa pergunta.

- Não posso dizer-te o que desejas saber, Michael – respondeu o anjo.

- Não podes ou não queres? – perguntou Mike respeitosamente. Sabia que a pergunta era retórica e prosseguiu - : Sei que sabes a resposta. – Mike duvidou e então pô-lo à prova bombardeando-o com uma série de perguntas: Porque não podes falar-me acerca disso?

- Tu sabes mais a esse respeito do que eu - respondeu o anjo.

- Como é isso?

- Aqui, as coisas nem sempre são o que parecem.

- Estará lá fora quando eu sair?

- Sim.

- Isso é daqui? Parece estar deslocado neste ambiente espiritual.

-Tem o mesmo direito que tu de estar aqui.

- Pode fazer-me mal?

- Sim.

- Posso defender-me?

-Sim

- Ajudas-me?

- Para isso estou aqui. – O anjo permaneceu em silêncio quando Michael interrompeu subitamente seu interrogatório.

As respostas de Laranja confirmaram que o anjo sabia tudo. Então, Mike começou a relaxar. «Se ele sabe estas coisas, então, potencialmente, há mais coisas que eu posso vir a saber. Serei paciente, porque estou certo de que tudo isso me será revelado à medida que for avançando. Parece que é assim que as coisas funcionam aqui.» De repente, Michael lembrou-se que ainda nem tinha passado uma hora desde que julgara o mapa como um objecto inútil, e como ele o tinha salvo no preciso momento em que mais precisara.

- Deus é muito actual, sabes? – disse o anjo quase a rir. Uma vez mais, tinha sintonizado com os pensamentos de Michael Thomas.

O ser alaranjado deu meia volta e começou a conduzi-lo pelas zonas interiores da Casa. Mike seguiu-o.

- Estou começando a acostumar-me a isso - comentou Mike enquanto caminhava -. Acaso se trata de obter o que é preciso justamente no momento em que se necessita?

- Algo assim – respondeu o anjo -. O enquadramento temporal humano de menor vibração é linear, Michael, mas o tempo dos anjos não é.

Obviamente, este anjo era outro mestre.

- Então, como é que vocês percebem o tempo?

Enquanto iam conversando, o anjo ia conduzindo-o através de um armazém. Um armazém? Tal como na Casa anterior, a área interior desta era enorme. Mike ficou boquiaberto ao observar dezenas de fileiras de caixas empilhadas dentro de um espaço cujo tecto devia ter uns quinze metros de altura.

- Nós não temos passado nem futuro – respondeu o anjo -. O teu conceito de tempo desenvolve-se em linha recta, e o nosso é uma plataforma giratória que se move no sentido dos ponteiros do relógio com o mecanismo em repouso. Nós conseguimos ver permanentemente toda a extensão do nosso tempo, porque está sempre debaixo de nós, pelo que nos encontramos sempre no «agora» do nosso tempo. Sempre nos movemos em volta de um centro conhecido. Dado que o desenrolar do vosso tempo é recto, e invariavelmente se movimentam para a frente, nunca chegam a experimentar plenamente o presente. Olham para trás e sabem onde estiveram; olham para a frente e sabem para onde vão. Mas não vos é permitido experimentar um tipo de existência de **ser**. Pelo contrário experimentam uma existência de **fazer**. Faz parte da vossa vibração inferior, e está correcto para a vossa dimensão.

- Este argumento poderia explicar como funciona o vosso mapa – disse Mike, recordando que o ponto vermelho com a frase «Estás aqui» estava sempre no centro, e que os acontecimentos da sua nova existência pareciam entrar e sair de um ponto concreto. Mike pensou para si: «É exactamente o contrário de como funciona um mapa humano.»

- Exacto! – disse Laranja por cima do ombro enquanto continuava a andar -. Na vossa estrutura do tempo, o mapa é conhecido e é o ser humano que se move. Isto deve-se ao facto de perceberem o tempo e a realidade como uma constante, e o humano como a variável. Quando se aproximam da nossa estrutura temporal e da nossa vibração, o ser humano é a constante e o mapa (a realidade) variável.

Certamente, Mike tinha de reflectir sobre isto. Era difícil de entender mas, de certa maneira, era familiar. A experiência vivida na bifurcação perto da Casa Laranja tinha mostrado o exacto valor do mapa espiritual, embora fosse diferente de tudo o que ele poderia esperar. Sabia que a próxima vez que tivesse diante de si uma situação do mesmo tipo não se preocuparia até se encontrar verdadeiramente na bifurcação - então, o mapa funcionaria.

Tal como Azul, Laranja conduziu Mike através de muitas zonas de grande beleza e ornamentação, percorrendo o caminho para a área de hóspedes, alimentação e descanso. No entanto, esta esplêndida Casa continha caixas de armazém identificadas, em vez dos pequenos compartimentos da Casa dos Mapas. Também aqui os nomes estavam escritos com os mesmos estranhos caracteres de aparência árabe, ininteligíveis para Mike. Mas deduziu, acertadamente, que em algum ponto da sala estaria uma caixa com o seu nome escrito e que, em breve, daria com ela.

- Estes são teus aposentos – disse Laranja -. Começaremos amanhã – As tuas refeições serão servidas na sala da esquerda, e podes fazer a higiene na da direita. Agora espera-te a refeição que preparámos para ti.

Dito isto, Laranja abandonou os aposentos de Mike, fechando a porta. Mike observou a porta fechada, e pensou para si: «Poderás ser um anjo, mas os teus modos deixam muito a desejar.» O anjo nem sequer tinha feito um gesto de despedida. «Suponho que não posso esperar que eles compreendam a fundo a natureza humana.

Tal como na outra Casa, Mike comeu como um príncipe. Praticamente devorou a deliciosa comida, e ficou boquiaberto ao ver a grande beleza artesanal dos utensílios de madeira. Sentia-se pouco à vontade por deixar os pratos sujos para que outros os lavassem, enquanto recordava o quanto odiava esta tarefa. Sabia que, embora não pudesse vê-los, devia haver outros seres que se encarregavam desses serviços. «Que combinação mais estranha!», observou. «Um lugar angélico, mas que também tem de atender aqueles que estão numa vibração humana mais baixa que a sua.»

Mike começou a questionar-se sobre o sistema de esgotos... e ficou atónito ao descobrir algo surpreendente: Há vários dias que não ia ao lavabo! Nem sequer havia um lavabo! A Casa tinha zonas para tomar banho, mas nada de sanitas. Apercebeu-se de que, a partir do momento em que passara pelo umbral da porta que iniciava o caminho, não tinha experimentado a «chamada da natureza»! Algo estava a ocorrer no seu corpo nesta terra cheia de surpresas. Não se preocupava com o sistema de eliminação... mas era, certamente, uma sensação estranha.

* * *

Na manhã seguinte, Mike sentiu-se cheio de energia. Pequeno-almoço fruta fresca e diversos pães, saboreando o incrível sabor dos magníficos alimentos. Examinou a comida angélica e percebeu que era um tanto diferente, por isso pensou que devia interrogar Laranja sobre esse assunto.

- Esta é a nossa estrutura temporal – disse Laranja alegremente desde a porta da sala. O anjo acabava de chegar e tinha captado os pensamentos de Mike. E continuou a explicar -: Esta comida não pode existir na vibração mais baixa e contém atributos espirituais interdimensional. É por isso que não deixa resíduos no organismo humano, Michael. É também por isso que não pode ser armazenada. Para ela não existem nem o futuro nem o passado. Foi criada momentos antes de a ingerires, e não se conservará se quiseres levá-la daqui.

- Já descobri essa particularidade – disse Mike, recordando a repugnante massa podre no chão do caminho que conduzia à Casa Laranja, quase lhe causara problemas.

O anjo levou-o para fora da zona dos aposentos e encaminhou-o para uma enorme arena circular bem iluminada, onde havia varias caixas abertas e uns quantos bancos alaranjados, distribuídos pelo espaço para que os humanos pudessem sentar-se a descansar. Também havia outras coisas: uma espécie de altar, um pouco de incenso e alguns pacotes de estranha aparência.

- Bem vindo à Casa dos Dons e dos Instrumentos, Michael Thomas de Propósito Puro – disse o anjo olhando para ele -. Por favor, senta-te, porque passaremos aqui um bom bocado.

Este foi o início de uma larga série de sessões de ensinamento. Seguir-se-ia um período ainda maior dedicado a sessões de prática e avaliação acerca do uso dos dons e dos instrumentos numa nova vibração espiritual. Desta forma, Mike permaneceu mais três semanas na Casa de cor laranja.

- Pouco a pouco, estás a elevar a tua vibração, Michael Thomas – disse Laranja em repetidas ocasiões, durante todo o processo de aprendizagem -. Estes são os dons e os instrumentos que te foram prometidos para te ajudarem a realizar esta tarefa. Pertencem-te devido ao teu propósito. Não poderás entrar nas Casas que se seguem sem saberes como funcionam, e muito menos chegar a Casa sem seres um perito no seu uso.

Mike prestou muita atenção. Sabia que se tratava de uma preparação para regressar ao Lar e lembrou-se que lhe tinham dito que o preparariam para isso. Laranja desenvolveu muitos dons enquanto Michael o observava. Alguns deles pareciam ser feitos de um cristal extraordinário e, através da cerimónia e consoante o propósito, foram colocados magicamente no corpo de Mike com o fim de complementar o seu poder espiritual. O anjo deu-lhe explicações muito completas sobre a função de todos e cada um deles, e Mike necessitou um tempo para digerir e compreender o seu significado. Depois, foi-lhe pedido que explicasse a Laranja para que servissem. Isto não era tarefa fácil, pois grande parte das provas requeriam que abordasse conceitos e usasse palavras que eram totalmente novas para Mike.

Laranja falou acerca de os seres humanos chegarem ao planeta trazendo consigo determinadas qualidades, correspondentes a diferentes planos de existência: as vidas passadas. Mike tinha ouvido falar no assunto, mas não estava preparado para o ouvir da boca de um anjo! Para ele, o normal seria ver um guru hindu, de longos cabelos, a tratar do tema, mas não um anjo. Laranja disse que as vidas passadas eram um elemento importante da condição humana e que as instruções provenientes de uma vida passada eram levadas de uma para a outra como lições de nascimento. Estas lições eram conhecidas como «carma» embora também se denominassem «reminiscências» ou «experiências» O carma permitia a aprendizagem humana e, de certo modo, também ajudava o planeta. Assim funcionavam as coisas para os humanos, vida após vida. Laranja acrescentou ainda que, para aceder a uma nova vibração, tinha de eliminar algumas características antigas, entre as quais estavam essas lições cármicas com que tinha nascido. No caminho do Lar não havia lugar para elas, tal como não havia lugar para a comida podre, tal como descobrira no caminho.

Naquele instante, Mike visualizou-se como um monte de carne podre caído do caminho: alguém que não prestava atenção ao mestre. Mike intensificou pois a sua atenção para não criar essa situação. Que asco!

Laranja captou os pensamentos de Mike e riu-se às gargalhadas, transmitindo-lhe o seu regozijo. Mike ficou perplexo por se sentir tão próximo de Laranja. Era um maravilhoso mestre e um grande companheiro (... embora não soubesse que, por educação, se devia dizer «olá» e «adeus»!).

Mike apreendeu a dar forma a pensamentos que verdadeiramente criavam energia.

- É assim que controlas a realidade – explicou Laranja -. Usa a tua compreensão e os teus sentimentos espirituais para te impulsionar até às situações que mereces e que planeaste.

Mike não fazia a menor ideia do que isso significava, mas seguiu todas as instruções e, pelos vistos, passou todas as provas. O dom do poder espiritual de co-criação foi introduzido no seu ser, assim como o dom para desfazer-se de todos os atributos cármicos provenientes de encarnações passadas. Cada dom foi celebrado com uma cerimónia e verbalizações, e cada um deles parecia transmutar-se do físico para o espiritual enquanto era absorvido pelo corpo de Mike, tudo isto sobre a direcção do esmerado e grande anjo de cor laranja.

Mike sentiu-se como se estivesse a estudar para algum sacerdócio sagrado! Cada vez que verbalizava o que Laranja lhe ensinara, constatava que o anjo realmente podia ver dentro do seu coração. Laranja podia ser muito intenso. Realmente, quando Mike fez promessas e verbalizou o seu propósito de obter agora este dom, depois este outro, para que lhe fossem implantadas no seu centro de poder espiritual, Laranja parecia ler a sua alma. Ao princípio, a situação foi incómoda para Mike, mas depois apercebeu-se que Laranja somente estava a fazer uma revisão integral do que ele expressava em voz alta. Se Mike tivesse fingido, Laranja teria detectado imediatamente e não teria permitido que continuasse.

Finalmente, depois de um período de duas semanas, todos os pequenos pacotes já tinham sido abertos, explicados e integrados no Eu espiritual de Mike. Entretanto, tinha passado todas as provas, entre as quais havia uma particularmente difícil: Mike tinha medo dos espaços pequenos e fechados; não sabia porquê, mas desde criança sempre sobrevinha um ataque de pânico quando se encontrava confinado a um tal espaço. Um dos dons que Laranja lhe outorgou consistiu no poder de superar essa fobia. Mike expressou a sua intenção

e levou a cabo a cerimónia. Laranja explicou que a sensação de pânico que sobrevinha quando estava em espaços fechados não passava de um **resíduo cármico**, e que abandoná-lo significava abandonar muitas outras experiências de vidas passadas que trouxera para a sua actual encarnação.

Vários dias depois, durante o período de preparação, abriram uma grande caixa. Em vez de algo saísse lá de dentro, Laranja pediu a Mike, de forma muito carinhosa, que entrasse nela! Quando Mike entrou para dentro da caixa, o anjo fechou a tampa e ele ficou acorçado na escuridão. Ouviu as pancadas inquietantes de cada martelada, enquanto Laranja pregava a tampa. E ali ficou, no meio do silêncio e escuridão.

Mike podia ouvir claramente a sua respiração, estando muito consciente de que estava numa situação extremamente incómoda. Inclusive podia escutar as batidas do coração. Laranja nem sequer lhe deu qualquer explicação: era outra prova em que Mike não podia fingir.

Durante uns dez segundos, o coração de Mike acelerou ao recordar o seu problema. Então, no momento preciso em que todo seu corpo deveria começar a tremer de pânico, a sensação de claustrofobia desvaneceu-se completamente e Mike relaxou. Deu-se conta, com grande satisfação, que o dom tinha funcionado. Ao princípio o seu corpo reagira como sempre tinha feito antes, mas o seu novo espírito tinha parado a reacção. A paz invadiu-o, e Mike cantou para si mesmo várias canções. Finalmente, adormeceu. Uma hora mais tarde, o anjo Laranja, encantado, abriu a caixa e deixou Mike sair.

- Foste extraordinário, Michael Thomas de Propósito Puro – disse o angelical ser, sorrindo de orelha a orelha. Mike pode ver o orgulho reflectido nos olhos de Laranja -. Nem todos conseguem chegar até aqui.

Foi a primeira vez que Mike teve plena consciência de que fazia parte de um grupo de pessoas que também tinham pedido o caminho de regresso a Casa. Este feito já se tinha evidenciado varias vezes, mas até agora, Mike não assimilara o que isso implicava. Durante mais de numa noite reflectiu sobre isso, enquanto Laranja continuava a incorporar-lhe dons e começava as tirar grandes ferramentas. Durante a terceira semana de preparação, Laranja apontou para caixa grande.

- São três os instrumentos que precisas para a tua viagem – enfatizou Laranja. Dito isto, foi até onde estava essa caixa especial e abriu-a. Cada vez que Laranja abria um pacote ou uma caixa, Mike esperava expectante, sentado no seu banco, perguntando-se qual seria o objecto mágico que o ajudaria a aumentar sua sabedoria, o seu conhecimento ou o seu poder espiritual. Mas não estava preparado para ver o que Laranja lhe ia dar.

O anjo estava de costas para Mike, de modo que foi impossível ver o que ele tinha tirado da caixa. Quando o anjo se voltou para mostrar a primeira ferramenta, Mike só conseguiu ver um reflexo prateado. Não. Era incrível. Laranja segurava uma imensa espada!

- Aqui tens a espada da verdade! – exclamou o anjo Laranja, enquanto mostrava a arma a Mike.

Quando o anjo a segurou parecia grande, mas quando a passou para as mãos de Michael deu a impressão de ser enorme. Era pesadíssima e difícil de manejar. Mike não podia crer no que estava a acontecer e, dirigindo-se ao anjo exclamou admirado:

- Esta espada é real!

- Tão real como os outros dons – afirmou Laranja -. E é somente um dos três elementos externos que levarás contigo quando retomares o trajecto para as quatro Casas seguintes.

Michael segurou na espada um pouco enquanto a examinava, admirado com a sua beleza. Sim, o seu nome estava escrito nela, tal como imaginara. A arma estava profusamente adornada com elaborados desenhos em relevo, todos com um grande significado espiritual. A lâmina era comprida, e o punho estava talhada numa pedra de cor azul-cobalto brilhante. Era um objecto magnifico... e muito afiado!

- Tenta esgrimi-la – pediu o anjo.

Michael assim fez, e a espada quase se movia sozinha! O inesperado poder da arma fez com que Mike saltasse e caísse desamparado para a frente. Sentiu-se estúpido enquanto se levantava para realizar outra tentativa. Laranja indicou com a mão para desistir.

- Vamos ver se isto te ajuda.

O anjo foi de novo à caixa e tirou de lá outro objecto, que também emitiu um reflexo prateado. Era um enorme escudo! Mike moveu a cabeça com incredulidade. «O que significa isto? É verdadeiramente estranho. Dons espirituais essas armas de guerra? Estão a preparar-me para uma vida passada em Camelot?»

- Nada é o que parece, Michael Thomas de Propósito Puro. – Laranja colocou-se na sua frente segurando o escudo entre as mãos. Respondendo ao confuso estudante disse: «Experimenta isto.»

Laranja mostrou como colocar o escudo no braço utilizando uma braçadeira, e deu-lhe algumas indicações sobre como equilibrar o peso da espada e o escudo, uma vez que o peso de cada um era complementar do peso do outro. E isto tornava possível movimentar a espada sem cair; portanto era fundamental aprender tudo isto.

- Michael – disse ao anjo - o escudo representa o conhecimento do espírito. Se o juntas com a verdade, o equilíbrio é todo-poderoso! A escuridão não pode existir onde há conhecimento. Os segredos não podem sobreviver na luz, e esta será criada quando a verdade for revelada através do exame do conhecimento. Não existe uma combinação mais poderosa do que esta. E ambos devem usar-se juntos.

- Há mais alguma coisa na caixa? – perguntou jocosamente Mike, cambaleando com o peso do escudo e da espada.

- É estranho que o perguntes! – comentou Laranja, e dirigiu-se de novo à caixa, enquanto Mike o observa incrédulo. O anjo pegou num objecto que era ainda maior do que os outros dois, e também de cor prateada.

- Aqui tens a armadura! – exclamou o anjo Laranja, muito divertido e quase a rir-se ao ver a expressão incrédula de Mike.

- Não entendo! – disse Mike, enquanto se sentava rapidamente no banco -. Como esperas que eu carregue com tudo isto ao mesmo tempo?

- Com a prática – respondeu o anjo -. Olha, deixa-me fazer uma demonstração.

Laranja pegou na espada e no escudo, e ajudou Mike a pôr a armadura, que era pesada e muito ornamentada: uma espécie de vestimenta cerimonial que o cobria e que se adaptava tão bem ao corpo como se tivesse sido moldada para ele. A sua confecção era perfeita! Laranja apertou as fivelas e colocou uma bandedeira com uma bainha especial para a espada da verdade. Depois ensinou-lhe como usar o pesado escudo preso às costas por um suporte, para poder ser transportado enquanto viajava. Quando tudo estava pronto, o anjo voltou a colocar-se a uma certa distância.

- Michael Thomas de Propósito Puro, agora possuis a tríade de ferramentas que te permitem passar a uma nova vibração. Já tens a **espada da verdade**, o **escudo do conhecimento** e, finalmente, a **armadura do espírito**, denominada «manto de Deus», que representa a sabedoria necessária para poder utilizar adequadamente os outros dois instrumentos. Amanhã retomarás a tua viagem transformado num Guerreiro de Luz. Nesta tríade reside um grande poder. Nunca uses os seus elementos separadamente!

Laranja ajudou Mike a tirar armas e conduziu-o de novo aos seus aposentos. Uma vez ali, Mike lavou-se, comeu e foi dormir. Já na cama, passou um bom bocado questionando todas as incongruências que detectara nesta terra. Sossegou e dormiu, com muitos pensamentos contraditórios na sua mente.

Pela manhã, Mike já estava outra vez na sala de instrução. Durante vários dias, Laranja treinou-o, ensinando-lhe como usar as armas com destreza. A primeira aula foi sobre o equilíbrio. O anjo disse que Mike subisse e descesse a escada a correr, rapidamente, como se fosse travar de um combate, com a espada desembainhada e brandindo o escudo. Também lhe ensinou como cair e como levantar-se rapidamente, usando o escudo como contrapeso. Ao longo do treino, Mike notou que, apesar de serem utilizados, os instrumentos não se sujavam nem mostravam sinais ou amolgadelas.

Com a armadura posta e empunhando as armas, correu, andou, deu voltas e realizou todo o tipo de acções e movimentos, excepto praticar combates. Gradualmente, Mike foi adquirindo uma sensação de equilíbrio, e à mediada que o tempo foi passando, repetiu-se uma estranha situação: Pela noite, quando se libertava dos instrumentos de combate, Mike não sentia a natural sensação de alívio por se ter livrado do grande peso das armas. Pelo contrário, sentia-se pequeno, indefeso, e demasiado leve!

Vários dias depois. Laranja começou a ministrar-lhe o treino final, que consistia em aprender a utilizar a espada da verdade. Mike tinha a expectativa que Laranja se transformara numa espécie de mestre samurai que lhe ensinara a combater. Mas recebera um tipo de treino que nada tinha a ver com o que imaginara.

- Agora já estás preparado para aprender a utilizar as armas, Michael Thomas – disse Laranja -. Desembainha a espada.

Mike desembainhou a voluptuosa e compridíssima espada, com a destreza e o vigor de um orgulhoso cavaleiro medieval. O anjo olhou com aprovação, e pediu-lhe.

- Agora, levanta-a para a Deus.

Michael assim fez.

- Sente a espada antes de expressares a tua verdade, Michael Thomas.

Mike não entendia o que Laranja queria dizer com aquilo. Sentir a espada? Como não senti-la se a tinha entre as mãos?

- Michael Thomas de Propósito Puro – exortou o intenso ser Laranja -, agarra a espada, levanta-a tão alto quanto poderes e expressa tua verdade. Amas Deus?

Michael já imaginava o que viria a seguir. Outra vez a mesma pergunta! Só que, desta vez, encontrava-se empunhando uma robusta arma espiritual que apontava para o céu. Acaso era esperado algum tipo de discurso? Michael começou a verbalizar a sua já estereotipada resposta:

- Sim, Laranja, amo-o. Dado que podes ler no meu coração.... – Mas, nesse preciso momento, ficou perplexo, sem poder acabar a frase. A espada tinha começado a vibrar! Era como se a arma cantasse. Mike percebeu uma intensa calidez vibratória que lhe percorria o braço e descia até ao peito. Como resposta a esta situação, o escudo começou a zombar, e a armadura também começou a aquecer!

Fora treinado para usar facilmente aqueles utensílios, e agora, de algum modo, eles tinham adquirido vida devido ao propósito que expressara. Sentiu-se invadido pela sensação do poder destes elementos que usara e manejado. Então, lembrou-se que estava a discursar:

- Pois claro que amo Deus! – Mike empunhou a espada e levantou-a para o céu; então pôde **senti-la** vibrar com o seu propósito pleno de verdade. Sentiu-se poderoso. Sentiu-se iluminado. Sentiu-se capaz de permanecer mais uma hora ali, empunhando a pesada e vibrante arma e mantendo o seu propósito de regressar ao Lar, onde pertencia. **Sentiu** vibrar os três elementos e cantar a nota musical fá, que ressoava dentro do seu coração. As lágrimas começaram a correr pela face, à medida que ia sentindo e vendo a propriedade da cerimónia. Os instrumentos estavam a aceitar o organismo de Mike e a integrar-se dentro do seu espírito. E o seu propósito, tão verdadeiro, era o catalizador da cerimónia! Assim, era esta a razão de ser da espada, o escudo e a armadura? Era uma metáfora. Que outra coisa podia ser, senão isso? Esta era uma explicação muito válida para Michael Thomas, porque o tinha levado a um novo nível de compromisso e consciência.

Nessa noite, o anjo Laranja e Michael Thomas trocaram sentimentos afectuosos. Mike sabia que faltava pouco para partir. Laranja nunca o ensinou a combater, porque as armas eram unicamente símbolos. Mike interrogou o anjo sobre o Lar e o Caminho. Perguntou porque é que, nesta terra sagrada e espiritual, se ensinava a manejar as armas de guerra da Terra. Laranja contornou habilmente todas as perguntas que Mike lhe fez, excepto aquelas cuja resposta podia saber; contudo, as suas respostas foram imprecisas.

- Laranja, na Terra terias sido um magnífico político – disse Mike, brincando.

- Que te fiz para que me insultes desse modo? – respondeu Laranja devolvendo a brincadeira.

- Sinto que me une a ti um vínculo muito autêntico... - começou a dizer Mike. Mas depressa se apercebeu que ficou sem palavras. Realmente, não queria deixar este grande mestre angélico.

- Não digas mais nada, Michael Thomas de propósito Puro. Compartilharei contigo um segredo dos anjos.

Laranja tinha idealizado uma revelação exclusiva para Mike; inclinou-se para ele até que os olhos de ambos ficassem à mesma altura, e continuou:

- Tu e eu somos a mesma família. Não podemos dizer adeus porque, na realidade, um não deixará o outro jamais. Eu sempre estou contigo e à tua disposição. Já verás que assim é... e agora, está na hora de voltares para os teus aposentos.

Mike estava emocionado pela natureza franca da comunicação que estabelecera com Laranja. Afinal, eram da mesma família? Como era isso possível? Nesse momento, Mike sentiu-se ridículo ao compreender que Laranja o tinha ouvido a queixar-se que os Anjos nunca se despediam. Que resposta lhe tinha dado! Que grande revelação! Que pensamento! Assim sendo, os anjos nunca me deixarão?

Mike recordou, pela primeira vez desde que chegara à Casa Laranja três semanas antes, que, na bifurcação do caminho, Azul lhe indicara como usar o mapa. Verdadeiramente, tinha ouvido a voz de Azul dentro da sua cabeça.

- Conheces Azul? – perguntou Mike ao anjo Laranja.

- Tanto como a mim mesmo – foi a resposta deste.

Mike ficou calado e retirou-se para os seus aposentos... que cada vez gostava mais: o lugar onde comia e dormia. Embora nada de concreto ainda lhe tivesse sido dito acerca de sua partida, guardou as suas coisas nas bolsas e na mochila (quase se esquecia delas), e preparou-se para continuar a sua viagem pela manhã. Deu uma olhadela aos livros e às fotos, suspirou de novo pelas experiências na Terra e pelas valiosas que eram os seus parques pertences... embora, de algum modo, começassem a ficar deslocados.

De manhã, depois do pequeno-almoço, um pensativo Michael Thomas apareceu na porta da Casa Laranja, onde o anjo da mesma cor o tinha conduzido em silêncio. No entanto, desta vez, Mike ia mais carregado; para além das bolsas com os livros e as fotos, da mochila com o mapa, levava a bolsa com o mapa e os novos instrumentos, que se chocalhavam emitindo um som metálico quando ele caminhava.

- Michael, tens a certeza de que queres levar todas essas coisas na tua viagem? – perguntou Laranja -. Talvez fosse melhor que não as levasses contigo.

- Representam todas os meus bens terrenos – respondeu Mike -. Necessito deles.

- Para quê?

Mike considerou a pergunta, mas deixar as suas malas não era uma opção.

- Para recordar e honrar minha vida anterior.
 - Para continuares ligado aos estilos de vida precedentes, Michael?
- Mike começava a ficar irritado pelo cariz de perguntas. O anjo insistiu.
- Por que não deixas as bolsas, Michael? Já sabes que te quero bem e que as guardarei para o caso de algum dia voltares aqui.
 - Não! - Mike não queria ouvir nem um só comentário mais sobre as suas bolsas. Eram os seus pertences e queria mantê-los tanto tempo quanto possível. Neste estranho lugar necessitava de algo que lhe recordasse de quem era realmente.

O anjo fez uma inclinação de cabeça, concordando. Mike sempre fora tratado assim. Apercebeu-se que todos os anjos que conhecera honravam as decisões que tomava e jamais contestavam as suas resoluções finais.

Nessa manhã, Michael Thomas não se despediu do anjo Laranja. De pés nos degraus, frente a esse ser com quem tinha convivido várias semanas, recordou a sua explicação sobre o tema.

- Ver-te-ei em breve – disse Michael, sem crer no que estava a dizer.

Laranja simplesmente entrou na Casa e fechou a porta. «Não sei como podem fazer isto», pensou Mike para si. «Nunca há despedidas, só portas que se fecham!»

Mike iniciou o seu caminho numa direcção que não tinha tomado antes. Fazia o que podia para se manter junto das coisas que levava, dada a agonizante carga. Era demasiado carregamento: além das bolsas e da mochila com o mapa, carregava a espada, o escudo e a armadura. Lamentava ter que suportar fisicamente esses símbolos da Nova Era! E como pesavam! «Que coisa mais parva», pensou Mike secretamente. «Devo ter um aspecto muito ridículo. Realmente, serão necessárias estas armas? Nunca as usarei para combater em nenhuma batalha. Na realidade, não saberia utilizá-las! Laranja não me ensinou. São apenas uma parte da cerimónia e somente conferem uma aparência. Não será suficiente reconhecê-las como tal?»

Como estava muito ocupado tratando de se equilibrar enquanto caminhava, carregado com o seu novo equipamento e as suas bolsas, esquecera-se por completo do problema que o esperava no caminho. Não se lembrava de que havia algo à sua espera. Então, enquanto seguia o seu caminho chocalhando involuntariamente os utensílios metálicos que levava consigo, tratando de se equilibrar, e carregando as bolsas e a mochila, a força sinistra e escura, de cor verde, observava por detrás das árvores.

A coisa examinou Mike com um interesse renovado. Já não era o antigo Mike. Tinha sido trocado por outro que tinha armas e poder! Deixara de ser fácil. Tinha de usar uma nova estratégia capaz de fazer frente a um Michael Thomas com grande poder e franqueza. O tempo se encarregaria de fazer o resto... mas, por enquanto, o ser obscuro continuaria a seguir Mike à distância, esperando uma oportunidade para atacar. Executava a sua perseguição mantendo-se oculto para não ser detectado, seguindo o percurso de Michael Thomas de Propósito Puro.

Aquilo estava convencido de que este ser humano nunca chegaria à porta final, que ostentava um rótulo com a palavra «CASA».

6 - A grande tempestade

Ainda não tinham passado duas horas desde que Mike começara a caminhar, quando notou que o vento soprava com maior intensidade e que o céu começava a escurecer. «Ena! Incrível! - pensou Mike - Tempestades no paraíso!»

Durante a última hora, mais ou menos, tinha estado a esforçar-se por levar a sua carga, parando para descansar a intervalos cada vez mais frequentes. Para além de serem pesadas, as suas coisas eram incómodas de carregar! Isto irritava-o profundamente e fazia com que se sentisse desequilibrado. E ainda por cima havia tempestade!

Precisava de se abrigar o mais rapidamente possível, pois ia chover e não queria que as suas bolsas se molhassem, e também não sabia se o seu equipamento novo era inoxidável.

Parou novamente e, pela primeira vez, olhou para trás. **Estava ali!** A forma imprecisa e verde-escura saiu disparada à velocidade da luz e escondeu-se atrás de umas rochas grandes. Desta vez Mike vira-a. Era grande e substancial! Um sentimento de apreensão invadiu o corpo cansado de Mike, enquanto se apercebia que a aparição não tinha deixado de o seguir desde que saíra da última Casa. Lembrou-se que o anjo Laranja lhe dissera que Aquilo era perigoso e que podia feri-lo. Enquanto descansava colocou-se de frente para o caminho que já tinha percorrido, para poder vigiar constantemente. Sabia que devia permanecer alerta mas não tinha a menor ideia de como fazê-lo.

O vento intensificou-se, dificultando o andamento. Uma pessoa sem carga a estorvar não teria tido nenhum problema, mas, no seu caso, o novo escudo de batalha actuava quase como uma vela de barco, dado que ia agarrado às costas de Mike. Se não levasse consigo toda aquela bagagem, teria simplesmente adoptado a posição de equilíbrio tantas vezes praticada e provavelmente ter-se-ia movido muito mais rapidamente, colocando o escudo contra o vento para poder estabilizar-se. Mas tudo isto não era possível enquanto levava consigo o seu equipamento. Mike sabia que devia encontrar rapidamente um lugar onde se refugiar, até que cessasse a inusitada alteração climática e se restabelecessem as tranquilas condições atmosféricas que tinham imperado até àquele momento.

Mike nunca tinha visto nada parecido. O tempo transformava-se drasticamente em questão de minutos! Em alerta constante por causa do seu perseguidor, viu horrorizado que a coisa se ia aproximando dele apesar do vento e da chuva torrencial. Era rápida! Como podia mover-se a tal velocidade com aquele vento?

O tempo, que piorava de forma implacável, obrigou Mike a tomar medidas sobre o assunto. Tudo estava a mudar demasiado rápido! Avançou com dificuldade, agachando-se e tentando criar a menor resistência possível ao vento. Finalmente, viu-se obrigado a parar e acorrou-se no chão, já que era completamente impossível avançar.

A tempestade tinha começado a apresentar personalidade própria, enquanto ululava por causa do aumento da velocidade do vento. A chuva que caía nas partes do corpo de Mike não protegidas pela armadura, fazia com que se sentisse atingido por centenas de agulhas. A chuva propagava-se horizontalmente com força tempestuosa. Sabia que se encontrava perante um problema grave. Lançou uma olhadela furtiva à retaguarda do caminho, que estava escurecida pela chuva torrencial e pela névoa. Apesar de tudo, conseguiu ver que a sinistra figura verde estava de pé e que os seus olhos brilhavam como brasas vermelhas. Nesse momento Aquilo começou a avançar até ele! A tempestade não o afectava. Como era possível? Mike estava assustado.

Mais uma vez, no interior de Mike, a inconfundível voz de Azul estimulou-o a passar à acção: **usa o mapa!**

«A voz é tão clara! Sem dúvida está dentro de mim!», pensou Mike. A fúria da tempestade estava a começar a superar a de qualquer outra que este rapaz de Minnesota presenciara antes. Sentia como se estivesse dentro do olho de um tornado. Agora estava plano contra o chão, tentando com todas as suas forças não ser arrastado pela incrível força da tempestade. Quanto mais junto ao chão estivesse melhor para ele. Tinha aumentado o ruidoso bombardeio dos elementos. Era ensurdecedor! O medo de Mike poderia tê-lo destabilizado e ter-se convertido em terror, mas algo na situação parecia fazer sentido. Se pelo menos pudesse alcançar o mapa!

Infelizmente, nesse momento Mike estava incapacitado de aceder ao mapa: estava demasiado ocupado em sobreviver. A fúria dos elementos parecia um ataque à sua pessoa; com uma mão agarrava-se literalmente às plantas resistentes à sua volta, enquanto com a outra segurava a sua preciosa carga de fotos e livros. A bolsa com o mapa pendia-lhe ao pescoço, mas estava comprimida debaixo do corpo: bem guardado, mas completamente fora do alcance das suas mãos. Em determinado momento sentiu que o tormentoso e ululante vento o levantava do chão, potenciado pelas propriedades de vela de barco do escudo que levava nas costas. A tempestade furiosa, qual personalidade tirânica, impulsionou-o à acção. Mike forçou o seu corpo a co-

lar-se ao chão tanto quanto lhe era possível e, por pura força de vontade, ancorou-se à terra afundando os dedos dos pés na lama, enquanto que com uma mão se agarrava a uns arbustos especialmente resistentes.

Agora tudo estava escuro, os bancos de nuvens negras que cobriam o céu tinham descido até à zona onde estava Mike, impedindo-o de ver. Tentava olhar à sua volta, com os olhos semicerrados para os proteger do ataque da chuva e do vento, mas não via nada. Inclusivamente tinha dificuldades em ver o chão que tinha debaixo! Onde estava a coisa sinistra? Já se aproximava para o atacar? Atrever-se-ia a mover-se ou a tempestade o arrastaria até à morte? Todas e cada uma das células de Mike vibravam quais alarmes num simulacro de incêndio, experimentando um estado de alerta mais intenso que nunca. Medo? Não! Dominava a sua vontade de sobreviver e de lutar contra a situação. Estava numa condição comprometida. Tinha que encontrar maneira de agarrar o mapa!

A voz de Laranja ressoou-lhe dentro da cabeça e foi um som incrivelmente bem vindo. «Como é possível que um som tão subtil se ouça no meio de tanto barulho?», pensou Mike.

– Michael Thomas, desfaz-te da bagagem! Mike sabia que não tinha outra alternativa: ou fazia-o ou morreria. Tinha a roupa ensopada, mesmo debaixo da armadura, e já começava a tremer de frio. Através do ulular do vento, ouviu e também sentiu uma pancada tremenda e retumbante. Que ruído era aquele? Podia sentir-se a sua vibração no solo. Estava a aproximar-se? Devia fazer o que Laranja lhe indicara. Sabia que Aquilo estava a aproximar-se!

Uma a uma, Mike soltou, lenta mas metodicamente, as bolsas em que tinha guardado a sua preciosa bagagem de recordações. Primeiro foi a vez dos livros. Simplesmente, esticou dois dedos para soltar a asa da primeira bolsa, que foi engolida pela tempestade como se esta fosse um instrumento poderoso e implacável, à espera para a triturar. Ao soltá-la, sentiu a força com que foi arrancada da sua mão, e perguntou-se se não teria partido um dedo. Pôde ouvir claramente como se rebentavam as costuras da bolsa, e o som exasperante – que lhe apertava o coração – das centenas de páginas agora convertidas em pedacitos de papel, que só permaneceriam enraizadas na sua mente. Era o som mais horrível que alguma vez ouvira. Os seus preciosos livros!

Sem se deter demasiado a pensar no assunto, estendeu o polegar da mesma mão e livrou-se da bolsa que faltava. Isto foi ainda pior! A tempestade tinha a força de um lutador louco por ganhar um troféu e, empurrando-o contra o chão, arrebatou-lhe a bolsa que estava a largar. Nesse momento, Mike perguntou-se se a coisa sinistra já o teria alcançado e se teria começado a espancá-lo, a despedaçá-lo. A chuva embravecida descarregava-se sobre ele como uma chuva de brocas que lhe perfuravam as costas!

Ao contrário dos livros, as fotos desapareceram sem fazer barulho. Esfumaram-se simplesmente num instante e isso fez com que Mike se aborrecesse. Toda a sua árvore genealógica, mais as recordações queridas dos seus pais mortos, estavam a ser espalhadas por uma força tosca da natureza, e ele a ser espancado pela mesma força colérica.

O caos à volta de Mike era virulento. Experimentou incorporar-se um pouco e tentou deslizar a mão, agora livre, debaixo do seu corpo para agarrar o mapa. O vento voltou a levantá-lo um pouco e esteve prestes a soltar-se devido à sua força, potenciada pelo escudo que estava ainda seguro às costas. Mas reagiu no momento certo e conseguiu finalmente agarrar o pergaminho que tinha debaixo do corpo. Valendo-se do indicador e do polegar, foi manipulando o mapa e desdobrando-o gradualmente até que pôde ver o sítio onde estava o ponto vermelho. Actuando unicamente por instinto foi subindo pouco a pouco o pergaminho até ao seu peito, arrastando com este a terra húmida e a lama que se havia acumulado entre o resistente metal da sua armadura e o solo encharcado. Tinha conseguido estabelecer um equilíbrio interessante ao pressionar, com todas as suas forças, o corpo contra a lama e permitindo, ao mesmo tempo, que a mão com o mapa subisse pelo seu peito. Agarrando-se a uma pequena rocha com a outra mão, tentou levar o mapa à altura dos olhos. Mas como iria conseguir olhar para o mapa quando conseguisse tê-lo à altura necessária? Estava muito escuro, não conseguia ver nada! E mesmo que pudesse ver não se teria apagado o que estava escrito? A mão que estava desesperadamente agarrada à erva começava a perder força por causa do incessante bombardeio da chuva e do vento; tinha o braço cada vez mais dormente e a sua capacidade de se segurar começava a fraquejar.

A tempestade não afectava Aquilo. Como era um visitante de vibração baixa numa terra de alta vibração, o vento, a chuva e a confusão que reinava à sua volta não afectava a infeliz criatura. Pôs-se de pé sem problema e, lentamente, abriu caminho, sinistra e execravelmente, até ao meio do trilho, dirigindo-se a passos largos até onde Michael Thomas jazia prostrado, mal podendo aguentar, agarrado às ervas, o ataque dos elementos. Aquilo nem sequer cambaleava, apesar da forte investida do vento ululante. Nenhum elemento

climático parecia afectar a sinistra figura, excepto a falta de visibilidade. Entretanto aproximava-se de Michael, com a desenvoltura de quem dá um passeio no parque. Aquilo começou a perceber que o destino lhe preparara um presente para aquele dia. Mas a escuridão da tempestade começou a afectá-lo e logo deixou de poder distinguir fosse o que fosse, nem sequer a sua presa. Apesar disso, Aquilo ia-se aproximando de Michael Thomas e estava pronto para concluir o que a estranha tempestade iniciara. Estava pronto para disseminar os pedaços do corpo de Mike pelos confins mais longínquos dessa absurda terra de sonho, que tanto lhe desagradava.

A intuição de Mike era acertada, porque a Aquilo já estava perto. A escuridão alastrara-se rapidamente, como se os diversos entes daquela terra tivessem pedido para porem uma venda nos olhos a cada um. Aquilo movia-se instintivamente, detectando através do solo o lugar onde Mike jazia estendido. De repente, Aquilo atacou com grande violência, mas apercebeu-se que estava destruindo o chão, perto de onde Mike se encontrava. Este tinha-o ouvido, mas Aquilo apercebera-se do barulho que faziam as páginas e as capas dos livros, que Mike acabara de soltar, a romperem-se. Aquilo virou a cara rapidamente na direcção do som que acabara de ouvir. Agora tinha a certeza onde estava Michael! E sentiu-se muito contente.

Aproximou-se um pouco mais e, finalmente, no meio da turbulência da colossal e violenta tempestade em que não podia participar, apenas conseguiu distinguir a silhueta do indefeso Michael Thomas, estendido no chão com uma mão debaixo do corpo e a outra agarrada a um pequeno mas firme arbusto. Se Aquilo tivesse a capacidade de sorrir, tê-lo-ia feito nesse instante. Lançou-se com impetuosamente às costas de Mike, atirando-se violentamente com a força de uma dúzia de homens musculosos. Imediatamente Aquilo sentiu como se um milhão de dardos tivesse atravessado o seu corpo coberto de verrugas. Encandeou-o um feixe de luz branca, pura e de um brilho prateado, e foi repellido por uma força tremenda. Como se tivesse sido disparado por um canhão, percorreu uma trajectória longa e aterrou quase no ponto de partida do ataque. Com a sua cobertura exterior fumegando por causa do contacto com algo extremamente quente, Aquilo tentou fazer um balanço do que tinha sucedido. Estava, pelo menos, atordoado e momentaneamente debilitado pela força que o havia derrotado com tanto ímpeto.

O escudo de Michael Thomas tinha permanecido agarrado às suas costas, cobrindo quase todo o corpo. O objecto que Mike pensou viria a ser a sua perdição subitamente tinha-se convertido na sua protecção e, inclusivamente, tinha actuado sem a sua intervenção: era parte dele. A conjugação entre a baixa vibração da sinistra criatura e o alto índice vibratório do escudo provocara uma reacção física imediata e poderosa. Como duas potentes forças de polaridades opostas, o escudo do conhecimento tinha repellido o ataque.

Michael Thomas arranjara maneira de subir o mapa à altura da garganta. Espreitou para dentro da escuridão da pequena bolsa na esperança de ver algo. De repente fez-se luz! Teve a impressão que uma rabanada de vento especialmente violenta o atingira, mas, na realidade, trazia implícito um milagre: uma luz tão brilhante, que se filtrava através dos seus olhos quase fechados por causa do vento ululante e da chuva. Era uma luz tão intensa que iluminou tudo em redor durante o tempo suficiente para que Mike pudesse ver claramente apesar de ter as pálpebras semicerradas. A secção do mapa que desenrolara cuidadosamente, enquanto a tempestade piorava, estava ali! Os seus olhos percorreram o mapa e encontraram rapidamente o ponto com o célebre «Estás aqui». Michael ignorou o súbito cheiro a queimado que o rodeava. O mapa mostrava o caminho e, precisamente perto da curva, havia uma gruta. Se percorresse uns quantos metros nessa direcção estaria a salvo!

Analisando o passado imediato, Michael Thomas pensou que Deus lhe proporcionara um relâmpago no momento em que mais o necessitava. Nunca compreendeu que se tratava de uma força negativa que estava decidida a anulá-lo e que era sincronicamente responsável pelo milagre de iluminação, precisamente no momento de maior necessidade. Michael Thomas de Propósito Puro experimentara a sua primeira co-criação sem sequer o saber. Laranja tinha-o ensinado sobre o uso do dom que poderia ajudá-lo a estar «no sítio certo no momento certo», mas Michael nunca imaginou que, naquele dia, aquele lugar tinha sido o sítio certo.

Foi um acto de indiscutível força e vontade o que permitiu a Mike avançar a passo de tartaruga, indo de arbusto em arbusto e de rocha em rocha, cravando firmemente os dedos dos pés a cada passo para manter a estabilidade e a direcção. Demorou quase vinte minutos a fazer o percurso agarrando-se à terra encharcada, porque a fúria da tempestade o abatia contra o chão. Todo aquele esforço para avançar apenas uns quantos metros! Mas Mike tinha que o fazer. Apesar de se encontrar numa escuridão quase absoluta conseguiu aperceber-se da entrada da pequena gruta que representava uma trégua e o salvava de uma morte certa, livrando-o de estar exposto à fúria dos elementos. Em cada penoso avanço, arrastando-se pelo chão, dava graças a Deus porque a entidade obscura que o perseguia não se tinha aproximado mais. Enquanto se

impulsionava custosamente através da boca da gruta notou que a tempestade piorava. Atónito perante o que estava a acontecer à sua volta, pensou: «Este lugar mágico não é imune aos problemas».

Dentro da gruta tudo parecia estar calmo, apesar de Mike estar um desastre. A sua mão estava a sangrar por ter estado agarrada às rochas; tinha a roupa ensopada, cheia de lama e sujidade, mas estava demasiado frio na gruta para tirá-la. Pôs-se de pé lentamente e avaliou a situação. Poder-se-ia pensar que Michael Thomas estava cheio de gratidão por ter escapado tanto da tempestade como do misterioso inimigo, que alertava a sua presa pela sua proximidade. Mas não era assim. Mike estava furioso! Tremia mas não de frio, antes da cólera e da fúria súbitas que sentia perante a situação. Tinham-lhe arrancado as suas preciosas pertenças. Sabia quem controlava os elementos e desabafou a sua ira impulsivamente, dirigindo-se a qualquer um capaz de o ouvir:

– Enganaste-me! – dirigiu-se à entrada da gruta e pôs-se a vociferar ao vento, que ainda ululava. – Ouves-me?

Com a cara contraída de ira, a indignação ocupava um espaço primordial na sua mente. Tinham-no forçado a abandonar as suas inestimáveis coisas. Fora tratado injustamente por quem controlava aquele lugar aparentemente sagrado.

– Agora sei como funciona! – continuou a gritar furiosamente a quem pudesse escutá-lo. Se não me cinjo a uma sugestão feita por algum dos anjos, **eles fazem com que aconteça de qualquer maneira!**

Mike tremia incontrolavelmente por causa da ira e do frio, enquanto continuava à entrada da gruta. Apunhalava-o a aflição que sentia pela perda das fotos dos seus pais. Sem conseguir conter-se, começou a soluçar atormentado pela dor emocional, e chorou até se lhe esgotarem as lágrimas. Sentia que não o tinham respeitado e o tinham roubado.

De repente sentiu uma sensação de calor nas costas e, então, viu o súbito brilho que se reflectia nas paredes da gruta. Voltou-se para o lugar de onde vinha a voz amável que começou a falar-lhe.

– Dei-te um bom conselho, Michael Thomas de Propósito Puro.

Laranja estava sentado ao fundo da gruta e, à sua frente, brilhava uma pequena fogueira que convidava Mike a aquecer-se. Este acalmou-se um pouco, dirigiu-se lentamente para o fogo e sentou-se frente a ele, baixando a cabeça com determinação. Passou algum tempo, e Mike, ainda com lágrimas nos olhos, olhou Laranja e fez-lhe umas perguntas.

– Era necessário tudo isto?

– Não – respondeu-lhe Laranja. Essa é a questão.

– Porque me despojaste das minhas coisas?

– Esta terra continua a ser um lugar de livre-arbítrio, Michael Thomas. Apesar do que possas pensar, o ser humano é o ponto focal deste lugar. Aqui é honrado acima de todas as outras criaturas.

– Livre arbitrio! – exclamou Mike. Se não me desfizesse das minhas malas tinha morrido!

– De facto – afirmou Laranja. Escolheste não renunciar às tuas bolsas quando tiveste oportunidade de o fazer. Se tivesses considerado a minha sugestão, terias aprendido mais sobre estas questões. As bolsas ficariam bem guardadas. Não podes compreender a perspectiva geral deste lugar. É essa a razão porque estás aqui e é também o motivo pelo qual se te outorgam novos dons e instrumentos.

– Continuo sem entender – replicou Mike – porque é que não posso conservar as poucas coisas que aprecio? Eram inofensivas e significavam tanto para mim!

– Não eram adequadas para levars na tua viagem, Michael. – Laranja sentou-se numa rocha do outro lado da fogueira e disse: Essas coisas representavam a tua parte terrena. Instigavam-te na direcção do teu antigo Eu e mantinham-te num lugar incompatível com a nova vibração que actualmente estás a estudar e a aceitar. Tudo em ti está a mudar, Michael, e sabemos que assim o percebes.

– Porque não me deste simplesmente esta explicação então? Ter-me-ias evitado muitos problemas. – Mike pousou a vista na sua mão que sangrava e depois na sua roupa feita em farrapos.

– Recusaste a oportunidade, Michael Thomas e, portanto, a tua escolha devia ser pessoal.

Mike captou a sabedoria implícita naquilo que Laranja dizia.

– O que é que teria acontecido se não me desfizesse das minhas bolsas?

– Não poderias ter seguido em frente se conservasses os objectos carregados com a velha energia – assinalou-lhe Laranja. O vento ter-te-ia levado de volta a um lugar pertencente à tua consciência anterior. Apesar de que acabarias por ficar a salvo, terias perdido tudo quanto tens aprendido e conseguido neste percurso sagrado. Isso significaria a morte do novo Michael Thomas; por conseguinte, terias tido de abandonar este sítio – Laranja fez uma pausa para sublinhar aquilo que tinha dito e prosseguiu com a sua explicação: Isto é importante, Michael Thomas de Propósito Puro. Não podes aferrar-te a nada que faça parte da velha

energia, nem sequer às coisas aparentemente insubstituíveis, e avançar para a nova energia. Ambas são incompatíveis. Realmente, estás a dirigir-te para uma nova dimensão, e a física da velha energia não se pode misturar com a física da nova. Deixa-me perguntar-te algo... – Laranja aproximou-se de Mike – continuas a amar e a recordar os teus pais, apesar de teres perdido seus objectos físicos? Ou também perdeste isso com a tempestade?

– Continuo a amá-los e a recordá-los – respondeu Mike sabendo onde Laranja queria chegar com a conversa.

– Então onde está a perda? – perguntou Laranja.

Mike guardou silêncio. Dava-se conta de que lhe tinham dado uma lição. Laranja continuou a falar como se fosse um pai que demonstra o conhecimento mais elementar a um filho curioso:

– A recordação de seres queridos reside na energia da tua experiência vital. Não provém de nenhum objecto antigo. Quando desejares recordá-los, utiliza a consciência amorosa e os dons do novo Michael Thomas. Quando começares a fazê-lo descobrirás que até as tuas percepções do passado são distintas do que pensavas. Estás a adquirir uma nova sabedoria a respeito de quem eram os teus pais... e também a respeito de quem eras tu. Os novos dons e instrumentos potenciam a recordação que tens dessas coisas. Os velhos objectos de interesse só te arrastam até ao passado, a um período em que eras incapaz de compreender a perspectiva geral.

Mike continuava sem entender a nova linguagem e a conversa dos Espirituais. Laranja conhecia os seus pensamentos e falou desta maneira:

– Quando tiveres finalizado a tua estadia na sétima Casa... – e ao dizer isto sorriu – terás uma compreensão absoluta.

Mike só entendeu uma parte do que Laranja dissera, mas estava a começar a entender a essência da questão. A situação era similar ao acontecimento da comida podre; apercebeu-se de que não podia levar nada que tivesse pertencido ao anterior Mike para o sítio chamado «Lar». Lamentava a perda e, de alguma maneira, continuava a sentir-se traído pelos seus amigos anjos por não terem sido mais específicos. Mas começava a notar a metamorfose que lhe tinham vaticinado, e também se deu conta de que, até àquele ponto da viagem, lhe tinham feito duas sugestões: a primeira, feita por Azul, para que não levasse comida, e a segunda feita por Laranja, para que deixasse a bagagem. Em ambos os casos ignorara a recomendação e das duas vezes tinha tido problemas. Prometeu a si próprio começar a ouvir com atenção o que os anjos lhe dissessem ao longo da viagem.

Encontrava-se num sítio estranho que apresentava facetas multidimensionais e apercebeu-se de que **ele** possuía a informação biológica e os **anjos** possuíam a informação espiritual. Portanto, se ouvisse mais e supusesse menos, a viagem poderia ser mais tranquila. Apesar de ter sido incapaz de entender plenamente a linguagem e muitos dos conceitos, tinha de continuar a confiar no ponto de vista dos anjos, dado que estava numa terra que eles conheciam bem, e ainda tinha pela frente a missão de percorrer por si mesmo o trajecto.

– Laranja! – Michael pediu a atenção do anjo. - Porque há tempestades aqui?

– Michael Thomas de Propósito Puro, vou dar-te outra resposta que é uma verdade mas que não compreenderás.

Laranja foi até à entrada da gruta e, quando lá chegou, dirigiu-se a Michael e deu-lhe esta resposta:

– Quando o ser humano não se encontra aqui, não há tempestades.

Laranja tinha razão. Mike não tinha nem a menor ideia de porque é que sucedia aquilo. Quando se pôs de pé para perguntar sobre a coisa sinistra que o tinha perseguido... apercebeu-se de que Laranja se tinha ido embora!

– Adeus uma vez mais, camarada de cor laranja brilhante – disse Mike, falando ao espaço vazio onde acabava de estar o Espírito Laranja. E pela primeira vez, obteve uma resposta à sua despedida. Na sua mente ouviu com clareza a sua voz, tranquila, carinhosa e sábia:

– Quando estiveres consciente da razão pela qual nunca dizemos adeus, saberás que és parte da nossa dimensão.

«Esta é uma explicação ainda mais confusa – pensou Mike – mas, de algum modo, é reconfortante.»

Aproveitou o fogo que Laranja – não se sabe como – lhe tinha proporcionado para se aquecer e secar a roupa, que tirou e estendeu sobre as rochas próximas das chamas quentes. Enquanto deixava cuidadosamente as peças do seu equipamento de combate junto à rocha, notou que nem a armadura nem o escudo se tinham estragado. Foi-se deixando dormir paulatinamente, sem saber se no exterior era de noite ou de dia, e

dormiu várias horas. A tempestade continuou durante um bocado mas, quando acordou, já tinha cessado completamente.

Michael chegou-se à entrada da gruta para dar uma vista de olhos aos arredores, e viu que era o momento do crepúsculo desse mesmo dia. Dormira toda a tarde, que era o tempo que tinha durado o que restava da tempestade e, agora, sentia-se cheio de energia. Com cautela, reuniu o seu equipamento de combate, colocou-o tal como lhe tinham dito, pendurou ao pescoço a bolsa com o mapa e empreendeu de novo o caminho. Tudo parecia muito tranquilo! Olhou para trás, mas não detectou nenhum perigo nem viu vestígio algum da sinistra forma que o perseguia e que corria sempre a esconder-se atrás de uma árvore ou de uma rocha. Sentia-se estupendamente!

Apesar de ser quase noite, sentiu que em breve avistaria a Casa seguinte, e estava correcto. Percorreu o caminho a passos largos e encontrou a Casa, bastante escondida, sobre uma colina. Sentia-se tão leve! Tinha as mãos livres e, como não levava as malas, o seu equipamento de combate não fazia o incómodo ruído metálico de antes, pelo que quase se esqueceu que o levava às costas. O seu passo era ágil. Michael Thomas aceitara a perda das suas bens materiais como um facto conveniente para a sua viagem, e conseguira assimilar a experiência. Praticou a visualização mental das fotos de seus pais e conseguiu recordá-las nitidamente. Continuava a sentir o seu amor e experimentava todas as sensações que costumava ter quando olhava aquelas fotografias. Laranja tinha razão. O que era autenticamente seu encontrava-se na sua mente. No fundo isso era tudo o que necessitava.

Várias centenas de metros atrás, uma repugnante figura de cor verde estava a recuperar de uma experiência dolorosa. Cada vez que se movia experimentava uma penetrante lembrança da queimadura que tinha sofrido. Não o sabia, mas essa ferida nunca se curaria. Apesar de estar desconcertado, Aquilo continuava decidido a frustrar a viagem de Michael Thomas. Estava convencido de que não tardaria em chegar o momento em que Michael Thomas veria aqueles olhos vermelhos como brasas, sentiria aquele hálito abrasador e, finalmente, conheceria o medo absoluto antes que conseguisse dar mais um passo em direcção ao Lar. Isso estava disposto a consegui-lo, mesmo que tal implicasse o sacrifício de si mesmo no combate.

7 - A Terceira Casa

Antes de entrar na terceira Casa, Mike parou no caminho para ler um letreiro que havia na relva. Era da mesma cor da Casa e tinha uma inscrição: «CASA da BIOLOGIA». A Casa era de uma só cor, como as anteriores. A sua estrutura era de estilo campestre, e a cor era de um formoso tom verde amarelo brilhante, que parecia fundir-se com as tonalidades naturais da exuberante relva e das árvores. Toda a relva estava matizada pela tênue luz do crepúsculo. Mike sabia estar prestes a conhecer outro anjo que, sem dúvida, se tornaria seu amigo. Fez um balanço do que se passara nas duas Casas anteriores e calculou, acertadamente, que ambas tinham sido orientadas para a sua preparação. Dessa forma, tinham-no ajudado a preparar-se para realizar a viagem. Encontrava-se no início da preparação. «Depois de tudo o que passei, isto parece ser mais fácil», pensou.

Quando se aproximou da Casa, um enorme anjo verde apareceu no alpendre a recebê-lo. Olhou-o enquanto se aproximava, e saudou-o com a invariável frase:

- Bem-vindo, Michael Thomas de Propósito Puro!

Este anjo, a quem Michael chamou automaticamente Verde, parecia ser muito alegre e especialmente bondoso. Mike intuía que todos os anjos tinham uma grande veia humorística, que, em Verde, parecia ressaltar de modo especial, pois sorria constantemente. O anjo olhou para Mike e piscou-lhe um olho enquanto dizia:

- Que linda espada!

- Boa noite, Verde – saudou Mike, ignorando o comentário acerca da espada, enquanto pensava: «Aposto que disse aquilo para eu me sentir melhor, por andar a carregar uma coisa que creio estar fora de lugar nesta busca espiritual».

- Nã-nã! – respondeu o anjo, lendo os pensamentos de Mike. Nem todas as espadas são tão esplêndidas como a que levas aí. Sei o que estou a dizer, pois já vi muitas.

- E o que é que a torna diferente? – perguntou Mike.

- Nós demos-te uma espada especial por uma razão, Mike. O teu propósito é realmente puro e o teu coração ressoa literalmente a compasso com a tua busca. Portanto, os teus instrumentos reflectem algo que todos os que são como eu podem ver. Entra, por favor.

Mike seguiu atrás de Verde e entrou na Casa, continuando a falar.

- E isso torna-me diferente... especial... melhor?

- Faz com que o teu potencial seja enorme, Michael! Lembra-te de que, como ser humano, tens escolha. Nós nunca classificamos os seres humanos, nem os dividimos em categorias. O que fazemos é ver cada um como um nível de potencial energético.

- Potencial para quê?

- Para a mudança! – exclamou Verde.

- Porquê?

Verde parou e voltou-se para Mike. Acabavam de passar por vários quartos pequenos de cor verde e, nesse momento, encontravam-se à entrada do que parecia corresponder aos aposentos temporários de Mike. O anjo falou em tom suave, com um enorme sentido de paciência e de respeito para com o ser humano que tinha à sua frente.

- Por que razão estás aqui, Michael Thomas?

- Para tornar possível o meu regresso ao Lar – respondeu imediatamente Mike, com franqueza.

- E o que deves fazer para que tal seja possível? - O anjo estava a proporcionar uma oportunidade para que Mike definisse a sua situação actual.

- Percorrer o caminho das sete Casas?

- E... – disse Verde, pressionando-o mais.

- Converter-me num ser dimensional diferente?

Com esta resposta, Mike estava a repetir timidamente, como um papagaio, aquilo que se lembrava de da explicação que Laranja lhe dera. Verde sorriu abertamente e disse:

- No final, Michael Thomas de Propósito Puro, compreenderás realmente algumas das palavras e conceitos de que agora fazes eco. Laranja explicou-te isso que acabas de me dizer, não é verdade?

Mike sentiu-se descoberto.

- Sim, foi isso o que ele me disse, e, para ser sincero, ainda não sei o que significa.

- Eu sei – disse o enorme ser verde, pensativo. E torno a perguntar-te... O que vais fazer para chegar a Casa?

- Mudar! – afirmou Mike triunfalmente.

- Porquê? – perguntou Verde. – Agora, esta pergunta fechava um círculo, e Mike percebeu que tinha de responder à sua própria pergunta.

- Porque é que não posso chegar lá, a menos que mude? - perguntou Mike astuciosamente.

- Exacto! A viagem de regresso a Casa consta de várias etapas, meu amigo humano. Primeiro, está o propósito de ir. A seguir vem a preparação. Isto implica sempre a descoberta de si mesmo, e a compreensão de que as alterações que deves experimentar são necessárias para conseguires chegar ao teu objectivo. Já estás a sentir isso. Finalmente, deves estudar como funcionam as coisas para seres capaz de te sentires à vontade com a perspectiva do conjunto. Abrir a porta final, que tem a inscrição «Lar», é como uma graduação, Michael. Não existe nada parecido!

Esta era realmente a primeira vez que um anjo falava sobre o término da viagem e a porta final. Mike estava muito emocionado.

- Explica-me mais sobre o que posso esperar, Verde. - Isto era o que mais interessava a Mike: o objectivo final, e aquilo que o esperava quando abrisse essa porta.

- Tu mesmo definiste essas coisas ao fazer a tua petição inicial – respondeu Verde.

De repente, Mike lembrou-se da conversa que desencadeara todo o processo, com aquela personagem enorme, branca e sem rosto, que lhe pediu uma descrição do lugar que ele chamava «o Lar».

- Sabias isso? – perguntou Mike, emocionado.

- Todos nós formamos parte de uma família, Michael. - Verde deslizou para dentro do quarto onde Mike se ia hospedar, e comentou: - Tudo isto deve ser familiar para ti.

Mike olhou à sua volta. O ambiente era muito parecido com o das outras Casas, além de ser extremamente favorável ao sono e ao descanso. Percebeu o cheiro da comida, que já estava preparada no quarto ao lado. O anjo assinalou o armário e disse.

- Desta vez também podes contar com roupas para ti, Michael.

De imediato, Mike tornou-se consciente de que o seu aspecto devia ser horrível: as suas roupas rotas estavam cheias de sangue e de lama seca, consequência da tempestade que há pouco terminara, e que ameaçava a sua vida. Olhou para a zona que Verde assinalara. De facto, a roupa estava ali! Olhou com mais atenção e viu que era roupa de viagem de boa qualidade, exactamente da sua medida. Também havia uma lindíssima túnica verde. Voltou-se para o anjo para lhe perguntar como soubera a medida que ele usava, mas não o viu em lado nenhum. Mike sorriu para si mesmo e falou em voz alta, sabendo de antemão que Verde podia escutá-lo:

- Boas noites, meu angélico e verde amigo. Ver-te-ei amanhã.

Mike jantou e dormiu profundamente nessa noite, até às cinco da manhã. A essa hora teve um pesadelo: em sonhos voltou a ver a horrível e sinistra coisa, que se aproximou dele durante o lapso de tempo em que esteve indefeso e exposto, por causa da tempestade. Voltou a sentir a advertência de que essa coisa ameaçava a sua vida. Isso aterrorizou-o. Despertou sobressaltado e alagado em suor. E Verde estava ali, junto à sua cama!

- Estás preparado?

- Vocês nunca dormem? – perguntou Mike, esfregando os olhos.

- Claro que não!

- Mas ainda está escuro lá fora! – Mike ainda se sentia cansado por causa do pesadelo horrível e porque, ao que parecia, lhe faltavam horas de sono.

- Na Casa da Biologia temos este costume, Michael Thomas. – Verde sorriu de novo, e permaneceu de pé.

– Estarei aqui todas as manhãs às cinco e meia para começar as lições. Antes de terminarmos a tua instrução já terás compreendido tudo o que se refere aos padrões de sono, à energia biológica... e aos pesadelos.

- Conheces os meus sonhos? – interrogou Mike, assombrado.

- Michael, continuas a não te dar conta da nossa ligação contigo. Sabemos tudo acerca de ti, e honramos enormemente o teu processo!

Verde retrocedeu uns tantos passos para se afastar da cama, e fez enérgicos sinais a Mike para se pôr em marcha. Este sentiu-se um tanto incomodado.

- Verde, estou nu.

- É mesmo assim que vais começar as tuas lições, Michael. Não sejas tímido. Veste a túnica verde que está no armário.

Mike fez o que se lhe pedia, e dirigiu-se imediatamente ao quarto contíguo para desfrutar do seu pequeno-almoço. Verde comportou-se como um cão serviçal: sentou-se junto de Mike e observou tudo o que este ia comendo, mesmo sem dizer nada. Era a primeira vez que um mestre angélico tinha para com ele este tipo de atenção. Havia algo que era diferente das outras Casas.

Depois de comer, Verde conduziu Mike para uma zona especial para o ensino. As outras Casas onde estivera eram enormes, com grandes salas e altos tectos. Nesta, ao invés, todas eram pequenas. A maior parte dos ensinamentos tinha lugar numa só sala.

Verde começou a sua instrução nesse preciso instante. Pediu a Mike que tirasse a túnica:

- Michael Thomas de Propósito Puro, assinala a tua iluminação.

- Não te entendo.

- Onde está o teu Propósito Puro? Onde está o teu amor? Onde está essa parte de ti que conhece Deus? – Verde tinha um objectivo e continuou – Chega-te um pouco para a frente e assinala agora a parte do teu organismo onde residem tais atributos.

Mike não teve de espremer os miolos. Agora compreendia que Verde, não sendo humano, queria que ele lhe mostrasse onde residiam esses valores.

- Alguns estão aqui... – disse Mike assinalando a testa, e outros estão aqui – disse, pondo a mão sobre o peito. Estes são os sítios onde sinto que está aquilo que me perguntas.

- Incorrecto! - afirmou Verde em voz alta, sobressaltando Mike. – Queres tentar de novo?

Pausadamente, Mike começou a fazer um percurso pelo seu corpo, perguntando a Verde se o que ele procurava poderia estar nesta ou naquela parte, enquanto ele ia assinalando. De todas as vezes, Verde dava uma resposta negativa.

- Verde, dou-me por vencido – disse Mike exasperado, depois de ter assinalado quase todas as partes do seu corpo. - Onde está?

- Deixa-me contar-te uma anedota, Michael Thomas. Depois tentas de novo.

Mike notou como aquela situação era singular: estava ali vestido só com uma túnica, junto de um anjo verde, numa terra que realmente não existia na vida que levava antes, e, ainda por cima, o anjo ia contar-lhe uma anedota! Quem diria?! Aquela casa não era para ser um sítio sério? O que é que se passava?!

- Era uma vez um homem que se sentia muito iluminado. – começou Verde, desfrutando de cada momento da experiência de contar uma história divertida. – Quando sentiu que tinha alcançado um bom nível de iluminação para continuar a sua viagem, chamou um táxi.

Verde sorriu de orelha a orelha e fez uma pausa, observando a reacção de Michael ao facto de que um anjo conhecesse a palavra «táxi». Mike não deu a Verde a satisfação de expressar a surpresa que este procurava obter, e reprimiu a sua espontânea vontade de rir. Em troca, esboçou um leve sorriso afectado. Não obstante, Verde continuou a sua narrativa:

- Quando o táxi parou, o homem meteu a cabeça pela janela e disse ao condutor: - Estou pronto, vamos! - O condutor, reagindo à ordem dada, arrancou imediatamente, levando unicamente a cabeça do homem!

Verde divertia-se muito com a sua história, e novamente olhou para Mike, observando como ele reagia. Este não mostrou expressão alguma. Olhou para Verde, meneou a cabeça e fez um trejeito em que se lia: Sim, e depois?...

- Bendito seja o homem que coloca todo o seu corpo no táxi, antes de anunciar que está pronto para partir!

Verde estava muito satisfeito com a sua história, apesar de a reacção notoriamente contida de Michael, e regozijou-se, encantado, com o silêncio que se seguiu à sua narrativa.

- Não pares o teu trabalho – declarou Mike, contendo a custo o desejo de rir às gargalhadas com os modos do gracioso anjo. O que é que queres dar a entender exactamente com a tua história, Verde?

- Michael Thomas de Propósito Puro, toda e cada uma das células do teu corpo humano encerram uma consciência que conhece Deus. Portanto, cada célula tem o seu potencial para a iluminação, o amor e a busca da mudança vibratória. Permite-me que to demonstre aqui mesmo.

E dizendo isto, Verde fez algo que perturbou Mike, consternando-o. Chegou-se a ele rapidamente, e com um movimento ágil, deu-lhe uma tremenda pisadela num dedo do pé!

- Aiii! – gritou Mike, indignado por semelhante abuso de confiança. - Que é isso???

Mike sentiu o dedo dolorosamente latejante. Agarrou-o e tentou aliviar a dor, como qualquer outro ser humano na sua situação, pondo-se a saltitar.

- Isso doeu! – gritou para Verde, enquanto via o dedo tornar-se vermelho e logo a seguir arroxeadado. - Doeu-me muito! Acho que me partiste o dedo!

- O que é que te dói, Michael? perguntou-lhe Verde, de maneira despreocupada, enquanto o via andando pelo quarto, fazendo esgares de dor a cada salto que dava.

- O dedo!!! És um sádico verde-limão! – Mike não sabia o que dizia, mas estava furioso. Verde não se deu por achado ante o ataque de cólera de Mike, e aproximou-se dele.

- Não te aproximes!! – gritou Mike, estendendo os braços em atitude defensiva. Não quero outra demonstração de massagem aos pés em estilo angélico, nem quero saber nada do conceito que tens acerca de terapia podálica. Nem penses em te aproximar!

- O que é que eu magoei, Michael? – perguntou Verde de novo, e acrescentou: - Não foi o teu dedo.

- Como não??! – exclamou Mike incrédulo, enquanto se sentava no chão, em postura de lótus, tratando de equilibrar-se enquanto soprava no dedo. – Então, diga-me sua graciosa Majestade Verdosa, o que é que me magoou? - Mike era mordaz, mas o anjo não lhe ligava nenhuma.

- A nós, Michael, a nós – declarou Verde. Cada célula do teu corpo está a sentir neste momento o teu mal-estar. Diz, Michael, diz: «magoaram-nos». Mike repetiu sem muito entusiasmo:

- Magoaram-nos.

- Dás-me permissão para fazer uma cura? – perguntou Verde.

- Sim. - respondeu Mike mostrando verdadeiro interesse.

- Então, declara o consentimento.

- Dou-te autorização para me curares o dedo – disse Mike.

- Incorrecto! – assinalou Verde em voz alta.

Desta vez Mike não necessitava de mapa para não se enganar, e tentou de novo:

- Dou-te permissão para que... - fez uma pausa - nos cures.

Verde não ficou satisfeito com a resposta e insistiu mais uma vez:

- Michael, dá-**nos** a tua permissão para se poder realizar a acção, não me dês permissão **a mim** para o fazer.

Mike reflectiu sobre isto e voltou a formular a frase:

- Dou-vos a minha permissão para fazer esta cura. Magoaram-nos e todos nós beneficiaremos desta cura.

- É assim mesmo! – gritou Verde entusiasmado, enquanto aplaudia com regozijo. - Corrigiste, Michael Thomas de Propósito Puro! Acabas de curar o teu dedo!

O dedo de Mike deixou de latejar quase instantaneamente. A cor mudou de roxo para um saudável rosado, e todo o seu corpo se sentiu aliviado da dor. Verde aproximou-se dele, e, desta vez, Mike não lhe disse para não o fazer.

- Michael, sabes o que acaba de acontecer? – a voz de Verde era suave e amável.

- Creio que sim, mas necessito que mo expliques. - Sentia-se fatigado por causa da lição. A dor tinha-o deixado exausto.

Verde continuou:

- Nunca mais te causarei dor, meu querido amigo. Prometo-te. De agora em diante aprenderás a partir de outras experiências e não a partir da dor. O que acabas de aprender é que a dor de uma das partes, afecta todas as outras. É uma experiência comunitária. Não é verdade que agora te sentes cansado? Se esta experiência só dissesse respeito ao teu dedo, como é que a tua cara pôde reflectir o efeito? Porque é que a cólera se manifestava nela? Foi o teu dedo que me gritou? Não. Foi todo o teu corpo que me gritou. O teu dedo sentiu a dor, mas todas as partes de ti participaram. O dedo foi a fonte do problema, mas asseguro-te que todas as tuas células sabiam o que estava a acontecer. O mesmo sucede com a alegria, o prazer, a paixão, e o orgulho interno da verdade. Cada célula sente tudo e possui o conhecimento da totalidade. - Verde fez uma pausa para dar realce à sua exposição. - Isto também acontece com a iluminação e a busca espiritual.

- Diz-me então onde se encontra exactamente a minha iluminação, Verde. – Desta vez Mike procurava uma resposta directa, sem piadas nem pisadelas nos dedos.

- Reside equitativamente em todas e em cada uma das células do teu corpo, Michael Thomas. Cada célula possui uma consciência da totalidade. Cada célula sabe absolutamente tudo acerca das outras. Cada uma delas participa, por completo, na vibração do ser humano. - Verde calou-se por um momento e sentou-se em frente a Mike, enfatizando: - O tempo que passares aqui será destinado à aprendizagem das características do aumento de vibração. Antes de começares, deves aceitar-te a ti mesmo como um conjunto de células que sabem tudo, e não como um conjunto de partes.

- Creio que consigo fazer isso. – disse Mike com firme intenção.

- Eu também creio. - Verde sorriu de orelha a orelha e pôs-se de pé. – Estás pronto?

Ainda ressentido pela experiência do dedo, Mike sentiu que se punha de pé de modo involuntário, ao mesmo tempo que replicava:

- Sim, senhor.

Dedicaram as horas seguintes ao ensino de anatomia humana e da saúde. Não era uma aula de medicina, mas sim recomendações para um estilo de vida natural, assim como aplicações práticas para ter boa saúde. Parecia uma torrente contínua de profunda informação sobre cada tema. O que comer, como ter energia, quando fazer exercício e porquê. E também como saber qual o momento adequado para fazê-lo. Ao longo de

todas as lições, Verde punha especial interesse em que Mike entendesse o conceito de «nós» como um Ser, que começou a sentir como se não fosse permitido ter partes. Verde estava de acordo com isso.

Mike dormiu maravilhosamente bem nessa noite, e não teve mais pesadelos. Pela manhã, Verde estava de novo junto à sua cama; depois, acompanhou Mike ao pequeno-almoço, sem deixar de o observar. Desta vez o anjo começou a explicar-lhe cada um dos tipos de alimento que ele estava a comer. Verde parecia não se importar com aquilo que Mike ingeria da magnífica selecção de alimentos, mas passou revista a cada grupo deles, enquanto Mike mastigava, tentando memorizar tudo o que ele lhe ia dizendo.

Nos dias seguintes, Mike iniciou um programa de exercícios. Em determinados dias, Verde pedia-lhe que se vestisse com o seu traje de combate, para que não se esquecesse de como se sentia ao usá-lo. Esses foram os dias em que Mike mais se divertiu. Até esse momento não tinha tido consciência da falta que lhe faziam a sua espada, o seu escudo e a sua armadura. Cingiu-os e novamente se maravilhou com a excelente forma como eles se moldavam à sua pessoa.

Verde instruiu-o sobre nutrição, plantas, ervas medicinais e de como se equilibra o corpo numa forma natural. Mike ficou maravilhado ao saber como as células trabalham unidas, como se «soubessem» algo que ele ignorava. Era tudo tão fascinante! Verde explicou-lhe, também, que havia uma subtil polaridade magnética para cada órgão e para cada célula. Todas as células sabiam o que isso era, e trabalhavam por si mesmas para conseguir o equilíbrio perfeito. Ao atingir o equilíbrio, cada célula podia rejuvenescer-se a si mesma perfeitamente. Mike aprendeu, pois, como o corpo se renova constantemente. No fim, fez uma estranha pergunta a Verde:

- Ao que parece, as minhas células... Quer dizer, nós somos muito inteligentes quando se trata de equilibrar a biologia. Se assim parece, como é que eu não sei absolutamente nada deste processo? Posso contribuir de algum modo para a situação? A minha mente não tem o conhecimento que as células possuem a respeito de tudo isto. Onde é que eu entro, enquanto Mike?

- É estranho que me perguntes isso, Michael Thomas de Propósito Puro! - Verde enfatizou a última parte da frase, e Mike soube logo o que vinha a seguir. - O teu corpo só tem necessidade que o honres com uma alimentação adequada e com um bom conhecimento do meio ambiente. Também requer que lhe proporciones uma boa manutenção. Ele fará o resto. Até agora, aprendeste como fazer para que ele se sinta confortável, como alimentá-lo adequadamente e exercitá-lo fisicamente. Os teus sistemas estão satisfeitos e ocupados, sem que tu tenhas de fazer mais nada. Chegou o momento de compreenderes a prova do Espírito, porque tens de proporcionar ao teu corpo algo que ele nunca poderia obter por si próprio. Sabes a que me refiro?

Mike pensou que sabia.

- Sim, sei, Verde.

Mike sentia-se mais sã do que nunca. Já não se envergonhava da sua nudez, especialmente quando estava com Verde, que admirava as alterações graduais operadas gradualmente no aspecto de Mike. E assim lho fez saber. Verde era como um pai amoroso e, ao mesmo tempo, como um treinador de categoria internacional.

- É chegado o momento de fazer uma escolha – aventou Mike.

Verde quase explodiu de alegria:

- Nunca antes um ser humano se deu conta disso em tão pouco tempo!

Mike compreendeu que, finalmente, tinha dito algo acertado, e ficou assombrado com a reacção de Verde. A angélica presença saiu disparada e percorreu a sala, mostrando pela primeira vez a sua habilidade para desafiar a gravidade e mudar de forma. Mike podia ter-se assustado se não tivesse percebido que a exibição era exclusivamente em sua honra. Quando Verde se acalmou, aproximou-se de Mike e colocou-se diante dele. Adoptara novamente o seu aspecto angélico verde, embora continuasse com os olhos dilatados pela alegria. Sorriu e disse:

- Michael Thomas de Propósito Puro, qual é a tua escolha?

- Decidi usar os novos dons do espírito e aumentar a minha vibração.

Mais uma vez Mike soube que tinha falado acertadamente. Verde retrocedeu uns passos, como se quisesse dar espaço à crescente sabedoria de Mike, para que esta aumentasse, envolvendo-o. O anjo estava visivelmente impressionado.

- Assim se faça a partir deste dia, Michael Thomas! Acertaste. O que as tuas células não podem fazer é usar a parte de Deus que tens dentro de ti, a qual tem o poder de optar por se iluminar a si mesma. Somente o teu espírito pode fazer isso, e embora só o teu espírito possa fazer a escolha, cada célula saberá que deste permissão. Tal como o teu espírito soube quando te magoei o dedo, o teu dedo também saberá quan-

do solicitares uma vibração mais elevada. Neste preciso momento está a manifestar-se em ti a consciência de **nós**, Michael. Todas as células sabem qual é a tua intenção... Está na hora de descansar.

Tinha sido um grande dia, e Mike começava a sentir que já estava a entender mais sobre temas espirituais. Evidentemente, o que tinha feito era muito especial. A caminho do quarto de dormir, Verde comentou que Mike expressara a intenção de alcançar um propósito sagrado: o primeiro de muitos que teria de pedir. Cada vez que fosse apropriado passar para outro nível, a biologia teria de estar equilibrada, além de que devia contar com a permissão para o fazer.

Verde estava orgulhoso de Mike, e tratava-o com mais respeito do que o habitual. Quando chegou à porta do quarto de dormir, o anjo pediu-lhe que se voltasse de novo para ele.

- Michael Thomas de Propósito Puro! O habitual é que eu desapareça agora e só volte de manhã. Já conheces a rotina. Estou aqui para te dizer que te amo muitíssimo. Os atributos de uma mudança de vibração têm consequências que deves conhecer, e às quais terás de te acostumar. Disse-te que nunca mais te magoaria e cumpri-lo-ei. Tudo o que te acontecer a partir de agora, desenvolver-se-á a um ritmo que tu possas controlar. Qualquer dor que sintas virá de ti. Nada voltará a ser o mesmo para ti. Esta noite, irás meter-te na cama sendo um ser humano de um determinado tipo; amanhã, porém, já serás outro, com todas as provas e propriedades que acarreta uma mudança vibratória.

Verde olhou para Mike durante um longo momento, e este sentiu o extraordinário sentimento de honra que o anjo professava para com ele. Mike sabia que isto era diferente. Ansiava por pedir a Verde que lhe explicasse tudo. «Qual era a diferença?... Sabê-lo-ei amanhã?... Explica-me agora!» Não verbalizou, porém, nenhuma destas perguntas, e Verde fingiu que não tinha ouvido aqueles pensamentos. Deu meia volta e saiu lentamente do quarto. Este era um procedimento pouco habitual nele. Notava-se que algo estava a mudar, e Mike percebia uma ameaça nisso. Falou em voz alta, dirigindo-se às paredes:

- Suponho que tenho de esperar alguma coisa drástica, para poder atravessar o véu que conduz ao Lar.

Mike sentou-se na cama. «Talvez tenha de me converter em anjo antes de chegar lá. Poderia ficar com uma cor especial!». Quase desatou a rir ao imaginar isto, e, como das outras vezes, esperou uma réplica de algum dos anjos que o estavam a ouvir. Mas só houve silêncio. Alguma coisa no seu interior já estava a mudar. Sentiu uma vibração na boca do estômago, e também calafrios. Sabia que devia meter-se na cama.

Mike não dormiu bem nessa noite. Passou-a quase desperto, desejando que fossem cinco e meia, pois apercebeu-se que necessitava de Verde. Sentia a sua falta. De súbito, sentiu-se inseguro. De cada vez que adormecia, tinha o mesmo sonho: Aquilo estava ali, olhando-o ferozmente. E, de cada vez, essa coisa horrível apanhava-o e destruí-a. Quando Aquilo estava a esquartejá-lo, acordava banhado em suor e cheio de ansiedade, escutando os seus próprios gritos, que, ao despertar, cessavam bruscamente. A seguir reinava o mais absoluto silêncio. Quando tornava a adormecer, tinha o mesmo sonho. Quantas vezes podiam matá-lo? Cinco? Seis? A situação parecia interminável. A sua morte repetia-se uma e outra vez, cada uma delas com uma ligeira variante. A cada ocasião, o sonho tornava-se mais real. Finalmente, não conseguiu aguentar mais e começou a soluçar. Fê-lo durante um bom bocado, consciente de que estava a esvaziar toda a sua alma na almofada. Não se lembrava de ter experimentado, em toda a sua vida, uma aflicção tão profunda! Nem sequer a morte dos seus pais lhe provocara tal descarga emocional. Chorou ruidosamente, e o seu pranto converteu-se em lamentos. Mike tinha perdido o controle. Chorou por si mesmo e pelos seus pais, chorou também pelo amor perdido e por todas as oportunidades perdidas. Sentia que Aquilo o matara, e, assim, chorou pela sua própria morte. Estava transtornado de pesar, sendo incapaz de controlar os estremecimentos do corpo, o qual tratava de detectar novas zonas de dor para mergulhar nelas e poder reagir. Por fim, conseguiu dormir algumas horas, pois ficara completamente exausto.

Mas algo estava mal. Quase não havia luz. Onde estava Verde?... Porque o tinham deixado dormir tanto?... Levantou-se e sentiu imediatamente uma dor nos músculos abdominais, devida à crispação dos intestinos causada pelo choro convulsivo da noite anterior. Levou as mãos às costas:

- Caramba! Estamos a sentir-nos muito mal! – ouviu-se a si mesmo a dizer ao corpo.

Foi ao quarto que fazia de sala de jantar, mas não havia vestígios de comida. Vestiu a túnica verde e pôs-se a procurar o anjo. Notou que os quartos, que lhe eram tão familiares, tinham começado a adquirir um tom verde acastanhado. Tratar-se-ia, simplesmente, de um efeito da luz? E, falando de luz, parecia ter havido uma falha de corrente. Onde estava Verde?... Que se passava?

- Verde! Onde estás?

Não houve resposta. Percorreu a Casa mas não encontrou o anjo em lado nenhum. Finalmente, esfomeado e cansado, foi ao quarto onde Verde lhe dera lições muitas vezes, e sentou-se. Estava perplexo e sentia que

começava a invadi-lo um negrume que era inaudito nesta viagem. Reconheceu-o: era a mesma depressão que experimentara durante muito tempo em Los Angeles, antes de ter começado toda esta história.

- O que se passa? – perguntou Mike em voz alta. Só houve silêncio.

- Onde estão todos? Azul? Laranja? Verde? Eh, rapazes, preciso de vocês!... Silêncio. Mike apercebeu-se de que a depressão começara a tomar conta da sua personalidade. Não passaria muito tempo antes que caísse no mesmo buraco, onde não lhe importava nada nem ninguém. Mas negou-se a permitir que isso ocorresse de novo.

- Muito bem, rapazes, se não querem ajudar-me, então fá-lo-ei pela via difícil... seja lá o que for que isso implique!

Mike agarrava-se desesperadamente à esperança de obter alguma reacção por parte de alguém! Voltou ao quarto de dormir e observou o que havia ao seu redor. Depois, foi ao armário. Ao abri-lo, recordou-se do mapa. Talvez este lhe fizesse alguma revelação. Sempre o fizera quando as coisas corriam mal, nessa estranha terra do «eterno presente». Encontrou facilmente o pergaminho e desenrolou-o. Mas não estava preparado para o que ia ver. Ficou a olhá-lo fixamente, incrédulo, para logo o guardar parcimoniosamente. Tornou a meter-se na cama, sem tirar a túnica, e tapou-se com a manta. Era já uma da tarde, mas não se importou. Ficou ali a olhar para a parede.

Com respeito ao mapa, no lugar onde estava sempre o indicador «Estás Aqui», havia apenas uma mancha negra: nenhuma palavra. Não havia sinais no mapa. Deixara de funcionar. Perdera a sua magia. Seria possível que Aquilo tivesse entrado na Casa durante a noite e o tivesse assassinado? O que tinha ele experimentado enquanto dormia? Sonhos ou realidade? Aquilo teria também morto os anjos? Como era possível? Estava a lutar contra a depressão e o negrume. Tentou compreender tudo e forçou a sua mente, tratando de recordar qualquer coisa, dito por Verde, que pudesse explicar a situação. Por entre a névoa escura que invadia a sua consciência, recordou o anjo quando ele garantira que «Qualquer dor que sintas, provirá de ti mesmo. Nada voltará a ser o mesmo. Amo-te muitíssimo». Tratar-se-ia de uma despedida?... Lembrou-se do que o grande Anjo Branco lhe dissera ao princípio: «Nada é o que parece...» Mike tinha de resistir. Acreditava em Deus e tudo aquilo era um estratagema. Uma prova!

Fez, então, a única coisa de que se lembrou: levantou-se e colocou a armadura. Não a sentia muito cómoda, pois pesava mais do que antes, e a espada parecia-lhe uma estupidez. Não se importou. Segurou-a com orgulho e falou em voz alta:

- Nada vencerá o meu espírito! Proclamo a vitória sobre a minha depressão!

Não houve resposta, apenas silêncio. Palavras vãs. Não houve manifestação de amor ou de respeito. Sentiu que nada nem ninguém se importava com Michael Thomas. Esta terra estava completamente vazia. Era o único que estava ali.

Mike lutava pela sua sanidade, mas não se daria por vencido! Dirigiu-se à sala de aprendizagem e ocupou o seu lugar na carteira, completamente ataviado para o combate. Permaneceu ali até ao pôr-do-sol, esperando e vigiando, no meio do absoluto silêncio duma terra carente de sons. Contudo, continuou ali sentado, alerta. Não sabia o que o esperava, mas negava-se a abandonar-se à escuridão da depressão a que aderira, tão convincentemente, antes de se internar naquela terra formosa.

Por fim, adormeceu na penumbra da sala. Mas, desta vez, o seu sonho não foi conturbado. Começava a criar paz, ali, onde dantes não havia. O seu poder para realizar isto tornava-se cada vez mais evidente. Enquanto dormia, a sua Espada oscilava e «cantava» para si, respondendo ao novo índice vibratório do valioso ser humano a que pertencia; mas Michael Thomas não estava consciente disso. O seu Escudo resplandecia ligeiramente, reagindo às novas instruções de uma biologia que se transformava; mas Michael Thomas não estava consciente disso. A sua Armadura mantinha-o a uma temperatura agradável, respondendo ao novo conjunto de instruções espirituais, provenientes duma fonte de sabedoria, que acabava de despertar no ADN de Michael; mas Michael Thomas não estava consciente disso. Todas as células do seu corpo estavam a sofrer uma transformação, e essa metamorfose estava quase terminada. Dormiu verdadeiramente bem.

* * *

Na manhã seguinte, quando despertou, a situação alterara-se. Continuava sentado na carteira onde passara a noite, mas o salão estava mais alegre e mais luminoso. Levantou-se e pôs à prova a sua mente. É estranho, mas aquilo em que pensou em primeiro lugar não foi se continuava sozinho ou não, mas se se sentia bem. A depressão desaparecera!

Apercebeu-se que trazia vestido o traje de combate, mas, de certo modo, já não o notava. Enquanto caminhava energeticamente para a sala de jantar, a ver se ia passar mais um dia de fome, notou o delicioso aroma de um bom pequeno-almoço. Soube, então, que tudo estava bem, de novo. Comeu como nunca! Dado que estava esfomeado, quase faminto, devorou a comida que lhe tinham preparado. Desfrutou imenso da sensação de bem-estar. De repente, apercebeu-se que estava a cantar a plenos pulmões, com a boca cheia.

- Oxalá a minha mãe pudesse ver-me agora! – disse, verbalizando os pensamentos em voz alta, enquanto mastigava alegremente. Tinha as comissuras dos lábios besuntadas de gema de ovo. – Também se envergonharia das minhas maneiras...

- Pois acredita que ela está muito orgulhosa de ti, Mike – afirmou Verde aparecendo pela fresta da porta. - Todos estamos!

Mike levantou-se para mostrar respeito pelo seu amigo Verde. Estava encantado por tornar a ver o anjo.

- Verde!!! – gritou de alegria. – Não sabia se voltaria a ver-te! Por favor, senta-te aqui comigo!

Mike voltou a sentar-se e continuou a comer.

O enorme anjo dirigiu-se à mesa, sentou-se na sua frente e esperou que Mike iniciasse a conversa. Sabia que o seu amigo humano tinha dúzias de perguntas a fazer sobre o que ocorrera no dia anterior, mas queria saber quanto tempo demoraria até começar a fazê-las. Houve um silêncio enquanto Mike cantarolava e comia ao mesmo tempo, olhando-o com olhos brilhantes e sorrindo como um tonto. Verde observava aquele comportamento e examinava o corpo de Mike com o olhar, reparando no traje de combate. Sem se poder conter mais, comentou sorrindo:

- Que linda espada!

Mike riu às gargalhadas com a observação, lembrando-se que fora esse o primeiro comentário que Verde fizera, à sua chegada. A comida que estava a mastigar saiu disparada da sua boca, qual metralha, espalhando-se por todo o lado. Ao ver isto, o grande Anjo Verde também começou a rir. Então, abraçaram-se afetuosamente. Era a primeira vez que era permitido a Mike tocar num anjo daquela terra, e, intuitivamente, sabia que, agora, era apropriado fazê-lo. Nenhum dos dois conseguia parar de rir. Nesse momento, Mike apercebeu-se que estava a dançar com o grande anjo verde, ao ritmo da música do seu espírito, pisando os deliciosos pães que tinham caído da mesa com a excitação.

De repente, Mike apercebeu-se que tinha pedaços de bolo de amora entre os dedos dos pés. A sala estava numa barafunda, mas ele não se importava. Voltou a sentar-se e sentiu uma opressão no peito por causa da agitação e da euforia. Teve de fazer um esforço para se recuperar do efeito das manifestações de júbilo. Finalmente, disse a Verde, que se encontrava à sua frente:

- Sabes uma coisa? Tinha a certeza que ias voltar!

- Como é que estavas tão seguro disso?

- Porque me disseste que gostas de mim.

- E gosto muito – reiterou Verde, sorrindo de novo. Mike deu um piparote a um dos inúmeros fragmentos de comida, que estava espalhada por todos os lados. E, após uma pausa:

- Verde, é verdade que o meu pai e a minha mãe me podem ver? - Esta era a pergunta mais importante para ele. Recordou o comentário que o Anjo fizera ao entrar na sala, momentos antes.

- Que essa seja a tua primeira pergunta, é uma amostra da tua nova consciência, Michael Thomas de Propósito Puro. Às vezes, nós, os anjos desta terra, fazemos apostas sobre qual será a primeira pergunta que a pessoa fará, depois de enfrentar o desafio do Caminho. Mas tu ainda não fizeste aquela que os outros costumam fazer. Apesar de já estarmos aqui há um bom pedaço de tempo, ainda não fizeste a tal pergunta, e, em vez disso, perguntaste pelos teus pais. Na verdade, estou perante um ser humano muito especial!

Mike não podia afirmar com segurança, mas acreditava que Verde estava um pouco emocionado, se é possível que tal coisa suceda a um anjo. Depois de pausa, Verde falou de novo:

- Sim, Michael Thomas, os teus pais podem ver-te, e estão muitíssimo orgulhosos de ti. – O anjo esperou que Michael lhe fizesse mais perguntas. Mas Mike reflectiu sobre o que Verde lhe dissera e comentou:

- Creio que sei, exactamente, o que aconteceu ontem.

Verde meneou a cabeça e disse:

- De verdade? Então, explica-me.

O anjo era todo ouvidos. Normalmente, nesta altura do processo de ensino que se aplicava a um ser humano na Casa da Biologia, o anjo dedicava todo o seu tempo a tratar de explicar ao perplexo discípulo, para onde tinham ido todos no decurso do dia anterior, e o motivo da horrível e solitária jornada, em aparente escuridão espiritual.

- Eu mudei, Verde, tal como vaticinaste. Sinto-me diferente, sinto-me... – fez uma pausa momentânea e continuou: Sentimo-nos investidos de poder. Tenho um conhecimento sobre ti, Verde, que antes não pos-

suía. De algum modo, passaste a ser o meu mestre e a exercer o papel de... procurou a palavra adequada, mas a pausa alongou-se demasiado. O anjo interveio:

- ... Família?

- Sim! – assentiu Mike rapidamente. Começava a sentir-se introspectivo, mas continuou - Pensei que o sucedido ontem era uma prova, mas não era.

Verde continuava à escuta, permitindo que Mike expressasse as suas ideias a respeito do que se passara.

- Sei que, no fim, me darás os detalhes do que aconteceu, e creio saber por que aconteceu – Mike falava lentamente, e com intenção, como o faria um instrutor. – Verde, cada uma das células do meu corpo sentiu um abandono. Foi como se eu me tivesse apagado e morrido. Não havia consolo em parte alguma. Nem sequer a minha própria mente era capaz de me dar uma só razão para existir. De algum modo, eu era um ser humano neutro. Quando olhei para o mapa foi quando percebi o que se passava. Tratava-se de um sinal para a minha mente, e dei-me conta do que acontecia.

Verde estava impressionado. Nunca antes um estudante da Casa Verde fora tão preciso e consciente das características da mudança vibracional. Habitualmente, era preciso muito tempo para as poder explicar. O anjo sabia que estava perante um ser especial: Michael Thomas. Sentiu-se orgulhoso do seu aluno e amou-o ainda mais. Mike continuou:

- O mapa também estava morto. Eu encontrava-me no limbo. Então, soube o que estava a acontecer. Para receber o dom espiritual do propósito, tinha de passar por uma espécie de renascimento. Foi como se a energia se tivesse apagado da minha existência durante um dia inteiro, para ser restabelecida, depois, num novo circuito. Senti que, se fosse capaz de conservar a postura nesse transe, no fim, ficaria bem. Para conseguir isso, vali-me de uma visualização na qual tu aparecias a dizer-me que me amas. Foi a única coisa que funcionou. Quando pensava em ti, conseguia concentrar-me na razão por que estou aqui. – Mike olhou para Verde e sorriu, tentando ocultar os seus olhos cheios de lágrimas. - Tenho razão?

- Praticamente não me sobra nada para acrescentar, Michael Thomas de Propósito Puro. - Verde pôs-se de pé para enfatizar o que dizia. – Dir-te-ei o seguinte: quando pensavas no meu amor por ti, não era somente em mim que pensavas. Eu faço parte de um colectivo, Michael. Quando falas comigo, estás a falar com a Totalidade. Tu também és parte dela, mas não a percebes como tal. À medida que a vibração for subindo de nível, compreenderás todas estas coisas. Quando sentias o amor daquele a quem chamas Verde, também estavas a sentir o amor de Azul, o de Laranja, o amor dos teus pais, assim como o de todos aqueles que vais encontrar ao longo do caminho. Ainda não os conheces, mas eles conhecem-te. Todos somos UM, Michael, e tu percebeste isso no momento de maior necessidade. A tua intuição impôs-se. Que dom possuis já!

Mike sabia que ainda havia mais, de modo que permaneceu em silêncio, esperando que Verde ordenasse os seus pensamentos e continuasse a falar:

- Tudo o que expressaste é correcto, meu sábio amigo humano. Para poderes passar para um nível superior, há um período de desafios. Constitui um lapso de tempo no qual, todos os que integramos o colectivo, devemos afastar-nos para permitir que mudes. Não podemos fazer nada por ti durante esse período, já que a nossa energia interferiria no processo. Tu estás espiritualmente capacitado para levá-lo a cabo. Sentiste a perda da tua família, Michael. Também sentiste desamparo e vazio durante o breve lapso de tempo em que tiveste de ficar só. A única coisa que te manteve centrado foi o amor, e eu, como instrutor desta Casa, nunca poderia dar-te a solução que encontraste por ti mesmo, na escuridão. Felicito-te pela percepção e maturidade que demonstraste neste sítio – Verde fez de novo uma pausa para deixar que Mike assimilasse o conteúdo. - Tens agora alguma outra pergunta a fazer?

- Sim. Isto vai acontecer de novo?

- Sim, voltará a acontecer de cada vez que passes para um novo estado vibratório.

- E o que posso fazer para resolver isto melhor, para a próxima vez?

Verde olhou-o de frente e falou seriamente:

- Terás que reconhecer que isso está a ocorrer e procurar manter-te ocupado com outras coisas. Não deves prender-te à situação, não esquecendo que é passageira. É necessário dar-lhe um carácter cerimonial! É preciso honrar o processo, mesmo que nesse momento estejas imerso na escuridão. Faz exactamente o que fizeste, Michael Thomas de Propósito Puro. Sente o amor que está implícito no dom!

Mike compreendeu tudo isto e assimilou-o.

* * *

As lições continuaram a ritmo lento, nos dias seguintes. Havia mais ensinamentos a partilhar, por causa do novo índice vibratório de Mike. Foram-lhe transmitidos conhecimentos subtis respeitantes ao corpo, e foram-lhe mostradas diversas maneiras de saber se havia algum desequilíbrio. Verde explicou em que consistiam os

novos padrões de sono, assim como as novas preferências alimentares que podiam acompanhar cada mudança vibratória. Era preciso memorizar tantas coisas!

Aproximavam-se os últimos dias na Casa Verde, e o anjo abordou um novo tema, nunca antes tratado.

- Estás preparado para falar de sexo? – perguntou. Mike quase caiu da cadeira abaixo com a impressão sofredora. Olhou para o seu enorme amigo verde, para ver se ele estava a gozar com ele.

- Deves estar a brincar! - Mike sentia-se perturbado.

- Não, não estou!

Mike falou então em voz baixa, como se alguém mais pudesse ouvir:

- Verde, esse não é um tema próprio para anjos. Trata-se de algo que os humanos fazem no escuro. Tem a ver com a luxúria. E mais: admira-me muito que utilizes essa palavra! – Depois, desviando o olhar para um canto da sala, acrescentou – Não creio que devamos tratar deste tema, num lugar tão sagrado como este.

Verde mostrou-se inflexível.

- Não é o que pensas, Michael. A tua reação ante este tema é, unicamente, a percepção que vocês, humanos, têm a respeito dele. Trata-se de uma questão biológica, e é por isso que estás aqui.

O anjo guardou silêncio, permitindo que Mike desse tempo a si mesmo para pensar no que acabara de ouvir. Mike resignou-se. Sabia que não podia escapar a nada do que Verde tivesse para lhe ensinar. Vieram à sua mente imagens de uma aula de educação sexual na Faculdade, na qual um infeliz professor teve a difícil tarefa de explicar, a um grupo de rapazes, aquilo que, na realidade, eles já sabiam. Durante todo o tempo que durou a exposição do tema, os alunos não pararam de rir à socapa, ao estilo das meninas, olhando uns para os outros com cumplicidade. A maioria teria preferido estar noutro lugar. Era um tema demasiado íntimo.

- Verde, temos que tratar desse tema?

- Sim.

O que aconteceu em seguida, mudaria para sempre a visão de Michael Thomas no respeitante às relações físicas entre seres humanos. Verde falou com eloquência, como se estivesse a basear-se na sua experiência pessoal... apesar de ser assexuado! Explicou que o sexo era um dos aspectos espirituais da biologia. Descreveu, perante um Mike atônito, qual era o verdadeiro propósito da sexualidade, e o que os homens e as mulheres deviam obter dessa experiência, aparte dos filhos. Falou sobre a elegância que implicava elevar, simultaneamente, a consciência de dois indivíduos, atingindo conjuntamente o clímax de uma emoção, de determinada forma. Deu exemplos de como funcionam as coisas no plano espiritual do corpo, quando a paixão era controlada e canalizada de modo específico. O sexo era um verdadeiro catalizador da iluminação!

Durante a explicação, Mike permaneceu calado.

- Nem posso crer! – disse, apoiando a cabeça entre as mãos. – Sempre acreditei que era um tema sujo, algo que não se podia referir. Caramba! Isso é que é um conceito! Espera que os padres se inteirem disso!...

Mike estava a dizer piadas, mas, na verdade, o conceito ultrapassava aquele jovem campesino, que tinha aprendido sobre este tema unicamente através da observação do comportamento animal, quando era criança e, anos mais tarde, através dos fragmentos de informação distorcida recebidos dos seus amigos, adolescentes como ele. Captou imediatamente o assunto, e levantou a cabeça, exclamando:

- Verde, quanta coisa eu perdi! Podia ter vivido essa experiência com uma mulher que amei. Agora é demasiado tarde...

- Não sejas severo com a tua conduta, Michael. Nem tudo é o que parece. Embora tenhas recebido esta informação um pouco tarde, ela terá o seu propósito, enquanto segues o teu caminho. O importante disto é a informação em si mesma, embora a sua aplicação te possa parecer deslocada na tua viagem. A chave está em alterares a tua atitude, e olhares para o processo como uma coisa sagrada. Isso ajudar-te-á a honrar a tua biologia, mais do que já honras.

Verde tinha razão. Mike era um ser humano do sexo masculino, que continuava a ter as suas fantasias e os seus sonhos, inclusive num sítio como aquele. Chegara o momento de começar a honrá-los, em lugar de os perceber como algo mau ou sórdido. Significava muito para ele. Compreendeu como tudo aquilo se encaixava na perspectiva de conjunto, e sentiu-se mais completo. Agora, essas partes do seu corpo consideradas íntimas, podiam integrar-se no **Nós** com mais respeito. Mike riu ao pensar nisso. Verde observou o seu processo, e sorriu como resposta.

No dia seguinte chegou o momento de partir. Mike vestiu a roupa nova, que lhe fora proporcionada magicamente na Casa Verde. A experiência da sua estadia ali tinha sido a mais profunda de toda a sua vida. Não soube o que dizer quando parou no umbral da porta da Casa, recebendo o cálido sol e acompanhado pelo anjo. Sentia-se muito bem. O seu traje de combate luzia esplendidamente sobre a roupa nova, cujos materiais tinham sido seleccionados para lhe proporcionarem uma agradável sensação. Tanto as roupas como o

equipamento moldavam-se perfeitamente ao corpo, e sentia-se maravilhado porque, aqueles que tinham confeccionado a sua roupa, estavam a par da sua nova medida, adquirida através do exercício físico que praticara, durante as semanas que ali passara.

Verde olhou para ele detalhadamente e, por um momento, pousou a vista na arma de Mike. Estava prestes a dizer algo, quando Mike o interrompeu:

- Já sei: «Que linda espada»!

Desta vez foi o anjo que soltou uma gargalhada.

- Tiraste as palavras exactas da minha angelical e verde boca...

Fez-se um incómodo silêncio, enquanto os dois permaneciam sob os cálidos raios de sol. Mike foi o primeiro a falar novamente:

- Promete-me que nos tornaremos a ver.

- Prometo-te – afirmou Verde no mesmo instante e sem reservas.

- Queres perguntar-me alguma coisa? – Mike pronunciou estas palavras recordando o protocolo das duas Casas anteriores. Antes de partir, em cada uma delas tinham-lhe perguntado se amava a Deus.

- Sim, tenho que te perguntar uma coisa, e já sabes o que é. – Verde olhou intensamente para Michael Thomas – Queres responder sem que te faça a pergunta?

- Sim. - disse Mike cerimonioso. - Amo a Deus com todo o meu coração. O meu propósito é puro e o meu corpo é uno com o vosso Espírito. Estou mais perto da vossa vibração do que dantes, e essa proximidade tem um sentimento de propósito, sacralidade e pertença. Estou a caminho do Lar.

Não havia nada que Verde pudesse acrescentar. Diferentemente das vezes anteriores, nas quais o anjo simplesmente entrava em Casa sem dizer mais palavra, desta vez foi Mike quem se pôs em marcha sem dizer adeus. Cheio de confiança, tomou o caminho e dirigiu-se para o norte, rumo às colinas, onde se encontrava a próxima Casa. Verde ficou no alpendre até que Mike saiu do seu campo visual e do seu ouvido. Então, falou em voz alta, aparentemente para si mesmo:

- Michael Thomas de Propósito Puro, se sobreviveres à próxima Casa, realmente serás o guerreiro que eu acredito que és.

E ficou no alpendre, à espera.

* * *

Não se passou muito tempo antes que a detestável e feia criatura, verde-escuro, passasse silenciosamente diante da Casa, arquitectando a sua sinistra perseguição. Passou olhando de frente para Verde, mas o anjo não disse nada, nem lhe deu nenhum reconhecimento ou resposta. Sabia tudo acerca de Aquilo, e sabia que, em breve, também Mike o saberia. O anjo sorriu ao pensar nisso.

- Será um grande encontro! – exclamou.

A seguir deu meia volta e entrou na Casa Verde.

8 - A Quarta Casa

Mike ia andando despreocupadamente pelo caminho, sentindo-se melhor que nunca. A sua roupa nova, feita à sua medida, e o seu equipamento de combate complementavam-se de um modo perfeito, formando um conjunto que parecia intrínseco a essa grandiosa terra. Mike tinha uma estranha sensação de familiaridade em relação ao que o rodeava. Apesar de ter passado grande parte do tempo da sua viagem dentro das diversas Casas, o caminho era-lhe de algum modo familiar. Tinha começado a reconhecer o cheiro e o aspecto das coisas que o cercavam. Era como se as recordações da sua vida anterior estivessem a esfumar-se e as insólitas características dessa nova terra as substituíssem. Tinha a sensação de «recordar» todas essas coisas, apesar de saber que nunca tinha estado ali.

Mike também experimentava uma intensa sensação de novo poder. Sentia como se realmente pertencesse àquela terra. Sabia que uma boa parte dessa percepção se devia aos recentes acontecimentos que vivera na Casa da Biologia. Cada vez que recordava Verde sorria de orelha a orelha. Enquanto ia andando, reflectia sobre o facto de que tinha, realmente, passado para um novo nível durante a sua estada na Casa Verde. Que mais iria encontrar? Só tinha estado em três das sete Casas, e perguntava-se que outras lições o esperavam.

Subitamente, ouviu um ruído atrás de si. Virou-se automaticamente com a rapidez de uma chispa, adoptando uma posição de alerta defensiva. Ele mesmo se surpreendeu por quão instintiva fora a sua reacção. Estava inclinado para a frente e a sua mão segurava com força o ornado punho da sua magnífica Espada da Verdade. Era imaginação sua ou era certo que o punho estava a vibrar? Toda a atenção se concentrou nos seus ouvidos, enquanto permanecia imóvel como uma estátua, esperando passar rapidamente a uma desconhecida, ainda que perfeita, acção.

Mas não havia nada nas redondezas.

Podia ter sido o vento, embora tivesse notado que os ramos das árvores mais perto não se moviam. Movendo unicamente os olhos mas mantendo o resto do corpo completamente imóvel, Michael examinou detalhadamente a zona. Que precisão tinha adquirido a sua visão naquele lugar! Desde que iniciara a viagem não se recordava de ter tido jamais essa maravilhosa precisão visual. Era como se alguém tivesse acendido uma luz brilhante onde antes não existia.

Mike mudou o foco da sua atenção dos ouvidos para os olhos, e observou atentamente cada grande rocha e cada elemento do seu campo visual.

Mas não havia nada nas redondezas.

Começou a aperceber-se de que ao mesmo tempo que se sentia cómodo na sua recente terra recém descoberta de Casas coloridas ela também escondia o perigo. Seria possível que a sinistra aparição, que estivera tão presente nos seus sonhos enquanto permanecera na Casa da Biologia, continuasse ali? Devia ter cuidado. E, ainda que possa parecer estranho, não teve medo. Permaneceu imóvel, atento, forçando os seus sentidos até ao limite.

Nesse estado de elevada consciência, Mike estava a descobrir algo novo sobre as suas capacidades. Embora não visse nem ouvisse nada anormal, **sentia** que ali havia algo. Experimentava uma profunda inquietude no fundo da sua alma; era uma sensação de perigo e de aviso para todo o seu ser, ainda que...

Ali não havia nada.

Lentamente, deu meia volta e continuou a andar pelo caminho ensolarado, virando levemente a cabeça de um lado para outro, tentando ouvir qualquer ruído gerado atrás de si, num esforço por detectar antecipadamente qualquer anomalia. Enquanto ia andando conjecturava sobre o enigma. «O que poderia ser? Como era possível que existisse uma entidade tão obscura numa terra que transpirava tanto amor e descoberta espiritual? Porque é que o perseguiam? Porque é que nenhum dos anjos quis falar disso?» Era tudo um mistério, mas Mike sentia que estava prevenido e não permitiria que essa coisa abjecta e maligna lhe saltasse em cima de repente, como já o fizera antes. Permaneceu alerta, com uma constante sensação de perigo.

Mike caminhou até ao final da tarde. A noite começou a cair e a Casa seguinte ainda não estava à vista. Deteve a sua enérgica marcha e virou-se para ver o caminho que acabara de percorrer. Tirou o mapa, lentamente e sem deixar de vigiar atentamente a zona atrás de si para ver se ouvia algo ou detectava algum movimento. Tranquilizou-se ao verificar que o seu valioso mapa estava a funcionar de novo e que lhe mostrava o «momento presente». Ali estava, como antes, o ponto com a inscrição **Estás aqui** e precisamente junto ao limite da pequena área que o rodeava encontrava-se a Casa seguinte, exactamente à saída da curva. Mike sorriu para si, guardou o mapa e recomeçou o caminho.

Percorrer o trajecto até à Casa seguinte ocupara-o durante quase todo o dia. Apercebeu-se que as Casas estavam situadas em lugares suficientemente afastados para que, quem quisesse chegar a elas, tivesse de fazer um esforço, embora sem necessidade de passar uma noite ao relento. Mike alegrou-se, sentia-se um pouco cansado e sabia que nem todo aquele cansaço era físico. O estado de alerta em que estivera durante horas cobrara a sua quota de energia.

Durante o misterioso lapso de tempo em que ocorre o ocaso, tudo parece adquirir um tom claro; nesse preciso momento, enquanto fazia a curva do caminho, avistou a Casa seguinte. Embora o ambiente reflectisse os tons laranja e vermelho do dia minguante, a Casa, de estilo campestre, parecia brilhar com uma cor violeta pura, sem que as tonalidades das cercanias a afectassem minimamente. Mike deteve-se boquiaberto, pasmado. Jamais vira uma cor tão bonita! O violeta era intenso, sereno e vigoroso ao mesmo tempo. Teve a sensação de que toda a estrutura era translúcida e, de algum modo, estava iluminada desde o interior. Continuou a andar, enquanto se lembrava que não era prudente deter-se muito tempo, embora estivesse relativamente perto do objectivo.

A visão do formoso edifício foi só um preâmbulo do que ainda estava por acontecer, porque, quando o anjo apareceu na porta para lhe dar as boas-vindas, Mike ficou sem fala. Nunca tinha visto uma criatura tão bela! Sentiu que talvez devesse ajoelhar-se por respeito à visão que estava diante si. O que estava a acontecer? Alguém aumentara a percepção das cores nos seus olhos? Não se lembrava de ter visto uma cor assim! Guardou um respeitoso silêncio ante a visão, como um menino que contempla um pôr-do-sol pela primeira vez na sua vida, perguntando-se se havia magia naquilo. E então ouviu a voz. E que voz! Era suave, acariciadora e parecia vir das entranhas da tranquilidade, trazendo serenidade até ao ar que transportava a sua vibração. E era uma voz inequivocamente feminina!

- Bem-vindo, Michael Thomas de Propósito Puro! - disse a serena voz. Estávamos à tua espera.

Mike, atordoado, não disse nada. Nem sequer podia pensar com coerência para que o anjo lesse o seu pensamento! Estava mudo de assombro. Apercebeu-se de que até deixara de respirar. Ela sorriu e continuou:

- Sou tão feminina como Verde, Michael. Nós, os anjos, não temos sexo mas possuímos todos os atributos dos vossos dois sexos biológicos. A minha voz e o meu aspecto têm o propósito de que te sintas mais cómodo nesta Casa.

Mike não entendeu quase nada do que Violeta lhe estava a explicar. Voltara a respirar com normalidade, mas não sabia o que dizer. Mas tentou, perturbado pelo som grasnante que acompanhava as suas palavras.

- Que bonita que tu és!

Sabia que a sua saudação, além de soar distorcida, era incrivelmente estúpida. Imagine-se! Dizer aquela parvoíce a uma entidade tão bonita! Sentiu-se tão pateta como quando, ainda criança, pela primeira vez se viu na situação em que era necessário dizer algo inteligente a um adulto e foi incapaz de o fazer. O atordoamento de Mike devia-se, em parte, à incongruência do que estava a admirar: na sua frente estava um enorme ser angélico e todo ele parecia um compêndio de delicadeza feminina. Mas também se apercebia que, na realidade, não havia nenhuma diferença corporal entre Violeta e qualquer um dos outros anjos. Todos eram enormes, e usavam roupas difusas e ondulantes – exactamente da cor das suas respectivas Casas – que ocultavam e disfarçavam todos os seus caracteres. Mas... aquele rosto! A cara de Violeta era indubitavelmente feminina. Tinha a mesma delicadeza dos rostos da sua avó e da sua mãe, a beleza de uma santa. Mike suspirou e tentou novamente:

- Perdoa-me... hum... Violeta.

Nesse momento, pensou que estava a infringir as normas da cortesia, ao dirigir-se a ela usando o nome da sua cor, uma vez que também era o nome de uma mulher. Tentou explicar-se:

- Não esperava... Quero dizer... não sabia que havia anjos do sexo feminino.

De novo Mike se arrependeu de ter aberto a boca. Que raio de estupidez estava a dizer? Claro que havia anjos do sexo feminino! Em quase todas as pinturas de anjos que vira o anjo protagonista era do sexo feminino. Mas, dado que Violeta continuava ali, voltou a tentar:

- O que quero dizer é que... Nenhum dos outros anjos... O que pretendo dizer é que... pareciam bonitos... Isto é, homens... do sexo masculino.

Mike gostaria de ter rebobinado o episódio e começar do princípio. Tinha perdido, momentaneamente, tanto as suas habilidades para se comunicar, como a sua eloquência. Fracassara rotundamente na sua intenção de saudar correctamente aquele ser. Suspirou novamente e limitou-se a encolher os ombros. Violeta sorriu.

- Percebo-te perfeitamente, Michael Thomas.

O olhar que lançou a Mike poderia ter derretido a sua armadura. Não se tratava de erotismo. Era um sentimento de um incrível amor, de essência pura e maternal. Fora isso que apanhara Mike de surpresa. Era como se, subitamente, tivesse encontrado novamente a sua mãe; tinha a sensação de estar a reunir-se com

a família, desaparecida há bastantes anos, tudo isso acompanhado de uma impressão de alegria e incredulidade. Ah! Como já passara tanto tempo desde a última vez que o tinham fitado daquela maneir! Teve vontade de ser abraçado carinhosamente, ainda que, logo de seguida, se tenha sentido a corar por ter tido tais pensamentos, pois sabia que Violeta poderia captá-los. Ela continuou:

- Depressa te acostumarás, Michael. Há motivos para que eu apareça diante de ti com este aspecto. Não é o que costumava adoptar para os outros que percorrem este caminho mas, desta vez, o meu aspecto mudou por tua causa.

Mike entendeu: o aspecto e o comportamento de Violeta eram para o beneficiar. Aceitou o facto mas ainda se perguntou que necessidade tinha ele de «ver» um anjo maternal.

- Porque ganhaste essa dádiva. Nem tudo o que existe aqui é uma lição, Michael. Muito de tudo isto é-te proporcionado na forma de dons para a tua evolução. Embora ainda só tenhas passado por três Casas, já te destacaste como um dos seres humanos mais especiais entre todos os que vieram visitar-nos.

Mike assimilou as palavras do anjo e, antes que pudesse pensar na resposta, Violeta pediu-lhe algo que jamais esqueceria.

- Michael Thomas de Propósito Puro, por favor, tira os sapatos - disse suavemente.

Mike fez o que o anjo pediu e, ao reparar, junto da porta, num espaço destinado a colocar um par de sapatos, deixou ali os seus. Encaixaram perfeitamente.

- Michael. Queres saber por que te pedi para tirares os sapatos?

Mike meditou um pouco sobre a pergunta:

- Será porque o chão do interior da Casa é sagrado? - respondeu lembrando-se de Moisés e da Sarça Ardente, assim como do diálogo desse episódio.

- Se fosse por causa disso, porque é que os outros anjos não te pediram o mesmo?

Mike continuou a reflectir sobre o tema e fez outra tentativa:

- Será porque tu és um anjo muito especial?

Violeta divertia-se com o jogo e começou a emitir pequenos risos sufocados. Mike ficou perplexo e percebeu que a sua resposta não era a correcta.

- Passa, por favor - disse Violeta, dando meia volta e entrando em Casa. Ele seguiu-a, um pouco contrariado porque a conversa ficara a meio. Por isso, ao entrar, disse:

- Violeta, explica-me: por que me pediste para tirar os sapatos?

- Serás tu que o explicarás a **mim**, antes de abandonares esta Casa - respondeu Violeta, continuado a guiá-lo.

Mike não gostava quando os anjos o faziam esperar para lhe dar as respostas, especialmente quando lhe pediam tacitamente que as encontrasse por si mesmo. «Demasiado trabalho», pensou.

- Essa é a razão por que estás aqui - disse Violeta enquanto se dirigia para o interior da Casa Violeta. E de novo Mike se sentiu pateta por ter tido aqueles pensamentos.

A Casa Violeta era muito simples, ao contrário da sua anfitriã. Mike apercebeu-se de que, devido ao assombro que a aparência do novo anjo lhe causara, se tinha distraído e não lera o letreiro que definia a Casa.

- Violeta, como se chama esta Casa? - perguntou. Violeta deteve-se e voltou-se para ele.

- Esta é a Casa da Responsabilidade, Michael Thomas.

Violeta esperou pela reacção de Mike com uma bela expressão de expectativa. E naquele instante Mike ficou a saber que ia ter problemas.

- Ah! - disse quase inexpressivamente, sem reagir como Violeta esperava.

O anjo deu meia volta e continuou a andar.

Mike começou a preocupar-se a partir do momento em que ficou a saber o nome da Casa. Mentalmente, imaginou vários guiões acerca do que aconteceria durante a sua estadia ali. A palavra «responsabilidade» sempre lhe fora desagradável, em grande parte porque os seus pais insistiam muito no tema, por uma coisa ou por outra. Sobretudo, empregavam a palavra num tom crítico. Anos mais tarde ouviu a mesma cantilena da boca das mulheres com quem saía, acompanhada habitualmente por algum tipo de queixa sobre a sua educação. «Por que será que as mulheres tentam sempre corrigir-me?», pensou. Nesse momento teve um pensamento horrível: talvez a aparência feminina de Violeta tivesse o mesmo propósito. «Deus envia-me outra mulher para me fazer mudar?... E se Deus fosse uma mulher?... Essa seria uma piada sumamente perversa!» E sorriu ao pensar nestes pensamentos criados pela sua masculinidade humana. Mas sabia, com toda a certeza, que aquilo sobre o que estava a especular não era verdade. Deus não era nem masculino nem feminino. Contudo, divertia-se a criar tais complicações mentais. Mas... do que trataria a Casa da Responsabilidade?

Violeta estava a conduzi-lo através de um labirinto de salas bem mais pequenas, enquanto se dirigiam ao lugar onde Mike iria jantar.

- O que há aqui dentro? - perguntou ao passar diante de um grande porta dupla.

- O auditório - respondeu Violeta sem abrandar o passo.

«Um auditório?». Os pensamentos de Mike corriam depressa, enquanto seguia Violeta. Para que existirá um teatro num lugar angélico?... Vai haver alguma representação?» E teve outra ideia, ainda mais estranha: «Talvez passem um filme!» Pensou então que seria muito divertido se ele e Violeta fossem, juntos, ao cinema no dia seguinte. Iriam ver um dos muitos filmes populares sobre anjos?... Perante esta ideia quase se pôs a rir em voz alta. Violeta, que sabia exactamente o que Mike estava a pensar, também se divertiu bastante com a ocorrência... ainda que por outras razões.

Finalmente, chegaram ao seu destino. O restaurante e as zonas de alojamento tinham um aspecto muito similar ao das outras Casas. No armário havia umas sapatilhas para Mike, assim como bonita roupa, de cor violeta evidentemente, confeccionada para ser usada durante a sua estância ali.

Mike apercebeu-se do odor a comida. Uma vez mais, conduziram-no a um restaurante onde havia uma apetitosa selecção de alimentos. Como poderiam eles saber, tão precisamente, quando iria ele chegar? E por falar nisso... Mike nunca vira ninguém que preparasse a comida ou fizesse as limpezas. Lembrou-se da balbúrdia que ele e Verde tinham deixado, depois daquele episódio tão engraçado em que a pele dos seus dedos tinha ficado manchada e que as manchas tinham levado dias a desaparecer. Como se de duendes se tratasse, alguém chegava, preparava a comida e ia-se embora, tudo isto sem que ninguém se apercebesse. Que lugar este!

Mike virou a cabeça julgando que Violeta já saíra, tal como tinham feito os anjos das outras Casas. Mas ele continuava ali.

- Está tudo a teu gosto, Michael? - perguntou. Violeta era uma criatura verdadeiramente bela e Mike sentia-se reconfortado pelas suas qualidades maternais.

- Sim, obrigado - respondeu, sentindo vontade de lhe fazer uma reverência.

- Começamos pela manhã. Boa noite, Michael Thomas de Propósito Puro.

E depois de assim ter falado, saiu da sala.

Algo estava diferente. Verde alterara o protocolo permanecendo no alpendre, enquanto Mike se afastava da Casa da Biologia; agora, Violeta também tinha mudado as coisas. Estariam os anjos a tornar-se mais educados?... Estariam a adoptar as regras da etiqueta dos humanos?... Embora tivesse notado a diferença, optou por não fazer perguntas sobre o assunto. Comeu, meteu-se na cama e adormeceu num instante. Sentia-se a salvo, aconchegado e amado. No dia seguinte começaria outra aventura e sabia que faria diversas descobertas através das lições que Violeta iria ministrar-lhe. Sonhou com a sua infância e com os seus pais, e sentiu-se bem.

* * *

No exterior da casa, a sinistra, vil e escorregadia forma já estabelecera um posto de vigilância. Estava observadora e, simultaneamente, indignada. Quando Mike saíra da Casa Verde e tomara o caminho para a Casa seguinte, Aquilo ficara atónito ao verificar as mudanças que se tinham produzido nele. O seu poder aumentara... e mais, usava aquelas malditas armas! Inesperadamente, Michael estava tão preparado como um verdadeiro guerreiro! E além disso não tinha medo! O que sucedera naquela Casa que o transformara daquela maneira? Aquilo estava furioso, porque a oportunidade que tivera de enfrentar Mike durante a tempestade acabara num rotundo fracasso. Começou, então, a urdir um plano melhor para emboscar o humano. Conjecturou que, se Michael pretendia ser um guerreiro hábil, deveria ter escolhido uma rota secundária, em vez de ir por um caminho mais conhecido. Foi assim que chegou à conclusão de que Michael continuaria a seguir pelo trilho principal. Aliás, tinha de o fazer pois não sabia onde ficava a Casa seguinte. Por conseguinte, deduziu, a solução era adiantar-se à sua presa e esperar, fazendo com que caísse numa emboscada. Se Aquilo dispusesse da capacidade de sorrir, decerto o teria feito naquele momento. Não dormia, embora tivesse visões da morte iminente de Michael Thomas de Propósito Puro.

* * *

A manhã do dia seguinte foi como todas as outras: esplêndida! O pequeno-almoço foi excelente e Mike encerrou-o com um bolo de amoras, movendo a cabeça de incredulidade ante a frescura e o maravilhoso sabor da comida.

«A comida não sabia tão bem quando estava entre os dedos dos meus pés!» E riu-se às gargalhadas ao lembrar-se da situação anárquica e foliona, na qual Verde e ele se tinham divertido na sala de jantar da última casa.

Precisamente no momento em que acabou de se vestir com a roupa nova que lhe fora proporcionada, bateram à porta. «Estão a bater à porta!... Desde quando os anjos batem à porta?»

- Entra, por favor - disse educadamente. Violeta parecia estar a flutuar. Mike sorriu. - Por favor agradece por mim ao responsável por este delicioso pequeno-almoço humano.

- De nada.

- Foste tu que o preparaste?

- Todos nós o fizemos - replicou - não existimos separadamente.

- Já ouvi isso antes. Algum dia entenderei o que isso quer dizer. Bom, mas até esse momento, obrigado a todos vós.

- Estás pronto? - perguntou Violeta.

- Sim.

Violeta conduziu-o pelo mesmo percurso do dia anterior mas no sentido inverso. Desta vez a porta dupla do auditório estava aberta e, através dela, entraram para um sala de cinema de cor violeta, elegantemente mobilado. Mike deteve-se no meio da sala, sem poder acreditar no que estava a ver. Ficou pasmado. Violeta deixou escapar uma risadinha.

Frente a eles havia um ecrã gigantesco de cinema panorâmico. Mike reparou que havia um moderno projectador na parte superior da sala, assim como uma enorme quantidade de rolos de película guardados em enormes caixas metálicas². Havia centenas delas! E segundo parecia tudo estava pronto para a qualquer momento começar a projecção.

- Não adivinhas, Michael Thomas? - perguntou Violeta. - Vamos ver filmes, juntos!

- É incrível!... Trata-se de uma brincadeira, não é verdade?

Ao ouvir esse comentário, Violeta deixou de sorrir e olhou seriamente para Mike.

- Nada disso, Michael. Nada disso. Por favor, senta-te na primeira fila.

Violeta dirigiu-se à parte superior da sala e começou a manipular os aparelhos, enquanto Mike continuava desconcertado ante a dicotomia que estava a observar. Pensou: «Os anjos não lidam com projectores de cinema, nem têm teatros ou cinemas nos lugares sagrados. Que estranho tudo isto!». Não obstante, fez o que Violeta lhe pediu e sentou-se no lugar central da primeira fila. Diferentemente das salas de cinema do mundo de onde vinha, a primeira fila daquele auditório estava precisamente no meio da sala. Também notou outra coisa estranha: a cadeira central da primeira fila era forrada e acolchoada, ao contrário das outras. Era como se a tivessem posto ali para impressionar. Mike sentou-se naquela fofa poltrona, olhando para o gigantesco ecrã branco.

- Violeta, que filme vamos ver? - perguntou um tanto inquieto.

- Vamos ver filmes caseiros, Michael - respondeu ela, e começou a montar o primeiro rolo de película sem levantar o olhar.

Mike não gostou nada da forma como aquela resposta lhe soara... e sentiu o estômago a colar-se às costas. Estava novamente a experimentar aquela sensação! A sua nova intuição estava a fazer horas extraordinárias, indicando-lhe que o que se avizinhava poderia ser desagradável. Pensou que devia levar as coisas com humor. Perguntar, por exemplo, se havia pipocas. Mas não teve oportunidade pois as luzes decresceram de intensidade, de uma forma muito profissional, e Mike começou a ouvir o ruído do projectador. O ecrã iluminou-se e os olhos de Mike ficaram presos no que viu. O coração subiu-lhe à garganta desde a primeira imagem.

O filme inicial desse dia, tal como aconteceria com os dois dias seguintes, tinha a qualidade de reprodução mais perfeita que jamais vira na sua vida. Não mostrava a mínima distorção e a imagem estava projectada em três dimensões... sem necessidade de ter que pôr aqueles ridículos óculos especiais! O som era natural e provinha do lugar correspondente no enorme ecrã, até quando as personagens de moviam de um lado para o outro. Naquele momento Mike desejou que o filme não fosse tão real. Estava demasiado próximo e cada cena que via no ecrã panorâmico perturbava-o imensamente. Pretendeu mudar para um lugar mais recuado, mas não pôde.

Naquele ecrã, perante Michael Thomas, estava Michael Thomas! Se fosse preciso dar um título a esse filme caseiro, teria sido: «Todas as coisas erradas que ocorreram na minha vida».

2 - Presentemente, as salas de cinema do céu já devem estar apetrechadas com DVD! (Nota da tradução portuguesa)

O filme começava com o menino Michael - e como era real! A sua mãe era muito jovem e o seu pai muito bonito. Sentiu-se profundamente comovido pela recordação desses seres tão queridos. A projecção que estava a visionar naquele auditório fazia com que aquelas imagens recobrassem vida no seu bondoso coração. Era como se, realmente, estivesse a revivê-las. Cada acontecimento ocupava um rolo de fita completo e era apresentado sem edição, em tempo real, tal como ocorrera na vida de Michael, apenas saltando de uma forte experiência negativa para outra. Os primeiros rolos, na realidade, foram muito divertidos: via-se Mike com três anos, loiro e bonito, descobrindo a maquilhagem da sua mãe. Noutro, Mike deixara a casa de banho numa barafunda; a mãe, que o apanhara, estava muito zangada e pela primeira vez deu-lhe uma surra.

Mike, o adulto sentado na poltrona, sentiu-se emocionado ao ver que estava a experimentar outra vez esse momento, a dolorosa sensação de dor que aquela primeira tarefa lhe causara. Estavam a forçá-lo a viver, de novo, as emoções de cada episódio!... Qual filmes caseiros, qual quê!... A projecção estava prestes a transformar-se num filme de terror, à medida que ia entrando nela. Sentia-se como se o tivessem atado ao carris e um comboio de alta velocidade estivesse a aproximar-se no máximo da sua potência.

Projectaram muitos acontecimentos da sua infância e cada um deles envolveu-o numa realidade em que não voltara a pensar há imensos anos. Por exemplo, num dos episódios via-se fechado na casa de banho quando tinha seis anos. Lembrou-se perfeitamente de como se sentia. Tinha ficado fechado... mas não por culpa sua! Sem saber como, a maçaneta tinha-se encravado. O pai foi obrigado a largar a terra onde estava a trabalhar e vir a casa desencravar a porta, o que muito o aborreceu, de forma que Mike recebeu outra sova. E novamente sentiu a violação da sua confiança nesse acontecimento já remoto. Ele não tinha feito nada de errado! O pai ficara muito chateado e tinha-lhe dado com o cinto mais longo que encontrou. O incidente fizera-lhe perder um dia de trabalho no campo, interrompendo a colheita.

Mike, o adulto, começou a sentir-se deprimido.

Os rolos de filmes foram passando, um após outro. Noutro episódio, Mike tinha 10 anos e ia no autocarro para a escola, que ficava na cidade. Lembrou-se da cara de Henry, o fanfarrão da escola que vinha implicando com ele, anos após ano. Todas as crianças pareciam odiar esse matulão mas não reagiam por medo. Devido ao facto de Mike ser um camponês, vindo de uma terra que ostentava o curioso de nome de Terra Azul, os outros rapazes gozavam com ele. Mas o matulão era implacável. A escola tinha muitos alunos, provenientes de todos os tipos de família, mas nesses dias em que a modernidade já se instalara os filhos dos fazendeiros já eram uma minoria. A roupa de Mike denunciava-o por ter sido confeccionada pela sua mãe. Não tinha o mesmo aspecto do que a das outras crianças... e o abusador mais crescido estava sempre pronto para lho recordar. Ele e as outras crianças passavam a vida a achincalhar a roupa de Mike, o seu cheiro e o estilo de vida dos seus pais.

O projector continuava a funcionar e Mike viu, no filme, um grupo de crianças que estavam a chamá-lo para ir brincar com elas. Ele estava contente. Ah! Como desejava a sua companhia! Então apercebeu-se, angustiado, que o pedido era uma armadilha: em lugar de o integrarem na brincadeira, **ele** é que se converteu na brincadeira. A certa altura vários deles agarraram-no, enquanto outro se agachava atrás dele, depois empurraram-no. Mike caiu para trás sobre o jovem que estava de gatas. Todos se riram às gargalhadas à sua custa. Mike também se riu, tentando integrar-se na brincadeira, mas eles rejeitaram-no e foram-se embora, deixando-o sozinho.

Aquilo foi doloroso e Mike não gostou de ver. Que raio de propósito positivo poderia ter aquilo?... Começava a chatear-se ao ver que estavam a exhibir a sua vida privada e a apresentá-la daquela forma. Além disso, havia ainda o facto de ter de voltar a viver aqueles acontecimentos já tão antigos. Não era suficiente tê-los vivido uma vez?

Mais filmes foram projectados. Mike agora tinha catorze anos e, no episódio apresentado, estava a reviver o funesto dia em que fora acusado de ter copiado, quando tal não acontecera. Um aluno surripiara uns papéis do escritório do professor e voltara a pô-los no seu lugar mas tão desastradamente que o professor se apercebeu. O responsável pela falta acusou Mike, afirmando tê-lo visto a tirar os papéis. O professor acreditou, afinal Mike era apenas um pobre camponês, que continuava a vestir roupa estranha, ainda que as notas fossem excelentes. Expulsaram-no por esse dia e mandaram-no para casa com uma reprimenda. A caminho de casa, num autocarro especial, pensava como iria explicar o assunto aos seus pais. Relaxou-se um pouco, acreditando que eles acreditariam nele. Mas não foi assim e, de novo, sentiu-se sozinho na vida. Sabia que os pais o amavam, mas gostava que lhe tivessem concedido o benefício da dúvida no momento em que mais precisava. Sentiu-se muito só.

Estava sentado há horas mas o Mike do filme ainda não tinha chegado à idade adulta. Perguntou-se quanto tempo mais teria de suportar aquele castigo. Estava longe de sentir a espiritualidade que sentia antes. O que estava a experimentar ali era parecido com uma tortura! Os filmes eram convincentemente exactos, e

ele não podia afastar deles nem os olhos nem a mente. Cada detalhe, cada pessoa, cada voz eram exactamente como tinham sido. O processo era surpreendente mas o tema que tratava era nefasto!

Havia muito para ver. Agora o filme reproduzia a época em que Mike começava a sair com raparigas. Apesar de, nessa época, já lhe comprarem a roupa nas lojas, a sua mãe nada entendia de moda e adquiria as peças ao desbarato fazendo combinações desastrosas. Mas as raparigas, tanto da escola como da igreja, achavam-no simpático. Um dia, porém, casualmente ouviu-as a gozar com o seu aspecto. Sentiu-se muito abatido. A partir desta experiência, tinha ele dezasseis anos, começou a juntar a sua mesada e a comprar, ele mesmo, a sua própria roupa. Esta decisão teve como consequência o aumento da sua auto-estima, porque sabia que a roupa que comprava lhe ficava muito bem. Dedicou-se conscientemente a tirar partido do seu aspecto. Sempre que comprava roupa fazia-se acompanhar de uma rapariga conhecida, ou duas, para o ajudarem a escolher. Elas ficavam encantadas com a coisa! Imagine-se! Um rapaz que gosta de andar em lojas de roupa! Esse foi o começo da sua grande metamorfose: passou de um adolescente algo carnavalesco para um jovem bonito e atractivo. Isto, claro, implicou uma mudança na sua personalidade, pelo que adquiriu uma maior segurança em si mesmo. Continuava a ter boas notas e participava em muitas actividades escolares.

Mas então aconteceu: alguém, invejoso do seu êxito, orquestrou contra ele uma campanha de desprestígio que lhe fez perder as eleições do colégio, durante o ano pré-universitário. Fizeram correr o boato de que tinha sido apanhado nos lavabos femininos a praticar obscenidades. Todos acreditaram na calúnia... que era muito sensacionalista mas totalmente falsa. Teria ganho as eleições muito facilmente, pois já fora presidente dos alunos no período básico e no secundário. Mas o rumor foi devastador, pelo que acabou por perder estrondosamente. Isto também lhe custou o carinho de Carol, a primeira rapariga que tinha iluminado a sua vida. Ela não voltou a dirigir-lhe a palavra. Mike lamentou o sucedido durante semanas e desistiu de todas as actividades escolares. Mais uma vez fora tratado injustamente.

Tudo isto estava a ser projectado - com pormenores e detalhes - no ecrã. Tal como os que tinham passado antes, aquele episódio desenrolava-se em tempo real, mostrando cada um dos terríveis aspectos dessa parte da sua vida. Esse incidente fizera com que, na altura, se tivesse transformado... e continuava a pesar-lhe agora, que estava sentado frente ao ecrã revivendo o passado.

Os filmes continuaram a ser projectados, um após outro. Chegou a hora de comer mas o convite não surgiu porque o grande anjo, que estava ao fundo da sala, sabia que Mike não teria apetite. E tinha razão. Cada vez que terminava um filme ouvia-se, durante um breve período, um som intermitente enquanto a sala ficava às escuras. Depois caía um incómodo silêncio, quebrado apenas pelo ruído da aparelhagem de projecção, quando se accionavam os bobines e se ligavam os interruptores. Nem Mike nem Violeta falavam. Depois o ecrã voltava a ganhar vida mostrando as piores situações da vida de Mike. Enquanto as películas iam sendo projectadas, ele sabia que se aproximava o «acontecimento crucial». Por fim ele apareceu na sua frente: o dia em que os seus pais faleceram.

Mike sabia que não era obrigado a ficar ali se não quisesse. Todos os anjos lhe tinham dito que podia escolher. Naquele preciso momento queria sair dali a correr. Mentalmente expressou um pedido suficientemente «alto» para que os anjos fossem capazes de ouvir: «Meu Deus, por favor... Não quero voltar a viver isto!... Já chega!»

Mesmo assim, o filme começou e Mike sentiu como se um camião lhe tivesse passado por cima. Sentado na poltrona, porém, não perdeu o controlo nem começou a chorar. Esperaria pela noite para desabafar. Permaneceu sentado estoicamente, vendo o filme da sua vida a avançar em tempo real. Voltou a viver o momento em que recebera a chamada telefónica, o choque emocional, o funeral, a dor e a tristeza; seguiu-se a licitação da casa, do armazém e das terras, assim como a venda do equipamento da fazenda do pai, incluindo o velho tractor. Reviveu a visão dos pertences do pai e da mãe, as fotos dos seus melhores tempos, os retratos do casamento e, inclusive, descobriu algumas cartas que ambos trocaram quando se apaixonaram. Mike permaneceu muito quieto tentando enganar os sentimentos. Disciplinara a mente para erguer um muro entre ele e as emoções mas, ali sentado na poltrona, sentia-se vitimizado. Sentiu as convulsões involuntárias da dor, que tentava manifestar-se em grandes vagas, contraíndo-lhe todo o corpo. Ansiava que a sua dor se expressasse através de uma explosão de lágrimas e angústia. A apresentação foi impecável e o seu realismo um verdadeiro suplício. Esta era a coisa mais difícil que lhe tinham pedido em toda a sua vida. Tinha sido o centro de uma brincadeira de mau gosto, através do que estivera a ver durante horas seguidas. Naquela sala estavam a assediá-lo e a castigá-lo. Não era justo. Qual era a intenção?

Quando acabou o episódio da morte dos pais Mike suspirou aliviado. Já não podia vir nada pior do que aquilo. Sentiu-se menosprezado, e estava encharcado em suor. Apesar de tudo, o tema impusera-se de tal forma que o levou a permanecer ali, diante do ecrã, sem desviar o olhar. Ah! Como era real!

Quando viu a «Grilo» (a alcinha que pusera a Shirley), Mike soube que ia afligir-se outra vez. A história que começou a ser projectada era a da sua última relação amorosa em Los Angeles e da sua rápida decomposição. Ele tinha-se envolvido totalmente na relação e, bem pelo contrário, Grilo tinha-a vivido ligeiramente. A situação não implicava nenhuma morte embora, de facto, se pudesse dizer que sim, uma vez que significou a morte do seu próprio coração. Uma vez mais tentou endurecer o coração enquanto observava as imagens no ecrã. Que bom aspecto que ela tinha!... Que notável que era a sua voz!... O episódio, contudo, era muito recente. No fundo fora a causa da sua depressão, da falta de auto-estima e, conseqüentemente, de acabar num emprego desgraçado. Mike observou tudo e voltou a viver os pormenores do segundo incidente mais deprimente da sua vida.

Os episódios avançaram até chegar ao lugar onde trabalhara, quando vivia em Los Angeles. Um dos papéis mais negativamente destacáveis pertencia ao director do escritório, pois gostava de ofender verbalmente os subordinados. Também surgiu o claustrofóbico cubículo onde trabalhara com tanto entusiasmo.

A projecção dos filmes terminou às quatro horas em ponto, as últimas cenas mostraram a mudança de casa e o assalto do apartamento. O filme acabou na cena em que o levavam para o hospital.

Quando o ecrã ficou em branco Mike ouviu o som intermitente provocado por um pedaço de couro que batia ruidosamente na bobina indicando que o rolo de fita chegara ao fim. O ruído continuou e as luzes continuaram apagadas. Levantou-se e colocou uma mão à guisa de pala, para proteger os olhos da forte luz do projector, tentando ver se Violeta continuava no fundo da sala. Não estava lá.

O fim do filme também indicava que, naquele dia, a lição terminara. Estava sozinho, tão sozinho como estivera nos filmes. O projector continuou a fazer ruído, enquanto saía da sala. Percorreu o caminho até aos seus aposentos. Não tinha vontade de jantar. Estava deprimido. Fora golpeado emocionalmente, pelo que caiu redondo na cama sem sequer se despir. Violeta não apareceu para lhe dar as boas-noites. Sabia que o anjo, sabiamente, o deixaria sozinho naquela noite. Ele não estava para conversas.

Enquanto dormia, continuou a ver o filme, em sonhos. Reviu o episódio do brutamontes da escola, o dos seus pais e o de Grilo. Não o deixavam em paz. Finalmente, quebrou as resistências e soluçou incontrolavelmente na almofada. A imagem dos pais, tão vivas e vibrantes, somente aumentavam a sua dor. Esta era a segunda vez que naquela terra sagrada, angélica e ungida Mike se sentia totalmente sozinho e desconsolado: uma vítima da vida. Agora, ali estavam os filmes para o confirmar!

* * *

Pela manhã estava melhor, embora ainda pensativo. Como tinha fome, comeu bem ao pequeno-almoço. Continuava a sentir-se vitimizado pela situação do dia anterior, mas já se convencera que o pior tinha passado. Era forte e, apesar de não compreender a necessidade de viver tudo aquilo, tomara a firme decisão de não voltar a cair novamente na penumbra da depressão. Fosse o que fosse que estivesse preparado para aquele dia, teria de ser melhor.

Após o pequeno-almoço vestiu-se. Tinham-lhe proporcionado roupa limpa, de cor violeta, para substituir aquela com que dormira. Não tardou a estar pronto. Violeta surgiu no umbral da porta, que estava aberta, e ali permaneceu em silêncio, como que dando tempo para que Mike reagisse e expressasse qualquer coisa que precisasse de dizer ou para o repreender pela dolorosa experiência do dia anterior. Mike sabia que ela estava ali. Violeta fitou-o por uns momentos e disse:

- Michael Thomas de Propósito Puro, tens algo para dizer ou que queiras perguntar?

- Sim... Há mais filmes para ver? - perguntou, adoptando numa atitude estóica.

- Há sim - respondeu Violeta docemente.

- Nesse caso, quanto mais depressa os virmos, melhor - Mike pôs-se de pé e esperou que ela começasse a andar.

Violeta estava surpreendida. As experiências que tivera com os outros seres humanos naquela casa em nada se pareciam com esta. Verde tinha razão: este ser humano era especial. Era bem provável que conseguisse o que pretendia. Era possível que se contasse entre os poucos que conseguem percorrer todo o Caminho. Jamais lidara com tamanha determinação, nem com uma tão rápida mudança de vibração. Isso levou-o a concluir que a parte do treino que lhe correspondia ministrar era especial e, por esse motivo, gostava imenso de Mike. Violeta deu meia volta e conduziu-o novamente ao auditório.

Mike já sabia o que tinha de fazer: sentou-se na grande poltrona acolchoada violeta da primeira fila, como um prisioneiro se senta na cadeira eléctrica, esperando que a electricidade seja ligada. Neste caso, esperava que as luzes diminuíssem e se desse início à projecção. Estava decidido e tinha propósito e determinação. Nada poderia impedi-lo de chegar ao Lar. **Nada!**

Novamente a sua vida passou à sua frente sob a forma de filme, começando pela infância. Desta vez, o tema era diferente, algo de que se apercebeu imediatamente. Intitulou-o «Todas as coisas erradas que fiz na minha vida». Os episódios da infância foram divertidos e riu-se imenso de muitos deles. Rir fazia-lhe bem, embora ainda tivesse as costelas doridas de tanto ter chorado na noite anterior.

À medida que, no filme, a sua idade foi aumentando, algumas das coisas que fizera - exibidas com pormenores - começaram a envergonhá-lo. Seguramente que Violeta conhecia os factos, mas ele não queria vivê-los novamente. Deslizou para baixo na poltrona enquanto estavam a ser projectados. Encolheu-se e sentiu-se desconfortável.

No filme tinha dez anos e estava na igreja gozando o pastor e passando papelinhos contendo desenhos obscenos e patetas das partes íntimas do corpo. Ele e os seus companheiros da Escola Dominical achavam muito divertido desenhar aquelas coisas, depois metiam esses desenhos nos subscritos destinados à recolha do dinheiro da colecta. Uma vez isto feito, depositavam-nos no cesto que circulava pelos presentes. Fartavam-se de rir, imaginando a cara das velhotas que abriam os subscritos e contavam o dinheiro recolhido naquele dia.

Noutro filme Mike tinha doze anos. Era uma manhã de domingo e os pais tinham ido à igreja. Saiu de casa sorrateiramente e pôs o tractor do pai a trabalhar. Mas como não sabia como fazer para o pôr a andar, tentou accionar todos os manípulos e carregar nos pedais, mas não conseguiu. O problema é que não sabia conduzir com transmissão manual. Julgava que o tractor tinha transmissão automática, como a do carro familiar que só tinha dois pedais: um para acelerar e outro para travar. Não tardou a ouvir-se um forte estampido, que se prolongou durante algum tempo. Mike finalizara a sua aventura avariando a transmissão do tractor. Quando o pai descobriu a avaria foi falar com ele e pediu-lhe a verdade:

- Mike, tentaste conduzir o tractor?

- Não, pai - mentiu.

Mike envergonhou-se naquela altura e voltou a envergonhar-se agora. De alguma forma o pai sabia a verdade e Mike percebeu isso no olhar dele. Essa foi uma das ocasiões em que aprendeu o que se sentia quando se quebrava a integridade da família. Não era uma sensação agradável, pelo que recordaria o episódio durante o resto da sua vida. A factura da reparação foi elevada e Mike tomou consciência, pela primeira vez, quanto custara aos pais a sua imprudência. Depois do sucedido, durante semanas apenas comeram feijões e carne de porco de conserva, para compensar a despesa feita. Cada vez que se sentava à mesa Mike via os resultados da sua insensatez e durante um tempo «saboreou», literalmente, a sua mentira. Agora voltava a experimentar a mesma sensação... a cores e em formato tridimensional! Afundou-se ainda mais na poltrona. Ah! Como parecia real!

À medida que Mike ia crescendo em idade e estatura ia ficando cada vez mais forte. No sistema escolar daquele tempo muitos estudantes eram transferidos de uma escola para outra, a qual frequentavam enquanto a família residisse naquele distrito. Foi assim que Henry, o «matulão» da escola primária de Mike foi transferido, juntamente com todos os outros. Embora a escola primária fosse propícia à sua actuação, o «abusador» deixou de ser importante quando chegou o bacharelato. Os corpos da maioria dos outros rapazes já tinham alcançado o nível de desenvolvimento precoce do «matulão», pelo que o tipo de brincadeiras dos adolescentes estava mais nivelado. Henry, o abusador, não tinha aproveitamento na escola e passou à tangente... e Mike aproveitou todas as oportunidades para lhe complicar a vida escolar. Utilizava a sua estatura e popularidade como instrumento de intimidação, achincalhando-o pessoalmente com frequência ou fazendo-lhe ameaças. No último ano do bacharelato Mike usou o seu poder de presidente do curso para excluir o ex-gorila de todas as actividades e diversões benéficas que a escola tinha para oferecer. Manejou a sua influência como faria um profissional e assim o antigo rufia viu-se privado de todos os eventos e actividades gratificantes e divertidas (desde impedir-lhe a entrada nos bailes organizados no colégio até boicotar-lhe o acesso às cadeiras opcionais para as quais tinha aptidão). Mike jamais comentara com alguém o que andava a fazer mas adorava empenhar-se a fundo para lhe estragar os anos do bacharelato. Embora Henry soubesse o que estava a acontecer, nada podia fazer para evitar. Mais tarde conseguiu vingar-se mas Mike só soube disso no momento em que, sentado naquela poltrona, via no filme como os acontecimentos tinham ocorrido. Afinal, fora Henry quem orquestrara a difamação contra Mike no último ano do da faculdade! Fora ele que iniciara os maldosos rumores que anularam todas as possibilidades de Mike vir a ser presidente. Posteriormente, na vida real, ficou a saber que Henry, já adulto, se transformara num verdadeiro delinquente e que estava preso. Mike perguntava-se frequentemente se as coisas teriam levado outro rumo se tivesse deixado Henry em paz durante os anos de bacharelato. Sentia-se envergonhado pelo que fizera, enquanto ia revendo no filme como as coisas tinham acontecido.

Mike começava a sentir-se um cretino. Este era um longo filme sobre os erros que cometera na puberdade e na adolescência. E quão pouco ético tinha sido esse período da sua vida! Até onde tinha atropelado as oportunidades na vida daquele homem? Sentou-se realmente humilhado. Mas continuou a ver o filme.

Durante o último ano da Faculdade Mike falsificou um exame. As suas notas eram altas mas teve problemas com a cadeira de História. Culpabilizava o professor porque ele era antipático. Então o que fez foi copiar o exame com antecedência, valendo-se da cópia de uma chave à qual tivera acesso no ano anterior por ser o presidente da turma. Pensava que, de algum modo, se tratava de um caso de justiça poética pois lembrava-se perfeitamente de já ter sido «castigado» pela infracção que estava a cometer agora. Referia-se àquela vez em que, na escola primária, fora acusado de ter copiado estando inocente. Assim, na sua mente, o acto estava justificado.

Mas a coisa complicou-se. Quis o destino que o professor tivesse desconfiado daquela súbita «sabedoria» e acusou-o de ter feito exactamente aquilo que tinha feito. Mike, usando a sua carismática personalidade e apelando quer para as excelentes notas obtidas nas outras cadeiras quer para a reputação que ganhara, apresentou queixa do professor junto da administração do colégio. Com isto conseguiu que o castigassem, sanção que foi registada na sua ficha, coisa que decerto complicaria futuras promoções. Mike não soube disto até que o viu no filme, sentado na sua poltrona acolchoada.

«Maldição!... Isto dói!... Se ser tratado injustamente pela vida já é bastante desagradável, bem pior é ver-se a si mesmo mentindo e falsificando.» Mike não queria ver mais episódios sobre aquele tema e desejou que a projecção acabasse naquele momento. E assim foi. De facto, já faltava pouco, praticamente nada, para que se visse já adulto.

Toda a sua vida mudara com a morte dos pais. Esse acontecimento tinha-o feito crescer rapidamente e despertado nele a sólida integridade que agora, já adulto, reivindicava. Era como se tivesse o nome da família escrito na sua frente e com ele o árduo trabalho dos seus pais.

Deu um profundo suspiro de alívio ao ouvir o ruído intermitente da bobina vazia. O projector parou e as luzes acenderam-se gradualmente. Violeta veio ao seu encontro, desde o fundo da sala.

- Michael vem comigo, por favor - disse com muita suavidade.

Sem dizer nada Mike obedeceu e, ao pôr-se me pé, sentiu-se cansado. Tinha passado ali imensas horas! Esperava não ter de voltar a ver tudo aquilo e detestava o lugar onde tinham projectado os filmes da sua vida. Enquanto era conduzido para fora da sala, voltou-se para olhar para a parte posterior dela onde estava o projector. Esperava ver dezenas de bobinas empilhadas por todo o lado, já que tinham sido dois dias seguidos de projecção. Mas não havia nada, a sala estava limpa e desimpedida.

Violeta era o ser mais bondoso que jamais conhecera. Não é que fosse melhor do que Azul, Laranja ou até do que Verde, o seu camarada angélico. Violeta era diferente. Cada um dos anjos tinha qualidades intrínsecas que ele adorava. Este anjo, em concreto, emanava carinho e interesse. Mike queria permanecer ali e viver sob o guarda-chuva da sua paz maternopaterna! Era uma sensação maravilhosa sentar-se na sua frente e ouvi-la falar. Tudo era fantástico quando ela estava presente. Mike não tinha «esquecido» essa sensação e percebeu que era a mesma de quando era criança e não tinha responsabilidades. Portanto era muito adequado que tivessem atribuído a Violeta a Casa da Responsabilidade porque ali ela representava o progenitor e Mike era novamente a criança. Sentia uma libertação de vida.

Violeta conduziu Mike para uma grande sala. Noutra situação, teria dito que se tratava de uma sala de conferências mas neste caso tinha apenas duas cadeiras. Numa das paredes havia uma espécie de armário, ao passo que as outras estavam cheias de símbolos e grafismos.

Nas outras casas os anjos não costumavam permanecer sentados durante muito tempo. Ao contrário dos Humanos, não se cansavam nem precisavam de dormir, nem sequer precisavam de se sentar. Costumavam fazê-lo apenas para que o ser humano que estava com eles se sentisse bem, como neste caso. Com elegância, Violeta sentou-se em frente de Mike e disse:

- Michael Thomas de Propósito Puro, como te sentes?

Começava a conversa com uma pergunta que podia permitir a Mike desabafar os sentimentos que tinham despertado nele devido ao visionamento dos filmes. Ele assim fez e além disso acrescentou algo em que estivera a pensar durante a noite:

- Querida Violeta - Mike gostava realmente desse grande anjo, tão respeitado - sei que causar dor, sofrimento, dúvida ou medo não concorda com a tua consciência angélica mas ao projectares aqueles filmes desencadeaste todos esses sentimentos em mim. Sei que deves ter uma boa razão para teres agido assim. Perguntas-me como me sinto... - fez uma pausa e reflectiu um pouco, tentando ser totalmente honesto acerca das emoções que experimentara durante os últimos dias - sinto-me violado... sinto-me mal, vitimizado, afligido pelos meus próprios erros, culpado pelo que fiz e aborrecido por aquilo que os outros me fizeram.

Sinto-me afundado na tristeza devido à dor que me causaram certas circunstâncias que escapavam ao meu controlo. Além disso, também me sinto maltratado e introspectivo.

Mike continuou a desabafar, com Violeta, um coração que já quase não continha emoções porque explodira na noite anterior. Tentava explicar, o melhor que podia, o que a sua parte humana estava a sentir. As palavras foram fluindo até que começou a repetir-se... mas o anjo não o interrompeu. Aquela catarse começava a abrandar a tensão que sentia. Expressara-se a si mesmo, tinha-se queixado de tudo e depois tinha-se queixado novamente. Em nenhum momento perguntou por que fora necessário ver os filmes. Intuitivamente, sabia que Violeta permitiria que ele viesse a saber a razão. E estava certo ao pensar assim.

Quando acabou sentiu necessidade de beber água e então reparou que Iha tinham trazido, ainda que não soubesse como tal fora possível. Bebeu alguns goles e fez um gesto à sua silenciosa acompanhante, dando-lhe a entender que acabara o discurso. Violeta pôs-se de pé e, amavelmente, começou a dar-lhe uma explicação:

- Michael - disse, olhando no mais fundo da alma de Mike com uma carinhosa intensidade, que ele reconheceu como vinda da mente de Deus - enquanto ser humano em fase de treino para regressar ao Lar, esta é a última vez que experimentarás qualquer destes sentimentos.

Violeta deixou-o reflectir durante uns instantes, enquanto se levantava e se dirigia para uma parede aparentemente lisa e sem adornos. Puxou para baixo uma espécie de tela que estava enrolada perto do tecto. Mike lembrou-se dos mapas das salas de aula que se enrolam quando já não são precisos, para deixar livre o espaço do quadro negro. O que surgiu quando a tela foi desenrolado tinha algo escrito com os mesmos caracteres de aparência árabe, que Mike vira nas etiquetas da Casa dos Mapas. Não conseguiu decifrá-los.

- Estou aqui para te explicar que tu e as outras pessoas que aparecem na tua vida planearam cuidadosamente o potencial de tudo o que viste no Teatro da Vida ao longo dos últimos dias.

Mike deixou que aquelas palavras entrassem nele profundamente... embora não conseguisse entender como tal coisa poderia ser possível.

- Planeámos?... – perguntou.

- Sim.

- Não pode ser. Houve acidentes, coincidências, coisas que simplesmente sucederam, milhares de factores criados pelo acaso.

- Planeaste tudo isso com eles, Michael.

- Como?

- Michael Thomas, sabes já que és um ser eterno. Estás aqui procurando a permissão e o treino para regressares ao Lar, um lugar de sacralidade onde intuis que haverá respostas, paz e propósito, segundo a tua própria definição. Até agora isso era um mistério para ti; agora, porém, já sabes que estiveste na Terra em muitas ocasiões e te manifestaste através do corpo de muitos seres humanos de diferentes tipos e tamanhos. Desta vez és Michael Thomas.

Mike conhecia a teoria das vidas anteriores mas, agora, isso estava a ser confirmado por alguém em que ele depositava toda a confiança. Portanto aceitou aquelas palavras e ficou maravilhado perante tais ideias.

- Quando não estás na Terra - continuou Violeta - as lições para a tua próxima encarnação são planeadas pela única entidade que sabe, precisamente, do que precisas: Tu!... Tu e os outros estabelecem os potenciais para a tua aprendizagem. Algumas dessas pessoas concordaram em picar-te e impulsionar-te, outras concordaram em perturbar-te durante anos! Algumas aceitaram fazer-te companhia e, sim Michael, outras concordaram morrer prematuramente para facilitar tanto as tuas necessidades como as deles.

Mike sentiu-se estarecido por esta informação que estava a receber e perguntou:

- Violeta... Então, os meus pais... Eles sabiam que...?

- **Todos sabiam!**... Assim, todos tiveram a maior prenda da vossa vida.

Os olhos de Violeta eram os mais compassivos que Mike já vira. E quantas coisas sabia a seu respeito!... E estava disposta a explicá-lo, esperava pelas suas emoções e estava preparada para responder a qualquer pergunta. Era surpreendente.

- Isto é complexo, Michael - continuou Violeta - cada encarnação de um ser humano está relacionada com a de todos os outros e implica uma relação com eles. Há contratos que se estabelecem inclusive antes de chegar, que estabelecem os potenciais de aprendizagem e de evolução. Tu podes ser o espinho doloroso de outra pessoa, assim como uma pérola valiosíssima. As situações a que chamas «acidentes e coincidências» estavam planeadas com esmero.

- Isso soa a predestinação - assinalou Mike.

- Nada disso! Sempre tens várias escolhas à tua disposição. Um trajecto é planificado mas podes escolher percorrê-lo ou não. Ou criar um novo se assim o desejares - o anjo fez uma pausa para dar efeito às suas palavras. - É isso o que estás a fazer precisamente agora - sorriu e continuou - quando expressaste a inten-

ção de percorrer o Caminho desfizeste-te do contrato que tinhas estabelecido com os outros. Foste além do mundano que planearas acerca do que poderia acontecer para proporcionar as lições normais e, diferentemente, decidiste partir em busca do ouro, Michael Thomas. Agora conseguiste vê-lo e passaste a entender a perspectiva geral.

Mas Mike tinha de fazer a pergunta:

- Então qual foi a razão de ser do visionamento dos filmes, Violeta?

- Permitir-te contemplar cada aspecto aparentemente negativo da tua vida, Michael, e levar-te a compreender que tu ajudaste a criá-los e a planificá-los e que agiste precisamente como estava planeado. Dito de outro modo, és responsável pelo que aconteceu.

Mike ficou espantado ao ouvir aquelas palavras...mas continuava sem entender a dinâmica da coisa.

- E se eu quisesse alterar o «projecto», Violeta?... Como é possível que tenha escolhido tantos problemas e tragédias?

Violeta estava preparada para responder:

- Quando não estás aqui, Michael, tens a mente de Deus. De momento isso é algo oculto para ti, mas é assim. A morte e as circunstâncias emocionais são energia de Deus. Tu és eterno e as idas e vindas dos seres humanos têm um propósito bastante mais elevado do que imaginas. Um dia compreenderás isso, quando adoptares a forma que tenho agora. Para já chega compreenderes que aquilo a que chamas «tragédia», embora seja horrível para ti na tua mentalidade actual, pode ser o catalizador da mudança planetária e do incremento vibratório... além de ser um dom incalculável. O importante é a perspectiva de conjunto, não o acontecimento em si mesmo. Sei que parece confuso, mas é assim.

Violeta fez uma pausa para permitir que Mike reflectisse, depois continuou:

- No que diz respeito a queres alterar o «projecto», sempre tiveste essa opção e essa oportunidade mas isso também está velado para a maioria dos seres humanos. Tudo isto faz parte do exame da vida, Michael. Vê a coisa da seguinte forma: quando abandonares este lugar, a tua tendência natural será para continuares no Caminho. O Caminho é a via mais natural, é fácil e não tens de pensar muito para onde tens de te dirigir. Já existe, mostrando-te a direcção. Portanto não há razão para não seguir por ele. A verdade é que nesta terra das Sete Casas o caminho aponta sempre na mesma direcção... embora possa serpentear um pouco. Portanto, poderias chegar mais depressa se, simplesmente, fosses nessa direcção... mas sem seguir pela estrada. Se escolheres outras vias, provavelmente descobrirás coisas novas e maravilhosas, ao longo do trajecto. Ora, na vida humana acontece o mesmo, o trajecto representa o teu plano potencial com outras pessoas. Pode serpentear mas levar-te-á na mesma direcção, rumo ao futuro. A maioria dos seres humanos segue essa via, nunca se apercebendo que têm a opção de não ir por ali se assim desejarem. Quando um ser humano sai da via comum as coisas mudam, especialmente o seu futuro. Assim que expressa o propósito de sair da via comum começa, realmente, a escrever um futuro novo. Encontra a paz por passar a ter a capacidade de gerir melhor a sua vida, experimenta o que é «ter intenção». São alguns desses seres humanos que recebemos aqui, Michael.

Violeta sorriu intencionalmente e Mike fez-lhe a seguinte pergunta:

- Qual é a função da Casa da Responsabilidade?

- É aqui que aprendes que **tu**, Michael Thomas de Propósito Puro, és o responsável directo por tudo o que acontece na tua vida: da tristeza, da aflição, daquilo que aparentemente são acidentes, da perda, da dor, do que os outros te fazem e, sim, da morte. Já o sabias quando chegaste, ajudaste a planificá-lo juntamente com os outros e tens representado esse papel até agora.

- E qual é o propósito de tudo isto?

- O amor, Michael. O amor, no seu nível mais elevado. O plano sublime é algo que conhecerás em seu devido tempo. Por agora, entende somente que tudo isto está certo e faz parte de uma visão de conjunto do amor, que já conheces e na qual estás a participar neste momento. As coisas nem sempre são o que parecem.

Aquelas palavras ressoaram nos ouvidos de Mike. «As coisas nem sempre são o que parecem...». Estas tinham sido as palavras pronunciadas pelo primeiro anjo, aquele que surgiu na visão posterior ao assalto do apartamento. Ao longo da viagem, ouvira a mesma frase da boca dos outros anjos. Mike dava volta aos miolos ao pensar nestes novos conceitos. E logo se lembrou das palavras de Azul na Casa dos Mapas: «Estás a ver os contratos de todos os seres humanos que estão no planeta.» Dentro daquelas pequenos compartimentos que Azul geria (havia milhões deles!) estavam os planos potenciais de toda a humanidade, planificados por cada indivíduo e prontos para serem modificados se os Humanos assim o desejassem.

Subitamente, a verdadeira mensagem de tudo isto repercutiu na sua mente como uma martelada: sim, poderia ter sabido de tudo isto quando era jovem! Poderia ter entendido muito mais acerca da vida, poderia ter alterado o seu futuro, poderia ter encontrado a paz e ter a visão de conjunto. As mortes, o amor perdido,

a depressão... Quanta esperança e sabedoria poderia ter-lhe proporcionado esta informação! Ficava espantado ao pensar que dispunha da opção de mudar a sua vida. Violeta tinha razão!... Teria ele percorrido a trajectória da sua vida como se fosse um caminho, permitindo que as coisas se desenrolassem segundo... **o que tinha planeado?**... Era um conceito difícil de assimilar. Significava que ele era o responsável por tudo o que acontecera. Isto dava-lhe uma perspectiva totalmente nova acerca de tudo. Poderia ter usado esta informação! A sua vida teria sido muito diferente. Mas ninguém ligado à igreja lhe tinha explicado isto. Amava Deus e sempre reconhecera o carácter sagrado daquele lugar mas sempre lhe tinham dito que ele era uma ovelha que seguia um pastor. Nenhum mestre espiritual lhe dissera que ele tinha este poder.

- Ouve Violeta, se isto é tal como tu dizes, porque é que na igreja não me ensinaram nada a este respeito?

- A igreja não explicou tudo, Michael. Por vezes, ensinou-te sobre os seres humanos e sobre o seu conceito de Deus.

Violeta não estava a criticar nem a julgar nenhum ser humano. Simplesmente era objectiva e verdadeira.

- Então a igreja estava enganada?

- Michael, a verdade continua a ser a verdade e há fragmentos e partes dela em todos os vossos sistemas espirituais. Todos eles são respeitados por procurarem a verdade de Deus. O amor, os milagres e os mecanismos da forma como as coisas funcionam estão representados, até certo ponto, nos vossos lugares de culto. Essa é a razão por que sentias o Espírito de Deus quando ias à igreja, Michael. O Espírito honra a procura, inclusive quando não se conhecem todos os factos. Lembra-te de que a tua verdadeira essência te está velada, inclusive agora enquanto ouves a verdade. A tua igreja e todas as vias espirituais do vosso planeta, são respeitadas porque representam a procura de Deus e da verdade espiritual. O que é triste é quando os seres humanos controlam essa busca, a limitam para evitar que escape ao seu controle e afastam, através do medo, aqueles que estão sob o seu poder. A honra reside na busca e não em toda a estrutura que criaram à volta dela. Portanto, o carácter sagrado do vosso planeta reside dentro daqueles que nele vivem e não nos edifícios repletos de pináculos e capitéis.

Violeta aproximou-se do gráfico que desenrolara há pouco e prosseguiu:

- Crês que as vossas sagradas escrituras são sagradas?... Repara nisto - disse, apontando para o texto críptico da tela - este é o Registo Akáshico da humanidade. Contém os registos das vossas vidas e dos vossos contratos potenciais - e depois de uma pausa reverencial. - Michael, este é o texto mais sagrado existente no Universo e foi redigido e executado por aqueles que decidiram empreender a viagem **como seres humanos!**

Pela primeira vez, Violeta olhou directamente para Mike, a quem isso não passou despercebido. Depressa se apercebeu que a atitude do anjo denotava respeito em relação a ele. Um respeito espiritual! Que os papéis estivessem a inverter-se era algo surpreendente para Mike. Desejava saber mais sobre o assunto e ela forneceu-lhe as informações de que necessitava.

Os dias subsequentes que Mike passou na Casa da Responsabilidade foram assombrosos devido à profundidade da mensagem de vida e de humanidade que contiveram. Não somente aprendeu mais acerca de quem ele era, mas também acerca de quem tinha sido. Tudo foi encaixando como um quebra-cabeças gigantesco. Violeta mostrou-lhe os registos e os contratos dos seus pais e os das outras pessoas que faziam parte daquilo que fora a sua vida até ao momento. Não recebera nada que fosse injusto e não conseguiu ver nada que pudesse alterar o que ia acontecer. Bem pelo contrário, uma ampla perspectiva da sua própria existência começava a tomar forma.

Mas qual foi a informação mais assombrosa?... A de que os Humanos eram, na realidade, parte de Deus, que habitavam o planeta sem terem conhecimento deste facto para levar a cabo um processo de aprendizagem que, de alguma forma, alterava os aspectos espirituais e a própria vibração da Terra!

Violeta referia-se continuamente aos seres humanos como «os elevados». Os seres humanos eram grandes entidades que mudariam a estrutura da realidade, mudariam tudo o que sucedera a grande escala e tudo isso estava centrado nas lições aprendidas na Terra... lições que todos juntos tinham planeado!

Finalmente, chegou a hora de partir. Mike sentia-se transformado numa nova criatura. Os seus conhecimentos acerca de como funcionam as coisas na realidade tinham-se centuplicado. Integrara tudo e sentia como se a verdade lhe tivesse outorgado mais poder. Enquanto punha o equipamento de combate para empreender a viagem até à Casa seguinte as palavras de Laranja ressoaram nos seus ouvidos: «A Espada da Verdade... o Escudo do Conhecimento... a Armadura da Consciência...» As coisas começavam a encaixar-se de uma forma que, espiritualmente, fazia muito sentido. Reconheceu que as armas eram cerimoniais e que tinham um propósito. Grande parte da linguagem fora repetida, explicada e, finalmente, estava a ser compreendida.

Violeta conduziu Mike até à porta principal da Casa e disse:

- Michael Thomas de Propósito Puro, sentirei a tua falta.

- Violeta... sinto como se tivesse a abandonar o meu próprio Lar e não a dirigir-me para ele!

Tinha-se sentido bem recebido ali e Violeta convertera-se num membro da família. Primeiro conhecera três bons irmãos angélicos e agora uma mãe angélica. «O que virá a seguir?», perguntou-se.

- Mais família, Michael - disse Violeta, respondendo àqueles pensamentos.

Já à porta, Mike viu que os seus sapatos continuavam exactamente onde os tinha deixado. Isso fê-lo recordar que tinha uma pergunta sem resposta acerca deles. Olhou para os sapatos e, depois, para Violeta:

- Ainda não acabámos, Violeta. Gostaria que me explicasses porque razão me pediste para tirar os sapatos.

- Sim, Michael, lembro-me. Mas agora **serás tu** quem me dará a resposta - disse o anjo a sorrir. E ficou à espera, pacientemente. Mike sabia essa resposta mas incomodava-o responder. Parecia-lhe demasiado presunçoso.

- Fala, Michael - insistiu Violeta, desempenhando novamente o seu papel de mestra.

- Porque o ser humano é sagrado... - já estava tudo dito mas acrescentou - e porque nesta Casa os Humanos passam para uma vibração mais elevada.

Violeta suspirou, visivelmente comovida, e comentou:

- Não podia esperar menos da tua resposta, Michael Thomas de Propósito Puro. É, de facto, a presença do ser humano e não a do anjo que torna este lugar sagrado. De facto, és um ser humano muito especial. Honro o Deus que está dentro de ti! E agora tenho de te fazer outra pergunta.

Mike sabia qual era mas deixou que Violeta a fizesse.

- Michael, amas Deus?

- Sim, Violeta.

Mike estava a começar a chorar. Não tinha medo de que Violeta constataste o estado emocional em que se encontrava. Lamentava abandonar este lugar violeta, onde reencontrara uma energia que julgava perdida há muito tempo, desde que seus pais tinham morrido. Afastou-se alguns passos, voltou-se para o anjo e disse:

- Também eu sentirei a tua falta... mas estarás sempre no meu coração.

Dito isto retomou o caminho para a Casa seguinte. Novamente se voltou para dizer outra coisa ao anjo, que o observava:

- Violeta, olha para mim!

Com um estilo teatral e fazendo movimentos pueris, Michael Thomas abandonou o caminho principal com grande determinação e começou a andar resolutamente pelo campo coberto de erva exuberante. Olhou para trás e gritou:

- Vê! Decidi criar o meu próprio caminho!

Riu-se da metáfora que estava a criar, saltitou ao longo da inesperada topografia e não tardou a chegar o momento em que deixou de avistar a Casa Violeta.

Violeta continuou a observar Mike até ele ficar fora do alcance da sua vista. Estava orgulhosa, como uma mãe, desse grande ser chamado Michael Thomas. Depois entrou em casa e fechou a porta. Voltou a adoptar a sua forma original, que não era a humana mas, mesmo assim, bastante magnífica. E falou para os outros:

- Se este é um exemplo da nova raça de seres humanos... estamos, realmente, numa viagem espiritual frenética!

* * *

Pouco menos de quinhentos metros adiante, uma repugnante criatura tinha-se plantado à espera. Preparara cuidadosamente a emboscada e pensava que Michael Thomas não perceberia a armadilha que o esperava. Aquilo sabia que Mike tinha saído da Casa Violeta e estava de novo a caminho. Podia senti-lo. Aquilo estava entusiasmado! «Já não te sobra muito tempo!», pensou. «Quando Michael Thomas me procurar atrás de si... eu atacarei pela frente. Nem perceberá donde veio o ataque!» O imundo ser riu-se sufocadamente por quão eficiente se tornara desde que estava neste país de fadas. Em qualquer momento...

Mas a sua espera foi longa. Michael Thomas já não seguia pelo caminho esperado.

9 - A Quinta Casa

Não passou muito tempo até Mike se aperceber de que não seguir o caminho também implicava desafios. Devia verificar constantemente a posição do Sol para rectificar a direcção a seguir. Além disso, consultava constantemente o mapa para evitar a possibilidade de não ver a Casa seguinte e passar ao lado. Também era uma viagem lenta devido às incertezas sobre a sua posição. Apesar de todos estes desafios, apercebeu-se que, pelo menos desta vez, a viagem era divertida. Estava a tornar-se real o desejo de que Violeta se sentisse orgulhosa dele; também estava fazendo isso por ela, para demonstrar que podia recusar qualquer manifestação comum, inclusivamente numa terra espiritual. Mas começava a sentir que... uma vez era suficiente. Nas próximas oportunidades, depois de encontrar a Casa seguinte, decerto voltaria a utilizar o caminho principal. Era mais fácil e não comprometia nenhuma das suas decisões. De facto, agora mais do que nunca, sentia que a decisão de seguir o caminho, numa futura ocasião, se baseava no facto de conhecer as consequências de não seguir! Agora que tivera algumas experiências, sentia que podia escolher convenientemente qual delas podia escolher, em vez de se sentir obrigado, pelo hábito, a seguir o percurso que lhe ofereciam.

Também se apercebeu de que tinha desaparecido a sensação de estar a ser observado. Teria acabado o castigo da implacável perseguição de que era objecto? Ter-se-ia esfumado, simplesmente, essa coisa sinistra e ameaçadora que, aparentemente, o seguia durante a viagem?... Não. Mike era prudente. Supôs, acertadamente, que ao mudar a rotina de ir pela estrada, tinha desorientado essa vil criatura que o perseguira desde o início. Sem dúvida que Aquilo acabaria por se aperceber do que sucedera e iria à sua procura. Tal significava que Mike teria de ser cauteloso e estar atento às surpresas que poderiam surgir, tanto na retaguarda como pela frente.

Depois de percorrer a planície durante quatro horas, o céu começou a escurecer. Mike sabia claramente o que isso significava. Aproximava-se outra anomalia meteorológica estranha, aterradora e violenta, das que costumavam irromper naquele lugar. O melhor a fazer era explorar as redondezas para encontrar um refúgio imediatamente. Lembrou-se da vez em que, dez minutos depois de a tempestade se ter desencadeado, um terrível vento ululante o tinha obrigado a deitar-se no chão, enquanto rezava para conservar a vida.

Inspeccionou o mapa novamente para conhecer a sua localização com precisão. Como era habitual, lá estava o ponto vermelho mostrando precisamente o ponto onde estava. Indicava que acabara de passar um montículo com um refúgio parecido com uma caverna. Mike lembrava-se de ter reparado nele mas tinha passado pelo lado que não mostrava haver ali uma gruta. Guardou apressadamente o mapa no bolso e começou a andar em sentido contrário até avistar as rochas que assinalavam o lugar.

Enquanto retrocedia até ao potencial refúgio, o que levou somente uns minutos, a tempestade tinha evoluído ameaçadoramente. O céu estava a pôr-se negro e os ventos ciclónicos começavam a uivar. A chuva já começara a cair quando Mike viu a entrada da gruta e acelerou o passo. No momento em que entrou a natureza manifestou-se selvaticamente. Teve de permanecer no fundo da gruta para evitar molhar-se ou ser engolido pela violência estrondosa do exterior. Mais uma vez se surpreendeu com a intensidade do acontecimento e sussurrou um agradecimento a Azul por ele lhe ter dado o mapa que o protegia de qualquer acidente, embora aparentemente no último momento. Uma vez mais, o carácter «actual» do mapa tinha-se alinhado com a sua necessidade.

A partir do interior da gruta continuou a observar o espectáculo, sem deixar de vigiar o processo de constante mudança daquele ruidoso caos. Era incrível! Sentia-se contente por não estar à mercê da intempérie. «Porque permitirão que haja tempestades assim num lugar sagrado como este?» questionou-se em voz alta. Então a voz de Azul ressoou... Seria na sua cabeça?

- Michael Thomas, não há tempestades nesta terra a menos que um ser humano esteja a fazer a sua viagem de aprendizagem.

- Queres dizer que se eu não estivesse aqui não haveria tempestade?

- Sim - respondeu a voz de Azul.

- Mas não estou dentro nela. Não me afecta.

- Exactamente! - riu Azul. - Tu aprendeste a usar o mapa! Acredites ou não, houve seres humanos que, ao fazerem a viagem como tu, desprezaram prematuramente o mapa, pensando que se tratava de uma espécie de brincadeira. Tu sabes o que ele representa. E a sua característica de estar sempre actualizado converteu-se na tua maneira de viver. Tens um pé na estrutura espiritual do «agora» mas também estás a aprender a medir o tempo linear que se contrapõe, enquanto realizas esta viagem. Por conseguinte, enquanto se manifesta a lição da tempestade, escapas completamente dela e esperas em paz que amaine. Ah! Michael, como te amamos tanto!

Michael sorriu perante esta ideia. Tudo aquilo era por sua causa! Toda aquela energia. Toda aquela planificação! Olhou para fora e gritou ao vento:

- Já podes parar! Estou a salvo!

E riu-se muito. A tempestade durou mais um par de horas e ao crepúsculo começou a acalmar.

Mike não sabia se teria tempo de chegar à próxima Casa, sem a luz do Sol não sabia se poderia encontrá-la. Apesar de tudo, sentia-se a salvo e com plena capacidade para se defender se fosse necessário. Assim que saiu da gruta olhou, pela última vez nesse dia, para o lugar onde estava a pôr-se o Sol. Depois dirigiu-se de novo na direcção que sabia ser o norte.

Continuou a passo lento e, entretanto, ia anoitecendo. Mike apercebeu-se de que, desde que estava naquela terra, nunca tinha estado ao ar livre durante a noite. Haveria estrelas ou uma lua? Mas logo verificou que não havia nenhuma dessas coisas. Quando os últimos vestígios do crepúsculo desapareceram no horizonte ficou completamente às escuras. E que escuridão! Sem contar com nenhum tipo de iluminação, nem sequer poder consultar o mapa. Então reconheceu que deveria ter ficado na gruta. Não estava preparado para este tipo de escuridão! Sentou-se, já que não queria tropeçar em algum obstáculo imperceptível do caminho. Sentado na escuridão, levou cerca de uma hora a aperceber-se de que ou os seus olhos estavam a funcionar de um modo estranho ou estava a ocorrer algo anormal. Há pouco, o Sol tinha-se posto inequivocamente no oeste, tal como esperava que acontecesse. Baseando-se nisto, marcou onde estava o norte e identificou o topo de uma colina, com a intenção de que esse ponto fosse um indicador que lhe servisse quando chegasse a luz da Lua. Mas, quando nem a luz da Lua nem a das estrelas surgiram, esse indicador não estava a servir... até esse preciso momento. Estranhamente, na direcção norte distinguiu o ténue perfil do indicador que marcara antes. O mesmo resplendor vermelho do pôr-do-sol estava a estender-se para norte, de tal maneira que iluminava esse ponto concreto. Ali, algo emitia luz!

Levantou-se com muita precaução e em estado de alerta. Progressivamente, o ténue resplendor vermelho que provinha do norte permitia que os seus olhos reconhecessem o espaço que o rodeava. Moveu-se lenta e silenciosamente na direcção da refulgente luz vermelha. Avançava pisando cuidadosamente a erva, para não ser surpreendido por uma mudança brusca na configuração do terreno ou por uma pedra. Avançava a passo de tartaruga, curvado e forçando a vista para ir reconhecendo o ténue perfil do terreno que estava directamente sob os seus pés. Apesar deste método, que consistia em avançar agachado e passo a passo, esteve quase a tropeçar e a cair, ao encontrar-se subitamente com uma mudança na natureza do terreno, que se tornara plano. Era o caminho! Mike riu entre dentes por causa da metáfora: embora tivesse optado por deixar o caminho, este tinha vindo ao seu encontro quando mais dele necessitava!... Que lugar aquele!

Verificou então que o caminho corria obliquamente em relação ao seu marcador do norte mas pensou que levaria à Casa seguinte, a qual ainda não tinha ficado para trás. Além do mais, notou que o clarão vermelho provinha da zona para onde o caminho conduzia. Colocou-se no que percebeu ser a parte central da estrada e, lentamente, foi recuperando o ritmo da marcha. Ainda assim, continuava a andar a um ritmo muito lento. Tentava manter-se na parte central da estrada mas, de vez em quando, desviava-se na direcção de uma das bermas. Riu-se. «Isto é pior do que o nevoeiro da costa de Santa Mónica no mês de Junho!» pensou. Lembrou-se que quando andava de bicicleta durante a noite, no meio do nevoeiro, somente via a linha branca do centro da estrada. Agora teria dado tudo para que esta estrada tivesse uma linha branca ao meio!

Mike apercebeu-se que à medida que se aproximava da zona refulgente ia conseguindo ver mais claramente. Devagar, o caminho foi-se iluminando quase totalmente, o que lhe permitiu andar erguido e de uma forma normal. Contudo continuava a ter precaução. Não sabia que luz era aquela e queria estar preparado para qualquer eventualidade. Quando passou a curva pôde ver de onde provinha o clarão... Não podia acreditar no que estava a ver. Ali, no bosque, estava a Casa seguinte... de cor vermelha brilhante! Surpreendeu-se com o facto de que enquanto as outras Casas pareciam resplandecer desde o interior era isso que realmente acontecia com esta. Enquanto se aproximava da Casa Vermelha, Mike permitiu-se acelerar o passo até alcançar um ritmo quase normal. A luz que a Casa emanava envolveu-o com um esplendor avermelhado. Analisou o lugar e posou o olhar no sinal vermelho, colocado no carreiro que se desviava em direcção à Casa; tinha inscrito «Casa Das Relações».

Aí, deteve-se.

- Oh, meu Deus! - disse com um suspiro. - Este é um tema em que fracassei! Será que vamos ver mais filmes?

- Pois claro que sim! - o jovem Anjo Vermelho surgiu do nada, sobre os degraus que conduziam à porta. - Bem-vindo Michael Thomas de Propósito Puro. Pensávamos que te tínhamos perdido!

- Não tive essa sorte, meu bom amigo vermelho - respondeu-lhe Michael. - Apenas dei a mim mesmo algum tempo! Suponho que não tenho pressa para ver os novos filmes. São como os de Violeta?

- Não, Michael. Não são iguais.

O Anjo Vermelho era realmente bonito. Fazia lembrar uma estrela de cinema ou um impressionante herói de filmes de acção. Era enorme! A sua personalidade era extrovertida e agradável, de modo que o seu tamanho não provocava inquietação (não mais do que a de qualquer dos outros anjos). A sua indumentária vermelha parecia dotá-lo de um ar de sacralidade. Mike lembrou-se de ter visto essa cor na roupa de altos cargos eclesiásticos.

- Tens fome, Michael? - perguntou-lhe o enorme Anjo Vermelho.

- Tenho, sim senhor.

Vermelho conduziu Mike ao interior da Casa mas antes fez-lhe um sinal para que tirasse os sapatos. Piscou-lhe o olho, como se estivesse a recordar-lhe por que o terreno era sagrado. Mike voltou a sentir timidez ao ser honrado desse modo mas não disse nada. Tirou os sapatos em silêncio e deixou-os junto da porta.

Como em todas as Casas anteriores, a aparência externa desta não indicava como era o interior. A Casa era grande, tinha escadas e arcos e as janelas abriam-se para paisagens que não podiam ser vistas a partir do exterior. Mike nunca se acostumaria a estas aparentes inconsistências entre a física e a realidade. Recordou-se da história de *Alice no País das Maravilhas* e questionou-se se Lewis Carroll teria estado ali em sonhos. Que ideia mais divertida!... Deveria começar a procurar pelo Coelho Branco?

- O branco será o próximo, Michael - disse-lhe Vermelho sorrindo - embora... sem coelho!

Mike riu-se. Quer dizer que a Casa seguinte seria branca? «A Casa Branca!» pensou Mike divertido. A Vermelho também lhe agradou e Mike teve uma agradável sensação em relação ao tipo de lições que ali lhe seriam ministradas. Sentia que Vermelho era da sua família. Tal como Verde, Vermelho era um irmão, quem sabe se importante. Azul e Laranja eram como seus tios e Violeta, claro, era a Mãe. Morria de vontade de conhecer o Pai!

- Sentes que somos a tua família, Michael? - Vermelho parara numa zona que, evidentemente, era de hospedagem e alimentação. Mike percebeu o odor da comida que lhe tinham preparado.

- Sim Vermelho, sinto - respondeu.

- Ainda bem, pois disso trata esta Casa.

Vermelho começou a andar e acompanhou Mike à zona do restaurante. Como de costume, esperava-o uma fantástica refeição.

- Voltarei a ver-te pela manhã, Michael Thomas. Dorme bem e assimila tranquilamente o ensinamento que receberás aqui.

Vermelho deu meia volta para sair mas voltou-se para lhe dizer adeus, antes de fechar a porta.

Mike riu-se para si mesmo, pensando em quão educados se tinham tornado os anjos ao longo da viagem.

Realmente, sentia-se tranquilo. Sabia que Vermelho estava a par das lições recebidas na Casa Violeta, das intensas emoções e da comoção que tinham criado no fundo da sua alma. O anjo também tivera a deferência de lhe dizer que as lições seguintes iriam ser distintas.

Mike comeu como um leão! Não tinha almoçado quando estivera na planície e, para além disso, viajar na escuridão tinha consumido uma grande quantidade de energia, mais do que pudera imaginar. Estava cansado e depois de ceiar logo se deixou dormir. Dormiu profunda e tranquilamente, quase como se já tivesse estado naquele lugar.

* * *

Nessa noite, mais tarde, enquanto Michael Thomas dormia, uma empapada, contrariada, hedionda e esverdeada criatura esverdeada avançava para a Casa Vermelha, procurando ocultar-se. Prestou atenção à Casa e soube que Michael Thomas estava ali. Tinha-se cansado de esperar que ele lhe aparecesse no caminho, mas não lhe tinha dado essa satisfação. Por isso sentia-se furioso e consumido pela ira. Estava confuso! Como é que Michael Thomas se apercebera de que ele estava à sua espera? Seguramente tinha dado uma volta, saindo do caminho! Conseguira chegar à Casa Vermelha sem ser pelo caminho! Como o conseguira? Sabia que os anjos não tinham permissão para intervir, pelo que não podiam ter avisado Michael que ele o esperava ali. Agora teria de repensar os seus planos porque, ao adiantar-se, perdera Michael. Por conseguinte, deveria voltar a segui-lo outra vez? Pelo menos saberia onde estava Mike. Que estratégia devia seguir?

Tal como fizera nas ocasiões anteriores, Aquilo ficou entre as árvores, vigiando enquanto esperava que Mike saísse da Casa Vermelha. Isso satisfazia-o, desde que soubesse onde ele estava. Passou o tempo desfrutando, de antemão, a ideia da confrontação final com ele. Repetidamente estudou diversos planos, ideal-

zando e descartando estratégias. Deveria empregar uma grande quantidade de energia e, também, um pouco de astúcia. Mas Aquilo conhecia muito bem Michael Thomas. Sabia como raciocinava e como pensava. Então começou a praticar as técnicas que poderiam ser necessárias para que o plano funcionasse. A confrontação teria lugar no caminho que dava para a última Casa, essa seria a ocasião em que Mike estaria mais vulnerável. «O engano é a chave», pensou. Teria de fingir e adoptar outra forma: uma aparência que pudessem manter durante alguns minutos. Esses poucos minutos seriam mais do que suficientes.

Tal como fizera nas outras Casas, Mike levantou-se e vestiu-se com a roupa que lhe tinham deixado no armário. A roupa era fresca, limpa... e vermelha. Novamente se lembrou das palavras de Laranja, que lhe dissera que ele não teria eliminações produzidas pela comida. Também se apercebeu de que não lhe crescia a barba, desde que empreendera a viagem. Era como se tudo estivesse, de algum modo, suspenso no tempo, impedindo que o seu lado físico envelhecesse ou funcionasse como funcionava antes de chegar ali.

Que lugar aquele!

Na sala adjacente desfrutou do delicioso pequeno-almoço preparado para ele. Estava sentado a pensar na sua viagem, quando ouviu que batiam à porta, e logo entrou Vermelho.

- Vejo que descansaste bem e que já estás pronto, Michael Thomas.

- Sim, Vermelho - Mike sentia-se bem e mostrava-se afectuoso. De novo ficou impressionado com a beleza do anjo. - Obrigada pela tua hospitalidade.

- Tu mereces, Michael Thomas de Propósito Puro - Vermelho sorriu e fez um gesto com a mão para que se pusesse de pé e o acompanhasse onde não tinham estado na noite anterior.

A Casa era muito diferente das outras. Todo aquele vermelho fazia com que Mike se sentisse vivo e energizado. Era uma sensação extraordinária. Finalmente, chegaram a um grande auditório e entraram. O ecrã panorâmico era igual ao da Casa Violeta e a cadeira acolchoada também estava ali... excepto que agora era vermelha. E como anteriormente estava situada perto do ecrã. Vermelho sabia que esse lugar podia provocar angústia a Mike, depois da experiência que tivera na Casa anterior.

- Não é o que pensas, Michael - disse-lhe Vermelho, tranquilizando-o.

- Obrigado, amigo - expressou Mike, agradecido. - Queres que ocupe o meu lugar?

- Sim.

Tal como Violeta, Vermelho dirigiu-se para a parte posterior da sala e começou a manipular o equipamento de projecção. Mike sentou-se na cadeira de honra... e começou o espectáculo.

Desta vez não havia som acoplado à imagem. Em seu lugar, Vermelho ia expondo e explicando a Mike o que estava a ver no ecrã. O anjo tinha razão. A projecção era vigorosa, educativa, ilustrativa e surpreendente! Não lhe provocava sentimentos, nem retrospectivos nem tristes. Parecia mais uma passagem de diapositivos do que um filme.

- Mike, tudo isto trata da Família - começou a explicar Vermelho, enquanto apareciam algumas imagens fixas no ecrã. - Já viste, na Casa anterior, que podes interpretar vários papéis no teu planeta e que aqueles que estão contigo também o fazem. Mesmo assim, aprendeste que todos os seres humanos determinam e planificam as potenciais direcções da sua vida, antes de chegarem à Terra. Já é hora de compreenderes as relações existentes entre os participantes. Começemos com a identificação da Família.

Mike, incrédulo, permaneceu sentado enquanto Vermelho projectava no ecrã vinte e sete bonitas caras, mencionando os longos e respectivos nomes, que nunca tinha ouvido. Os nomes soavam a anjélicos e Mike pensou que deviam ser difíceis de soletrar. Eram nomes tais como Angenon, Aleeilu, Vereefon, Kooigre, e outros deste estilo. Depois, Vermelho apresentou um quadro sinóptico com a linhagem de cada um deles. O quadro continha, na parte superior, nomes terrenos e caras que Mike reconhecia e, à medida que se ia ramificando para baixo, ia mostrando outros nomes e outras caras desconhecidas. Na parte superior estavam os seus pais, os seus amigos da igreja e da escola, algumas das pessoas do seu trabalho e muita gente que apenas conhecia. Também estavam alguns desconhecidos. Depois, Mike identificou cada um deles; reconheceu os professores que o tinham marcado. Além do mais viu Henry, o abusador, e Carol, o seu primeiro amor verdadeiro! Também reconheceu o seu amigo John. E lá estava, também, o assaltante que quase o matara, no assalto ao apartamento! Depois viu Shirley, a mulher que tinha amado e perdido em Los Angeles. Também havia outras imagens de pessoas que desconhecia. Uma delas chamou-lhe especialmente a atenção: tratava-se de uma mulher bonita, com um maravilhoso sorriso. Era ruiva e tinha os olhos verdes; uma combinação encantadora. Sentia uma energia envolvendo esta imagem mas não sabia porquê.

A imagem seguinte pôs-lhe os cabelos em pé: era a mulher que, conduzindo embriagada, chocou com o carro dos pais, naquele dia fatídico. Ela também tinha morrido no acidente e Mike pensava que fora merecido. Porque estava ela ali?... Bom... e agora, a sua própria imagem também surgia! Debaixo da fileira supe-

rior de fotografias, e ligadas por linhas como num organograma, havia mais imagens de pessoas formando fileiras horizontais, directamente debaixo das fotos superiores que tinha reconhecido.

- Cada linha horizontal corresponde a uma vida, Michael Thomas - clarificou Vermelho, enquanto Mike examinava o conjunto. São os mesmos protagonistas uma e outra vez. Os nomes mudam, e o género varia, mas são os mesmos seres... e são a tua verdadeira família. Como grupo, viajam livremente através do tempo; alguns vão e voltam, mas todos formam uma família. E chegou o momento de conheceres a sua história.

O que ocorreu de seguida foi um dos acontecimentos mais surpreendentes e revolucionários que Mike alguma vez experimentara. Não estava preparado para o que aconteceu naquele auditório vermelho, com aquelas cadeiras vermelhas e o maravilhoso Anjo Vermelho. Ficou totalmente petrificado e sem fala, sentado na cadeirão vermelho e vestido de vermelho: de repente, a primeira imagem da parte superior esquerda do esquema aumentou até adquirir um tamanho normal e manifestou vida! Ao mesmo tempo, a tal Shirley, o amor da vida de Mike, tomou vida na tela! Além disso, também saiu da grande tela e entrou na realidade de Mike, colocando-se à sua frente. Era real, já não era parte de um filme ou de uma representação! Chamou-o pelo nome e começou a narrar a sua história, enquanto permanecia literalmente junto a ele, como um sujeito perfeitamente tangível:

- Michael Thomas, sou Reenui, do Quadrante Cinco. Sou da tua família e quero-te muitíssimo! Sou Shirley, como me conheces nesta vida. E na vida anterior a esta, no século passado, fui Fred, o teu irmão. E antes de ser Fred, na vida anterior a essa fui Cynthia, tua mulher. Michael Thomas de Propósito Puro, temos um contrato, a cuja energia se chama carma. Planeámos juntos voltar a encontrar-nos nesta vida e assim fizemos. Tu e eu concluímos algo que iniciámos há séculos atrás e fizemo-lo bem. Concordámos em gerar em ti sentimentos que te levariam a estas encruzilhadas da vida. Esse é o presente que te dou e que tu me dás. Fizemo-lo juntos!

Mike ficou boquiaberto. Ela não era uma imagem da tela. Era real! Estava a ouvir um ser, que lhe era muito familiar, que lhe dizia ser Shirley... e que, antes disso, fora outra pessoa que ele conheceu... e antes disso... etc. Que apresentação mais extraordinária! Cada palavra estava cheia de verdade e de propósito, cada explicação mostrava ser fidedigna e absoluta. Que história! Que sítio! Mike não sabia se Shirley conseguia ouvi-lo enquanto ali estava mas a inegavelmente sólida imagem que estava diante dele pediu-lhe que falasse.

- Obrigado, querida Shirley!

Mike fez uma reverência àquela que tinha conhecido e amado. Aquela experiência deu-lhe uma perspectiva totalmente nova sobre a sua relação, agora via-a mais como a sua melhor amiga do que como a mulher que lhe tinha arruinado a vida. Shirley desapareceu gradualmente do sítio que ocupava frente a ele.

A imagem seguinte também saiu da tela e contou-lhe uma história de amor, intriga e relações complexas. Tratava-se do senhor Burroughs, o professor preferido de Mike na escola secundária. Explicou-lhe que já estivera nas vidas de Mike muitas vezes, encarnando muitas pessoas. Desta vez, esteve só para se encontrar com Mike durante a sua etapa educativa. Tinham-se ajudado mutuamente de várias maneiras, das quais Mike não era consciente. Também tinham um contrato e uma energia de aprendizagem chamada carma, apesar de ser muito ligeira. Mike expressou-lhe o seu agradecimento verbalmente e a imagem do senhor Burroughs desvaneceu-se, tal como a anterior.

De repente, tão grande como na vida real, Mike viu a imagem do seu pai. Não se sentiu triste: o pai estava vivo! A figura desceu da tela e, de um modo casual, colocou-se, como um ser vivente, em frente de Mike. Começou a contar a sua história e Mike ouviu-o com grande prazer.

- Michael Thomas, não sou quem pensas que sou - a entidade era amável e não tinha exactamente as feições do pai de Mike. - Sou Annehu - continuou - do Quadrante Cinco e sou a tua verdadeira família. A cara que estás a ver agora é a de teu pai e interpretei o meu papel na vida humana exactamente como tinha planejado com a tua mãe e contigo, antes de ir para a Terra. Tudo o que aconteceu foi correcto e deixámos-te cedo para podermos levar a cabo mais contratos noutras zonas espirituais. Quando te deixámos para realizar o nosso trabalho, ao mesmo tempo facilitámos a maior prenda que te foi dada, Michael. A nossa morte foi o catalizador da tua iluminação. Entrámos na tua vida com uma difícil lição cármica de morte e interpretámo-la perfeitamente. Se estás sentado aqui é graças a isso, e amamos-te muito pela tua viagem e pelo facto de que agora reconheces a dádiva.

Mike sentia intensamente que esta entidade estava viva e a falar com ele pessoalmente. Memorizou o nome: Annehu. Desejava que, a partir daquele momento, o nome ressoasse na sua vida. Como podia haver tristeza à volta da morte de seu pai, quando a verdade estava ali? As palavras «a maior prenda» ressoaram nos seus ouvidos, enquanto o ser que fora seu pai continuou a falar. Falou-lhe das guerras em que tinham combatido juntos e de que tinham sido irmãos - e, por conseguinte, também irmãs - desde há muitíssimo tempo atrás, quando os continentes ainda não existiam na Terra. Finalmente, concluiu a sua explicação. Sor-

riu e desvaneceu-se tal como os outros. Mike estava comovido, mas nem triste nem preocupado. Estava emocionado! Falou para a imagem do pai, enquanto esta se desvanecia.

- Pai, estou-te muito agradecido pela dádiva.

Mike sabia que o que estava a dizer era absolutamente certo e, enquanto o dizia, inclinou a cabeça em sinal de respeito.

A seguinte foi a sua mãe e Mike ficou colado à cadeira, com a boca aberta, ouvindo a história de lição cármica que ela lhe explicou, referente a ele e a outros que fizeram parte da sua vida.

- Chamo-me Eleuin e também provenho do Quadrante Cinco. Quero-te muito e tive muitas caras diferentes ao longo das tuas vidas passadas.

Continuou explicando os papéis que protagonizara vida após vida, inclusive tinha assassinado Mike uma vez, quando ambos eram mulheres e irmãs! Falou-lhe da energia que se cria com as acções de uma vida e de como esta é utilizada na planificação das lições de interacção para a vida seguinte. Esta entidade não provocou em Mike emoções nem criou nenhum tipo de melancolia na sua alma. Dedicou-se a dar-lhe informação e a sua apresentação foi muito bonita. Ela era real. Estava viva!

Quando a sua mãe começou a desvanecer-se, Mike também lhe falou:

- Obrigado pelo teu presente, Eleuin.

Mike considerou que era apropriado recordar os verdadeiros nomes dos seus pais. Recordar todos os nomes estava para além da sua capacidade mas comprometeu-se a conservar estes dois na sua memória para sempre.

Uns após outros, os rostos foram ocupando o seu lugar como indivíduos de carne e osso em frente de Mike. Apresentavam-se a si mesmos e comunicavam a Michael Thomas o grande amor que sentiam por ele. Quase sempre falavam da família – todos eram de um estranho lugar chamado o Quadrante Cinco – o que quer que isso significasse.

Só houve tempo, nesse dia, para que nove dos vinte e sete seres lhe expusessem a sua história. Ao finalizar, acenderam-se as luzes. Mike permaneceu sentado em silêncio e apercebeu-se que tinha passado a hora da refeição e nem tinha dado por isso. Do fundo da sala, Vermelho veio ao seu encontro e pôs-se à sua frente.

- Estás cansado?

- Não. Estou cheio de júbilo! - respondeu Mike. - Temos de terminar já?

Vermelho riu de todo o coração e fez um sinal com a mão para que Mike se levantasse e o seguisse até ao refeitório.

- Ainda nos restam dois dias neste plano, Michael Thomas. Há tempo para que a maior parte da família fale.

Um milhão de perguntas surgiu na mente de Mike, enquanto se encaminhava para o refeitório.

- Vermelho, ficas para comer?... O que quero dizer é que... Já sei que não comes, mas queria fazer-te umas perguntas.

- Claro!

Vermelho divertia-se. Mike pensou que ele provavelmente tinha outras coisas para fazer, sem se dar conta de que Vermelho estava ali unicamente para ele e para outros que estavam a caminho naquele momento.

Entraram no refeitório, onde já havia dois lugares preparados. Mike olhou para a mesa inquisitoriamente.

- Quem mais estará connosco?

- Se não estou enganado, tu convidaste-me - respondeu Vermelho num tom trocista.

- Mas se tu não comes!

- Quem disse isso?

Vermelho divertiu-se muito quando se sentou à mesa no lugar em frente a Mike e serviu-se de uma refrescante bebida de frutas. Mike estava desconcertado.

- É que eu nunca... quero dizer... nenhum dos outros anjos comia. Simplesmente pensei que...

- Michael - interrompeu-o Vermelho - nós os anjos não necessitamos de comer, mas junto-me a ti nesta necessidade humana, porque é agradável para ti ter um companheiro que também está a comer. Não é assim?

- É sim.

Mike não podia discutir aquilo. Há semanas que comia sozinho. A última vez que experimentara algo parecido a comer acompanhado foi quando Verde esteve com ele, olhando-o enquanto comia; pelo menos tivera companhia. Que divertido era Vermelho! Quem sabe seria o mais humano entre todos.

- Sinto-me honrado de que penses isso - respondeu Vermelho, mastigando pão e lendo-lhe os pensamentos.

Mike comeu com interrupções, porque continuamente fazia perguntas ao anjo.

- Vermelho, o que acaba de acontecer foi real? Refiro-me a quando esses seres falaram comigo. Trata-se de uma nova técnica de projecção que ainda não conheço?

Vermelho riu de novo enquanto limpava a barba com um guardanapo.

- Porque será que os humanos desejam desesperadamente confundir realidade e ilusão? Mesmo que a verdade esteja por vezes presente, os seres humanos negam-na, crendo que se trata de um engano. Nunca compreenderei isso.

- Qual é a resposta? - inquiriu Mike.

- Tudo era absolutamente real. Mais real do que a tua própria realidade na Terra, Michael. Eles estão aqui em pessoa, nesta Casa, por ti.

Mike não o compreendia de todo, mas continuou a fazer perguntas.

- Vermelho, todos aqueles nomes que soam tão estranho... reparei que a minha imagem não tinha um, só aquela estranha caligrafia que já tinha visto antes.

- Claro que tens um nome, Michael, mas por agora está oculto. Se for adequado, um dia poderás conhecê-lo ou, pelo menos, a parte que possas pronunciar, mas isso não tem a ver com a tua iluminação. Afinal, não sabes o meu nome e isso não te impediu de desfrutar da estadia aqui - Vermelho deu outra dentada.

Mike nunca tinha considerado o facto de que não sabia os nomes dos anjos que tinha encontrado nas diversas Casas. Simplesmente se referia a eles de acordo com a cor que tinham, era o mais fácil para todos e eles fomentavam essa prática.

- Vermelho, qual é o teu verdadeiro nome? - Mike estava verdadeiramente interessado. Enquanto esperava pela resposta comeu outra garfada de salada.

- Dás por certo que um nome é um som, Michael - Mike reparou que Vermelho era um comensal inapto. Podia afirmar-se que era a primeira vez que comia. A cada instante a comida caía da sua boca no prato. Já ia no quarto guardanapo e tentava imitar o ser humano o melhor que podia, nas maneiras e comportamentos relacionadas com o acto de comer. Realmente era muito divertido mas Mike estava demasiado absorto nas suas perguntas para reagir àquilo. Mais tarde rir-se-ia às gargalhadas, mas não à custa de Vermelho. Este continuou a sua explicação, depois de limpar a boca mais uma vez.

- Todos os nomes das entidades do Universo são energia, incluindo o teu e o meu. Têm cor, vibração, som... e, inclusivamente, propósito! Não podem ser pronunciadas totalmente como um som no ar, tal como se pode fazer com os nomes da Terra. Inclusivamente, os nomes que hoje ouviste e viste escritos são somente uma parte da energia real do nome completo de cada entidade. Pronunciaram-se o melhor possível para ti. Quando os seres espirituais se saúdam entre eles podem «ver» os seus nomes. Cada entidade leva consigo toda a sua linhagem e qualidades nas cores e vibrações dentro da sua Merkabah, que é o nome com que se denomina um corpo angélico. É bastante mais complexo do que aquilo que possas compreender neste momento, Michael, dado que é interdimensional.

- Vermelho - prosseguiu Michael, pois queria saber mais - hoje, no auditório, por que havia algumas imagens na fileira superior que não intervieram quando chegou a sua vez de explicar as suas histórias?

Mike estava especialmente interessado pela imagem da mulher pele-vermelha, cuja energia o tinha cativado desde o início. Estava na fileira superior mas fora omitida.

- São seres humanos que não conheces, Michael - Vermelho deu um gole e tentou, sem êxito, que o líquido não lhe escapasse pelos cantos da boca, pelo que teve de usar o guardanapo de novo... pela sétima vez.

- Então aqueles que não conheço não contam.

- Normalmente, aqui, não mostram contratos por cumprir, Michael. Não poderias estabelecer uma relação com eles, dado que não os conheceste nesta vida. Aqueles que se apresentam são, somente, os membros da família que conheceste até agora.

Mike sentou-se comodamente um momento e de novo reflectiu sobre uma ideia na qual já há tempo não pensava. Perguntou-se sobre a conveniência da sua viagem a esta terra das sete Casas. Se tivesse ficado em Los Angeles poderia ter interagido com mais pessoas que tinham planos espirituais para se encontrar com ele. Tinha interrompido algum tipo de plano cósmico? Quais podiam ser as consequências?

Vermelho «ouvia» e abordou as perguntas não verbalizadas.

- Ouve-me, Michael. Nem tudo o que tu pensas se encontra dentro das três dimensões. A tua mente aqui não é a mente de Deus. Ainda não podes saber o que nós já sabemos. Continuas a ser um ser humano e és muito amado precisamente por isso. Aqui estão a passar-se mais coisas do que as que tu sabes. Optaste por abandonar o caminho e é uma honra que o tenhas feito. Nada do que decidas fazer é inapropriado. Não poderíamos ajudar-te como estamos a fazer se não tivesse sido abençoado o facto de estares aqui neste momento.

A Mike nunca lhe ocorrera que a sua escolha de estar naquele caminho estivesse abençoada. Continuava a concebê-la como uma fuga. Estava a treinar-se para regressar ao Lar e, por alguma razão, aqueles seres

angélicos honravam e abençoavam essa escolha. Vermelho estava correcto. Não conseguia ver a perspectiva de conjunto.

- Alguma vez chegarei a compreendê-lo?

- Quando estiveres em frente à porta do Lar e a abrires, então compreenderás.

Vermelho pôs-se de pé e retirou-se com elegância. Quando a porta se fechou, Mike pôs-se de pé e observou a zona à volta da mesa e da cadeira onde Vermelho estivera sentado. Parecia que ali tinha estado uma criança de três anos! Havia migalhas, sumo de fruta e pedaços de comida por todo lado. Mike soltou uma gargalhada.

- Gosto de ti, Vermelho!

Dava-se conta de que Vermelho tinha feito algo de invulgar ao jantar com ele. Tinha tentado. «Pergunto-me se há coisas que os anjos não podem fazer», disse para si mesmo. Pensou um pouco e fez outra pergunta: «Se há coisas que os anjos não podem fazer e se os anjos fazem parte da totalidade, pergunto-me se haverá coisas que Deus não pode fazer». De imediato ouviu a resposta dentro da sua cabeça. Era a voz de Violeta!

- Sim. Deus não pode mentir, nem odiar, nem tomar decisões imparciais fora do âmbito do amor. É esta a essência do motivo por que têm lições da Terra: para que Deus possa contar com uma prova imparcial.

Ena! Mike sabia que acabavam de lhe oferecer algo profundo mas não compreendeu nada. «Quem sabe com o tempo até isto terá sentido», pensou. Que bom voltar a ouvir a voz de Violeta! Que lugar!

Mike adormeceu, mas os nomes angélicos Anneehu e Eleeuin continuaram a aparecer na sua frente, com cores vivas e desenhos geométricos. Era maravilhoso!

Dormiu bem apesar do frequente espectáculo luminoso.

* * *

No dia seguinte estava ansioso por começar. Devorou o pequeno-almoço e seguiu Vermelho até ao cinema. Correu, literalmente, até ao grande cadeirão acolchoado e aguardou que comessem as apresentações e as palavras ilustrativas da sua recém descoberta família. Desta vez, calharam-lhe algumas personagens que não tinham sido muito amigáveis. Não obstante, tudo lhe pareceu muito apropriado.

Henry, o abusador, saiu da tela e pôs-se na sua frente. Falou-lhe do contrato que ambos tinham estabelecido e da pesada carga da sua origem. Mike e Henry tinham sido camaradas a bordo de um barco num passado remoto e a interacção das suas vidas naquele tempo tinha gerado lições que ambos tinham de aprender juntos desta vez. Tudo isto era fascinante e, de alguma maneira, tinha sentido. Ele e Mike eram companheiros numa dança de energia que estava em marcha. Depois a imagem foi-se desvanecendo e Mike agradeceu-lhe por representar tão bem o seu papel.

A pessoa que falou a seguir foi a mulher que tinha matado os seus pais com o carro. Ela desfrutou ao dar a sua explicação. Chamava-se a si mesma a «catalizadora para a terminação», uma expressão espiritual que Mike ainda não era capaz de compreender. Era como se ela tivesse encontro marcado com seus pais para aquela noite, naquela fatídica estrada municipal, e tivesse lá chegado pontualmente. Falou da sessão de planificação e disse que todas as entidades tinham aplaudido de contentamento quando tudo acabara. A morte não trazia consigo a mesma energia para aqueles que estavam do outro lado. Era quase como uma peça de teatro!

A mulher nunca pediu perdão pelo que tinha feito. Não tinha razão para o fazer, dado que estava perfeitamente de acordo com o estipulado. Mike deixou de a julgar. De facto, isso mesmo lhe fez saber com toda a sinceridade:

- Obrigado pelo teu presente, valioso ser.

O desfile de elementos da família chegou ao fim por aquele dia. Mike levantou-se e foi comer. Mais nove seres lhe tinham explicado as suas histórias e linhagens. Desta vez Mike não pediu a Vermelho que jantasse com ele, mas sim que lhe fizesse companhia enquanto jantava. Tinha mais perguntas para lhe fazer e não desejava distrair-se com a comida que saía disparada por aqui e por ali e com as bebidas derramadas.

- Vermelho, muitos destes seres continuam a viver agora na Terra. Como é que podem estar também diante de mim, explicando-me as suas histórias?

- Michael Thomas, estás a usar, novamente, a tua experiência humana para entender a realidade do Lar. O «verdadeiro Michael Thomas» pode estar em vários sítios. O teu «fragmento de Deus», que é a parte mais elevada da tua alma, não está todo presente quando estás na Terra, está sim noutros lugares fazendo outras

coisas; por exemplo, agora que alteraste o teu caminho, realizando outros planos para os potenciais de energia com a família.

Vermelho sorriu, enquanto deixava Mike reflectir no que acabara de dizer.

- Novos planos?

- Sim.

Mike estava atónito. Tudo começava a encaixar. As sessões de planificação não se levavam a cabo apenas no princípio, antes que ele estivesse ali, mas sim em outras situações, produto de suas iniciativas iluminadas; estavam a acontecer inclusivamente agora, usando uma parte de ele mesmo, da qual nem sequer era consciente!

- Isso faz-me ter uma espécie de personalidade múltipla?

- Fecha os olhos, Michael - Vermelho estava a dar-lhe uma lição. - Concentra-te e relembra os acontecimentos deste dia. Imagina que estás de novo no auditório.

Mike fê-lo e Vermelho continuou:

- Diz-me onde estás agora.

- No auditório - respondeu Mike.

- Pois eu julguei que estavas aqui comigo, a comer!

Mike abriu os olhos e lançou a Vermelho um olhar de desgosto.

- Espera um momento, trata-se apenas da minha imaginação. Não tem mais valor do que o dos meus sonhos. O meu corpo real está aqui e os meus pensamentos no auditório.

- Muito bem. Então diz-me, o que é real: o teu corpo ou os teus pensamentos?

- O meu corpo... creio - respondeu Mike, vacilante.

Vermelho nada disse. Inclinou-se para a frente e deu-lhe algo em que pensar:

- Mike, ontem à noite... - fez uma pausa para dar efeito às suas palavras - voltaste a encontrar-te com os teus familiares. Desta vez mostraram-te a sua verdadeira energia e tu chamaste-os pelos seus verdadeiros nomes. Viajaste com eles para vários lugares e foi uma agradável experiência.

Mike parou de comer.

- Queres dizer que foi real?

- Sim.

- Mas se eu estava a dormir... a sonhar!

- A tua parte humana não te deixa compreender a realidade do Espírito, Michael. A tua consciência é a verdadeira realidade. O físico é apenas temporal. A tua estrutura celular apesar de ser, em si mesma, um receptáculo sagrado é só um lugar onde reside o Espírito da tua consciência. E tu podes levar esse Espírito onde quiseres. Portanto, onde estão os teus pensamentos está a tua realidade. Acredita em mim, é assim - Vermelho sorria quando acabou a frase.

- Posso abandonar o meu corpo? - Mike estava confuso.

- Assim fazes a toda a hora, Michael! - Vermelho estava a divertir-se. - Isso permite-te estar em dois lugares ao mesmo tempo, como tu dizes. Não é tão raro como tu crês! É adequado que, sempre que te lembres, regressemos ao teu receptáculo humano. Prometeste trazer a tua consciência nesse recipiente enquanto estiveres na Terra mas isso não te impede de continuares a viajar.

- Queres dizer que há uma parte de mim que não está aqui?

- Sim - Vermelho sabia qual ia ser a pergunta seguinte.

- E onde está?

O anjo levantou-se do seu lugar e dirigiu-se à porta para deixar que Mike se retirasse para descansar. Voltou-se para responder à última pergunta.

- Está no lugar mais sagrado de todos. Está com todos os outros, no Templo da Física. Está com Deus - e dito isto foi-se embora.

Mike estava a aceder a informação nova de todos os tipos e não conseguia decifrar nenhuma. «O Templo da Física? O que será isso? Soa a projecto de ciência de uma igreja, ou a filme protagonizado por Harrison Ford. O que pode significar?» Era como se cada resposta a uma pergunta gerasse mais perguntas.

Mike retirou-se para descansar. Imediatamente antes de adormecer lembrou-se que Vermelho lhe dissera que os seus sonhos eram a sua realidade autêntica. Tinha realmente viajado com a sua família para algum lado, a noite passada? Se era assim, por que não conseguia recordá-lo claramente? Tudo era tão novo... e tão surpreendente... Continuou a pensar sobre isto enquanto já estava meio a dormir, nesse estado em que abandonava o seu pensamento humano turvo acerca do que, na realidade, estava a acontecer. Depois viajou, uma vez mais, ao seu lugar preferido – um em que tinha estado muitas vezes enquanto dormia – onde o amor se encontra com a realidade e a família se reúne para falar de coisas do passado, presente e futuro, e

onde parece que se violam as leis da física mas na realidade se criam. Mais tarde, seria incapaz de recordar tudo o que tinha acontecido.

Era o último dia na Casa Vermelha. No auditório apresentaram-se apenas uns quantos astrais, já que tinham participado pelo menos cinco deles que não faziam parte da experiência de Michael até ao momento. Reencontrou-se com o professor que denunciara à administração escolar e com o ladrão que, aparentemente, tinha desencadeado toda esta aventura graças à sua actuação no apartamento. Era como se tudo aquilo tivesse acontecido há muito tempo atrás.

Mike escutou-os a todos e honrou o facto de serem a sua família e de todos estarem vinculados de múltiplas maneiras, nas suas vidas actuais e passadas. Quando acabou, tinha adquirido sobre o tema uma perspectiva de conjunto que quase nenhum humano possuía. Agora, a sua noção acerca do que consistia a vida era muito mais ampla. Voltou a lamentar o facto de não poder levar consigo nada daquilo para Los Angeles e, também, de não ter tido acesso àquele conhecimento anteriormente.

Se tivesse compreendido a energia cármica dos contratos teria tido uma compreensão muito mais serena, inclusivamente das experiências mais emocionais! Isso o teria ajudado a converter-se no melhor ser humano do planeta. Era possível que os seres humanos, na Terra, nunca tivessem acedido a este conhecimento? Quem sabe se esta não seria lição da qual se falava com tanta frequência? Era quase como estar na escuridão e ver se, apesar de tudo, se conseguia descobrir a luz. Ainda que se tratasse de um quebra-cabeças gigantesco, Mike estava agradecido por esta viagem educativa e de iluminação.

Nessa noite dedicou algum tempo a fazer uma cerimónia com o seu corpo, tal como Verde lhe ensinara. Sentiu que se avizinhava outra mudança e tratou-a exactamente como Verde lhe mostrara. Demorou-lhe umas quantas horas e soube, com absoluta certeza, que se tinha graduado a outro nível, no qual, de algum modo, o seu organismo se tinha fundido com o seu espírito. Era como se a aceitação do que tinha aprendido nas diversas Casas tivesse causado uma reacção psicológica dentro das suas células. Então, lembrou-se que Verde lhe dissera que o seu verdadeiro espírito estava contido em cada célula. Fazia sentido.

Voltou a dormir bem, sem estar consciente das suas viagens astrais e reuniões familiares, e acordou descansado. Depois do pequeno-almoço armou-se com a sua Espada, o Escudo e a Armadura e foi procurar Vermelho. O anjo já o esperava, pronto para o acompanhar à porta da Casa. Estava evidentemente comovido ao ver que Mike se aproximava.

- Michael Thomas de Propósito puro, mudaste.

- Já sei - Mike foi discreto em relação à cerimónia e à mudança que experimentara na noite anterior. - Como soubeste? Como pode um anjo saber se um humano mudou a sua vibração?

Vermelho continuou a olhá-lo com uma expressão de respeito.

- As tuas cores revelam isso - disse suavemente. - Nunca um ser humano mudou tanto e tão rápido, Michael. Neste lugar és único. Assimilaste tudo e compreendeste-o tão rapidamente quanto se te apresentava. Realmente és um ser humano muito especial!

Vermelho deu meia volta e reconduziu Mike pelo labirinto de vestíbulos até à pequena porta de entrada da Casa Vermelha. Mike saiu para a luz do sol e começou a calçar os sapatos, que encontrou tal como tinha deixado. Não compreendera aquela história das cores mas não importava.

- Nunca esquecerei este lugar, meu amigo vermelho - disse Mike. - Aqui é onde conheci a minha família, pela primeira vez.

Vermelho sorriu. Ele sabia a verdade. Mike tinha conhecido a sua família pela primeira vez, enquanto Michael Thomas, o ser humano. Mas, na realidade, conhecia-os muito bem.

- Michael Thomas, ainda te esperam muitas surpresas nas duas Casas que te faltam. A tua nova vibração fará com que todas as vivências sejam ainda mais intensas. Estás preparado para as enfrentar?

Mike pensou que isso lhe soava ameaçador.

- Existe a possibilidade de que se apresente algum problema, Vermelho? - inquiriu Mike preocupado.

- Encontrarás alguns desafios físicos, espirituais e emocionais que terás de enfrentar, antes de chegar à porta do Lar - respondeu Vermelho com seriedade. - Quem sabe se não serão os maiores desafios que já enfrentaste desde que estás nesta terra. Alguns porão em dúvida este percurso e a sua realidade, alguns deixar-te-ão atónito pela sua envergadura, alguns, inclusivamente, podem dar-te medo.

Mike ergueu-se ao ouvir aquilo. Sabia que o esperava algum tipo de prova. Tal como antes, estava cheio de resolução. Não tinha chegado tão longe para desistir agora.

- Compreendo - disse - e estou preparado.

- Claro que estás, meu amigo humano - Vermelho continuou a olhar Mike como se o visse pela primeira vez. - Tenho de te fazer uma pergunta. Vais ouvi-la esta manhã e posteriormente, duas vezes mais. A última vez será a mais importante.

«Até que enfim!», pensou Mike, contente de que um anjo lhe estivesse a dar alguma informação sobre porque é que lhe tinham feito essa última pergunta em cada uma das Casas. Devia estar relacionada com a última Casa e o que ali encontraria.

- Estou pronto para responder à tua pergunta, Vermelho - Mike sabia qual era a pergunta mas queria que Vermelho tivesse a honra de a formular. O anjo sabia o que Mike lhe estava a conceder nesse momento e valorizava-o.

- Michael Thomas de Propósito Puro, amas Deus?

- O mesmo que a ti e a todos os demais. Sim, amo Deus.

Mike aproximou-se do anjo e fez algo que não tinha feito antes. Abraçou Vermelho! O enorme ser era como um pacote descomunal e os braços de Mike rodearam-no na medida do possível. Vermelho aceitou imediatamente a despedida física e baixou-se para permitir que Mike o abraçasse e o tivesse à altura dos olhos. O anjo envolveu Mike completamente, engolindo-o entre as suas subtis roupagens vermelhas.

- Isto tem um significado, Michael - disse Vermelho enquanto o soltava. - Tal com me disseram Verde e Violeta, és o primeiro ser humano que possui a vibração que permite tocar um anjo - o ser vermelho estava emocionado. Nunca antes tínhamos abraçado fisicamente um ser humano. Sempre recordarei este momento.

Mike aceitou de bom grado o cumprimento e logo começou a andar pelo carreiro que ia da Casa ao caminho principal. Estava perante um dilema: seguir ou não seguir o caminho. Sim, desta vez usaria o caminho para chegar à Casa seguinte... que já sabia que era branca. Voltou-se para trás uma vez mais e agitou o braço para se despedir de Vermelho. Este permaneceu no pórtico observando até que Mike ficou fora do seu alcance visual. Estava maravilhado pelo seu progresso, estava orgulhoso dos dons daquele ser humano e, também, das armas que harmonizavam com ele. Nunca antes tinha acontecido isto de uma forma tão perfeita.

Foi só uma questão de minutos até a repugnante e ameaçadora criatura – que levava com ela o fedor da morte – surgir de entre as árvores e começasse a seguir o ser humano até à Casa seguinte. Aquilo não deixava pegadas enquanto se movia entre as margens do caminho, passou muito perto de Vermelho e olhou-o ferozmente com seus olhos abrasadores. Pela primeira vez o anjo falou à aparição:

- Espectro, não tens hipótese.

Dito isto, o ser vermelho deu meia volta e desapareceu no interior da Casa de cor igual a si mesmo.

10 - A Sexta Casa

A viagem até à sexta Casa decorreu quase sem incidentes. Mike estava mais consciente do que nunca de estar a ser seguido. Mesmo assim, em vez de medo apenas sentia a necessidade de ter prudência. Podia sentir claramente atrás de si, e não muito longe, a energia sinistra que exalava Aquilo, que estava a segui-lo. Antes fora incapaz de sentir a energia da criatura; era, pois, como se tivesse recebido um novo dom de clarividência. Seria, quem sabe, um sexto sentido? Podia assegurar com toda a certeza que essa energia existia. O que significava aquilo? O quê ou quem era aquela... coisa? O que queria? Por que não se dava simplesmente a conhecer? Por que o seguia o permanentemente?

Recordou o episódio da tempestade em que aquela figura sinistra esverdeada saiu do seu esconderijo e o atacou, enquanto ele estava vulnerável. Depois, pareceu volatilizar-se quando o raio caiu. Teria sentido medo de Michael? Se era esse o caso, não tinha com que se preocupar e manteria simplesmente o espectro ao longe durante o resto do caminho para as duas últimas Casas. Apesar disso, tinha a intuição que decerto chegaria o momento de ajuste contas com a coisa sinistra, que se convertera na sua sombra nos caminhos entre uma Casa e outra. Vermelho tinha-lhe dado a entender muito bem e o seu novo sentido intuitivo estava a dizer-lhe o mesmo. «Tem cuidado, Mike!», eram as palavras que escutava, uma e outra vez, em relação ao assunto. Era a sua mente que falava... ou quem? Estava a começar a compreender que as vozes dos anjos de alguma maneira se fundiam com a sua e lhe davam informações sobre a viagem. Tudo isso era demasiado novo!

Continuou a andar e, ao olhar para trás, conseguiu ver Aquilo por um instante, em duas ocasiões. Pelo menos ia atrás dele. Considerou o facto de Aquilo ser astuto e poder adiantar-se no caminho da sexta para a sétima Casa. Uma voz intuitiva falou-lhe através da mente de uma forma clara: «É melhor que fiques atento». Mike pegou no mapa para ver se o espectro sombrio tinha algum tipo de energia que aparecesse nele. Mas o mapa estava normal e mostrava, como sempre, todas as coisas que existiam à volta do ponto vermelho com a inscrição «Estás aqui», num raio de uns duzentos metros. Deu meia volta e examinou o lugar onde vira o movimento e apercebeu-se que Aquilo estava escondido para além do raio de alcance do mapa. Perguntou-se se Aquilo sabia que podia aparecer no mapa e, por isso mesmo, se matinha a uma distância prudente. Teria de ter isto em conta permanentemente porque sentiu que, de algum modo, era uma informação valiosa.

Encontrou a Casa Branca à uma hora da tarde. Era pequena e modesta, uma casa de campo exactamente como as outras. Aproximou-se dela e procurou o sinal que lhe daria um avanço em relação às lições que ali aprenderia. A sua curiosidade não o defraudou e, com efeito, o sinal estava ali com a inscrição: «Casa do Amor». Instantaneamente, Mike sentiu curiosidade. O que era?... Do que se tratava?... Sentira-se amado em todas as Casas anteriores. Já tinha estado na Casa das Relações e, mesmo assim, ainda lhe faltava visitar esta Casa completamente dedicada ao amor.

Saiu do caminho e dirigiu-se à porta de entrada. Não havia nenhum anjo para lhe dar as boas-vindas. Procurou um lugar para deixar os sapatos e encontrou-o. Perguntou-se se teria de esperar pelo Anjo Branco; por fim decidiu que não. Tirou os sapatos, colocou-os no lugar adequado, abriu a porta e entrou.

Ficou estonteado com o cheiro a flores! Recordou essa sensação. Estava num vestíbulo que conduzia a uma zona ampla, de uma brancura indefinida. Aproximou-se lentamente da entrada até chegar a um espaço branco, enorme e aberto. Recordava-se daquele lugar: era onde tivera a sua primeira visão! Subitamente, o enorme Anjo Branco que protagonizara aquela visão apareceu diante ele.

- Bem-vindo, Michael Thomas de Vontade Pura! Voltamos a encontrar-nos.

O sorriso do anjo provocava impacto. E que voz!... Mike estava contentíssimo de ver esta maravilhosa entidade. Estava de novo maravilhado com a qualidade vaporosa das suas vestes. O anjo parecia fundir-se com a Casa. Intuitivamente, notou que Branco - chamá-lo-ia assim - era diferente dos outros. Flutuava! Os outros andavam. Tinha um ar que o caracterizava mais como uma divindade - se é que tal pudesse ser possível. Os outros anjos do Caminho tornaram-se seus amigos, converteram-se na sua família; este era como um sacerdote. Resplandecia! Mike intuiu que Branco não devia ser tocado e que lhe transmitia uma imensa energia. Um vez mais, os novos poderes estavam a funcionar na perfeição.

- Desta vez tens rosto - comentou Mike, reparando nele. Lembrava-se de que no encontro anterior tudo o que se referia ao anjo era difuso.

- Claro que sim, és capaz de ver o meu rosto porque chegaste até aqui. Fizeste-o muito bem, Michael. A tua vibração está mais alta do que a de qualquer outro ser humano que tenha viajado por esta terra. No teu

nome já existem cores que o revelam; cores que permanecerão para sempre, independentemente do teu êxito, quer continues a tua viagem até à próxima Casa ou não.

De novo aquele tema. Tratava-se de uma advertência de que não conseguiria fazê-lo? Era uma dúvida? Vermelho tinha-lhe transmitido a mesma sensação: a de que talvez, no último momento dessa viagem sagrada, poderia desistir. «O que acontecerá, para ser tão difícil?»

- Esta Casa porá à prova a tua resolução de continuar - explicou Branco, relendo a energia de Mike. - Nem tudo é o que parece. Usa esta observação como guia, que te servirá para o que está para vir.

Mike recordou-se que estava perante o anjo que dissera essa frase pela primeira vez. E como tinha acertado! Era uma frase que aconselhava a não fazer suposições. Era uma advertência a ter em conta, que o ajudaria de um modo ou de outro. Queria saber mais sobre Branco.

- Branco, és diferente?

- Sim, Michael. Sou. Esta é a Casa do Amor. Praticamente é a Casa mais pura em que alguma vez entrarás. Não é uma Casa de lições, como as anteriores. É a Casa da Origem. É o Centro.

- Mas é a número seis das sete Casas da série!

- Volto a dizer-te que não é o que parece - o anjo sorriu. - Acredita, esta Casa é o Centro. A ordem das Casas foi estabelecida só para as tuas lições, Michael. A distribuição que vês só representa uma forma humana.

Mike imediatamente teve curiosidade em saber mais sobre a Casa.

- O que vai acontecer aqui?

- A revelação.

O anjo aproximou-se flutuando. Tinha um rosto muito belo, imensamente tranquilo! Se o amor tivesse um rosto seria este. Branco continuou com as suas respostas.

- E, também, uma viagem até à escolha. Uma reformulação de tudo o que isto significa. E outro campo vibratório, se o quiseres.

- Quem és, realmente? Não és só o anjo da sexta Casa. Eu sei.

- Eu sou conhecido por todos, Michael Thomas. E como sou conhecido por todos, existo.

Esta resposta era idêntica à que Branco lhe dera a primeira vez que fizera essa pergunta. Mas, para ele, não fazia sentido.

- Não compreendo bem a tua resposta. Branco, sem dúvida algum dia poderei compreendê-la. De todos os anjos que conheci até agora, tu és o mais grandioso.

Mike estava a dizer a verdade, porque começara a compreender que quem estava diante dele nesse momento era um ente da mais alta importância espiritual e de potente energia.

- É possível que o seja, Michael Thomas, mas virá um que é mais grandioso do que todos nós.

Branco esperou pacientemente que Mike reflectisse sobre esta afirmação. Depois deu meia volta, começou a flutuar e fez-lhe sinal para o seguir. Guiou-o através de um indescritível e confuso labirinto de falsos vestíbulos. Mike não conseguia perceber os detalhes deste lugar! As salas e vestíbulos, se é que o eram, deviam ter alguma forma mas não as conseguia distinguir.

- Parece-me que me falta a vista, Branco. Tudo se confunde com tudo.

- Grande parte do que vês está em dimensões mais elevadas, Michael Thomas, e a tua mente não é capaz de o discernir neste momento. Por essa razão não saí para te receber à porta. Não posso sair facilmente deste lugar porque a física do exterior não aceitaria a minha dimensão.

Mike sabia que se encontrava numa área de conhecimento que ainda não compreendia e não tentou fazê-lo. Branco conduziu-o a uma porta de aspecto familiar que pôde ver em todos os detalhes. Então, o anjo disse:

- Os teus aposentos e a cozinha estão na tua dimensão. Deves entrar sozinho. Virei buscar-te aqui, de manhã, depois do pequeno-almoço.

Branco era muito elegante. Deu a Mike um grande sorriso, fazendo com que ele se sentisse verdadeiramente bem. Havia alguma coisa na sua voz que provocava em Mike o desejo de o ouvir falar incessantemente. Que voz tão bonita ele tinha! Lembrava-se como reagira a primeira vez que viu o sorriso do anjo. Queria continuar a ter o prazer da sua companhia.

- Tens de te ir, agora?

- Sim, mas não faz mal. Estarei aqui de manhã.

- Sentirei a tua falta.

Mike sentiu como se estivesse a despedir-se de um parente perdido há muito tempo atrás. Realmente, não queria que Branco se fosse embora. A energia que havia entre ambos provocava-lhe dependência! Reconheceu que isso era insólito. Expressou-o em algumas palavras, formulando uma pergunta. O anjo já sabia que ia fazer.

- Branco, o que é que estou a sentir? Podes explicar-me de maneira a que possa entender?

- Não - Branco foi honesto e sorriu a Mike - mas dir-to-ei, seja como for.

O magnífico anjo estava sempre disposto a tratar de todo o tipo de assuntos, incluindo aqueles que, espiritualmente, eram muito avançados para Mike. Assim, continuou:

- Represento a fonte de toda a matéria. Existo, logo existo, e sou a razão pela qual existe o Universo. Vivo nos mais elevados paradoxos científicos imagináveis mas sou o responsável das emoções de um único coração humano. Sou a parte mais pequena da Física e a parte maior do Universo. Represento toda a Luz. Sou o espaço entre o núcleo e o átomo e a névoa do electrão. Sou a força mais abundante do Universo e a fonte de energia mais poderosa. Venho da força mais distante, mas mais poderosa do Universo. Sou a areia da clepsidra e sou, também, o Centro, onde não existe o tempo. Sou a força criativa que permite à Física responder à Consciência. Portanto, sou um milagre: **Eu sou** o amor.

Mike não compreendeu nada mas, de qualquer maneira, sentiu um respeito reverencial pela mensagem. Branco era um santo. Mike estava perante uma parte de Deus, que era sagrada e ungida. Desta vez não estava perante um mestre, mas sim frente a uma personalidade, uma celebridade que possuía uma voz como nunca ouvira antes. Mike sentira a mesma coisa na primeira vez que estivera com o anjo.

- Obrigado Branco, obrigado.

O anjo olhou para Michael Thomas durante um grande momento antes de prosseguir. A sua voz sedosa deslizou pelos ouvidos de Mike como a geada matinal fluiu pela húmida pétala de uma flor.

- Não passarás muito tempo aqui, Michael Thomas. Amanhã te explicarei as quatro qualidades do amor e, depois, apresento-te a alguém.

Pela maneira como Branco o olhou, Mike pressentiu que estava para acontecer alguma coisa poderosa. Sentiu o amor do anjo e a sua compaixão.

Branco saiu e deixou-o com vontade de saber mais acerca de tudo: mais sobre essa voz maravilhosa, mais informação, mais paz! E pronto! O anjo trazia consigo a paz quando estava perto, mas a paz permaneceu apesar se ter ido embora. Que sensação!

Mike esqueceu como estava esfomeado até que detectou o aroma da comida que o aguardava no aposento contíguo. Conhecia a rotina e, rapidamente, guardou os seus pertences no armário, lavou-se e preparou-se para jantar e dormir cedo.

Depois desta ceia, dormiu como nunca dormira em toda a sua vida. Isto superava qualquer outra experiência similar nas outras Casas. A sensação de paz era tão densa que podia saboreá-la e cheirá-la. A serenidade era imponente e tinha resultado num descanso total e profundo.

* * *

Quando o repugnante e vil ser de olhos vermelhos chegou à Casa Branca, não se deteve para se refugiar numa árvore ou para se acocorar por detrás de uma rocha. Michael já entrara na Casa e Aquilo sabia que não havia nenhum perigo e, por isso, podia passar sem ser visto. Assim, avançou motivado pelo propósito sinistro que o impulsionava a continuar. Durante aproximadamente uma hora, andou rapidamente pelo caminho que conduzia à Casa seguinte e encontrou um sítio perfeito para fazer a emboscada. Explorou o terreno e pensou em todas as possíveis contingências de escape que Michael Thomas podia tentar. Instalou-se e iniciou o processo de espera, praticando o que ia fazer, convencido que o logro seria perfeito. Michael não teria oportunidade para fazer nada, iria baixar a guarda. Se o leitor fosse um viajante transitando por esse caminho na penumbra desse dia limite em que se urdira a armadilha, teria visto, debaixo de uma árvore, um homem solitário, repetindo uma e outra vez as mesmas palavras como se praticasse um discurso. Se acaso se tivesse aproximado dessa pessoa aparentemente simpática, teria observado que tinha a aparência de um honrado camponês, teria escutado a voz de um pai amante: o pai de Michael Thomas.

* * *

Mike acordou cedo e preparou-se. Os seus aposentos eram iguais aos das outras Casas, excepto que nesta ocasião eram totalmente brancos. Com frequência considerava que o «branco sobre branco» parecia uma decoração de cariz feminino mas esta experiência fê-lo mudar de opinião. Neste lugar, toda a brancura transmitia uma sensação de paz, de serenidade. Encontrou roupa branca para vestir, acompanhada por umas sandálias brancas - se tivesse querido calçá-las.

Comeu e... que comida! Não só era saborosa, como tinha um aspecto sensacional. Sentou-se à mesa coberta por uma toalha branca, uma jarra de porcelana branca, com chávenas brancas, copos brancos e até guardanapos brancos. A cor da comida contrastava espectacularmente com a brancura, dando a todo o conjunto o aspecto de uma galeria de arte. Comeu pausadamente, captando toda a elegância que o rodeava. Tanto branco fazia-o sentir-se como se ali fosse um palácio, como se estivesse entre a realeza.

Quando acabou de comer, respirou profundamente. Tinha a certeza absoluta que o magnífico Anjo Branco estava do outro lado da porta, à espera. «O que irá acontecer aqui?» Se o amor era o maior poder do Universo e ele estava a aumentar a sua vibração desde então, o que poderia acontecer-lhe para o tentar a deixar o caminho?

Abriu a porta e atravessou o delicado vestíbulo da Casa Branca. Estava certo: o anjo esperava-o exactamente onde Mike o deixara na noite anterior.

- Bom dia, Michael Thomas - saudou o enorme ser.

Imediatamente Mike sentiu a grandeza da energia que rodeava Branco.

- Bom dia, Branco.

- Estás pronto para continuar?

- Estou.

Mike adorava a sensação que lhe provocava aquele lugar, apesar de estar um pouco apreensivo. O anjo conduziu-o a uma sala e convidou-o a sentar-se. Mike sentou-se. Ali não havia material didáctico, nem ecrãs ou quadros sinópticos, só uma sala branca com a cadeira em que Mike estava agora sentado. O anjo colocou-se na sua frente e começou o intercâmbio de informação.

- Michael Thomas de Vontade Pura, estou aqui para te apresentar as quatro qualidades do amor. Quando o amor puro de Deus penetrar no teu ser, todas as tuas células vibrarão com a sua integridade. Verás as coisas de outra maneira. Tratarás os outros de um modo diferente. Terás um discernimento poderoso. É a essência de toda a criação. Mas, mesmo que pareça estranho, a tua linguagem só tem uma palavra para designar esta imensa propriedade - o anjo sorriu. – Desejo mostrar-te como funciona. Por favor, vem comigo.

Mike surpreendeu-se com o que se seguiu. Pensava ter tido grandes experiências nas primeiras cinco Casas e que vira tudo mas, surpreendentemente, o anjo estava a fazê-lo viajar! Ali sentado, estava a levá-lo rapidamente a uma realidade interdimensional. Ele e Branco pareciam reais mas tudo à sua volta se transformou num sonho. Tinha a sensação de movimento, mas estava agoniado. A branca e difusa Casa transformou-se num labirinto de cores e sons que mudavam continuamente ante os seus olhos. Sentado ainda na cadeira, estava a ser levado a outro lugar. Mas, mesmo estando surpreendido, não tinha medo. Tudo era demasiado maravilhoso!

Após um momento, ambos «chegaram» finalmente ao destino que o anjo pretendia. A confusão da mudança dimensional começou a desvanecer-se e Mike viu que estavam num ambiente de hospital. Isto surpreendeu-o. Tinha pensado que o anjo o levaria a algum lugar celestial para ver o amor divino. No entanto, o que estava a ver era um quarto de hospital, como tantos outros. Na cama, estava um paciente ligado a vários tubos e sondas. Identificou o lugar como a zona que se denomina «cuidados intensivos».

Como era real! Podia ouvir tudo o que estava a acontecer e, inclusive, podia cheirar o anticéptico usado nos hospitais para limpar o chão e as paredes. Depois de tanto tempo naquela caminhada sagrada numa terra espiritual, aqueles sons e cheiros agrediram-lhe os sentidos e fizeram-no estremecer. Tudo aquilo era muito diferente, apesar de continuar a ser-lhe familiar.

Os dois viajantes colocaram-se num local onde podiam observar tudo o que acontecia no quarto. Parados num canto, pareciam flutuar de uma maneira estática. O ambiente era tranquilo e Mike permaneceu em silêncio. A única coisa que parecia evidente era os sons intermitentes, agudos e contínuos dos aparelhos médicos. Mike olhou à volta. Era inegável que o homem acamado era de idade avançada. Estava pálido, com um tom cinzento e parecia muito velho e muito doente. Tinha os olhos fechados.

- O que se passa? - Mike falou em voz baixa, como se o paciente o pudesse ouvir.

- Está a morrer - respondeu o Anjo Branco. Mike ia fazer outra pergunta quando uma mulher, de pouco mais de quarenta anos, entrou sozinha no quarto. Ficou a observar por um momento o homem que jazia na cama. Mike apercebeu-se que, de algum modo, ela era especial. A sua intuição continuava alerta, incluindo nesta visão.

- Quem é ela? - perguntou Mike.

- É a filha do homem moribundo. A história que estás a presenciar trata, de facto, sobre ela. Chama-se Mary e tem todas as razões do mundo para desprezar o homem que jaz na cama.

- Por que havia de odiar o seu pai?

- Porque ele abusou dela, repetidamente, quando ainda era uma menina. Isso marcou-a, física e emocionalmente. Arruinou-lhe a vida - o anjo fez uma pausa e ambos olharam Mary, que se chegava à cama. - A

mãe nunca soube de nada, porque Mary estava demasiado aterrorizada e não sabia como lhe dizer. Isso afectou a relação entre mãe e filha e Mary saiu de casa assim que pôde, para ficar longe do seu lascivo pai. A mãe pensou que a filha não a queria e nunca foram capazes de trocar qualquer tipo de amizade adulta. Mary nunca lhe falou no assunto e a mãe morreu pensando que a sua filha a detestava.

- Isso é terrível! - Mike estava verdadeiramente aflito. Reconhecia a injustiça da situação e sentia muita pena por Mary. O anjo olhou-o com ironia.

- Eles são da mesma família, Michael... Parece que já esqueceste as lições da Casa Vermelha.

Mike ficou envergonhado. Não, não esquecera aquelas lições, mas era a primeira vez que tentava aplicar noutro ser humano o que aprendera sobre a sua própria família espiritual. Apercebeu-se que Branco fizera alusão ao facto de o pai e a filha terem um contrato cármico, exactamente como os que ele tinha com a sua própria família espiritual. Mas o anjo continuou:

- A coisa piorou. Sempre que tentava ter uma relação de casal normal e encontrar um marido, as experiências da sua infância com o pai estragavam as suas iniciativas. Nunca foi capaz de se casar, ser feliz, nem de ter filhos.

- Que acordo esse! - disse Mike, suspirando.

Sentia-se acabrunhado pela dureza do que Mary fora obrigada a viver. O anjo olhou-o com admiração. Não tinha de dizer nada, pois aquela era a forma de levar Mike a testar o que aprendera, até ao momento, na sua viagem.

- Compreendes, Michael Thomas, que o que aconteceu entre Mary e o seu pai era um contrato de um amor incrível?

- Compreendo. Mas, como ser humano, continuo a pensar que é um conceito difícil de entender e aceitar.

- É porque a tua dualidade está a funcionar, Michael. É possível que nunca aceites completamente algumas destas coisas enquanto tiveres forma humana... o que é muito compreensível.

Mike continuou a observar a situação no quarto do hospital. Mary permanecia em silêncio ao lado do pai, talvez esperando que ele despertasse. Pousou algumas das suas coisas na mesa-de-cabeceira.

- Deve odiá-lo muito - comentou Mike para Branco, em voz baixa e com tristeza.

- Não, Mike. Ela quer-lhe muitíssimo - Mike ficou espantado com a afirmação.

- Depois de tudo o que ele lhe fez?

Branco voltou-se, olhou-o de frente e respondeu:

- Mary tem algo em comum contigo, Michael Thomas, e também algo que não partilham - o anjo deteve-se e olhou intensamente Mike para ver a sua reacção. Este ouvia-o. - Ao contrário de ti, ela está agora na Terra mas, tal como tu, adquiriu uma maior compreensão da informação que recebeste nas primeiras cinco Casas.

Mike estava atónito! Pensara que o seu caminho espiritual era uma coisa que um ser humano só recebia após fazer a viagem em que ele estava imerso naquele momento. Não soube o que dizer. «Como era possível?» O anjo viu a angústia e a confusão de Mike e continuou a explicar:

- Mary fez as suas mudanças vibratórias por si mesma, Michael, e isso levou-lhe quase nove anos da sua vida. Tu fizeste as tuas apenas em algumas semanas! És realmente especial. No entanto, a informação que compilaste nas primeiras cinco Casas, mais a informação que encontres nesta e na última Casa, tem estado na Terra há eons. Para que um ser humano possa aceder a essa informação só tem de se aperceber da sua dualidade e tentar encontrar a verdade da sua existência. Escreveu-se muito acerca do modo de como funcionam as coisas e há muitos mestres humanos que podem ajudar a conseguir esta compreensão.

Mike estava muito calado. Esta era uma informação realmente nova para ele, que tinha de assimilar lentamente e entender o que significava. Estava a começar a sentir-se inquieto. Será que, naquela visão quando ele próprio estivera no hospital, errara ao pedir a Branco que lhe permitisse deixar a Terra para regressar ao Lar? Agora, apercebia-se que tudo o que aprendera também podia ser alcançado se tivesse ficado.

- Branco, por que demorou ela nove anos?

- Porque foi o seu próprio ritmo, Michael. E foi respeitada nisso. Ela não teve o privilégio que tu tiveste de contar com anjos que lhe explicassem e a assessorassem. Não teve a honra que tu tiveste de te encontrares com a tua família, frente a frente. Em relação a ti, ela não sabe os nomes angélicos dos membros da sua família. Levou-lhe muito tempo, porque continua na vibração da terceira dimensão e vive numa energia mais baixa. Portanto, por causa disso, a sua dualidade é mais forte e a sua consciência e iluminação tardam mais.

Mike sentou-se e olhou Mary. Ali estava ela, vibrando num nível muito alto, mesmo aparentando ser pequena e frágil.

- Não deixes que as aparências te enganem, Michael. Nem tudo é o que parece - o Anjo Branco tinha lido, novamente, a energia de Mike. - Ela é uma Guerreira da Luz. Matou o gigante e é poderosa!

Mike estava a começar a sentir-se realmente incomodado. O que significava aquilo exactamente? Começava a questionar-se sobre isto quando Branco falou outra vez.

- Michael Thomas de Vontade Pura, estamos aqui para observar como esta mulher, aparentemente insignificante, te ensina as quatro qualidades do amor.

Mike estava muito quieto. Intuitivamente sabia que tinha muito para aprender. Mesmo agora, pensando que estava a chegar ao Lar, as coisas estavam a complicar-se ainda mais. O anjo continuou a falar:

- Toma atenção, porque ela trás consigo o mesmo poder que eu. Ela compreende o amor, Michael, e parte de mim mora nela por causa disso. Não existe maior poder do que este. Ela também aceitou o Ser Dourado.

Mike sabia que não era o momento para fazer mais perguntas. Olhava a cena, enquanto Branco continuava a explicar o que estava a acontecer.

- Michael Thomas, a primeira qualidade do Amor é este: **o amor é silencioso**. Deves ter notado que ela não entrou no quarto com tambores e apitos. O pai pedófilo está muito doente. Não pode defender-se e está débil. Esta seria a sua grande oportunidade para se vingar. Ela podia ter entrado fazendo escândalo, anunciando-se para o atemorizar. Ele sabe o que fez, Michael, e por isso sente-se culpado e envergonhado. Isto também afectou a vida dele, durante anos lidou muito mal com o tema. Espiritualmente, não sabe o que ela sabe, nem tem o novo poder que ela tem. Repara como ela está tranquila, Michael Thomas.

Mike e Branco observaram silenciosamente como Mary aconchegava os lençóis da cama do seu pai e se sentava ao lado dele, apoiando delicadamente a cabeça sobre o peito dele. Mike podia sentir o que ela estava a sentir! De alguma maneira, Branco estava a tomar nota disso. Havia paz e serenidade tanto na mente como na atitude dela e, no seu coração, não havia nenhuma intenção de represália. Perdoara ao pai tão decididamente que, na sua mente e coração, não havia sentimentos de vitimização ou cólera. Que mulher! Compreendeu a compaixão que ela experimentava por esse homem que cumprira o seu contrato com tanta eficiência, deixando uma marca pesada e grave na vida dela.

Passou algum tempo. Até que, finalmente, o pai abriu os olhos e apercebeu-se da presença da filha. Ao ver que ele despertava, Mary levantou-se. O pai abriu os olhos desmesuradamente denotando sentimentos instantâneos de surpresa e temor. Ela estava ali! O que vinha fazer? Não a vira durante muitos anos! Iria vociferar contra ele... ou fazer-lhe algo pior? O pai começou a reagir à situação e os instrumentos que mediam os seus sentidos vitais começaram a aumentar de actividade. Os sons intermitentes, agudos, contínuos e sibilantes aceleraram.

- Repara, Michael - a voz de Branco era doce e maravilhosa. - Esta é a segunda qualidade do amor puro: **o amor não tem planos**. Neste momento, ela podia pedir-lhe o que quisesse porque ele está débil e sente-se culpado. É um homem rico. Podia pedir-lhe riqueza ou uma indemnização legal pelo que fez, ou que se limitasse a retractar-se da sua conduta do passado em voz alta, para que ela pudesse ouvi-lo. Podia ameaçá-lo com prejuízos e com a delapidação do património... ou ambas as coisas. Mas... observa-a, Michael.

Mary colocou uma mão na cabeça de seu pai e sussurrou-lhe alguma coisa ao ouvido. Imediatamente, a actividade dos instrumentos voltou a ser normal. O doente suspirou e Mike pode ver como se lhe enchiam os olhos de lágrimas.

- Que lhe disse ela, Branco? - Mike não pode ouvir o que Mary estava a sussurrar.

- Disse-lhe: «Gosto de ti, pai, e perdoo-te de todo o coração» - respondeu o anjo.

Mike estava impressionado por este drama estar a desenrolar-se perante os seus olhos. Perguntou-se se teria tido o poder da sabedoria para fazer o mesmo, se estivesse naquela situação. Sentiu uma grande admiração por Mary.

- Ela não lhe pediu nada?

- Não Michael. Ela está simplesmente contente por **ser**.

De novo Michael sentiu o que Mary sentia. Tudo estava concluído e se desenrolava de acordo com o carma existente entre eles. Ela era clara e estava dando ao pai, com a mesma claridade e sentido de conclusão, um aspecto importante da sua vida comum: acabava de desarmar algo que consumira o seu pai, com culpa e aflicção, durante mais de trinta e cinco anos! Podia ver-se perfeitamente no rosto dele. Mary, em vez de lhe pedir algo como compensação, tinha-lhe dado um presente. Agora, as suas lágrimas eram abundantes e fluíam silenciosamente pelo rosto. Mary sentou-se de novo e estreitou entre os braços esse homem tão querido que era o seu pai, e voltou a apoiar a cabeça contra o seu peito. Já não houve mais diálogo. Não era necessário.

- Michael Thomas, a terceira qualidade do amor é: **o amor não se vangloria de si mesmo**. Agora, que ela demonstrou que a sua maturidade é gloriosa, não diz nada. Agora, ele deve-lhe muito pela sua divina reconciliação mas ela guarda silêncio. Podia ter usado o seu poder para se levantar, cheia de orgulho por ter sido capaz de o perdoar, mas guarda silêncio. Tinha todo o direito do mundo para se pôr de pé com um orgulho arrogante pelos nove anos que empregou para chegar onde está, mas guarda silêncio.

Esta mulher impunha respeito a Mike. Realmente, era uma Guerreira da Luz, e sabia coisas que ele começava agora a aprender. Quem iria imaginar tal coisa? Ela continuava na Terra e possuía esse conhecimento. Que vida tão rica e cheia de paz devia ter! Mike estava introspectivo, enquanto captava plenamente a cena que se desenrolava à sua frente.

Não havia nada que o pai pudesse dizer. A filha tinha-lhe perdoado tudo e, no mais profundo do seu ser, estava a sentir uma paz e uma libertação maravilhosas. Mary não tinha feito nada espiritual pelo seu pai: somente se tinha superado a si mesma e isso repercutia-se sobre ele. Todavia, ficava ainda algo por esclarecer. Mike sabia que o que estava a ver tinha um grande significado.

O pai contemplou por um momento a sua maravilhosa filha e fechou os olhos com suavidade. O sorriso no seu rosto era de pura paz. Ela tinha-lhe dado a dádiva de uma vida... mesmo a tempo. Os instrumentos a que o pai estava ligado começaram a fazer ruídos alternados e em volumes de som diferentes. O ruído acabou e Mike soube que aquele homem acabava de morrer. O pessoal médico precipitou-se para o quarto mas já não havia nada a fazer. Depois de muita actividade e de alguns preparativos finais, cobriram-lhe a cabeça com o lençol e deixaram-no só com Mary. Branco falou de novo:

- Michael Thomas, a quarta qualidade do amor puro é: **o amor tem a sabedoria para usar os outros três atributos na perfeição!** Ela calculou tudo perfeitamente e chegou oportunamente. Para saber exactamente quando vir, usou um mapa intuitivo. Agora, olha bem para o que faz.

A atenção de Mike deslocou-se do anjo para o que estava a acontecer no quarto. Mary não estava a soluçar incontrolavelmente por ter perdido o pai, não estava cheia de aflição, apesar de o amor por esse homem ser enorme. Tinha pedido ao pessoal médico que lhe permitissem ficar ali com ele. Mike observou que Mary colocava a mão sobre o peito da figura coberta que havia sido o seu pai, a semente da sua existência. Levantou a cabeça e olhou para onde estava Branco e Mike! Parecia falar directamente com eles! Pela primeira vez estavam escutando a potente voz de Mary.

- Que a Terra recorde este homem, a quem tanto quero - a voz de Mary tinha autoridade. - Ele veio e cumpriu o seu contrato perfeitamente. Aceito a sua dádiva! Celebro o seu regresso ao Lar.

Pausadamente, Mary baixou os olhos, recolheu as suas coisas e saiu do quarto. Mike estava boquiaberto com o que acabava de presenciar. Sentia a força do momento e estava emocionado por causa disso. Acabava de contemplar a finalização e a conclusão do contrato de uma vida. E que final!

- Foi a sabedoria do amor o que permitiu a Mary celebrar esta morte e não chorá-la - finalizou, muito sabiamente, o Anjo Branco. Olhou para Mike e imediatamente lhe perguntou qual era a sua reacção:

- O que sentes, Michael Tomas de Propósito Puro?

Branco não estava impaciente e esperou que Mike recuperasse um pouco a serenidade.

- Sinto... - Mike aclarou a garganta - que esta mulher me ensinou, em pouco tempo, tanto como os anjos na minha viagem até aqui - consciente do que acabara de dizer, suavizou - não é que não aprecie...

Branco levantou a mão etérica e interrompeu-o.

- A tua resposta é perfeita, Michael Thomas. Perfeita. Foi o ser humano quem teve a capacidade de criar a diferença. Assim é como deve ser e assim será, também, na próxima prova.

Naquele instante, a cena ficou difusa e Mike novamente teve a sensação de ser transportado. Num ápice regressaram ao quarto branco da Casa Branca, seu ponto de partida. Mike estava muito calado.

- Queres perguntar alguma coisa, Michael Thomas?

Mike pensou que era isso o que realmente desejava. Sabia que não era tão poderoso como Mary e que, apesar já ter compreendido muitíssimo sobre o funcionamento das coisas, não possuía o sereno poder daquela mulher. Tinha armas, um mapa mágico e muito conhecimento, tinha uma elevada vibração e tinha experimentado muitas coisas, mas carecia do amor que ela mostrava. Então, fez a pergunta mágica:

- Posso vir a ter esse poderoso amor, Branco?

- É a tua intenção que seja assim, Michael Thomas?

- É.

- Michael Thomas de Propósito Puro, amas Deus?

Mike ergueu-se, pensando que essa era a razão por que todos os anjos lhe tinham feito tal pergunta, para que, quando chegasse esse momento preciso, ele pudesse estar ali e a responder.

- Sim, Branco - respondeu, muito formal.

- Então, permite que o teu propósito puro crie esse poder!

Mike não se lembrava do que aconteceu a seguir. Perdeu a consciência como ser humano. Teve sonhos... de alguma maneira foi transportado para outro lugar... houve uma cerimónia... houve uma celebração... deram-lhe algo... um dom que podia levar na sua estrutura celular biológica. Ali estavam, outra vez, os seus pais! Tudo era muito difuso... muito maravilhoso...

Quando despertou, jazia numa cama branca, nos seus aposentos brancos. Era noite e estava exausto. Sentia que participara numa espécie de prova cerimonial enorme. A sua mente estava adormecida e não conseguia concentrar-se. O que tinha acontecido?... Podia resolver isso mais tarde. Agora, queria dormir. Arrastou-se até conseguir meter-se debaixo dos lençóis e adormeceu num instante.

Como antes, dormiu muito bem.

* * *

Quando se levantou na manhã seguinte, sabia que, uma vez mais, se produzira uma mudança no seu organismo. Ficou sentado na beira da cama durante um momento, pensando em tudo o que acontecera. Estava repousado e tranquilo. Sentia-se como novo! Embora não pudesse caracterizar o estado em que se encontrava, sentia que possuía mais sabedoria em relação ao seu ser. Sabia muitíssimo mais... e era nisso que se encontrava a ameaça.

Não conseguia deixar de pensar na imagem de Mary e do seu pai. Ela estava na Terra, mas já era um maravilhoso ser espiritual. Conseguira mudanças enormes na sua vibração e era poderosa na sua vida. Ela tinha ficado, não tinha pedido para ir para a «Casa», tinha suportado a vida na Terra e percorrido todo o trajecto. Pelo contrário, ele tinha-se assustado!

Em que parte de tudo isto estava a integridade? Começava agora a detectar onde a sua nova sabedoria estava a criar, realmente, um tipo de introspecção e de avaliação da integridade, de um género que nunca tinha conhecido. Mike era honesto, talvez um dos homens mais honestos que existiam. Tinha valido a pena viver na quinta e ser educado por uns pais maravilhosos e honestos, mas isso não lhe proporcionara sentimentos como os que agora experimentava. A honestidade terrena não era a mesma que a honestidade espiritual. A honestidade espiritual parecia incluir a sabedoria em várias dimensões, antes que a verificação da integridade terminasse. Começava a compreender o que Vermelho e Branco tinham querido dizer a respeito da sua opção de continuar ou não a fazer o Caminho. Com a sabedoria recém-descoberta, a sua maneira de pensar estava a começar a mudar. Era correcto o que estava a fazer? Havia uma busca espiritual maior do que a que pedira?

Continuou a pensar em tudo isto enquanto se levantava, vestia e tomava o pequeno-almoço. Quando chegasse Branco, far-lhe-ia algumas perguntas mais precisas. O anjo podia ajudá-lo nestas questões, sabia que podia ajudá-lo.

Branco estava à espera, como habitualmente, do outro lado da porta. Mike foi ao seu encontro mas sem nada dizer. Branco esperou que ele se apercebesse do que havia de novo naquilo que o rodeava. Toda a imprecisão das paredes, dos chãos e dos vestibulos tinha-se tornado nítida. Mike viu o desenho intrincado que não tinha compreendido antes. Era lindo! Mas isso não era tudo. A sensação de entrar dentro da luz do anjo era surpreendente! Ele e esse ente branco partilhavam algo que comunicava associação. Sentia que, de alguma maneira, fazia parte do que Branco era. Mike quisera-o e sentiu que a respiração se acelerava por causa disso.

- Esta é a tua nova percepção visual Michael Thomas - disse o anjo, que falou sem que Mike tivesse que pedir. - Este é o início de uma mudança dimensional e biológica. É igual à de Mary e estás a experimentá-la porque o desejava com uma pureza que raramente vimos.

- Branco, tenho de te fazer algumas perguntas muito importantes.

Mike tentou estar muito tranquilo e ser muito respeitoso na forma de expressar esta afirmação mas ficou emocionado ao ouvir como soava a sua própria voz! Era mais sonora, ou talvez mais forte? Não, era estranhamente diferente e Mike sentiu-se incomodado com a mudança. Era quase como uma violação da sua pessoa. Ficou angustiado.

- Michael, fica quieto um momento - pediu-lhe o anjo com uma voz compassiva e reconfortante. - O que ouves quando a minha voz te fala? Tem um complemento de amor e paz, que te afectou desde o início da nossa associação. Lembra-te que até me questionaste sobre isso? Parecia que a tua intenção de avançar podia roubar-te preciosas coisas pessoais. Este é um elemento essencial da tua viagem. Lembra-te do que comentou Azul? Disse-te que a tua vibração anterior era confortável e que te custaria um pouco a acostumar-te à nova. Quando saíste da Casa de Laranja também aprendeste um pouco sobre isso, quando te viste obrigado a desfazer-te dos teus antigos pertences. Lamentaste e choraste a sua perda, mas foi necessário para poderes avançar. Depois de um momento deixaste de pensar nelas. Ontem, propuseste-te a realizar uma transformação maiúscula e, em resposta ao teu pedido, fizeste uma grande mudança, que será mais pessoal à medida que fores avançando, Michael. A tua visão, a tua voz e os teus pensamentos assumirão uma dimensão maior. Estás a tornar-te um Guerreiro da Luz, exactamente como Mary.

Mike sentiu que uma corrente de sabedoria e compreensão fluía das palavras de Branco mas a informação recebida também potenciou a sua necessidade de questionar o anjo sobre a sua busca espiritual. Ignorou, o melhor que pôde, o novo timbre estranho da sua voz, e disse:

- Obrigado, Branco. Eu entendo. Estou agradecido pela dádiva. Usá-la-ei como fiz com os outros atributos. Mas, por favor Branco, precisamos de falar. Necessito de conselhos.

O anjo sabia que aconteceria isso e falou:

- É muito o que posso dizer-te, Michael, e responderei a tudo o que me for possível. Também há uma área destinada exclusivamente à tua sabedoria. A tua vontade deu-te o poder da escolha fundamental e do discernimento sábio. Estas opções são sagradas e contêm a tua própria essência. Elas dão forma ao teu futuro e criam a tua realidade. Afectam os que te rodeiam e é por esse motivo que as deves utilizar.

Mike esperava isto. Desde o início da viagem sabia que os anjos não fariam a aprendizagem por si próprio. Sabia que as lições eram suas e que aquilo que fizesse seria um processo da sua própria mente. Contudo, tentaria extrair algum conhecimento que o ajudasse a compreender melhor o que na realidade estava a acontecer e o que deveria continuar a fazer.

- És um bom mestre, Branco.

A sua nova voz estava a soar diferente. Recordou-se da primeira vez em que escutou a sua voz gravada numa cassette, quando era criança. «É assim que soa a minha voz?», perguntara-se. «Não pode ser!». A situação actual era similar.

Rapidamente, antes que Mike perguntasse mais alguma coisa, Branco deu meia volta e dirigiu-se à cozinha. Mike seguiu o enorme ente flutuante... o que era como se o levassem a percorrer uma Casa completamente nova. As coisas estavam muito diferentes. A beleza era espantosa e espectacular. Parecia uma maravilhosa galeria de arquitectura e escultura ao mesmo tempo. Em todos os lados havia coisas surpreendentes para ver! Tinha perdido tudo aquilo com a sua percepção visual anterior e perguntou-se o que estava a perder naquele momento e, inclusive, o que poderia conseguir ver em dimensões mais elevadas.

- As cores, Michael - respondeu-lhe Branco sem sequer se voltar.

- Desculpa?

Mike não entendeu a frase e continuou a andar.

- O que estás a perder são as cores.

- Mas esta Casa é branca - afirmou Mike enquanto avançava.

O anjo soltou uma gargalhada que se expandiu pelos corredores e fez sorrir Mike.

- Só para os olhos humanos, Mike. A verdadeira cor do amor está muito para além da vibração que compreendes e não é branca, como a vês. Para ti é branco porque não consegues aceder a nenhuma das outras vibrações universais. Verdadeiramente, para ti está desprovido de cor. Na realidade, a cor resplandece como uma capa sobreposta de todas as vibrações universais juntas. É puro e encontra-se na parte superior do espectro. É a cor de uma luz interdimensional tão grande que tem substância e espessura. É um bilhão, um bilhão de vezes mais brilhante do que o Sol do sistema a que pertence a Terra. É a cor da verdade. É muito o que não podes ver por seres humano.

- Adoro este lugar! - exclamou Mike.

- Já veremos se esse sentimento dura - disse Branco.

Novamente reagiu com curiosidade à insinuação do anjo, a respeito de uma hipotética mudança. Tinha mais perguntas para fazer. Continuaram a percorrer os labirínticos vestíbulos até que, finalmente, chegaram a uma sala com janelas e uma cadeira.

- Trata-se de outra viagem?

- Não exactamente - esclareceu Branco. - Mas vai levar-te a um destino.

O anjo colocou-se em frente de Mike e comunicou-lhe a sua disposição para continuar com o assunto.

- Michael Tomas de Propósito Puro, o que queres saber?

Mike já sabia todas as perguntas que ia formular.

- Branco, desde o mais profundo da tua sabedoria e de uma maneira que eu possa entender, podes dizer-me se a minha procura nesta grandiosa terra é espiritualmente apropriada?

Mike necessitava saber, directamente da Fonte, se o que tinha feito estava correcto.

- Claro que posso - Branco permaneceu em silêncio durante um momento, como se fosse responder simplesmente um «sim» ou «não». Depois prosseguiu, antes que Mike pudesse pressioná-lo mais. - Desde o início comentei-te que o que estavas a fazer é o correcto para a tua vida. Por outro lado, seria impossível que todos estivéssemos a apoiar alguma coisa que não fosse adequado para ti.

- Mas, e Mary? - soltou Mike impulsivamente, utilizando a sua voz incontrolável. - Ela tem todos os dons e instrumentos, mas continua na Terra. Não é isso melhor? Não representa uma vontade espiritual mais elevada?

- Para ela, sim - respondeu sensatamente a Anjo Branco.

- Mas eu estou a treinar-me para servir a mim mesmo, Branco! Vou estar na «Casa», onde reside o amor. Pedi uma coisa egoísta. Como vai isso servir a Terra? Estou num caminho que parece não trazer nada, excepto o que eu quero.

- Parece? - interrompeu-o Branco.

- Sim, parece isso - Mike estava exasperado. Ficou em silêncio.

- Desde quando te interessa servir a Terra, Michael? - Branco estava a divertir-se com aquilo. Mike foi apanhado por esta pergunta. Não conseguiu responder imediatamente.

- Não sei - disse pensativo. - Suponho que tudo isto faz parte do meu novo eu.

- Que te disse eu, quando nos conhecemos, a respeito do que se parecem as coisas? - Branco estava a pô-lo à prova.

- Que as coisas nem sempre são o que parecem!

Esse estava a ser o assunto recorrente da sua viagem e tanto Azul como Violeta tinham dito as mesmas palavras. Com Branco, já eram três os anjos que tinham dito o mesmo.

- Muito bem - aprovou Branco. - Que mais? - Mike ficou em silêncio. Não se lembrava.

- O desejo de voltar para Casa - continuou o anjo - não é egoísta, é natural, e não se contrapõe ao desejo de honrar o teu propósito como ser humano - e após uma pausa - tendo tu chegado até aqui, dir-te-ei uma outra coisa - o grandioso anjo moveu-se para um lado, como se estivesse preparando algo. - Actualmente, no teu planeta, há uma Nova Energia que vibra com a mudança potencial e um propósito maravilhoso. O teu pedido de fazeres a viagem para Casa é louvado, devido a essa Nova Energia. Por isso, a tua viagem é algo que poucos seres humanos empreendem já que, até agora, não era possível. Tu, Michael Thomas, és um percursor deste processo. Esta é a razão pela qual celebramos tanto o teu êxito e sabedoria.

Mike ficou em silêncio durante bastante tempo. Finalmente falou:

- De acordo. Então a coisa está autorizada! - Mike estava a ser lógico, já que avaliava os factos à medida que os ia conhecendo. - Mas... não seria melhor para mim voltar à Terra e fazer o que Mary fez?

- Para ti? - Branco abanou a cabeça. - Não estaremos a ser egoístas?

- Não estou a falar nesse sentido - Mike apercebeu-se que um argumento lógico não funcionaria com o Mestre do Amor. - Quero dizer... onde deveria estar eu, realmente? Como deveria actuar para conseguir o melhor bem para tudo e todos? É esta a minha verdadeira pergunta.

Esta franqueza provocou em Branco um sentimento de grande orgulho. Sorriu de orelha a orelha para Mike e falou com seriedade:

- Ao fazeres esta pergunta, Michael Thomas, demonstras que estás a começar a compreender verdadeiramente como funcionam as coisas. A tua sabedoria começa a manifestar-se, Michael.

- Obrigado, Branco, mas qual é a resposta? - Mike ignorou o cumprimento e estremeceu um pouco, enquanto pressionava o anjo para que lhe desse mais informação. Era incómodo ser tão agressivo com uma entidade que era a personificação da gentileza.

- O maior bem? - Branco começou a afastar-se. - É a tua própria realidade, Michael. E tu, como ser humano que vibra com uma nova intensidade, vais criá-la para ti. Não existe um único ser em todo o Universo que o possa fazer por ti.

Branco chegou à porta. Mike compreendeu que tinha entrado numa discussão sem saída. Este era o género de perguntas que os anjos não queriam ou não podiam responder. Tentou uma nova tática.

- Branco, serei capaz de discernir o que é o bem supremo para tudo e todos?

- O próximo passo será a prova para o saberes - Branco abriu a porta e dispôs-se a ir-se embora. Mike perguntou-se para onde iria o anjo, que continuou a explicar - ainda não tens toda a informação, Michael. Esta é a Casa do Amor. Ainda te falta ver muito, por aqui - e saiu para o corredor. E enquanto fechava a porta atrás de si, acrescentou - Michael, a partir de agora as coisas serão mais difíceis para ti.

E saiu, fechando a porta sem fazer ruído.

Mike ouviu o som da porta a fechar-se e tudo ficou em silêncio. Sabia que alguma coisa estava para acontecer, alguma coisa poderosa. O que poderia fazer mais?... O que podia acontecer-lhe que causasse na sua alma uma inquietação ainda maior do que a conveniência da sua viagem?

Voltou-se na cadeira e olhou para o local onde Branco tinha estado. Esperou pacientemente. Estava consciente de que, acontecesse o que acontecesse, seria sem a participação do anjo. Fosse o que fosse, era necessário que o enfrentasse sozinho e, obviamente, Branco queria que assim fosse.

Todo o aposento parecia estar a mudar paulatinamente e a luz envolvente mudou. O branco das paredes tornou-se ténue e, em frente da cadeira onde estava, a aproximadamente quatro metros, apareceu uma névoa refulgente que, lentamente, foi tomando a forma de uma espécie de figura. Mike estava muito atento,

pois ia conhecer alguém. Lembrou-se que o Anjo Branco comentara que isto aconteceria. A figura começou a definir-se. Como se fosse um cenário intensamente iluminado, a zona que rodeava a figura emergente ficava cada vez mais brilhante para que ele pudesse ver quem estava a tomar forma. Mike estava a acostumar-se a esta maneira mágica de apresentar as coisas, pelo que continuou sentado na beira da cadeira, observando em detalhe o espaço que se transformava à sua frente.

Era uma silhueta feminina! Gradualmente, a figura começou a tomar forma sob o olhar atento de Mike, que respirava profundamente à medida que a sua apreensão aumentava. A sua intuição estava a funcionar às mil maravilhas e todas as células do seu corpo vibravam excitadas, comunicando-lhe que o que estava na sua frente era extraordinário. Os seus novos dons do discernimento gritavam-lhe que estava a aparecer algo único e poderoso. Finalmente, a imagem materializou-se completamente. A visitante já estava ali!

A visão da mulher que estava perante ele deixou-o sem fôlego. Nela havia mais do que simples encanto. Teve uma sensação instantânea de familiaridade, de ligação, e isso transtornou o seu interior. Ela era espectacular! E ele, o que estava a sentir? Por que dispararam os alarmes do seu coração?

O chamejante cabelo loiro emoldurava um rosto perfeito de compaixão e de uma beleza incrível. Ela sorriu e o coração de Mike quase lhe saltou do peito. Os seus olhos verdes refulgiam como esmeraldas, contrastando com o perfeito marfim da pele. Mike teria jurado que, novamente, cheirava a violetas. À sua mente chegou todo o tipo de pensamentos. Quem sabe se ela não era a Deusa do Amor, como as sereias das lendas ancestrais? Mike tinha dificuldade em respirar, até que se apercebeu que estava a sustentar a respiração! O que estava a acontecer? Olhou-a espantado. O que é que estava a desfalecê-lo daquela maneira? Por que estava o seu coração a trabalhar assim? Sentia o cérebro macio e espesso e, perante a visão daquela criatura maravilhosa, suspirou profundamente.

Mike já vira muitos anjos no decorrer da sua viagem, mas este era o mais excelso de todos. Quem sabe se não era a isto que se referira Branco, quando lhe revelou que existia alguém ainda mais magnífico. Mike não conseguiu proferir uma palavra. A ligação entre o coração dessa mulher e o seu era de espantar. Sentia como se estivesse numa reunião, a ponto de dar as boas-vindas a um amor perdido há muito tempo atrás. Agora, a névoa dissipara-se completamente e ela estava, com toda a sua magnificência, na mesma dimensão que ele.

Estava maravilhado. Em toda a sua experiência, nunca se sentira a vibrar daquela maneira. Não conseguia concentrar-se nas palavras que queria dizer. Não sabia o que perguntar. Conhecia-a... ou tinha conhecido? Como era possível que a sua presença o afectasse daquela maneira? Porque tinha aquele sentimento de recordação? Apercebeu-se então que a tinha reconhecido! O rosto dela era um dos que estavam no esquema da sua família, na Casa Vermelha. Ela era um dos que não tinham emergido na sua vida. Tratava-se da imagem de uma mulher loira, cuja energia tinha captado imediatamente o seu interesse. Porque não se tinha apresentado até então? O que foi que Vermelho lhe dissera a respeito das pessoas que não tinha conhecido? O que eram contratos que ainda não se tinham cumprido? O que significava isso?

A revelação desprende-se lentamente da mente de Mike, enquanto ambos se continuavam a olhar num silêncio denso. «Se ela consta do quadro da Casa Vermelha», pensou Mike, «então não é um anjo, mas sim uma parte da minha família cármica!»

Mike começava a ter uma sensação de mal-estar com este encontro, porque a sua alma cantava uma canção completamente nova para ele. Era uma canção que falava de prazer, vontade e amor. Que dicotomia de sentimentos! Parte do seu cérebro dizia-lhe que estava quase a ter problemas e outra parte estava contente. A parte que estava feliz parecia a de uma criança que visitava a Disneylândia pela primeira vez, depois de ter estado a contar os dias e a suportar a agonia da espera até chegar a grande recompensa. No entanto, o seu próprio coração era a parte inquieta. Sentia-se como se estivesse dentro de um espremedor!

Sentia-se como um pateta e, novamente, percebeu que estava a respirar inadequadamente. A figura à sua frente estava a afectar a sua fisiologia. A visão da sua magnificência provocava reacções no seu organismo. «Por que estou a suar das mãos?» Ela não era um anjo mas estar ali, frente a ela, afectava cada uma das células do seu corpo. Mike já não sabia se dispunha de força física para falar. Sentia os olhos rasos de lágrimas e estava emocionado, como se visse um amigo que se tivesse perdido há muito tempo atrás e que considerava morto. Esta era, certamente, uma experiência realmente memorável. Por sorte, foi ela a primeira a falar.

- Mike, sou eu.

A familiaridade e a bondade da sua voz deixaram-no praticamente fora de combate. Alegrou-se por estar sentado, porque os joelhos fraquejavam e as pernas tremiam como se fossem de algodão. Todo o corpo reagiu à voz, indiscutivelmente conhecida! Mas, quem era ela? Os seus olhos brilhantes e a sua expressão suplicavam-lhe que a reconhecesse. Mike tinha de falar. Estava a segregar adrenalina como um colegial que reage perante a rapariga mais bonita, que atravessa a sala para falar com ele. O corpo físico dela era esplên-

dido e a roupa assentava-lhe como uma luva. Imaginava o que seria abraçá-la. Oh, Deus!... Com incómodo e desgosto, apercebeu-se de que estava a pensar nas primeiras etapas do desejo físico! O que é que Verde dissera sobre isso? Dissera que, no amor puro, as reacções íntimas físicas representavam o catalisador para a iluminação?... A humanidade de Mike fazia com os seus pensamentos parecessem fora de lugar, neste sítio; a verdade, porém, é que estavam a acontecer e os seus sentimentos pareciam ser apropriados e espiritualmente perfeitos. Logo escutou o riso de Verde mas ignorou-o e, juntando todas as suas forças, disse com uma voz trémula.

- Tens uma roupa muito bonita.

Deus meu!... O que estava ele a dizer?... Que coisa mais sem interesse, trivial, inapropriada, néscia e insonsa tinha dito! Esta criatura magnífica aparece na Casa do Amor, provoca-lhe um respeito reverencial... e aquilo era a única coisa que lhe ocorria dizer?... Mike ficou mortificado pela sua estupidez. Ela sorriu-lhe. Ele derreteu-se.

- Obrigada, Mike - disse ela, piscando-lhe o olho. - Sou Anolee e represento o teu contrato amoroso.

De alguma forma Mike já o sabia. O seu coração batia com muita força ao ouvir a sua voz. Secou as mãos suadas nas calças... e percebeu que ela reparou no seu gesto. Ela aproximou-se, acompanhada da luz que a banhava. Ao ver isto, Mike encolheu-se na cadeira, tentando desaparecer, ao mesmo tempo que fazia um esforço para retroceder. Em resposta, ouviu-se o ranger do almofadado da cadeira. Queria levantar-se mas sabia que o mais provável era cair e não queria correr o risco de ela o presenciar. Já fora ridículo o suficiente. A timidez dele fê-la sorrir, mas não comentou nada. Ele estava acabrunhado pela sua presença. Quando ela se aproximou, viu-a a andar e reconheceu a sua maneira de mover-se. Realmente, uma parte dele conhecia-a intimamente. A sua proximidade só avivou a consciência de quem ela era. Ela continuou a falar:

- Se tivesses ficado na Terra, Mike, havia um potencial para o nosso encontro. Lembras-te de que o planejamos juntos?

Mike não se recordava e não queria saber disso. Ela viu o início da expressão dolorosa de Mike e o seu coração apreensivo.

- Não há problema. Estou aqui para te dizer que respeitamos o que estás a fazer. A Família está orgulhosa e todos estamos a celebrar. Eu em especial.

Mike não podia deixar passar o que era evidente. Não lhe importava que não «houvesse problemas». Não lhe importava que a Família estivesse a celebrar tudo aquilo. Ela era tudo o que ele queria!... Tinha passado a vida inteira procurando pelo verdadeiro amor. Toda a vida em busca disso. Sabia que o amor perfeito era possível, que podia estabelecer uma associação que estivesse predestinada e que fosse correcta perante Deus. Tinha rezado por isso quando era criança, ao observar como os pais estavam apaixonados e como se tratavam mutuamente. Ao tornar-se adulto tivera essa expectativa e, por essa razão, se sentira deprimido após a ruptura da sua relação amorosa. Esse episódio fora o motivo da sua busca de realização na Terra. Fora o seu contrato! Agora, estava a manifestar-se à sua frente. E era-lhe permitido dar as boas-vindas... e saber que sempre estivera ali. Compreender isto foi como uma martelada no seu coração. **Partira demasiado cedo!**

Então, outro pensamento fê-lo crisar-se e viu-se obrigado a perguntar:

- Anolee, no contrato estabelecemos que teríamos filhos?

- Deveriam ser três - respondeu ela.

Esta resposta aniquilou-o. Não conseguia falar. Deixou que ela continuasse a dizer-lhe os nomes espirituais dos seus filhos mas ouvir cada uma das palavras era uma agonia. Mesmo que ela estivesse ali para o honrar através do amor, para ele era uma tortura. O seu coração estava a destroçar-se, pedaço a pedaço, com cada palavra ao dar-se conta do que tinha perdido. As crianças que não tinham nascido! As experiências! O que tinha feito ele, Santo Deus?

Começou e perder o controle e as emoções começaram a aparecer. Queria abraçá-la, dizer-lhe o quanto sentia por não ter ficado na Terra. Mesmo que esse não fosse o motivo da presença dela ali, ele queria fazê-lo, fosse como fosse. As lágrimas começaram a correr-lhe pelo rosto e começou a tremer. Ela tinha terminado de contar a sua história e dera-lhe a informação que tinha de dar.

Anolee permaneceu em silêncio, em frente de Michael Thomas. A energia potencial que existia entre eles era tão densa que podia ser cortada com uma faca. Perante ele estava um esplêndido ser feminino, mais belo do que alguém pudesse imaginar, e a única coisa que era capaz de fazer era estar sentado naquela cadeira a soluçar. Era patético. Todos os seus sentidos estavam saturados da essência do fracasso.

A electricidade da atmosfera chispava com a energia da vontade espiritual e do amor, mesmo que, aparentemente, não tivesse sido realizado e perdido para sempre. O cheiro da ironia era acre. A única rosa que tinha na sua vida jamais viria a ser admirada e amada pela sua beleza. A sua fragrância passaria despercebida

da e a rosa preciosa murcharia sozinha, sem que a abraçassem ou a adorassem pela sua perfeita beleza e elegância naturais.

O contrato entre eles tinha sido poderoso e o facto de se aperceber disto estava a romper o espírito e o coração de Mike, enquanto permanecia sentado na cadeira branca da Casa do Amor. A realidade dela começou a desvanecer-se e ele reagiu instantaneamente, gritando:

- Não!... Não te vás, por favor!... Por favor!

Mike sentia que nunca mais a voltaria a vê-la. Só pedia mais uns minutos. As palavras que ela pronunciou como despedida soaram como outro enigma angélico.

- Michael, as coisas não são necessariamente o que parecem.

A resplandecente e magnífica mulher que representava o poder do amor na vida de Michael Thomas desvaneceu-se perante os seus olhos, dizendo as palavras aparentemente usadas, que já ouvira antes. Com ela desvaneceram-se as esperanças de uma vida humana. Ele tinha presenciado e ouvido como é que os seus sonhos de prazer se despedaçavam contra as rochas do denominado «propósito espiritual». Ficou petrificado pela aflição, sem conseguir mexer-se. Continuou ali, durante horas, como uma estátua, com a débil esperança de que aquele ser precioso voltasse a materializar-se no mesmo lugar que tinha ocupado, um lugar que se tornara sagrado só com a sua presença. Rogou a Deus que lhe concedesse somente mais uns minutos para estar com a companheira perdida.

Ao fim do dia, a luz do quarto diminuiu de intensidade e mudou de cor. Finalmente, transformou-se numa escuridão que imitava a noite sem lua que estava no exterior e, no interior, era um reflexo do abatimento do coração de Mike. Estava sentado no escuro silêncio de quem fora firme e decisivamente derrotado. Não havia alegria no seu coração, a paz da sua viagem espiritual fora substituída pela agonia do mal e pela escura e torturadora sensação de perda. A sua energia estava minada pela intensidade de um coração ferido e de uma revelação profunda. Finalmente, adormeceu. Continuou imóvel, enquanto os seus sonhos representavam, uma e outra vez, a angustia do potente e trágico encontro.

Tinha o coração despedaçado.

* * *

Amanheceu, e o novo dia encheu o quarto de luz. Mike despertou na cadeira onde permanecera toda a noite. Sentia-se como se tivesse corrido uma maratona e doíam-lhe as articulações, não por falta de actividade, mas por ter estado na mesma posição durante muitas horas. Precisava de comer mas não tinha apetite. No entanto, fez um esforço para se levantar lentamente da cadeira e dirigiu-se aos seus aposentos.

Como era habitual, a comida estava preparada e comeu mecanicamente, sem apreciar a delicada beleza que o rodeava, ou o incrível sabor da comida. Quando acabou dirigiu-se ao quarto, onde a cama estava feita, pois ninguém dormira nela. Abriu o armário, ali, tal como as tinha deixado, estavam as dádivas que os anjos lhe tinham dado com amor, quando visitara as suas Casas, para aprender. Um triste sentimento de sabedoria derramou-se sobre ele. Recordou a pergunta que fizera ao Anjo Branco: «Serei capaz de discernir a acção daquilo que é para o bem supremo de tudo e todos?».

Agora compreendia a prova. A essência da sua existência clamava para voltar à Terra, nesse mesmo momento. Tudo o que tinha a fazer era fechar o armário, sair da Casa Branca e tomar o caminho da esquerda, em vez de o da direita. Sabia que podia expressar o seu propósito de interromper a viagem e regressar. Branco dissera-lhe que não havia crítica, nem culpa, nem, portanto, iluminação. Mike sabia bem demais o que era o correcto. Até Anolee lhe tinha dito que todos estavam orgulhosos dele mas ele dava-se conta de que, possivelmente, também ela tinha o coração ferido. No entanto, tinha-o animado a seguir em frente. Ele sabia qual era o máximo bem para tudo e todos. **Virar para a esquerda significava servir somente a si mesmo e aos seus desejos humanos de amor.** Branco prevenira-o de que o seu discernimento da verdade podia ser agudo... e era-o. Não duvidava sobre qual era o caminho correcto... mas sentia um impulso irreprimível de não seguir por ele. O seu coração pedia-lhe, gritando, que se submetesse à situação e regressasse à Terra. Ninguém sairia a perder, ele poderia seguir com a sua vida e encontrar Anolee. Então, a existência na Terra poderia ser boa.

Pegou no mapa e aproximou-o cerrando os olhos, enquanto rememorava o tempo que vivera na Casa Azul. Lentamente, colocou a Armadura e sentiu o poder que esta lhe outorgava. Deu graças a Deus pelo precioso símbolo que ela representava. Pegou no Escudo e estreitou-o com ambas as mãos contra o peito, deleitando-se com o que significava para ele. Colocou-o na posição de transporte, pegando na Espada de maneira a que

pudesse aceder-lhe instantaneamente, em caso de necessidade. Como se fosse um guerreiro preparando-se para o combate, empunhou a espada e levantou-a. Ouvia o silvar da deslocação do ar, enquanto a afiada lâmina cortava o espaço. Recordou a cerimónia que vivera com o Anjo Laranja e, também, o que a Espada representava. Então, agradeceu-lhe e fê-la deslizar destramente para dentro da bainha, estava guardada mas pronta para ser utilizada em caso de necessidade. Continuou de pé, vestido com a sua bonita roupa de viagem e deixou resolutamente o quarto.

Branco estava ali quando ele saiu. Viu a Armadura, o Escudo e a Espada e imediatamente soube qual era a resolução de Mike. Sorriu-lhe e fez-lhe uma reverência, colocando as mãos em posição de oração - uma honra que foi desperdiçada completamente por Mike. Depois falou:

- Michael Thomas da Propósito Puro, como te sentes?

- É difícil, Branco... Estavas certo. Não sabia que ia ser tão duro. Foi a coisa mais difícil que me vi obrigado a fazer na minha vida. Continuo sem me sentir bem... mas sei que isto é o apropriado e o correcto. Por favor, desejo deixar este lugar. Não tenho dele recordações muito agradáveis.

- Assim será - Branco deu meia volta e conduziu Mike para a entrada. Enquanto andavam, o anjo disse-lhe por cima do ombro: - Isto ainda não acabou, meu amigo humano - e flutuou para o grande vestíbulo que conduzia à porta de entrada.

- Já sei.

Mike conhecia os detalhes mas a sua intuição dizia-lhe que ainda havia muito para ver e por fazer na sua viagem, mesmo que só faltasse visitar uma Casa. De novo, a sua intuição estava certa.

Enquanto calçava os sapatos, Branco permaneceu junto ao umbral da porta mas do lado interior da Casa. Fazendo um balanço, Mike não tinha, digamos, gostado muito da Casa Branca. O Anjo Branco previra acertadamente o que Mike poderia sentir em relação a ela e a verdade era que estava contente por a deixar. O anjo sabia-o mas não julgava os sentimentos de Mike. Pelo contrário, sentia um respeito reverencial por este ser humano. Os outros tinham razão: Mike era diferente. Conseguiria o seu objectivo se fosse capaz de superar o trajecto final da sua viagem. O seu discernimento era enorme e a sua resolução ainda maior.

Mike já tinha calçado os sapatos e deu alguns passos pelo pátio da frente, deteve-se e voltou-se para a porta. Branco falou-lhe donde estava, do lado de dentro da porta, pois não podia aventurar-se a sair.

- Michael Thomas da Propósito Puro, não existe amor maior que este: **que um ser humano decida sacrificar o seu coração em benefício da Totalidade** - sorriu-lhe e fechou lentamente a porta da sua Casa. As suas últimas palavras só foram audíveis enquanto fechava a porta: - Nada é o que parece... Já o verás, já o verás... És muitíssimo amado...

Mike começou a percorrer o trilho da Casa Branca, lenta e cansadamente, aproximando-se do caminho principal. A Casa Branca não fora propriamente a sua preferida e começava a cansar-se de que aquela frase fosse dita com tanta frequência. Parecia que toda a gente já a tinha dito... várias vezes. Sentia que aquele lugar branco tinha extraído muito dele mas a verdade era que ele tinha obtido muito dela. Permaneceu imenso tempo junto da cancela da cerca branca da Casa, olhando alternadamente para a esquerda e para a direita. Finalmente, abriu-a, colocou-se no meio do caminho e ficou muito quieto. Olhou para a esquerda e fechou os olhos, tendo o cuidado de não dar um único passo nessa direcção. Estava a fazer uma pequena cerimónia consigo mesmo e iniciou-a em silêncio, pedindo aos anjos que conheceu que estivessem presentes e escutassem a sua declaração. Assim, disse em voz alta:

- Isto não implica nenhum sacrifício, Anolee, porque voltarei a encontrar-te, estaremos frente a frente e conhecerei os meus filhos que ainda não nasceram. Tudo isso a seu tempo, quando terminar a Viagem para Casa e chegar à porta do Lar.

Mike estava a tomar, do seu coração, os ensinamentos dos anjos sobre a natureza temporal na Terra e a absoluta realidade do Espírito. A sua afirmação tinha implícita uma promessa de um tipo de amor diferente, num lugar diferente mas, ao fim e ao cabo, era a promessa de uma reunião. Tinha resolvido que o seu coração se agarraria à realidade de um futuro encontro sagrado, em que voltaria a ver o amor da sua vida, a sua maravilhosa companheira. Então, poderia dedicar-se a amá-la, e ela a ele.

Suspirou e deu meia volta. Com largas passadas decididas, recomeçou a sua viagem até à última Casa. Enquanto caminhava sob a luz do Sol, a sua armadura fazia um subtil som metálico. Estava consciente que deixava para trás uma das maiores promessas de felicidade que jamais tivera. Estando a ir na direcção contrária e, mesmo que interiormente lhe doesse o facto de ter tomado essa decisão, tinha como consolo a promessa do incrível amor de Deus, assim como a absoluta certeza de que voltaria a ver Anolee. Ia pensativo, resolutivo e sério. Michael Thomas aprendera muitíssimo sobre o amor. Esta Casa ensinara-lhe o máximo

sobre si mesmo e sobre Deus, e tinha sido a única que espremera a sua alma até o fazer chorar lágrimas de verdade e de discernimento, para que as identificasse e usasse.

Desta vez não olhou para trás. Não havia indecisão nas suas passadas firmes. Apesar de estar um pouco cansado, sentia-se fortalecido e a salvo. Agora, esta era a sua terra. Sentia-a como própria. Tinha pago um preço por esse direito. Merecia-o. Depressa saberia se era realmente assim porque, uma hora de caminho mais à frente, outra grande porta aguardava Michael Thomas. Isso oferecer-lhe-ia a ocasião de travar uma batalha pela sua própria alma.

11 - A Sétima Casa

Não era que o clima tivesse voltado a ser ameno, mas não estava o ideal. Mike já se acostumara tanto a um tempo soalheiro de suave temperatura, como ao ataque dos elementos que podia ocorrer quase num instante e esmagar uma melancia em menos de dez minutos. Nesse dia específico, o céu estava encoberto e, gradualmente, ia tomando um tom cinza metálico, uniformizando o aspecto de tudo quanto ali havia. A temperatura baixara um pouco, e soprava uma ligeira brisa que se percebia amenizadora, devido à sua intermitência, como se fosse um mensageiro rítmico. As nuvens não evoluíam para um aspecto inquietante, mas também não davam sinal de quererem dispersar. Mike, que já estava no Caminho há mais ou menos uma hora, não se sentia preocupado com o clima, mas estava consciente da mudança.

Tinha estado a funcionar com o «automático» durante grande parte do trajecto para a Casa seguinte. Seguia vigilante, olhando por cima do ombro para ver se detectava algum problema, mas a mente estava cheia de pensamentos acerca da decisão que tomara. Ao iniciar o percurso para a última Casa teve a forte sensação de ter passado um indicador espiritual invisível, um ponto de demarcação na viagem. Todavia, não abandonara a visão de se ver na Terra com Anolee e as crianças, todos juntos e sorrindo. Quando os pensamentos iam até esse ponto, o coração reanimava-se e sentia-se relaxado; quando olhava para a frente e via a estrada sinuosa que o conduzia a um desafio desconhecido, sentia-se só, com o coração pesado e com uma profunda sensação de perda permanente. Ninguém tinha morrido, mas havia uma parte do seu coração que se afligia. Apesar de tudo, continuou a andar, envolto nos seus pensamentos, sem notar que o terreno ia mudando lenta, mas espectacularmente.

Passou uma curva especialmente apertada e viu que tinha entrado numa espécie de desfiladeiro de vertentes escarpadas, que se erguiam abruptamente de ambos os lados da passagem. Observou, pela primeira vez, que, em lugar de colinas ondulantes e erva exuberante, estava rodeado de uma paisagem quase desértica, com acidentes geológicos que consistiam em enormes escarpas e uma ou outra árvore enorme acentuando a aridez da paisagem. Reconheceu que a mudança da topografia lhe passara completamente despercebida, por vir preocupado e absorto nos seus pensamentos. O caminho conduzia, pois, a um desfiladeiro de vertentes muito íngremes onde a luz do sol, devido à hora, ainda não entrara. Com as nuvens cinzentas ajudando a diminuir o nível de luz, mais parecia um crepúsculo do que o início de uma manhã. Mike sentia-se «atido» pela sua intuição, pois o que se via ao longe não era claro. Seriam rochas?

«Vigia mais! Fica atento ao perigo!»

Rapidamente se apercebeu de que tinha estado mentalmente aturdido durante a última hora. Parou e fez várias respirações profundas, e, com elas, despejou a mente. Sentia uma sensação de formigueiro. O que significava isso? Obedeceu aos instintos e olhou à sua volta para detectar possíveis problemas. Verificou a retaguarda, procurando alguém que estivesse a segui-lo, mas não viu nada. Não havia movimento. À cinzenta uniformidade da hora anterior e à sua letargia mental tinha-se somado um falso sentimento de segurança. Independentemente do estranho clima e do novo aspecto da paisagem que o rodeava, não conseguiu detectar nada anormal ou ameaçador, embora os seus instintos lhe dissessem que estava a ser preparado para algo. Deu graças gentilmente por o seu novo poder vibratório cumprir a sua função. Tirou o mapa, pois talvez revelasse alguma coisa. Examinou e algo de estranho se passava com ele: mostrava o estreito desfiladeiro onde estava e a zona circundante, mas havia algo diferente. Olhou mais de perto. Ali! Aproximadamente a cem metros, pelo caminho do mapa, justamente fora do alcance visual de onde ele se encontrava, havia um espaço em branco. Não era normal. Habitualmente, o estranho mas muito útil mapa mostrava o que rodeava o ponto vermelho com a legenda «Estás aqui». Não mostrava, por isso, grande coisa a respeito do passado e do futuro. O que mostrava, porém, era exacto e mostrava elegante detalhe. Mas parecia haver um espaço em branco um pouco adiante, como se algo tivesse sido apagado. O que podia significar?

- Azul, o que significa um espaço em branco no mapa? – perguntou em voz alta.

O Anjo Azul não respondeu, mas sim a sua intuição. A resposta chegou quase imediatamente. Recordou-se de que a «coisa» que o tinha vindo a seguir se mantivera fora do alcance do mapa. Talvez essa fosse a razão por que aparecia com uma mancha em branco! Azul explicara que o mapa era compatível com o «agora». Representava o tipo de energia do «presente» que circundava uma viagem sagrada, e reflectia uma certa vibração. Havia alguma coisa à sua frente que não pertencia ao presente. Esse algo estava, justamente, num ângulo que era invisível ao alto índice vibratório do mapa. A falta de informação do mapa devia-se, pois, a que essa «coisa» não estava a vibrar ao mesmo nível da terra sagrada circundante.

Mike sentia que a sua análise estava certa. A «coisa» instalara-se e esperava-o. Deveria ter estado mais alerta! O que teria feito se os seus novos poderes intuitivos não o tivessem despertado? Em voz baixa, maldisse a sua mente romântica, aparentemente inútil, e concentrou-se na mente do novo Guerreiro Interior. Depressa sentiu uma paz e um poder que reforçavam o seu propósito. Estava a despertar todas e cada uma das suas células com a mensagem de que algo estava para suceder; algo importante. «Vamos! Despertem todas!» Sorriu perante a ideia de falar para o seu organismo, e, de novo, pareceu-lhe ouvir o riso do Anjo Verde. Sentia falta daquele anjo. O humor era um remédio maravilhoso naquela etapa de preparação. Preparação?... Para quê?... Para uma batalha?

Subitamente, teve uma revelação. Como se fosse um enorme maremoto de compreensão, os pensamentos e visualizações chocaram dentro dele com o peso horrível de ter de tomar consciência de algo. Ficou imóvel. Verbalizou o seu novo medo a quem quer que o estivesse a ouvir.

- Deus meu! E se - realmente - tiver de usar estas armas?

Estava perturbado e sentiu a ansiedade a percorrer-lhe o corpo. Não! Tal não seria possível.

- Não passam de símbolos da Nova Era que identificam um Guerreiro de Luz! **Símbolos!** - gritou, enquanto olhava para o céu e ia girando, como se esperasse ver algum dos seus amigos anjos escondido nas fragas do desfiladeiro escassamente iluminado. O eco devolveu-lhe a sua própria voz.

- Laranja, tu não me ensinaste a lutar! Por isso, admiti que não daria um uso real a estas armas... - deteve-se a meio da frase. Apercebeu-se de que estava a gritar. Ouviu o eco da sua voz a reverberar nas paredes do desfiladeiro. Uma infinidade de pensamentos chegaram-lhe à mente, e as palavras daqueles que encontrara ao longo do caminho começaram a soar na cabeça. Recordou que o Anjo Vermelho o advertira de que algumas das provas iriam assustá-lo, mas ele julgara que o anjo estava a referir-se à tempestade que tivera de enfrentar. Agora, apercebia-se que Vermelho aludia a coisas que iriam ocorrer, e não a coisas ocorridas no passado. O que iria acontecer? Recordou as recentes palavras do Anjo Branco quando descreveu Mary, no quarto do hospital:

- Não deixes que as aparências te enganem, Michael. Ela é uma Guerreira de Luz. Matou o gigante e é poderosa!

Matar o gigante?... Então, lembrou-se das palavras que o anjo pronunciara quando Mike deixara a Casa Branca:

- Isto ainda não acabou, meu amigo humano.

«Tantas advertências!... Estará prestes a surgir uma batalha?»

Mike sentou-se. As pernas fraquejavam devido ao medo e ao pânico. Ele não era um guerreiro; não um guerreiro de verdade!

- Anjos, vocês não me prepararam para isto! – disse, dirigindo-se ao céu cinzento e às ameaçadoras paredes do desfiladeiro. - Não entendo! Por que tem de ser assim? As batalhas reais e as armas reais representam uma vibração antiga. Representam uma velha maneira de pensar. Aqui são escusadas!

Produziu-se uma extrema calma; o vento cessou. Reinava uma quietude sepulcral e, só então, começaram a ouvir-se vozes.

«A não ser que estejas prestes a lutar contra a velha energia». Mike ouviu claramente a voz do Anjo Laranja, e levantou-se instantaneamente, olhando à sua volta tentando identificar o lugar de onde provinha.

«A não ser que estejas prestes a lutar com um organismo que não vibra tão alto como o teu.»

Reconheceu a voz do Anjo Verde! As vozes dos anjos provinham do seu interior.

«A não ser que estejas pronto a encontrar alguém que realmente não faz parte da tua Família, Michael!»

Era a voz do Anjo Vermelho!

«A não ser que não haja amor ali, Michael!»

Desta vez, era a voz acariciadora e maravilhosa do Anjo Branco!

- **Não sabia!** - gritou, angustiado Mike. - Branco, não sou um verdadeiro guerreiro!

«Também Mary não era, Michael.» - A voz de Branco era reconfortante.

«A velha energia responde ao velho paradigma, Michael. É isso que ela entende.» - Agora, era a adorável voz feminina de Violeta!

- Laranja, diz-me como lutar! – disse Mike num tom aflito.

«Eu disse-te!»

Então, ouviu novamente a voz de Laranja, que o animava:

«Estás preparado, Michael Thomas de Propósito Puro. Estás preparado.»

- O que devo fazer? – gritou Mike para as paredes do desfiladeiro. Porém, só ouviu silêncio como resposta. Mas logo identificou a voz do Anjo Azul:

«Lembra-te, Michael Thomas, que as coisas talvez não sejam o que parecem!»

As palavras ressoaram como nunca antes o tinham feito. Levavam implícita uma advertência, um conselho e uma recomendação que podiam ser necessários, justamente naquele momento! Todo o séquito de anjos estava ali com ele. «Se vem em meu auxílio um poder como este», pensou Mike, «é porque deve haver algo verdadeiramente especial ali adiante.»

Mike estava nervoso, porque sabia que, realmente, não possuía treino de combate, embora os anjos lhe tivessem garantido o contrário. Tinha de confiar neles porque, depois de tudo, que outra coisa podia fazer? Estava ali, na primeira linha. De novo olhou à sua volta e abanou a cabeça sarcasticamente. «Não há maneira de escapar», pensou. Qualquer coisa ou quem quer que fosse que estivesse à sua espera elegera um bom lugar para desferir o seu ataque: as paredes eram demasiado altas para escalar, e havia poucas possibilidades de fugir, dado que o desfiladeiro era muito estreito. Era uma caça fácil. Tudo tinha sido perfeitamente calculado. Pelo menos sabia onde estava Aquilo, pelo que essa «coisa» não o apanharia de surpresa. Quanto mais pensava no assunto, mais seguro de si mesmo se sentia para afrontar a terrível experiência que o aguardava. A sua nova vibração estava a ajudá-lo, e ele sabia-o.

Começou a experimentar uma sensação de paz, que reconhecia não ser lógica, mas espiritual. Começava a sentir-se preparado, apesar de não saber exactamente o que teria de enfrentar nem como o faria. «Está certo», pensou Mike. «No fundo, este é o estilo deste lugar». Fez uma análise: «Não tenho acesso ao conhecimento do futuro mas, de alguma maneira, isto já ocorreu na mente de Deus. Por conseguinte, a solução desta situação já foi revelada. O que se passa é que eu ainda não a conheço. Tal como antes, irei conhecê-la quando se manifestar. Tenho o conhecimento e o poder, e esta é a minha terra. Tenho a vantagem de "jogar em casa"!».

Mike falou em voz alta:

- Muito bem. Fui varrido por uma tempestade, um anjo deu-me uma pisadela brutal, perdi os meus bens, as minhas emoções foram ultrajadas repetidamente, a minha biologia foi elevada e modificada, arrancaram o meu coração, examinaram-no e o voltaram a pô-lo, embora mais contraído. O que mais me espera? Tenho o que aprendi. Estou preparado. - Reflectiu um momento, e concluiu: - Só desejaria saber como lutar!

Então, suspirou e olhou na direcção do desafio iminente.

Decidiu então fazer algo que, algumas semanas antes, lhe teria parecido ridículo e insensato: pôs-se de joelhos e efectuou uma pequena cerimónia perante a iminência do que estava prestes a ocorrer. Tocou cada peça do seu equipamento de combate e referiu o seu propósito. Reviu o que o Anjo Laranja lhe ensinara sobre o equilíbrio. Dedicou quase vinte minutos a agradecer ter sido eleito para combater com Aquilo, que o esperava depois da curva, fosse lá o que fosse. Honrou aquela terra e a sua própria existência. Reconheceu o lugar que ocupava na família do Espírito. Depois, pôs-se de pé, preparado para combater até onde lhe fosse possível, dadas as circunstâncias.

Retomou a marcha. Passou a curva do caminho, o que lhe revelou a grande distancia que tinha pela frente. As escarpadas paredes do desfiladeiro convertiam aquela passagem num túnel mortal, escuro e fatídico. Mike sabia que Aquilo estava mais adiante; o mapa mostrara-o com clareza. Em condições normais, todo este episódio teria deixado o organismo de Michael em estado de choque. Todos os seus alarmes do medo teriam soado e convertido numa massa trémula. Afinal, ele era apenas um vendedor, não um guerreiro preparado para enfrentar um demónio sinistro e descomunal! Em vez disso, os seus sentidos estavam alerta, e sentia-se cheio de empenho, não de medo. Todos os seus poderes vibratórios e os seus novos dons começavam a activar-se. A sua intuição dominava e ele escutava-a a cada passo, sabendo que não lhe falharia.

Nada.

Então, finalmente, detectou movimentos à sua esquerda! Voltou-se rapidamente e detectou uma grande árvore na orla do caminho, a uns trinta metros de distância. De onde provinha o movimento?... Ah! Aquela maldita escuridão em pleno dia! Seria parte da prova?... Por que é que o Espírito não proporcionava mais luz?

De novo algo se mexeu, e Mike localizou o movimento mesmo debaixo da ramagem da árvore.

- Quem estiver aí que saia! – A voz de Mike era enérgica e imperativa. - Se não sair, irei buscá-lo!

Esperou, com cada uma das suas células em estado de alerta. Então, um homem de aspecto normal saiu calmamente de baixo da árvore e deteve-se ao nível dos ramos mais externos. Estava vestido como um camponês, à excepção dos pés, que estavam descalços. Levantou as mãos fazendo um movimento de rejeição, com as palmas voltadas para Mike, e disse:

- Mike, por favor, não me faças mal!... Saio já.

O homem tornou-se progressivamente visível ao sair de baixo da árvore, e avançou para Mike. À medida que avançava e a sua imagem se tornava mais nítida, Mike ficou com a sensação que conhecia aquele jeito de andar. Não!... Não era possível!... Agora, a cara do homem era claramente identificável.

- Pai?...

O pai de Michael percorreu lentamente o espaço que os separava e deteve-se a uns dois metros... Michael juraria estar a sentir o cheiro familiar da granja, que se desprendia do homem.

- Sim, filho, sou eu. Por favor, não me faças mal.

Mike não era tonto, e sabia que aquilo podia ser um engano. Afinal, as coisas nem sempre são o que parecem. O homem que, aparentemente, era o seu pai, na realidade podia ser outro ser; decerto havia fortes probabilidades de que assim fosse. Portanto, manteve-se vigilante e permaneceu alerta para detectar qualquer embuste, enquanto conversavam.

- Estás exactamente no lugar onde eu imaginei que deveria estar o meu inimigo. Não te aproximes mais.

- Já sei, Mike. Esse que procuras está um pouco mais adiante. Estão a enganar-te! A coisa que te espera vai capturar a tua alma. Tudo isto está mal!... Por favor, acredita em mim.

Mike continuava sem acreditar.

- O que estás a fazer aqui?

- Por Deus, estou aqui para te deter, antes que seja demasiado tarde. Permitiram-me regressar a este lugar para te advertir! Tenho estado à espera, há já alguns dias, pois sabia que acabarias por passar por aqui. Todos os que se aventurarem a ir mais longe serão derrotados pela besta! Muitos têm percorrido este caminho... mas estão todos mortos. Esta é uma terra maligna. Estão a enganar-te!

Mike continuava sem acreditar que aquele fosse o seu pai. Afinal, era demasiada casualidade.

- Perdoe-me pai, mas preciso de provas. Diz qual era meu apelido de menino.

O homem respondeu imediatamente.

- Mykee-Wykee.

Mike estremeceu, porque estava certo.

- Que sucedeu na fazenda do Sr. Connell em 1964?

- Celebrou-se uma grande festa pelo nascimento das raparigas, a que deram os nomes de Sarah e Helen.

Mike analisava minuciosamente tudo o que aquele homem dizia convictamente. A voz e a figura eram perfeitas... mas continuou o exame. Pediu-lhe mais explicações sobre a sua infância (colégios, amigos, maneira de vestir e acontecimentos). Assim estiveram, um em frente do outro, durante meia hora, com o pai a falar monotonamente, relatando perfeita e precisamente cada etapa do passado de Mike. Este começou a relaxar progressivamente. Sim, ele conhecia todos os detalhes. Realmente, tinha estado lá. Nenhum ser maligno poderia memorizar coisas que somente Mike sabia. A sua intuição estava em estado de alerta... mas este era verdadeiramente o seu progenitor! O seu pai... que tinha começado a suar.

- Mas, pai, o que se passa?... Não estou a entender.

- Michael, quero-te tanto! Estavas numa cama de hospital, com graves lesões no pescoço. Recordas-te? Certamente te lembras do que se passou no teu apartamento. Tens estado a flutuar até agora, em coma, vulnerável às acções do diabo. Tudo isto... - o pai de Michael fez um movimento rápido com a mão, abarcando as montanhas adjacentes – é um país de fantasia. É uma farsa! Nada do que existe aqui é real. Tudo o que te mostraram, todas as Casas primorosamente coloridas, não passam de um engano para te despojarem da tua alma!

A respiração do homem tornou-se fatigada. Mike sabia que o que pai estava a dizer não podia ser verdade. Era tudo tão confuso! Mike sabia perfeitamente quem era e o que experimentara, mas as palavras do pai pareciam ressoar com autoridade. E aquele homem sabia tanto! Mas, por que mostrava problemas de saúde?... Acaso também ele não era um espírito? Afinal, já estava morto e vinha de outro lugar. Não havia razão para apresentar problemas físicos.

- Pai, sentes-te bem?

- Sim, filho, mas não posso ficar muito mais tempo. Este lugar é maligno e eu venho de um lugar celestial. E sabes que ambos não se ligam.

- Já me disseram isso, sim – confirmou Mike.

- Mike, vem comigo. Debaixo da árvore há um portal celestial. Posso fazer com que voltes. Podes recuperar o plano de consciência na Terra e sair do coma. Salvarei a tua vida e a tua alma. Por favor, vem comigo!

O homem estava cada vez mais debilitado, e Mike ficou com a sensação de que a imagem dele começava a diluir-se perante os seus olhos. Sentia-se atormentado pela indecisão. Sabia que tinha razão para não confiar. Todas as partes do seu organismo estavam a dizer-lhe isso mesmo, mas ali estava o seu leal pai, com uma história mais que credível. E se aquela terra fosse um engano?... Não era!... O ser interior de Mike

sabia-o. Então decidiu fazer uma prova mais. Qual era o nome?... Tinha-o memorizado. Recordou-o e disse-o instantaneamente, olhando para o pai:

- Anneehu!

A criatura devolveu-lhe o olhar e perguntou:

- O quê, filho?

- Anneehu! – disse Mike disse de novo, enquanto retrocedia lentamente.

- É alguma palavra mágica que aprendeste aqui, rapaz?

O homem estava visivelmente nervoso. O suor começava a molhar-lhe a roupa.

Mike ficou muito quieto. Sentou calafrios a percorrer-lhe as costas. O pai nunca lhe chamara «rapaz». Mike aguardava, preparado. Tinha chegado o momento. Sentiu que a Armadura que levava posta começava a vibrar. O Escudo, que trazia às costas, começou a oscilar, como se quisesse que o tirassem. Mike tinha a resposta adequada.

- Não, senhor. Anneehu é o teu nome celestial... e tu não o reconheces!

As duas figuras observaram-se mutuamente, num frente-a-frente que pareceu durar uma eternidade, mas que, na realidade, durou apenas uns quantos segundos. O jogo começara. O engano não tinha funcionado como esperava, e Aquilo foi incapaz de manter a energia para continuar. Aquilo estava pronto para lutar.

- **Basta!** Com um grito com o volume das vozes de dez homens, a figura com a imagem do pai de Mike começou a transformar-se completamente. De um modo gradual, o fazendeiro converteu-se numa figura descomunal, ameaçadora e diabólica. Mike retrocedeu rapidamente, alerta e pronto para entrar em acção, à medida que Aquilo ia crescendo. Media pelo menos cinco metros e tinha unos olhos vermelhos aterradores. A pele manchada estava coberta de verrugas, e era de uma horrível cor verde. Era como se não tomasse banho há milénios. Tinha umas mãos enormes, com unhas largas e sujas, e os braços eram demasiado compridos para o tamanho do corpo. Além disso, tresandava! As pernas, curtas e disformes, contribuíam para lhe dar uma aparência estranha, embora Mike soubesse até que ponto podiam ser velozes. A distância que separava Mike da horrível criatura aumentara para uns três metros, e ele iria mantê-la assim durante mais um pouco, e talvez até viesse a aumentá-la mais.

Mike sentia repugnância pela coisa que se expandia diante dele, que não era nem uma fera, nem um ser humano. Era antinatural e não pertencia a nenhuma dimensão em que Mike tivesse estado. O seu odor era incrível! A enorme cabeça calva tinha feições que mudavam constantemente de uma forma horrível para outra similar.

Quando Aquilo abriu a boca, Mike pôde ver como era grande, com dentes como navalhas. Quando Aquilo cerrou a boca, a espantosa cavidade desapareceu, perdida numa feia massa de pele e verrugas. Era evidente que aquele nariz abatado não funcionava e que Aquilo não podia ter vivido consigo mesmo com aquele fedor. Essa criatura personificava o mais repugnante e nauseabundo que um ser humano podia imaginar. Mas... era real ou tratava-se de uma ilusão?... Mike não sabia. Fosse o que fosse, era uma terrível revelação da energia das coisas e das formas antigas. Representava a antítese da paz e do amor. A perversidade e o ódio da sua consciência eram arrasadores. Olhou para Mike com desprezo, como se este fosse uma formiga que tinha de pisar, sem contemplação nem remorsos. A criatura era animada pelo ódio que sentia pelo mundo de Mike, e projectava essa energia directamente sobre este, que se convertera no ponto fulcral de sua cólera. Mike mal conseguia olhá-lo. Sentia aversão e repugnância, assim como o ódio que a criatura projectava sobre ele. Mas, quando se apercebeu de que estava a reagir precisamente como Aquilo pretendia, suprimiu a sensação de náusea. «Nem tudo é o que parece», repetiu Mike para si mesmo. Então, apercebeu-se de que Aquilo estava a vangloriar-se por ter criado a ilusão de ser uma figura espectral e desalmada, só para o impressionar.

O corpo de Mike respondeu instintivamente à situação. O nível vibratório do seu novo ser estava plenamente alerta. Como um guerreiro experimentado, veterano de numerosos combates, sentiu que estava preparado para qualquer movimento do espantoso ser de pele esverdeada, que tinha na sua frente. Embora o seu corpo fervesse de força e vitalidade, permaneceu imóvel. A Espada começou a vibrar. Podia ouvi-la! O zumbido subtil da nota Fã começava a soar. Mas Mike não ouviu nada; a sua curiosidade era demasiado grande. Necessitava de saber mais. Agora, chegara a sua vez de enganar.

- Que grande que tu és! – exclamou, fingindo medo. Encolhendo-se de terror, levantou as armas defensivamente para cobrir a cara. Fez com que a sua voz tremesse convincentemente e acrescentou:

- És um autêntico monstro. Estás aqui para levar a minha alma?

As pregas de pele verde com verrugas separaram-se quando a criatura abriu a cavidade da boca para falar. Pela primeira vez, Mike ouviu a verdadeira voz da criatura.

- Que débil! – respondeu a coisa desdenhosamente. – Já sabia!

A voz era profunda e ameaçadora. Mike tinha a impressão de que Aquilo era uma personagem de um filme de terror.

- Por favor! Farei tudo o que quiseres! – implorou. - Queres que vá para a árvore? Para o portal?

A Espada saltava para baixo e cima, dentro da bainha, e Mike tinha esperança que a criatura não se apercebesse daquele ruído metálico.

- Não sejas ridículo. Estou aqui para te matar.

A criatura parecia ter crescido mais... se é que tal seria possível! Mike apercebeu-se de que Aquilo conseguia adoptar facilmente qualquer tamanho que quisesse.

- Quem és tu? – gritou Mike.

Esperava que a sua actuação não fosse demasiado desajeitada, mas a coisa parecia acreditar completamente. Que ego grande tinha Aquilo!

- Sou a parte de ti, Mykee-Wykee, que é o verdadeiro Michael Thomas! – vangloriou-se. - Sou a parte mais forte! Observa o teu próprio poder! Sou a essência do teu intelecto e a base da tua lógica. Adoptar a aparência do teu pai foi somente um disfarce, mas as palavras eram autênticas, rapaz. De facto, estás deitado na cama de um hospital, em estado de coma, e eu estou aqui para tirar-te desta terra de fantasia de seres descabelados e de bruxas boazinhas, e devolver-te à vida real. Para te tirar daqui tenho de destruir o ridículo espírito duende em que te converteste!

Mike apercebeu-se de que, de certo modo, o que aquela coisa demoníaca acabara de dizer era exacto. Aquilo realmente fazia parte de Mike, uma parte que ele queria deixar para sempre, uma parte velha e feia, que reconhecia e que esperava não voltar a ver nunca mais. Estremeceu e encolheu-se um pouco. «Não exageres!», advertiu-o uma voz interior.

- E vais ter de me matar?

Nesta altura, a Espada sacudia-se violentamente dentro da bainha, mas Mike viu que o ruído se integrava na sua simulação de estar cheio de medo.

- Em sentido figurado, sim. A tua morte neste país de fadas imbecis acabará com o teu auto-engano e levar-te-á directamente de regresso ao mundo real. Conheço a tua insensatez desde que entraste nesta terra, mas, por sorte, consegui entrar sorrateiramente atrás de ti. Desde então tenho estado a tentar levar-te de regresso à realidade.

A coisa tinha começado a avançar para ele.

- Estou assim tão mal?... «Faz com que Aquilo continue a falar» pensou Mike. E dirigindo-se à arma: «Espada, continua a vibrar. Isso ajuda a manter o engano».

- Por causa da tua debilidade física, aceitaste estes disparates e a toda esta ridícula insensatez. Nada aqui é real. Tens estado tão cego pelas ilusões que aqui há, que devo destruir completamente essa tua parte para poder salvar a tua mente e a tua alma. Detesto aquilo em que te converteste.

Mike tinha de actuar rapidamente e disse:

- Antes de me matares, podes provar que é verdade o que estás a dizer?... Se és assim tão lógico e inteligente, podias ajudar-me a ver a lógica de tudo isto...

Mike sabia que a horrível coisa não ia esperar mais para entrar em acção, mas pensou que podia ganhar um pouco de tempo se apelasse ao monstruoso ego da criatura. Encolheu-se um pouco mais e começou a tremer convincentemente. A Espada vibrante contribuía para o engano.

- Pois claro que posso fazê-lo.

Aquilo sabia que tinha o controlo, e que estava prestes a acabar para sempre com este país mágico da Nova Era. Odiava aquela terra de sonho. Aquilo representava o mundo real, onde não havia indivíduos patéticos e débeis como Michael Thomas. Aquilo aferrava-se à lógica e ao pragmatismo, a um sistema de crenças baseado nas experiências anteriores, corroborado por reputados homens de Ciência e de História. Então, ergueu-se bem alto e sentenciou:

- Quem tem a razão aqui tem o poder absoluto. A lógica e a razão representam a verdade! Eis o motivo pelo qual posso existir neste mundo virtual: porque eu sou a verdade. Nada aqui tem poder sobre mim!

Deixou escapar um rugido que perturbou os ouvidos de Mike e que, realmente, pareceu dobrar a erva que estava debaixo de seus pés, tornando-a imediatamente acastanhada, uma cor que ligava com o tom da horrível pele da criatura.

- De verdade? – perguntou Mike, sorrindo gentilmente para a besta. Então, mudando rapidamente de atitude, levantou-se, ergueu-se tanto quanto lhe era possível e declarou. - Então, permite que comece a prova!

Mike nunca tinha percebido que podia mover-se tão rapidamente. Usando o equilíbrio e a velocidade resultantes dos seus treinos na Casa Laranja, de repente subiu para uma rocha de quase dois metros, a uns escassos cinco metros da besta. Avançara para o monstro! A Espada saltava literalmente dentro da bainha, e

quando a empunhou firmemente, logo ela começou a emitir a nota fundamental Fá, com um acompanhamento harmónico: era um som estranho mas cheio de força e potencial. Empunhou a espada, mas não apontou para a criatura, apontou-a para o céu, e apercebeu-se de que também estava a empunhar o Escudo com a mão esquerda. O que se passara é que, enquanto subira rapidamente para a rocha, o Escudo viera ao encontro da sua mão. Agora, mantinha-o ao alto, com as suas vistosas incrustações de prata gravadas orientadas na direcção da besta. Michael Thomas, o Guerreiro, permaneceu em guarda.

Dizer que a criatura foi tomada de surpresa seria pouco. Aquilo observou a situação: subitamente, a sua assustadiça e mentalmente débil presa tinha-se convertido numa ameaça e estava a fazer coisas inesperadas. O rapaz iria atacar? «Que loucura!», pensou. Afastaria este insolente muito facilmente, como se fosse um incómodo mosquito.

A proximidade de Mike tornava necessário que a criatura retrocedesse para poder usar os seus longos e monstruosos braços. Assim o fez: cerrando, num punho, os seus poderosos dedos, preparou-se para atacar. Enquanto a criatura se punha em posição de investir, ouviu-se a voz de Mike a dizer:

- Eis aqui a Espada da Verdade. Deixemo-la determinar quem tem o poder!

Assim que acabou de falar, a besta atacou. Mike sentiu como se estivesse a ver um transatlântico a aproximar-se a toda a velocidade. Fez um esforço enorme para não fechar os olhos! Nesse momento, uma luz de incrível intensidade pareceu saltar da ponta da Espada para atingir o monstro com incrível força. O golpe não deteve o seu avanço, mas serviu para lhe desviar o ataque. Apesar de a criatura ter perdido o equilíbrio, ainda foi capaz de lançar um golpe na direcção de Mike, que levantou automaticamente o Escudo para se proteger, embora estivesse seguro de que aquele poderoso murro os faria em puré, a ele e ao Escudo. Porém, o Escudo e a Armadura funcionaram, tal como o tinham feito na primeira tempestade, apesar de Mike não se ter apercebido disso. A Armadura envolveu-o instantaneamente com uma bolha de luz protectora; o Escudo disparou em direcção ao braço que desferira o ataque com uma série de intensas pulsações, similares a dardos. A luz parecia explodir ao redor de Mike, voando em todas as direcções! O ar ionizado e a interacção da matéria com a antimatéria desprendiam um acre odor a ozono. Mike pensou que o murro estava prestes a cair sobre si, mas a monstruosa extremidade foi repelida instantaneamente por uma luz protectora. Tão poderosa era esta força, que conseguiu levantar a criatura do solo e atirá-la para trás, a certa distância. Mike, ileso, ficou onde estava.

A luz era linda e Michael Thomas estava assombrado com os dons que possuía! Tinham funcionado perfeitamente coordenados, repelindo o ataque do gigante. Notou que, se aquela luz lhe era agradável, já a volumosa besta tinha de cobrir os olhos para se proteger da sua intensidade. A luz continuava a agir a favor de Mike, uma vez que a criatura, acostumada à semi-escuridão daquele dia cinzento, estava a ter problemas para se adaptar àquela intensidade luminosa. Mike sorriu em reconhecimento da dádiva que o clima lhe estava a dar. Realmente, pisava o chão da sua terra! Falou ao monstro com segurança, algo que recordava que o Anjo Laranja lhe dissera:

- Acaso o Escudo do Conhecimento te perturba, meu horrível adversário verde?... A escuridão não pode existir onde há conhecimento. Não há segredo capaz de sobreviver à Luz, e a Luz surgirá sempre que a Verdade se revele.

Ao ouvir estas palavras, a criatura pôs-se em pé e investiu novamente, com uma rapidez ameaçadora. Mike pensou que, desta vez, não conseguiria deter o ataque. Parar um braço era uma coisa, mas conseguiria deter todo aquele corpanzil? Esperou até ao último momento possível, e saltou disparado da rocha justamente quando a criatura chegava junto dela. De novo, Mike avançou em vez de retroceder e, uma vez mais, criou uma situação inesperada, em que estava demasiado perto para ser capturado e vencido facilmente. O tamanho e o peso da besta estavam a actuar a seu favor.

Mike fugiu entre as enormes pernas do gigante e, quando passou por baixo dele, estendeu o braço e empunhou a Espada de tal modo que a lâmina despedaçou os genitais do monstro com um esplêndido disparo de Luz. Além disso, Mike deu-lhe uma forte pancada na perna com o Escudo, e aquela extremidade coberta de pele verde foi repelida com imensa força, como um íman a embater num outro maior, de polaridade oposta. Uma repentina explosão de luz procedente do Escudo desequilibrou a criatura, que voou instantaneamente para trás, contorcendo-se no ar, como se fosse um ginasta executando um duplo mortal. Aterrou no duro chão sentindo uma brusca e indigna dor. Contorceu-se e rugiu protestando, acabando por se converter numa uivante massa fumegante. De entre as pernas, do lugar onde a Espada o atingira, ainda saíam chispas.

- Não haverá monstrosinhos pequenos de pele verde no teu futuro - declarou Mike, pronunciando as palavras com calma e satisfação. Então, aproximou-se do enorme e repugnante ogre, lenta e cautelosamente,

empunhando a Espada ao alto. A repulsiva besta jazia no chão e Mike deteve-se justamente fora do alcance do colossal braço.

- Rendes-te?... Quem é que possui a verdade aqui?... Afinal, onde está o poder exactamente?
- Antes morto! – rugiu a infeliz criatura, numa voz que era um gemido áspero.
- Assim será – anunciou um intrépido Michael Thomas, ignorando o crescente fedor da besta ferida.

Mas a pestilenta criatura ainda não estava acabada. Não era um ser espiritual; tal como Mike, era um ente biológico nesta estranha terra de anjos coloridos e espadas luminosas. Sentia dor e sangrava. Mike reparou na grave ferida que a Espada mágica lhe infligira no último ataque e contraiu o rosto, pois uma substância negra e pegajosa saía aos borbotões do golpe, tingindo de negro a pele das pernas do gigante, já por si feia e de aparência doentia. Mike pensou que a criatura devia estar a sofrer uma incrível dor... mas estava a levantar-se!... Uma vez de pé, cambaleou um pouco. Agora, os olhos pareciam linhas estreitas, pois a luz que o rodeava era demasiado brilhante para a suportar. Mike sabia que tinha ganho.

Matar não estava na sua natureza. Jamais matara nada nem ninguém, deliberadamente. Inclusivamente, na granja, negara-se a matar frangos. Porém, sabia que matar, naquele sítio, seria simbólico, e que a abominável coisa diante dele não ia morrer realmente. Seria apenas derrotada, de uma maneira dolorosa e definitiva.

Aquelas duas entidades a combater era uma cena clássica. A luz proveniente das explosões pirotécnicas iniciais, vinda da Espada, do Escudo e da Armadura, continuava a pairar no ar. As chispas continuavam a crepitar e a saltar das diferentes partes do húmido corpo de Aquilo, enquanto este recuperava, preparando-se para o ataque final. A armadura de Mike começou a entoar um canto de vitória. As sombras nítidas e perfeitamente perfiladas, criadas pela luz da Verdade, do Conhecimento e da Sabedoria, revelaram a visão tenebrosa, espantosa, de uma criatura enorme, vil, cambaleante e ferida, prestes a sacrificar-se, com desespero, ao poder das armas de Mike. Eram como David e Golias, uma visão surrealista projectada sobre as paredes do estreito desfiladeiro de onde não havia fuga. Os dois guerreiros, tão desiguais em todos os aspectos, estavam separados por uns escassos nove metros, cada um defendendo firmemente o seu terreno.

E, de novo, foi Mike quem se moveu primeiro. Sendo demasiado rápido para a monstruosa criatura ferida, concentrou a sua atenção nas zonas mais vulneráveis e, antes que o imenso monstro pudesse reagir, já actuava através da penetrante luz da Espada e da polaridade do maravilhoso Escudo. Numa tentativa desesperada e irracional de afastar o seu atacante, a criatura debateu-se selvaticamente, e, com isso, acabou por fazer ainda mais estragos ferindo-se nas armas espirituais e invencíveis da Luz, da Verdade e do Conhecimento. O espectáculo era digno de ser visto. Não só era um espectáculo de luz de proporções incríveis, mas também os sons produzidos eram assustadores! As armas espirituais de combate elevaram juntas as suas vozes, fundindo-as numa canção de vitória harmoniosa e bem audível.

O Anjo Laranja não referira que todas as armas cantavam!

A escaramuça final terminou em menos de um minuto. A energia que a Espada e o Escudo descarregavam venceu rapidamente o monstro. O seu corpo enorme e nauseabundo ficou estendido no chão diante de Mike, como se fosse um monte de carne putrefacta, trémula e em decomposição. O odor a sangue que brotava das múltiplas feridas agredia-lhe o olfacto. Subitamente, as armas de combate cessaram o seu canto, e a coisa latejante de pele verde, que jazia no chão, começou a perder essência.

- Não partirei, Michael Thomas. Voltarei outro dia – grunhiu, enquanto começava a desvanecer-se.
- Eu sei – disse Mike, enquanto olhava os olhos vermelhos do repugnante titã.

Sabia que a morte da maligna criatura era simbólica. Mas também sabia que o combate fora extremamente real. Estremeceu ao pensar que o desenlace podia ter sido o inverso. Podia ter sido ele a ficar ferido de morte. Se não fossem as armas espirituais, podia ter sido ele quem se desvaneceria na escuridão. Estava contente pela forma como tudo acabara. Lentamente, colocou na bainha a sua maravilhosa Espada da Verdade, mas, antes, agradeceu em voz alta. Fez o mesmo com o Escudo, e colocou-o no gancho da parte posterior da Armadura. Abraçou a armadura e celebrou a forma como ela funcionara.

Então aconteceu! Mike sentiu que os três dons começavam a deixá-lo. Estavam a esfumar-se, tal como o monstro.

- Não!... – gritou. - Preciso de vós!... Por favor! Não!

Todavia, a sua biologia estava a absorver as armas. Estava a ser realizada uma fusão, só possível graças ao propósito do próprio cerimonial a que procedera e à vitória que as armas lhe tinham facilitado. Estava surpreendido. Gritou pedindo uma explicação:

- E agora?... Por que estão a abandonar-me?

«Michael Thomas de Propósito Puro, os teus maravilhosos dons continuam aí, só que, agora, estão dentro de ti!» – Era a poderosa voz do Anjo Laranja, aquele que, inicialmente, lhe dera os dons. O anjo continuou: «Ganhaste o direito de os assimilar. Agora, fazem parte de ti, Michael Thomas, e residirão dentro das tuas células.»

Mike sentou-se numa rocha e perguntou a Laranja:

- E a próxima batalha?

«Será ganha da mesma maneira, Michael, mas sem a presença tangível das armas. Agora, a Verdade reside dentro de ti, tal como o poder do Conhecimento e a Sabedoria. Não existe monstro algum que tas possa arrebatá-la jamais.»

Mike meditou nas palavras do Anjo Laranja, e logo invocou outro anjo.

- Verde, mudei outra vez?

«Sim. Michael. Ao absorveres os dons tornaste-te perfeito. Somente te falta conhecer um outro de nós.»

Era reconfortante voltar a ouvir a voz de Verde.

- E quem será? – Mike não queria esperar até chegar à última Casa.

«O anjo mais esplêndido de todos. Michael. Logo o verás» – respondeu o Anjo Verde.

Mike levantou-se. Sentia-se estranho. Tudo acontecera com imensa rapidez: o encontro com a criatura transformada em seu pai, a compreensão de que tinha de enfrentar uma batalha real, vencer um monstro, e, agora, a aparente desaparecimento dos dons a que já se acostumara. Novamente se sentou e começou a repensar nos acontecimentos dos últimos vinte minutos.

- Branco, quem era realmente o monstro? – perguntou, pois intuitivamente sentia que a resposta deste anjo poderia ser a mais esclarecedora. E não se enganou.

«Era a parte de ti sem amor, Michael. Era a parte humana que sempre está presente e com que sempre temos de lidar. Se não for controlada, realmente, a Humanidade sem amor cria escuridão.»

A voz de Branco era admirável e tranquilizou-o imediatamente.

- Regressará?

«Enquanto fores humano, estará no fundo, pronta para atacar inesperadamente. Mas o amor mantém-na débil!»

Nesse momento, Mike estava introspectivo. «Só me falta uma lição. Depois, posso desfazer-me da minha forma humana», pensou. Ansiava abrir a porta do Lar. Essa porta mágica era a sua meta final. Pensou no que significava: uma existência plena de amor e paz, uma existência com propósito espiritual.

Naquele momento, apercebeu-se de que a atmosfera do lugar onde estava ficara totalmente limpa de nuvens. Examinou o cenário do combate sob a luz do Sol e viu as marcas chamuscadas onde as poderosas armas tinham derrotado o inimigo. Tocou-se na cintura, onde estivera o cinturão da Espada, e no peito que estivera coberto pela Armadura. Sentia a falta deles, mas sabia que aquilo que os anjos lhe tinham dito estava certo. Não se sentia nem diferente nem mais leve. Agora levava o poder dentro de si, e isso convertia-o num poderoso Guerreiro do Amor, tal como Mary, no hospital. Sorriu ao pensar na força dela, e agradeceu mentalmente por aquela visão.

Então, novamente apalpou o peito e apercebeu-se que também o mapa desaparecera.

O mapa!... – exclamou Mike em voz alta. Sentiu-se desapontado.

«Também está dentro de ti, Michael!» - Era o Anjo Azul quem falava outra vez. «A tua intuição continuará a ser valiosa.»

Mike sentia-se nu. «Está bem», pensou. «Não serei humano por muito mais tempo. Não necessitarei destes dons quando entrar no céu e regressar ao Lar. Afinal, só falta uma Casa!»

Mike não tardou muito a sair do desfiladeiro, mas havia uma magnífica visão à sua espera, enquanto avançava, aproximando-se do limite do escarpado perfil das montanhas. Quando começou a vislumbrar o final do estreito desfiladeiro, pôde ver, ao longe, que uma paisagem mais serena o esperava. Então, reparou num esplêndido arco-íris que se arqueava sobre o desfiladeiro. Resplandecia, contrastando com o céu cada vez mais claro e azul daquela terra mágica; marcava o final do desfiladeiro e simbolizava o final da viagem. Avançou, admirado pela magnificência daquele arco-íris, olhando só de vez em quando para o chão para ver por onde ia caminhando. Então apercebeu-se do que criara o arco-íris: seis amigos enormes, de intensas cores, estavam no céu, diante dele. Ah! Como se mostravam tão imponentes e tão orgulhosos! De mãos dadas, formavam um arco-íris de celebração pelo ser humano a quem chamavam Michael Thomas de Propósito Puro!

Mike passou por debaixo deles e, emocionado, chamou cada um pela sua cor, agradecendo-lhes. Ali estavam: o Azul, que lhe entregara o mapa e a direcção da sua viagem; o Laranja, que lhe proporcionara os maravilhosos dons espirituais que tinham vencido o gigante; o Verde, o seu amigo cómico, que lhe explicara biologia, que lhe dera uma forte pisadela no dedo e lhe proporcionara a experiência da sua primeira mudança vibratória; o Violeta, o anjo maternal, que lhe mostrara as lições da sua vida e revelara a responsabilidade que tinha em todas elas; o Vermelho, o péssimo comensal e maravilhoso apresentador da sua família espiritual; e o amoroso Branco, a essência da pureza, de quem Mike aprendera acerca do amor verdadeiro, observando uma mulher pura, de incrível força, e onde sentira a agonia de uma oportunidade perdida. Mike sabia que aquela era a forma como eles celebravam a sua vitória, porque a Casa seguinte seria a última e ele não voltaria a necessitar deles, nesta terra. O seu treino estava quase concluído. Aprendera bem e passara uma grande prova, vencendo o monstro sozinho. Sabia que estavam a dizer-lhe adeus.

- Respeito-vos, meus amigos!

Olhou para cima e reparou como aquelas esplêndidas cores se esvaeciam, descobrindo outra vez um céu absolutamente azul.

* * *

Mike não teve de andar muito para ver a Casa seguinte... que era bem diferente. Na realidade, não era uma Casa, mas uma enorme mansão! Então, à medida que se aproximava, reparou não só que o tamanho era inusual, mas também que aquilo que lhe parecia ser uma Casa castanha, revelou-se, pouco a pouco, como sendo uma Casa de Ouro!

Conforme se foi aproximando da Casa, a sua percepção do tamanho desta começou a mudar. O que parecia ser uma grande estrutura de um só piso, converteu-se gradualmente num edifício colossal, de múltiplos andares e gigantescas proporções. E não só era dourada - parecia, de facto, ser feita de ouro!

Um vasto e bem cuidado jardim de relva verde fazia ressaltar o edifício dando-lhe grandiosidade. Estava rodeado de numerosas fontes sumptuosas, assim como de múltiplos ribeiros de esplêndidos sons. Tudo isto estava equilibrado com vistosas flores de quase todos os tipos concebíveis, arrumadas em grupos de cores extraordinárias. Mike viu ainda algo mais que momentaneamente lhe susteve a respiração: o caminho principal acabava na entrada da Casa! Sem dúvida, a meta final devia estar lá dentro! Aquela, não era somente uma Casa, era também um portal, uma entrada para o próprio céu. Era a porta que conduzia ao Lar!

Apercebeu-se, então, de que estava a sentir ansiedade e que respirava com dificuldade, enquanto abandonava cautelosamente o caminho principal e começava a percorrer o longa e sinuosa vereda que conduzia à porta do enorme palácio dourado.

Finalmente, chegou à grande porta adornada, feita totalmente de ouro. Perguntou-se como poderia abri-la, pois parecia ser imensamente pesada! Abaixou-se e tirou os sapatos, colocando-os no lugar destinado a esse fim, e esperou. Sabia que não voltaria a vê-los nunca mais.

Mas não apareceu nenhum anjo.

Perguntou-se se seria correcto tentar abrir aquela gigantesca porta e entrar. Lembrou-se, então, de que isto já lhe sucedera na sexta Casa, quando o Anjo Branco não quis arriscar-se a sair para o alpendre. Mike, por fim, decidiu-se e empurrou a enorme porta dourada. Era demasiado grande e alta para qualquer uso prático, mas verificou que se abria facilmente! Entrou e ficou completamente estupefacto. Tudo era de ouro! As paredes, as colunas, o chão. Por toda a parte havia uma sumptuosa decoração! Era extraordinário! E, outra vez, aquele odor a flores! A fragrância de mil lilases estava no seu olfacto, enchendo-o de um maravilhoso sentimento de amor. Era um lugar verdadeiramente sagrado e surpreendente.

Então, entendeu imediatamente a ironia: enquanto as outras Casas desta grande terra pareciam pequenas quando vistas do exterior, mas eram imensas internamente, esta era enorme quando vista do exterior, mas o seu interior, embora esplendoroso, era pequeno. Não havia um labirinto de divisões sucedendo-se umas às outras, como nas outras Casas; pelo contrário, todas as portas e vestíbulos davam para um lugar comum. Não se podia escolher em que direcção ir, pois só era possível tomar uma direcção. O trajecto através da Casa era simples: elegante, sumptuoso, esplêndido e refinado, mas simples. Não havia divisões auxiliares nem aposentos destinados a alojar Mike. Em nada se parecia com as outras Casas, e provocava sensação diferente.

Mike tentava identificar na sua mente o que sentia, enquanto percorria lentamente os poucos vestíbulos que não sabia onde conduziam. Reconheceu que era a mesma sensação do que quando entrava num grande espaço de culto: sentia reverência por ele. Era majestoso, como um santuário sagrado.

Não sabia o que esperar, pois ainda não surgira nenhum anjo. Esta era a primeira e única vez que entrava numa Casa sem que lhe dessem as boas-vindas. Depois do seu grande combate e de toda a agitação vivida, deveria estar com fome, mas não estava. Sentia-se demasiado emocionado.

Continuou a avançar até chegar a uma porta que parecia diferente, pois tinha um nome gravado. As letras eram aqueles caracteres estranhos de tipo árabe que vira nas etiquetas da Casa dos Mapas e que depois voltou a ver no Plano da Família do Anjo Violeta. Sabia que aquele nome devia ser o do Anjo Dourado, onde quer que esse estivesse. Mike abriu a porta e entrou.

As boas-vindas que recebeu foram daquelas que não mais se esquecem: encontrou-se num enorme salão de majestosa beleza, um grande salão de culto ou algo parecido. Assemelhava-se a uma catedral e, nas paredes, podiam ver-se vitrais multicolores delicadamente trabalhados. Em cada esplêndido vitral, a luz que se filtrava do exterior convertia-se em vários arco-íris, que se derramavam sobre o imenso chão dourado, formando manchas de cores ondulantes; quando olhou para cima, pôde ver uma zona dourada infinita. As paredes do salão eram circulares, e Mike reparou que a porta por onde entrara era o único acesso ao salão. Uma névoa dourada enchia delicadamente todo o espaço, gerando um cenário que dava a sensação de uma ambiência de alvorada, quando tudo é fresco. A névoa interactuava com a luz de uma maneira extraordinariamente vistosa: cada vez que se envolvia na luz, fazia uns estalidos de brilhantes cores e convertia o ar húmido num arco-íris subtil, pintando a área com os tons de todo o espectro das cores. Mike apercebeu-se de que estava a receber alimento e obrigou-se a respirar.

Lentamente, tornou-se consciente de que tudo – a luz, a decoração e a concepção da arquitectura – pretendia honrar o centro ovalado do santuário. Um grandioso escadaria partiam da grande abóbada, mas conduziam apenas a umas varandas viradas para o centro daquele espaço. Mike concentrou-se no enorme salão: o seu centro estava repleto de uma nuvem dourada... mas ali **havia** algo mais. Começou a andar, consciente de estar a chegar ao final da sua viagem.

Enquanto se dirigia para o centro da zona de névoa dourada, apercebeu-se de que santuário era bastante maior do que julgara ao princípio. Todo o ouro e a sua notável concepção faziam com que a percepção do olho humano se distorcesse. Mike caminhou para o centro e notou que demorava bastante mais do que o previsto. Finalmente, a uns quantos passos do ponto central, deteve-se. O que havia ali? Dentro da névoa havia algo sólido. Seria outra estrutura?

Quase tinha chegado ao centro quando foi atingido por uma assombrosa explosão de energia. Subitamente, Mike estava de joelhos! Uma sensação de incrível sacralidade e santidade tinha descido sobre ele, com tal poder que exigira que se ajoelhasse. Suspendeu a respiração e baixou os olhos para não violar o protocolo tácito e sagrado. O seu corpo começava a sacudir-se com uma surpreendente vibração, que só podia provir da presença de Deus. Tinha chegado o momento! Estava a aproximar-se da porta final do céu!.. E o Lar?... Talvez ali não morasse nenhum anjo. No entanto, os outros tinham-lhe dito que estava prestes a encontrar o ente mais grandioso de todos. Percebeu que, ali, se encontrava frente a uma presença que infundia um respeitoso temor: a sagrada e milagrosa presença do próprio Deus!

Mike estava com sérias dificuldades em respirar.

Elevou o olhar e viu que a névoa se dissipava. Continuou ajoelhado, mas numa postura mais direita para ver o que estava a acontecer. A névoa, ao desaparecer, deixou a descoberto uma estrutura parecida com um enorme bloco dourado. Ao desvanecer-se ainda mais, mostrou alguns degraus: uma escadaria conduzia à parte superior. Estaria no final da escada a porta que conduzia ao Lar?...

A energia estava a ficar mais intensa, e Mike não se sentia digno de estar ali. Há ocasiões em que um ser humano sabe qual é o seu lugar, e, independentemente do que Mike tivera de passar, não estava à altura da santidade e da grandeza do que tinha diante dele. Encontrava-se diante do portal do céu e sentia-se como se fosse um boneco de borracha. Estava imobilizado pelo poder do Espírito e pelo resplendor de Deus. Sabia que, a uns quantos passos, estava algo mais poderoso do que qualquer outra coisa que jamais poderia ter imaginado, algo tão poderosamente amoroso e espectacular na sua beleza que representava a própria criação!

Mike sentiu que estava a esforçar-se para absorver oxigénio, mas manteve a cabeça bem alto. Precisava de vê-lo! Sabia agora que, realmente, havia uma entidade por conhecer: a mais grandiosa de todas, segundo lhe tinham dito. Que estupenda criatura poderia emanar tal energia?... Teve a esperança de poder sobreviver à intensidade daquela vibração o tempo suficiente para a conhecer. Mesmo que, nos minutos seguintes, fosse atomizado por uma explosão de luz celestial multidimensional, **tinha de a ver**. Lembrou-se dos relatos acerca do que acontecera a quem tocara a Arca da Aliança, na história dos Judeus: tinham-se esfumado numa explosão de vapor, por terem tocado em Deus. Mike pensou que também podia suceder-lhe o mesmo, se a energia do momento aumentasse demasiado. Sentiu como se as suas células fossem rebentar. Todas elas tentavam celebrar ao mesmo tempo! Tinha uma sensação de expansão desde o seu interior. Começava

a sentir medo, não pela sua vida, mas por não chegar a ver a entidade que residia nesta última e incrível Casa. A névoa continuou a dissipar-se.

O bloco dourado e ornamentado com escadas, tornou-se mais nítido. Não era um simples bloco, era um trono! Adornado e luminosamente indescritível, construído com magistralidade e indiscutivelmente feito de ouro; parecia resplandecer com a sua própria sacralidade. O anjo devia estar sentado nele. Quem podia ser?

Nesse instante, Mike apercebeu-se de que estava a soluçar! A sua biologia estava a romper-se por dentro com a grandeza desta energia sagrada, pelo que sentiu ondas de gratidão e amor a fluir do seu coração. Simplesmente, não podia controlar a sua comoção. A energia que pairava sobre ele era densa, e sabia que a entidade dourada, por quem esperava, já estava descendo as escadas. O anjo mais grandioso de todos estava prestes a surgir por entre a névoa dourada, que ocultava a parte superior do trono. Estava a aproximar-se. Mike sabia-o! Talvez estivesse prestes a conhecer o guardião da porta que conduzia ao Lar, aquele que desejara encontrar desde sempre - aquele que sabia tudo!

Mike sentia-se a desmoronar-se. Não queria que o vissem assim, queria ser forte, mas nem sequer conseguia pôr-se em pé. Queria que o Anjo Dourado soubesse que ele passara nas provas e que vencera o gigante, mas nem sequer conseguia falar. Sentia-se pueril e incapaz de controlar as emoções. O peito estava cheio de gratidão e respeito... e com falta de oxigénio! Começava a doer-lhe a cabeça. Quem era este Ser que se aproximava e que possuía tal poder? Que entidade no Universo representava a força de Deus de um modo tão espectacular?

- Não temas, Michael Thomas de Propósito Puro. Temos estado à tua espera – disse o enorme anjo, cujo vulto ia aparecendo difusamente enquanto descia pela escada.

A voz era familiar!.. Quem era?... Apesar de denotar uma sacralidade do mais elevado nível, a voz era tranquila e cheia de paz. O Ser que estava a aproximar-se era, talvez, o mais elevado de todos, mas o encontro iniciara-se de forma tranquila, sem pretensões, com uma mensagem de encorajadora segurança. Apesar da mensagem, Mike não pode usar adequadamente a sua voz, naquele momento. Estava demasiado comovido para falar, e o aparente sobressalto do seu estado emocional não dava mostras de melhorar. Continuou a observar, enquanto punha a mão no peito cobrindo o coração, não fosse ele sair do corpo com a expectativa que sentia diante do Mestre Dourado do Amor, que agora lhe falava. Não queria perder o que estava a acontecer, e tinha a esperança de poder viver aquela experiência até ao fim. A sua visão começou a tornar-se pouco nítida.

O esplêndido anjo celestial baixou flutuando pelos degraus esculpidos, reluzentes de ouro, e foi-se aproximando lentamente de Michael Thomas, que estava ajoelhado e tremia. Apesar do seu estado de êxtase, deu consigo reparando no aparente contra-senso de os degraus existirem para um Ser que não precisava deles!

O que Mike viu primeiro foi o magnífico corpo fulgurante: a cabeça do Anjo Dourado estava ainda oculta por uma névoa da mesma cor. O anjo deteve-se um momento; a sua cara continuava oculta. Mike viu que era enorme, maior do que os outros anjos que conhecera. O matiz dourado das suas vestes era tão brilhante que os botões pareciam eléctricos. Agora, já podia ver a parte inferior das asas. Ele sabia que o anjo teria asas! Vibravam como dez mil borboletas, mas sem emitir qualquer som. Estava seguro de que, quando a cabeça se tornasse visível, o anjo teria uma aura majestosa... tal era o sentimento que consagrava a esta grande criatura!

Embora não estivesse habituado a esta energia, apercebeu-se de que algo estava a passar-se consigo quando o anjo parou. Estavam a dar-lhe uma prenda, e ele sabia-o: uma bolha de tênue luz branca estava a formar-se à sua volta, protegendo-o e criando, no seu interior, sensações tranquilizadoras. Mike suspirou aliviado, pois sabia que seria incapaz de continuar a absorver aquela energia divina que se aproximara! Lentamente, como resultado da bolha protectora, começou a respirar com normalidade, enquanto se sentava no chão. O banho emocional de intenso amor converteu-se num banho de paz e, lentamente, recuperou o seu normal equilíbrio humano. Passaram dez minutos e o anjo permaneceu estático. Mike estava a recuperar forças e sabia que o anjo tinha criado um espaço para ele, protegendo-o com essa bolha de luz, onde a vibração humana podia coexistir com a vibração divina daquela estupenda criatura vinda do céu.

Finalmente, Mike falou, mas sem se levantar.

- Obrigado, grande Anjo Dourado – disse, e respirou profundamente – Não tenho medo.

- Sei exactamente o que estás a sentir, Michael, e, de facto, não tens medo.

Mike tentava aclarar a voz, enquanto o anjo continuou imóvel. Tinha o mesmo tipo de serena energia do Anjo Branco, e tentava reconfortar a alma de Mike quando a escutava. Era uma voz intensa, que enchia todo o espaço que o rodeava, mas, ao mesmo tempo, era tranquilizadora. Sabia que já a ouvira antes, mas... onde?... Em que outra zona desse grande lugar espiritual a ouvira? Quando sentiu que podia falar outra vez, perguntou reverentemente:

- Conheço-te, grande ser sagrado?

- Evidentemente. – respondeu o gigantesco anjo, a quem Mike só podia ver parcialmente. - Conhecemos muito bem.

A majestade da voz era poderosa, plena de glória e esplendor. Mike não entendia, mas não quis forçar a situação, que transpirava protocolo e cerimónia. Era melhor sentar-se e deixar que lhe falassem nesse nível de energia, pois respeitava a diferença de vibração existente entre ambos. O anjo voltou a falar:

- O tempo total em que estaremos nesta Casa, Michael Thomas, não passará de uns poucos minutos. Mas esse período estará cheio de propósito e de revelação. A diferença vibratória entre nós é tão grande que não podemos manter o encontro durante muito tempo; apenas o suficiente.

«O suficiente para quê?», pensou Mike. O anjo prosseguiu, e o esplêndido ritmo de sua voz novamente invadiu todas as moléculas do organismo de Mike, enquanto lhe chegavam aos ouvidos e eram absorvidos pela sua biologia interna.

- Michael Thomas de Propósito Puro... amas Deus?

As células de Michael estremeçeram perante esta pergunta. Outra vez a mesma pergunta! Calafrios de compreensão percorreram as suas costas. Pensara que o Anjo Branco seria o último a perguntar-lhe aquilo, mas enganara-se. Estavam a perguntar-lhe novamente. Este era o momento! As suas células começavam a querer falar todas ao mesmo tempo. «Diz-lhe que sim!», suplicaram. Talvez a resposta que desse ao Anjo Dourado significasse o seu passaporte para transpor a porta do Lar. Esta era a última vez que lhe fariam essa pergunta... a mais importante.

Desejava que aquele momento fosse profundo. Fez, pois, uma pausa... mas não conseguia imaginar uma resposta suficientemente eloquente. A mente estava vazia e a única coisa que nela cabia era a honra de estar naquele lugar, perante aquele ser divino.

- Sim! – disse. E a sua voz era honesta, pura, e não tremia.

- Michael Thomas de Propósito Puro – continuou a maravilhosa voz vinda da cara invisível que permanecia envolta na neblina – Queres ver o rosto de Deus? Esse ser por quem professas amor?

Mike ficou paralisado ante a possibilidade sugerida por aquelas palavras sagradas. O que significavam? Qual seria a revelação? Como iria acabar tudo aquilo? As suas células voltaram a pedir que dissesse que sim. Respondeu automática e sinceramente.

- Sim, quero – desta vez, a sua voz tremeu, e sabia que o anjo se apercebera disso.

- Então, Michael Thomas de Propósito Puro – completou o anjo enquanto começava a descer a escada - contempla o rosto de Deus, aquele que nos asseguraste - oito vezes! - que amas.

A reluzente magnificência do mais sagrado de todos os seres aproximou-se de Michael Thomas. Contudo, apesar da bolha protectora que lhe tinham proporcionado, Mike sentia como aumentava o nível de energia à medida que o Ser começava a emergir da espessa névoa dourada e a descer os degraus dourados para chegar ao seu nível. Era tão alto que, enquanto descia, uma parte da névoa continuava agarrada a ele. Quando chegou diante Mike, falou, enquanto a névoa se dissipava gradualmente da sua cara.

- Levanta-te, Michael. Precisas de estar de pé para isto.

Mike sabia que ia suceder algo transcendental. Lentamente, ergueu-se sobre as suas pernas tremelicantes e, com os olhos e a mente abertos, procurou, entre a névoa que se dissipava, o lugar de onde podia surgir a cara do anjo. Finalmente apareceu, e Michael Thomas de Propósito Puro – o ser humano que vivera intencionalmente tudo o que estivera relacionado com a sua viagem, que enfrentara e aniquilara o mostro, que percorrera o Caminho melhor do que qualquer outro ser humano, naquele lugar espiritual – ficou desarmado ante a revelação que teve. O assombro encheu-lhe os olhos de lágrimas. A compreensão começava a surgir na sua mente lógica e espiritual, enquanto tentava discernir o que via e o significado que poderia ter. As suas emoções paralisaram, incapazes de processar a informação que os seus olhos agora lhe revelavam. As pernas começaram a fraquejar e, involuntariamente, caiu de joelhos, pela segunda vez, neste salão sagrado envolto em ouro. O rosto da grande entidade que descera pela escada cinzelada do grande trono dourado, era o de Michael Thomas! Não era uma ilusão, pertencia ao anjo. Era o anjo. **O anjo era Michael!**

- Por conseguinte, se amas a Deus, amas-me a mim.

O Ser Dourado sabia que, na realidade, Mike não estava a ouvi-lo. A sua mente estava confusa, pois uma enorme comoção chegava a todas as suas células. Continuava a tentar encontrar uma explicação. «O que significa isto?... É real?» O anjo continuou a falar. Mike, de pé e imóvel, estava incapaz de compreender fosse o que fosse.

- É chegado o momento de te dar outra prenda, Michael. – A voz do anjo continuava tranquilizadora e reconfortante, transmitindo paz e compreensão ao próprio ser de Mike. - Dou-te a dádiva do discernimento, enquanto ouves a minha explicação.

A mente de Mike começou a abrir-se e novamente se apercebeu de que o anjo estava a proporcionar-lhe uma ajuda consciente à sua própria compreensão, com o intuito de anular qualquer predisposição ou preconceito humano. O anjo voltou a falar:

- Há algo dentro de cada ser humano que luta dramaticamente até à última sinapse lógica da matéria cerebral, para te impedir de acreditares que és algo mais do que um ser humano, Michael.

O anjo sorriu, e Mike novamente teve a sensação de estar a ver-se ao espelho e a sorrir para si mesmo. A voz do anjo era a sua própria voz, mas não a tinha reconhecido. A única circunstância em que os humanos podem ouvir a sua própria voz com absoluta precisão é numa gravação, algo que ele fizera raras vezes. Precisava de ouvir o que o anjo estava a dizer-lhe, e a mente estava a desanuviar-se para que tal fosse possível. O anjo prosseguiu:

- Eu **sou** o teu **eu** mais elevado, Michael Thomas, a parte de Deus que reside em ti enquanto vives no planeta Terra. Esta é a tua última revelação e lição, antes de continuares o caminho até à meta. Esta é a informação final que tens de absorver. É a verdade mais elevada e poderosa para toda a Humanidade; a que está mais bem guardada e que é mais difícil de aceitar.

Para Mike, ouvir o anjo era fascinante, mas olhar para ele distraía-o porque tinha a sua cara! Apesar disso, a informação interessava-lhe e desejava aprender o que significava. Devia avançar, pois precisava de saber mais. O anjo flutuou ligeiramente para um lado, deixando ver algo mais na parte superior do lugar que ocupava previamente na escada cinzelada. E continuou:

- Esta é a Casa Dourada da auto-estima, Michael. **Nada te deterá mais rapidamente na tua viagem de iluminação do que o sentimento de não seres digno dela.** Por conseguinte, decidimos revelar-te quem és, realmente. Tu és uma parte de mim, Michael. Somos um anjo do mais alto nível, tal como todos os outros seres humanos. Somos os que elegemos visitar o planeta Terra, passar por provas de vida humana e elevar a vibração do planeta através das lições e da experiência da nossa viagem. Somos os que podemos fazer algo por toda a Humanidade, e também pelo Universo. Acredita-me Michael Thomas: o que fizeste na Terra provocou grandes mudanças noutras áreas.

- Mas não fiquei lá! - Mike disse impulsivamente o que estava a pensar ao ouvir esta informação e ao sentir, de novo, que se rendera demasiado cedo. - E não aprendi nada!

- Não importa, Michael. O que te dignifica tão grandemente é o propósito de fazer uma viagem e a aceitação inicial de participar no sacrifício. A tua simples presença no planeta já é digna e correcta. Não te apercebes? Alguma vez escutaste a história do filho pródigo? Todas as culturas a têm, sabias?

Mike conhecia a história, mas não sabia como aplicá-la a esta situação. Lembrava-se que o filho da história fora bem recebido e amado pelo seu pai, apesar de não ter respeitado os costumes da família. O anjo voltou a mover-se e prosseguiu a explicação.

- Michael, os demais anjos adoram-te! Acaso não te questionaste por que és merecedor desse amor? Agora já sabes: nós, tu e eu, pertencemos a um grupo de elite. Estamos entre aqueles que são sumamente amados e honrados, que escolheram vir à Terra viver na sua biologia inferior e não terem consciência disso, porque tal está oculto. Tu, realmente, és uma parte de Deus que está no planeta para aprender. A razão disso obedece a um propósito maior, e, agora, estás a ver essa parte diante de ti.

Mike sentiu-se estupefacto por tudo quanto estava a ser-lhe revelado. Pensou, então, no que ocorrera durante as últimas semanas: achava surpreendentes os ensinamentos recebidos sobre os contratos e a família na Casa Violeta; a família que lhe tinham apresentado na Casa do Anjo Vermelho era assombrosa! Mas, agora, ali estava a revelação de que o humano Michael Thomas podia contar-se entre os anjos mais elevados. E os outros humanos também?... Realmente, acaso podia ele ser tão grandioso?

- Sim, és, Michael! Sim, **somos!** Chegou o momento de compreenderes e de te aperceberes de que és digno de estar na Terra. Tu planeaste vir e, de facto, aguardaste para o poderes fazer! És respeitado, entre todos os seres, pelo que fizeste, e agora mereces passar à fase seguinte. Dado que, ao longo da viagem, tantas vezes garantiste que amas Deus, **também deves amar-te a ti mesmo!** Pensa nisso, Michael Thomas, porque a verdade que encerra haverá de mudar a tua perspectiva e a essência de teu propósito humano.

Agora, Mike estava bastante mais atento à informação, dado que o anjo lhe concedera a dádiva da calma e do discernimento. Estava aberto. Esta informação era verdadeiramente difícil de digerir. O anjo continuou:

- Agora, o passo final - que seria o mesmo se tivesses continuado na Terra - consistirá em absorver esta parceria. Deves saber que é real! Sente a divindade e o mérito de tua Humanidade. Sabes agora que, na realidade, és um ser sagrado do céu. Sente o que significa pertenceres a este lugar e seres eterno! Assume a insígnia de ouro que te está a ser oferecida, Michael.

Mike lembrou-se então do tempo que passara na Casa Branca, quando o Anjo Branco lhe mostrara a visão de Mary no hospital. Recordava agora algo que tinha permanecido oculto na sua mente: Branco pronunciara umas palavras que só agora ganhavam significado. O anjo dissera que Mary tinha aceite o Ser Dourado!

- Mary sabia que tu existes? – perguntou Mike.

- Mary conhecia o seu próprio Eu Superior, Michael, se é isso o que queres saber. Ela estava acompanhada pelo seu Eu Superior durante todo o tempo em que a observaste. Foi isso o que sentiste. Ela sabia quem era, e sabia que existia o Salão Dourado e o Trono Dourado. Sabia que era sagrada e que merecia estar na Terra. Tinha integrado o seu próprio carácter sagrado.

De novo, Mike sentiu um respeito reverencial por Mary, essa pequena mulher que tanto lhe ensinara e que nunca viria a saber da existência dele.

- Mas ela conhece-te, Michael – garantiu o Anjo Dourado.

- Conhece-me?... Como é isso?

- Da mesma maneira que todos nós nos conhecemos! Ela estava totalmente consciente e sabia que a prenda que dava ao pai, naquele dia, tinha efeitos profundos noutros seres. A sua intuição dizia-lhe isso. Inclusivamente, sabia que estava a ser observada. Tal como tu, possuía, no seu interior, todos os dons, instrumentos e mapas, e também a dádiva dourada do conhecimento divino que estou transmitir-te agora. Tal é o poder de um ser esclarecido na Terra.

- Caramba! – Mike estava a aprender muito, e o respeito que sentia por Mary ia aumentando. Então, ela sabia! A intuição dela dizia-lhe que as suas acções estavam a ser observadas e utilizadas para me ajudar.

- Chegou o momento da prova, Michael Thomas.

O anjo estava a ir ao encontro do centro da questão. Michael sabia que tinha de se submeter a uma espécie de prova. Mas... qual seria?... Como poderia esta entidade, que tinha a sua cara e sua alma, saber se o humano Michael Thomas tinha aceite ou não a realidade de sua auto-estima?

- Só há uma maneira de averiguar – disse o anjo, desviando-se para um lado. – Não te assustes, mas devo suprimir a tua protecção vibratória durante o resto do tempo que estaremos juntos. Talvez tenhas absorvido a verdade... ou talvez não. Esta prova, aparentemente, não é difícil, mas é impossível superá-la a menos que sejas puro e tenhas aceite a verdade da nossa parceria.

- Eu sei – disse Mike inquieto.

O que iria fazer o Anjo Dourado?... A bolha branca começou a esfumar-se à sua volta, e voltou a sentir-se acometido pela vibração da santidade da força de Deus que o rodeava. Ali estava, outra vez, todo aquele amor, toda aquela energia de propósito e concentração proveniente de milhões de seres. Todavia, desta vez, Michael sentiu algo mais: um ligeiro estremecimento por fazer parte de tudo isso. Seria isso a prova?

- Estou a sentir! – gritou Michael.

Tinha a certeza de que era isso. Era possível que a prova, qualquer que fosse, já tivesse acabado?... Nem pensar. Em vez disso, o enorme Anjo Dourado com a cara de Michael Thomas aproximou-se.

- Michael Thomas de Propósito Puro, senta-te no terceiro degrau.

Mike voltou a ter dificuldades com a respiração. As suas células não compreendiam que estavam numa vibração demasiado elevada. Falou para o seu corpo em voz alta, sem considerar a presença do Anjo Dourado. Tinha de controlar o seu organismo, naquele momento!

- **Estamos** bem – assegurou às suas células. - Não reajam com medo! Não o merecemos. **Somos** dignos disto!

Mike estava a gritar e tinha consciência disso. Estava a fazer, automaticamente, o que o Anjo Verde lhe ensinara... e estava a conseguir resultados imediatos! Sentou-se no terceiro degrau do Trono Dourado e começou a acalmar-se. Naquele momento, apercebeu-se de que o Anjo Dourado o olhava fixamente, e viu que a face dourada esboçava um imenso sorriso!

- Realmente, já sabes o que deves fazer, meu equivalente humano. Isso é algo que eu não poderia transmitir-te... mas que aprendeste bem com os outros. Agora, deixa ver se absorveste bem o que eu te dei.

O que aconteceu a seguir emocionou Michael Thomas muito mais do que a descoberta da cara do anjo, minutos antes. O grande Ser Dourado, que acabara de representar a força de Deus, começava agora a ajoelhar-se diante Michael Thomas. A magnificente entidade dourada abriu as asas e estendeu-as regamente, como se fosse uma capa de ouro que se abria e estendia para o chão com os seus movimentos. Os dois admiráveis apêndices abriram-se em leque o suficiente para permitir que o enorme corpo se baixasse graciosamente, sem que as asas tocassem no chão. O corpo de Mike reagiu fortemente, mas, desta vez, não ficou incapacitado. Em vez disso, apenas se surpreendeu, enquanto continuava a observar o que o anjo estava a fazer. Enquanto se ajoelhava, o magnífico anjo tirou, quem sabe de onde, uma grande bacia dourada e sustentou-a suavemente diante dele em atitude cerimonial. Olhou-o directamente e disse estas cerimoniosas palavras:

- Esta grande bacia contém, de forma simbólica, as lágrimas da minha alegria por **ti**, Michael Thomas. Com isto, desejo ungir e lavar os teus pés, porque és digno desta honra.

«Oh, não!... Este ser divino vai realmente tocar-me!» Agora Mike compreendia em que consistia a prova: um só toque desse Ser Dourado determinaria se as suas células tinham entendido realmente o tema do mérito, e se o seu corpo estava verdadeiramente consciente de sua linhagem sagrada. Como seria de esperar, nesta prova não cabia o fingimento. Essa era a prova!... Então, o anjo deteve-se um momento, antes de tocar o pé esquerdo de Michael Thomas, e respondeu às perguntas que ele formulava mentalmente.

- Esta não é uma prova de mudança vibratória, Michael, porque tu e eu nunca teremos a mesma vibração até nos fundirmos outra vez, no final. Esta é uma prova de tua fé humana. Temos de assumir o facto de que, enquanto Deus, **somos** dignos de ser humanos. Isto comprovará se terás compreendido verdadeiramente que mereces que o próprio Espírito te lave os pés, e se o amor que sentes por Deus está reflectido no amor que sentes por ti mesmo.

Mike relaxou-se. Conhecia a sua mente e sabia que aceitara aquela ideia e aquela a lição do esplêndido ser. Subitamente, percebeu que a prova iria revelar isso ao anjo. Estava preparado. Continuava ali, sentado na frente do ser mais grandioso entre todos os seres grandiosos. O anjo, apesar das suas enormes proporções, tinha-se colocado abaixo do nível dos olhos de Mike. A cerimónia não passou despercebida a Mike, que sentiu uma onda de emoção face ao que estava a ocorrer.

O nobre ser tomou delicadamente o pé de Mike, provocando um incrível formigueiro em todo o corpo, que lhe subiu ao coração e à mente. Sentia-se transbordante de compaixão e as lágrimas começaram a correr. Não disse nada enquanto o anjo lhe lavava, delicadamente, o pé. Sentiu que era amado ilimitadamente. Não desapareceu nem se desvaneceu, num relâmpago de energia. Sentia a pressão da energia vibratória existente entre ambos e, embora apenas tivesse começado a assimilar a situação, estava consciente de que merecia aquele tratamento. Permaneceu em silêncio, porque sabia que o amor é silencioso; também sabia que o amor puro é desinteressado, de modo que o esplêndido Ser de Ouro não ia pedir nada em troca; sabia ainda que o amor não é arrogante, e que o anjo não estava acompanhado por uma legião de hóspedes celestiais. Isto era pessoal, e o anjo estava a pedir-lhe, silenciosamente, que aceitasse aquela honra e se limitasse a **ser**.

O sentimento que experimentava era indescritível. Dos seus olhos continuavam a cair lágrimas de enorme gratidão, mas não estava envergonhado. Sabia que o anjo compreendia que, embora pudesse parecer estranho, aquela era a sua maneira humana de agradecer.

Finalmente, o anjo voltou a falar, e a sua voz estava cheia de um profundo orgulho por Michael.

- Michael Thomas de Propósito Puro, realmente passaste esta grande prova, uma das maiores de todas. Mas, agora, mostrar-te-ei algo ainda maior. Já que superaste todas as provas, e continuas preparado para te dirigires à porta do Lar, lavar-te-ei o outro pé. É uma honra para mim fazê-lo, e exemplifica o amor que Deus te dedica. Já não é uma prova, nem há nada para ganhar com ela. Faço-o porque te amo. Não esqueças, nunca, este momento.

Mike não podia imaginar um momento mais sagrado na sua vida. As lágrimas persistiam em cair dos seus olhos, e ambos os seres, que pertenciam à mesma força espiritual, continuavam a partilhar o amor, enquanto o enorme Anjo Dourado lavava, delicadamente, o outro pé de Mike... que parecia muito pequeno entre as suas enormes mãos!

Finalmente, tudo acabou. A grande bacia esfumou-se magicamente, o anjo pôs-se de pé e as suas asas voltaram a colar-se ao corpo.

- Agora, já podes levantar-te Michael Thomas. O teu propósito demonstrou ser verdadeiramente puro. Estás pronto para o Lar!

Mike pôs-se de pé, olhou à sua volta e, depois, encarou o anjo. Como se lesse a sua mente, este pegou-lhe na mão e apontou para algo que estava detrás de Mike.

- Sobe a escada, Michael.

O anjo sorria de novo. Mike voltou-se e olhou para cima, para onde se encontrava a névoa dourada. Os degraus do trono dourado chamavam-no para outro lugar desconhecido, de grande propósito. Voltou-se e olhou para o anjo, como que a confirmar que ia subir as escadas.

- A porta que procuras está ali, Michael... Ah! E lembra-te disto: as coisas nem sempre são o que parecem!

Tendo chegado a este ponto, Mike nada inquiriu sobre tal frase, que estava a tornar-se o mantra daquele lugar. Tinha consciência de que não podia permanecer muito tempo ali. O anjo também o sabia e, com delicadeza, colocou-se ao lado de Michael... desta vez rodeando-lhe os ombros com o seu enorme braço. Com uma voz suave e encorajadora, pronunciou as suas últimas palavras:

- Eu acabo de sair dali, Michael. Está tudo bem. Agora, debes ir até lá. O objectivo está ao alcance da tua mão. Em breve estaremos de novo juntos... Nunca devemos dizer adeus, dado que somos um.

Mike sabia que tinha de sair daquela potente energia. Deu meia volta e começou a subir as escadas rapidamente. Nesse momento, entendeu por que havia ali uma escada: não era para o anjo... era para o humano! E os degraus estavam perfeitamente adaptados ao tamanho dos seus pés!

Tudo começava a fazer sentido, mas Mike não queria analisar mais nada. Chegara o momento de se graduar! Chegara o momento de entrar naquele lugar chamado **Lar**. Subiu os degraus do grande trono, dourado e ornamentado. Deteve-se a olhar, uma vez mais, para o Anjo Dourado, a parte de Deus que era ele, aquele que, agora, adoptava uma atitude régia com as mãos juntas e lhe sorria do fundo da escada. O anjo tinha razão: não experimentava nenhuma sensação de despedida. Verdadeiramente, fazia parte dele!

Mike começou a aperceber-se de que, naquele último dia encontrara duas partes de si mesmo: uma delas, sem amor; a outra, com amor. Em algum ponto entre elas residia a consciência humana, o que, para ele, significava escolher onde colocar-se. Então, deu a volta e começou a subir a escada. A espessa névoa escondia o que havia imediatamente acima dele, e o seu campo de visão somente conseguia abarcar uns dez degraus dourados de cada vez. Prestava muita atenção aos passos que dava, pois a última coisa que queria era cair daquela torre, no final de sua viagem sagrada. Riu-se ao imaginar a vergonhosa queda para a base do trono, e como se desculpava perante o seu esplêndido Eu Superior por ser tão trôpego. Imediatamente, este humor o relaxou.

Estava consciente de que já subira, pelo menos, dois pisos. Então, justamente em frente, havia uma espécie de patamar. «Que trono mais sumptuoso!», pensou Mike. Era realmente imenso!... E era seu!...

Finalmente, chegou ao final das escadas... e não se sentiu decepcionado: ali, junto a uma cadeira dourada, profundamente ornada e regiamente lavrada, estava a porta que tanto ansiara ver durante todas aquelas semanas. Agora, a sua visão de há tanto tempo atrás surgia perante ele e, por fim, estava ao seu alcance. A porta estava bem iluminada e parecia estar suspensa no ar, pois não só não havia paredes a demarcá-la, como também não se percebia onde a sua realidade se juntava à realidade do trono. Apercebeu-se de que aquela porta não fazia parte da Casa da Auto-estima, nem da estrutura em que se encontrava. Era um portal e, portanto, possuía um atributo dimensional diferente. Tinha muitas coisas escritas na sua superfície, algumas das quais não conseguiu interpretar; mas entendeu a palavra **Lar**.

Esperara muito tempo por isto; passara por muitas coisas, aprendera muito e alterara a sua própria estrutura celular, preparando-se para o que o esperava do outro lado daquele portal. Agora quase parecia fora do contexto. Permaneceu ali, pensando no que lhe sucedera e no belíssimo Anjo Dourado que ficara na base da escadaria. Pensou no que lhe acontecera no terceiro degrau, um pouco antes. E esta última experiência fora, indubitavelmente, o contributo final para aquilo que sentia agora. Então, postou-se diante da porta, numa atitude cerimoniosa.

- Eu mereço-o! - disse, seguro de si mesmo. - E agradeço ao Universo por me permitir fazer o que estou prestes a fazer. Com pleno amor, entro no lugar em que pedi para estar.

A cerimónia tinha terminado. Michael Thomas inspirou uma última golfada gigantesca de ar humano e, corajosamente, abriu a porta que tinha escrito **Lar**.

Depois. Vomitou.

12. Transpondo a porta do Lar

- Mantém-lhe a cabeça virada para a esquerda, na direcção da bandeja! – pediu a enfermeira ao ajudante – Ele está a vomitar.

Nessa noite, como acontecia todas as sextas-feiras, a sala das Urgências estava cheia. Mas, desta vez, a lua cheia tinha alterado tudo.

- Ele está consciente? – perguntou o vizinho, que acompanhara Mike às urgências.

O enfermeiro, vestido de branco, inclinou-se para examinar de perto os olhos de Mike.

- Sim. Está a acordar. Quando conseguir falar com ele, não permita que se ponha direito. Tem um golpe muito feio na cabeça, que suturámos com vários pontos. Não queremos que se soltem.

O enfermeiro saiu do cubículo, um espaço limitado por uma cortina que deslizava por um suporte semicircular, oferecendo uma certa privacidade em relação às outras pessoas que estavam na sala.

Mike abriu os olhos, e logo se apercebeu onde estava: regressara à Terra e estava no hospital onde tudo começara. A iluminação fluorescente, que banhava a zona das Urgências com uma luz brilhante e estéril, obrigava-o a fechar os olhos. Fazia frio na sala, e Mike sentiu a necessidade de uma manta. O assistente voltou com uma, como se tivesse escutado mentalmente o seu pedido silencioso, e voltou a sair.

- Você esteve inconsciente durante um bom bocado - disse o vizinho, um tanto incomodado por não saber o nome de Mike. - Deram-lhe uns quantos pontos na cabeça. Tente não falar.

O homem deu umas palmaditas nervosas no peito de Mike e saiu para a Sala de Espera.

Mike ficou só. A sua cabeça flutuava perante a realidade do que sucedera. Fora tudo um sonho! A vil e feia criatura que derrotara na visão do desfiladeiro tivera razão desde o princípio: Mike tinha permanecido na Terra durante todo o tempo, estendido no hospital, aturdido - em coma - e nenhuma das coisas maravilhosas que experimentara eram reais.

Sentiu vontade de vomitar novamente, desta vez devido à crua realidade da situação. Tinha regressado! O Lar não passara de um sonho impossível e o País dos Anjos era exactamente o que o monstro lhe dissera: uma quantidade de fantasias disparatadas! Nada daquilo sucedera realmente, e ele jamais saíra do hospital! Nada do que vira e do que lhe tinham ensinado possuía solidez ou validade. Fechou os olhos e desejou morrer.

A enfermeira entrou no cubículo e inclinou-se sobre Mike. Este sentiu o seu perfume subtil entre os odores dos vários desinfectantes daquele ambiente. A enfermeira examinou-lhe a ligadura da cabeça e tocou-lhe ao de leve.

- Senhor Thomas, está acordado?

- Sim - respondeu Mike, débil e deprimido.

- Já pode ir. Levou uns pontos na ferida e fizemos o penso. Agora, já está bem. Pode ir-se embora, tranquilo.

Mike notou uma variação na situação.

- Como está o meu maxilar e a minha garganta?

- Estão óptimos, Senhor Thomas. Havia algum problema que não tenhamos detectado?

Mike moveu o maxilar e apalçou o pescoço, perante o olhar intrigado da enfermeira. Aparentemente tudo estava em ordem.

- Não. Suponho que tenha sonhado. - Mike regressara à realidade. Meditou brevemente sobre a situação e perguntou - Enfermeira, quanto tempo estive aqui?

- Um três horas, Senhor Thomas - A enfermeira sorria amavelmente.

- E a conta do hospital? - perguntou, reconhecendo que precisava de se inteirar da situação.

- Está coberta pelo seguro do dono do seu apartamento, senhor. Terá apenas de assinar alguns papéis, mas não tem nada a pagar.

- Obrigado, senhora enfermeira.

A enfermeira saiu do cubículo e Mike voltou a ficar só. Havia algo ali que não encaixava. Embora tivesse a sensação de terem passado alguns meses desde o acidente, lembrava-se claramente que o ladrão lhe apertara a garganta durante a luta. Todas as suas feridas eram anteriores à visão, ou sonho, ou o que fosse. Portanto, nada do que pudesse ter sonhado podia alterar aquelas lesões. Todavia, o maxilar e a garganta não apresentavam qualquer problema. Teria sido outro sonho?... Não. Sentia-se incomodado pela pressão que estava a sentir na bexiga. Tinha de ir à cada de banho! Isto era uma clara manifestação do «regresso à realidade elementar» da Terra, que só podia ter como ser humano real.

Levantou-se, ignorando a dor de cabeça. Enquanto andava, apercebeu-se de que ainda trazia vestida a roupa da rua... Depressa encontrou a casa de banho, típica de um hospital: individual, pequena, extremamente limpa e com um forte odor a desinfetante. Aliviou a sua urgência, vivendo-a como algo pouco familiar, como se estivesse estado meses sem fazer tal coisa. Pareceu-lhe interminável.

Estava a lavar as mãos quando viu o seu reflexo no espelho. Algo mudara, na sua cara. Aproximou-se do espelho e, durante um bom bocado, olhou para dentro dos seus olhos, perguntando-se o que é que estava a ver. Estava de pé e sentia-se bem! Quem sabe se as três horas de descanso no hospital não teriam sido, precisamente, o que andava a precisar?

Saiu devagar da enfermaria, e o vizinho, que estava à sua espera, foi recebê-lo. Mike olhou-o e deu-lhe o braço.

- Obrigado, Senhor... - Mike não sabia o nome do vizinho.
- Por favor, chame-me Hal. - O vizinho estava alegre por ver que Mike se levantara e estava melhor.
- Hal, ficaste comigo durante todo este tempo? - Mike sentia curiosidade.
- Não foi nada, senhor...
- Por favor, chama-me Mike.
- Muito bem, Mike. O meu carro está ali fora. Vamos para casa.

Mike reagiu subitamente à palavra «casa», sentindo uma pancada na boca do estômago que lhe recordou a triste decepção que o seu sonho lhe causara.

- Ótimo. Hal.

Mike estava sinceramente agradecido. Enquanto Hal foi buscar o carro, tratou dos papéis e saiu, ficando à espera.

No caminho para casa interrogou o vizinho acerca do incidente. Tudo parecia ser tal como se lembrava, excepto as lesões. «Terei imaginado?», perguntou-se. Uma vez chegado a casa, despediu-se do vizinho e voltou a agradecer-lhe pela sua solidariedade. Então, como era habitual, abriu a porta do apartamento, acendeu uma pequena luz, entrou e fechou a porta.

Sentiu-se incomodado com o cheiro e o aspecto, que deveriam ter-lhe parecido familiares, mas que, na realidade, não eram. Apesar de haver uma grande desordem para arrumar e uma aparelhagem sonora para reinstalar, o aquário não estava partido, tal como se lembrava. Havia ali algo muito incoerente. Sentia-se como se estivesse de visita à casa de uma pessoa pobre para a ajudar a limpar o apartamento!

Parou a observar tudo quanto o rodeava... Este lugar não lhe pertencia! Por que criara aquilo?... Por que estava tão escuro?... Há três horas ainda era o seu lar e, agora, parecia pertencer a um indivíduo proveniente de um mundo completamente diferente. O que estava a acontecer?

Percebeu que a sua consciência não coincidia com a do homem que vivera ali. Inclusivamente, sentia que pensar em dormir naquele lugar era estranho e inapropriado. Foi verificar o caixote onde guardava as coisas. Ali, tal como o tinha deixado, estava o seu cartão de crédito, que nunca pensara utilizar. «Comprar a crédito sai caro. Não preciso de comprar coisas bonitas». Colocou o cartão de crédito na carteira e verificou se tinha dinheiro em notas. Recolheu alguns pertences e artigos de higiene e, finalmente, apagou a luz e saiu do apartamento. Sabia que devia voltar para buscar as suas coisas pessoais e o peixe, mas decidiu avisar imediatamente que iria deixar o apartamento. Depois, foi ao apartamento de Hal e explicou-lhe brevemente o que pensava fazer, para o caso de, mais tarde, a polícia precisar dele para fazer um relatório da ocorrência.

Tomou um táxi para a melhor zona da cidade, onde imediatamente se registou num bom hotel. Suspirou aliviado enquanto apreciava o requintado mobiliário, a brilhante iluminação e a decoração ornamental da zona do vestíbulo. Aquilo era muito melhor! Pela manhã procuraria outro apartamento, depois de conseguir um novo emprego, como merecia.

Enquanto cruzava o vestíbulo em direcção aos elevadores, todos se voltavam para olhar para ele. Mike tinha uma presença positiva que se impunha e chamava a atenção. Seria alguém especial?... Talvez uma estrela de cinema?

Estava a descansar no quarto do hotel, quando começou a questionar-se sobre o que lhe acontecera. Sentia-se maravilhosamente e em paz. Tinha a absoluta certeza de que, no dia seguinte, encontraria um bom emprego. E conseguiu-lo-ia num só dia – apesar de estar numa cidade como Los Angeles – porque era muito bom no que fazia. Tinha grandes desejos de conhecer gente e poder dar de si mesmo. Talvez até pudesse iniciar uma grande carreira profissional.

Então aconteceu. Pensou em Shirley, o seu amor perdido, e não sentiu nem dor nem punhalada por ter perdido uma relação tão preciosa. Não se sentiu patético nem teve o impulso de se esconder. Esboçou um sorriso pela pessoa que tinha sido até há pouco tempo. «Caramba! Em que estaria a pensar para me ter

comportado daquela maneira?... Ela somente estava a cumprir o seu contrato. Sou tão responsável como ela por tudo o que aconteceu.»

Essa agora!!! O que estava ele a pensar?... Mas era verdade! Então, fez algo que, apenas umas horas antes, o teria mortificado: pegou no telefone e marcou o número, sobejamente conhecido. Tocou uma vez, depois outra, até que uma deliciosa voz feminina se fez ouvir do outro lado da linha:

- Faz favor?

- Shirley! – Mike sentia-se eufórico por ouvir aquela voz.

- Mike? – Shirley não parecia muito contente por ouvir a sua.

- Espera! Só queria saber se estás bem, e dizer que me sinto verdadeiramente bem com tudo o que se passou connosco.

- Mike?... De verdade, és tu?... Pareces mudado.

- Ouve: só quero que fiquemos amigos, e desejar-te que tenhas uma boa vida. Tu mereces, e penso que és, de facto, uma mulher estupenda.

- Mike?... Não podes ser tu quem está a dizer essas coisas!

- Claro que sou eu.

- Arranjaste uma namorada nova?

- Não, Shirley. De verdade, estou a falar a sério. Só liguei para te dizer que estou bem, e que te desejo sorte em tudo o que queiras para o futuro. Tivemos bons momentos, e espero que guardes uma boa recordação de mim.

- Mike, o que te aconteceu?

- Agora não posso dizer-te; talvez outro dia. Adeus!

- Mike, isto é uma brincadeira, não é verdade?

Mike desligou o telefone com uma maravilhosa sensação de serenidade. Tinha encerrado essa parte da sua vida e sentia-se sumamente satisfeito por ter arrumado o assunto. O som da voz de Shirley não lhe provocara quaisquer sentimentos negativos, mas sim a tranquilidade de finalizar uma etapa e a sensação de poder seguir em frente.

Sentia-se estranho. Tudo tinha mudado. Estava a fazer coisas que não eram próprias do Mike de antes. Captava a energia do momento e não se preocupava por estar num hotel, gastando cem dólares por noite. Tinha a absoluta certeza de que poderia cobrir os gastos de alojamento com os ganhos do novo emprego... que ainda não tinha! Este não era o Mike de antes; este era um Mike «actual» que compreendia o significado da auto-estima e o funcionamento universal das coisas. Sentia como se tivesse voltado a nascer, e experimentava todos os sentimentos sãos e firmes do homem que se sente feliz consigo mesmo.

Então, sentiu uns calafrios a percorrer-lhe a coluna e, de certo modo, intuiu o que significavam: foi directamente à porta do quarto e abriu. Ali estava o seu amigo John, com o punho em posição de bater na porta!

- Olá, John! – disse Mike abraçando o seu amigo.

- Como sabias que estava aqui? – John estava perplexo.

- Intuição, suponho.

- És um tipo difícil de localizar! Soube do roubo da tua casa e vim ver-te assim que acabei o turno de noite. O teu vizinho disse-me que estavas aqui. Estás bem? Como está a tua cabeça? O que se passa com o teu apartamento?... Por que estás neste hotel?

Mike levantou as mãos como para parar o questionário que parecia sair disparado, e sorriu a John.

- John, a minha cabeça está bem. Já não encaixo naquela choça onde vivia. E também já não encaixo no emprego que tenho. Ambos sabemos disso.

John estava mudo de assombro. Tivera a esperança de que Mike, finalmente, se decidisse a deixar aquele emprego, mas não esperava vir a encontrar-se com alguém que se convertera num super-homem, de um dia para o outro.

- Michael, o que aconteceu? Estás muito mudado!

- Eu sei. Não posso explicar porquê, mas sei que assim é! Sinto-me perfeitamente harmonizado com tudo, tranquilo e cheio de energia em relação à vida.

John estava a absorver tudo, pelo que quase não falou.

- Queria convidar-te a beber algo fresco, mas acabei de chegar. Queres ir lá abaixo jantar?

- No restaurante?

- Sim. Eu convido.

- Bom! – John olhou intensamente a Mike – Rapaz, como estás mudado!

Os dois homens saíram do quarto e foram ao elegante restaurante, contíguo ao vestíbulo do hotel. Ali, Mike falou de tudo, excepto do sonho. Explicou que terminara em paz com Shirley, que tinha planos para encontrar um novo emprego e, também, da nova perspectiva que actualmente tinha da vida. Falou com elo-

quência sobre o facto de que a verdade sempre ganha, e de como o perdão e a integridade criam paz em qualquer vida. Agora, ao falar favoravelmente de tudo o que antes criticava, também aceitava as diferenças de opinião. Comentou que um ser humano não tem de aceitar simplesmente tudo o que surge na sua vida e, ainda, que uma pessoa podia criar a sua própria realidade.

John não disse nada. Estava totalmente pasmado! Deixou que Mike continuasse a conversa durante o jantar – que foi longo e muito agradável – e que continuasse a dissertar, enquanto tomavam a sobremesa e, depois, durante o café. Parecia que estava a ouvir uma conferência sobre «como sentir-se bem». Tudo fazia sentido. Finalmente, aproveitando um momento em que Mike tinha a boca cheia, disse:

- Mike, tiveste uma dessas experiências de quase-morte... ou algo parecido?

John falava a sério. Apenas há um dia, Mike era um homem sem auto-estima, disposto a ficar sem casa, que se sentia desanimado e se comprazia com o seu próprio sofrimento.

- Não, John. Suponho que tive uma experiência de **quase-vida!**

Ambos riram e, com isso, libertaram a tensão do momento. Apesar de a situação ser cómica, Mike também estava a constatar, na prática, o que experimentara. Ainda não estava preparado para afirmar que a sua visão fora real, mas sentia-se bem com a vida.

John não tinha pressa de se despedir, porque estava a beneficiar da energia que rodeava o amigo, e sabia disso. Inclusivamente, tinha-se convencido da necessidade de, também ele, encontrar um novo emprego. Mike já lhe transmitira a ideia de que ele merecia mais. E ele concordava. Sentia que o entusiasmo de Mike e a sua recém-descoberta personalidade positiva o enchiam de energia. Esta atitude optimista era contagiante. E em relação às suas ideias altruístas? Bom, não estava muito seguro, mas ouvir não fazia mal. Mike levava-o a pensar que era merecedor de muitas coisas boas.

Os dois amigos desejaram-se boas-noites e, de novo, Mike deu um forte abraço ao amigo. Este apercebeu-se de que Mike nunca fizera isso e, agora, numa só noite, já era a segunda vez. O que tinha acontecido a este homem?... Que bom amigo era!... Era como se Mike tivesse estado noutro mundo, ou como se ainda lá permanecesse, cheio de paz e amor por toda a Humanidade em geral. Não fazia juízos e estava feliz. Que tipo!... Que mudança!

Mike voltou ao quarto do hotel e sentou-se na cama. Atrever-se-ia a crer, pelo menos durante um minuto, que o sonho da sua viagem tinha sido real? Se o tinha sido, por que regressara à Terra?... Nada parecia encaixar. Nada parecia ser o que parecia ser. O quê?... As coisas não são o que parecem?

Então, começou a sentir uma presença inexplicável, mas familiar. A sua intuição convidava-o a segui-la e o seu corpo falava-lhe. Levantou-se, atravessou o quarto em direcção a uma cadeira e sentou-se. Ali fez algo que lhe pareceu totalmente normal. Fechou os olhos, pousou as mãos e falou cerimoniosamente em voz alta:

- Em nome do Espírito, peço que me seja mostrado o que necessito saber a respeito desta situação. Celebro-a, embora não a compreenda.

Permaneceu em silêncio e manteve os olhos fechados. Então, deu-se uma explosão de luz brilhante. Rapidamente, foi transportado através do portal de dimensionalidade para um lugar preparado para ele, e exclusivamente para ele. Era o lugar sagrado interior onde se dava a comunicação entre Michael Thomas e o Espírito, um lugar onde regressaria frequentemente nas suas meditações. Ali, flutuava no espaço, totalmente consciente de estar novamente num estado de sonho. E se este estado não fosse verdadeiramente um sonho?

«Não, não é sonho, Michael Thomas.»

Era a voz do Anjo Branco! Atrever-se-ia a abrir os olhos?... Não queria retirar-se daquele lugar, pois tinha consciência de se encontrar numa dimensão em que era somente um visitante. Não queria que o devolvessem drasticamente ao quarto do hotel, enquanto não estivesse preparado. A voz do enorme anjo continuou a ouvir-se.

«Este é, simplesmente, outro estado de realidade modificada. Qual é a mais real para ti neste momento, Michael?»

- Branco! - exclamou Mike em voz alta.

«Sim, Michael.»

- É tão bom voltar a ouvir a tua voz! – Mike estava muito emocionado. Quase gritava -. Branco!... Não foi um sonho! Eu sabia!

«Não foi um sonho, Michael.»

- O que aconteceu?... Por que não estou no céu?... Houve algum erro?

Mike estava muito contente por falar novamente com o seu amigo espiritual!

«Abre os olhos, Michael. Temos companhia.»

Mike fez o que o lhe pediam e, gradualmente, abriu os olhos. O portal interdimensional permanecia estável, e ele não foi retirado do seu estado meditativo. Encontrava-se a flutuar na posição de lótus, dentro de

um espaço de incrível brancura que lhe fez recordar o branco lugar onde encontrara o enorme Anjo do Amor. Abaixo, mas à sua volta, havia sete entidades em círculo. Diante dos seus olhos começavam a formar-se sete agrupamentos nebulosos coloridos. Cada grupo era como uma nuvem ténue, que lentamente se adensava e gradualmente ia tomando forma. Mike sabia o que estava a ocorrer, e o seu coração saltava de alegria! Debaixo dele, as sete nuvens de tons subtis intensificaram a sua cor e, finalmente, resplandeceram com magnificência, descobrindo as suas brilhantes e autênticas personalidades. Ali estavam Azul, Laranja, Verde, Violeta, Vermelho, Branco e até Ouro! Equilibradamente espaçadas, as pequenas nuvens cresciam pouco a pouco, convertendo-se em sólidas formas angélicas que conhecera e com as quais estivera, aparentemente, no dia anterior. Alegrou-se muito, pois os seus amigos estavam ali! Foi prudente para não quebrar o vínculo espiritual que continuava a ligá-lo à Humanidade, no quarto do hotel. De novo, estava em dois lugares ao mesmo tempo!

Os sete seres angélicos permaneceram no santuário de Mike por uns instantes, com as mãos elevadas cerimoniosamente para ele. Mike celebrou com eles. Experimentou um incrível sentimento sagrado que provinha do círculo, e honrou-o guardando silêncio. O primeiro a falar foi o Anjo Dourado:

- Michael Thomas de Propósito Puro, damos-te as boas vindas.
- E eu a vós – disse Mike, agradecido e tranquilo.
- O que desejas saber, Michael?

O Anjo Dourado quase ria. Sabia o que Mike sabia e, portando, que ele estava inquieto por compreender o que tinha corrido mal. Por que estava novamente na Terra?... Desta vez foi o Anjo Branco quem respondeu à sua pergunta mental.

- Acaso desejas rever o teu pedido original, Michael?

Mike não sabia a que se referia o Anjo Branco, mas continuou calado enquanto o grande anjo falava. Como se fosse uma gravação em vídeo, apresentaram-lhe uma reprodução literal de outro ponto no tempo, aquele em que Mike explicara a Branco a sua noção de «Lar». Mike escutou a sua voz a dizer:

«Quero ser amado e estar rodeado de amor. Desejo tranquilidade na minha existência. Não quero preocupações nem dificuldades nas relações com quem me rodeia. Não quero preocupar-me com o dinheiro. Quero sentir-me **livre!** Estou cansado de estar sozinho! Quero significar algo para os outros seres do Universo. Quero saber qual a razão por que existo, e cumprir o meu papel: ser uma parte correcta e adequada do plano de Deus. Na verdade, não quero ser o humano que tenho sido. Quero ser como tu!»

Aquela era a descrição das suas expectativas a respeito do Lar; aquelas tinham sido as palavras que empregara quando o grande Anjo Branco lhe pedira para definir «Lar»!

Depois, foi o Anjo Azul quem falou:

- Presta bem atenção à tua vida, Michael Thomas. Tens o mapa intuitivo que te permitirá levar uma existência pacífica, pois compreendes que o Espírito funciona no «agora».

Mike compreendeu que Azul tinha razão. Não estava preocupado com o facto de ter de encontrar trabalho no dia seguinte: tinha o seu mapa, e este ajudá-lo-ia a encontrar o sítio correcto.

Depois, ouviu a voz do Anjo Laranja:

- Os dons e os instrumentos de tua alta vibração no planeta manter-te-ão equilibrado e fora do drama dos que te rodeiam, se assim o quiseres. Neste processo, tens o poder de eliminar qualquer coisa negativa que alguma vez tente interpor-se no teu caminho!

Mike sabia que Laranja estava a dizer a verdade. Não se preocupava com nenhum antigo drama da sua vida. O incidente com Shirley desaparecera da sua consciência, como se nunca tivesse existido.

De seguida, surgiu a voz do Anjo Verde. Era inconfundível e estava cheia de sentido de humor:

- A tua biologia dar-te-á a liberdade de que necessitas, Michael. Agora estás repleto de sabedoria e de conhecimento.

Mike nunca se tinha sentido melhor, e sabia como manter-se em forma. Os ensinamentos de Verde tinham sido decisivos!

Depois, chegou a vez do Anjo Violeta. A sua doce voz fluiu até aos ouvidos de Mike:

- Agora fazes parte do plano de Deus, Michael, com propósito e responsabilidade. Tu crias a tua própria realidade, e não é preciso que voltes a ter um só momento de preocupação. A Família rodeia-te!

Mike sabia que o anjo tinha razão. E certamente criaria o seu próprio futuro sem preocupação. Sabia que a família estava ali para apoiar e que sempre estaria no sítio certo no momento exacto.

A voz do Anjo Vermelho disse então o seguinte:

- Nunca voltarás a ser o humano que foste, Michael. O teu propósito mudou para sempre.

Aquelas palavras também estavam certas! Mike nunca poderia regredir. Já não era o mesmo homem. O seu apartamento pertencia a uma pessoa lamentável, que deixara de existir. Inclusivamente, deveria desfazer-se da roupa. Já não era o mesmo homem.

Depois, voltou a ouvir a voz espectacular do Anjo Branco:

- És uma parte adequada e correcta do plano do Amor, Michael. És amado sem limites e tens a capacidade dar esse mesmo amor a outros seres. Ainda tens de te aperceber do dom que tens diante de ti!

O que significava aquilo?... Porque é que Branco era sempre o único a afirmar algo que originava uma incógnita?

Por último escutou a voz do Anjo Dourado, ampla, potente, sagrada e doce:

- Queres converter-te num anjo, Michael?... O que aprendeste em minha Casa? Tu és uma maravilhosa parte de Deus, que caminha pelo planeta com uma vibração muito elevada. Um anjo disfarçado, um dos poucos que o sabem, e um ungido por Deus.

Era certo que Mike pedira para ser como os anjos, sem jamais lhe ocorrer que, na realidade, já o era.

Subitamente, todos falaram como se fossem um só, enquanto manifestavam um pensamento aos ouvidos de Mike.

«Este é o Lar, Michael Thomas. Estás aqui porque o pediste. É o lugar a que pertences e onde podes fazer algo pelo planeta. Cada coisa que pediste está agora no seu lugar. Tu és um Guerreiro da Luz. Como Mary, o teu equivalente humano, emites a vibração de Deus. Mataste o gigante, aceitaste o Ser Dourado, e tens a sabedoria dos séculos!»

Ainda havia mais, e Michael Thomas sabia-o. Os seres angélicos perderam a sua forma uma vez mais, e sete pequenas nuvens de tom brilhante fundiram-se numa zona vibratória brilhante de luz diamantina! A iridiscência e o fulgor da nuvem eram espectaculares, impossíveis de descrever com palavras. Os anjos estavam em concílio. Mike, intuitivamente, sabia-o. Pouco depois, voltou a escutá-los, como se fossem um só.

«Michael Thomas, hoje damos-te uma nova designação de entidade. Enquanto percorrias o caminho, eras conhecido como Michael Thomas de Propósito Puro. Hoje, estás aqui como graduado, como uma entidade de alta vibração, que não é completamente humana nem completamente angélica. Por conseguinte, agora serás **Michael Thomas, o Actual**. Isto representa a vibração do «agora» e é um dos atributos mais notáveis que podemos conceder.»

Mike pensou que tudo aquilo soava muito excêntrico, mas sabia que os anjos honravam muito seriamente a sua nova vibração. A espectacular nuvem diamantina adoptou progressivamente uma forma de diamante que pareceu elevar-se e envolvê-lo, abarcando, com a sua luz refulgente, todo o espaço em que se encontrava. Estava sendo envolvido pelo amor, e voltou a sentir-se trespassado pela presença de Deus. Cada uma de células do seu cérebro celebrou, e o seu organismo respondeu com emoção e agradecimento. O amor impregnou cada poro do seu corpo, e Mike sabia que estava na hora de regressar à cadeira do hotel. Os anjos tinham uma mensagem mais, e, enquanto Mike regressava à cadeira de meditação, as palavras das suas energias colectivas ressoaram nos seus ouvidos:

«Michael, o Actual, és muito amado!»

Mike permaneceu sentado mais um pouco na cadeira do hotel, voltando da sua viagem de compreensão meditativa. Tudo o que experimentara nas Casas de treino espiritual era real! Os ensinamentos eram válidos, e o conhecimento e o poder continuavam com ele, enquanto permanecia sentado no quarto do hotel em Los Angeles. Aquela ideia estonteava-o e perguntou quantos mais seres humanos haveria como ele.

Sentia-se exausto. Quase adormeceu no banho, mas finalmente conseguiu chegar à cama. Estava demasiado cansado para pensar no que estaria para vir. Tinha que dormir... e dormiu muito bem.

No dia seguinte, estava pronto para enfrentar a vida. Foi até à varanda e contemplou a zona. Não havia limites para o que poderia fazer. Iria, verdadeiramente, modificar as coisas à sua volta, onde quer que fosse.

Sabia que o futuro lhe reservara muito, e que havia muito para fazer e muito para aprender, especialmente como integrar a sua nova vibração estando rodeado pela velha vibração dos outros humanos. Não estava preocupado. Trazia na sua alma o amor e a inteligência da sabedoria dos séculos. O seu anjo interior se encarregaria disso, pelo que saberia sempre o que fazer em cada situação.

Encontrar um novo emprego foi mais fácil do que imaginara. As grandes empresas sempre precisam de bons vendedores com integridade, e Mike expressava bem quem era, com cada palavra e cada atitude. Comprara um novo guarda-roupa e propusera-se metas ambiciosas. Entrou na maior empresa a que os seus conhecimentos técnicos poderiam interessar, passando por um cartaz que dizia: «Não precisamos de colaboradores». Conseguiu o emprego em questão de minutos e abandonou o edifício preparado para realizar outra cerimónia para celebrar a possibilidade que os humanos têm de criar sua própria realidade.

Mike tinha estado preocupado com tudo o que havia de novo em si. O facto de o sítio onde estava ser o seu Lar começava finalmente a fazer parte da sua consciência. O seu novo emprego estava assegurado e começava a procurar um lugar onde viver. Na manhã do terceiro dia, no duche, houve uma ideia que, de súbito, se tornou muito clara!

O que é que o Anjo Branco assegurara que Mike não entendera? «Michael, ainda tens de compreender o dom que está diante de ti». Os olhos de Mike encheram-se então de lágrimas de compreensão. Era o dom maior de todos. Só o poderia ter recebido como ser humano, e não se apercebera dele durante todos os acontecimentos espectaculares dos últimos dias! Era transcendental nas suas implicações. Ainda na casa de banho, ajoelhou-se e deu graças pela verdade daquela revelação. Estremeceu perante o seu potencial, e procurou na memória a informação de que necessitava. O seu coração batia com força enquanto pensava em tudo o que aquilo significava.

* * *

Deixemos Michael Thomas neste ponto da história. Há algo que Mike vai ter de ir procurar. Graças aos seus novos dons e ferramentas, sabe que não está completo. O seu mapa irá guiá-lo na direcção certa e a Espada interior da Verdade será a sua luz na escuridão, uma frequência cardíaca vibratória que fará ressoar a nota Fá e cantará a sua alegria no momento certo. Mike formou uma imagem nítida na casa do Anjo Branco que está gravada nas células mais ternas do seu coração e da sua mente.

Nada poderá impedir «Michael, o Actual» de encontrar uma dádiva sagrada que está à sua espera no mar de humanidade que o rodeia. O seu sorriso é o maior sorriso que qualquer ser humano é capaz de esboçar perante a absoluta certeza de que a sua busca culminará com êxito: a única coisa que tem de fazer é iniciá-la!

Mike apercebeu-se de que lhe tinham dado a dádiva de uma segunda oportunidade de encontrar algo precioso: o amor da sua vida, um contrato tão poderoso que seria como um íman para ambos, impossibilitando-os de continuarem a ter existências separadas no mesmo planeta. Mike anda à procura de uma mulher ruiva, com pele como marfim e olhos como esmeraldas. Não sabe o nome que ela tem na Terra, mas isso não importa. A energia de Anolee será como um farol na escuridão da sua alma. Pensou nos filhos que ainda não tinham nascido, e isso potenciou a sua resolução de encontrar essa flor da sua vida.

Havia no ar uma electricidade que chispava com a energia do propósito espiritual e do amor, pronta para se realizar e permanecer preciosa. O odor da vitória era aromático. A única rosa planeada para a vida de Mike estava prestes de ser encontrada, admirada e amada pela sua beleza. A sua fragrância seria apreciada durante toda uma vida - conservada e adorada pela sua formosura perfeita e pela sua elegância natural.

Ela já andava por aí, em algum lugar, e Mike iria encontrá-la.

Os anjos sorriam e sabiam que Michael conseguiria o seu objectivo.

Michael Thomas encontrava-se realmente no seu LAR.

Epílogo

Nas páginas desta história de Michael Thomas e dos sete anjos, estão ocultas muitas metáforas e verdades espirituais da Nova Era. Desde o número de capítulos até à numerologia dos nomes espirituais, há muitas mais lições a aprender, para quem as deseje encontrar.

As cores também têm energias conhecidas, e podem ajudar a compreender melhor a mensagem que aqui se apresenta - que é muito mais do que o texto leva a crer.

Seguidamente, apresentamos algumas perguntas que talvez seja divertido formular num grupo de estudo:

1 - Qual era a verdadeira mensagem por detrás do estranho mapa que deram a Michael Thomas na Casa Azul?... Como é que você poderia aplicá-la na sua vida quotidiana?

2 - Qual o significado da comida que apodreceu durante o caminho? Qual é o «alimento do Espírito» e por que não pode existir fora do prato em que é servida?

3- Porque é que nenhum dos anjos discutiu com Michael nem o obrigou a seguir instruções quando o viam dirigir-se para situações que lhe iriam trazer problemas?

4 - Qual a verdadeira lição por detrás do «nós» da nossa biologia?

5 - Será que o aumento vibratório de um ser humano representa realmente um desafio? Onde é que já se falou disto?

6 - Porque é que as armas da velha energia de Michael Thomas eram necessárias num território espiritual? Porque é que os anjos lhe chamaram Guerreiro da Luz? Não será este um conceito da velha energia?

7 - Quem era na realidade Aquilo? O que é o lado obscuro?

Tenho de confessar uma coisa: o verdadeiro atributo metafísico representado por esta história nunca é mencionado neste livro. É uma palavra que não aparece no texto. Sabem qual é?

Enquanto fecha este livro, pergunte-se: «Estarei eu no LAR como Michael Thomas?»

O meu grande desejo é que cada um de vocês encontre esse lugar.

LEE CARROLL

P.S - Este livro foi escrito em vários quartos de hotéis dos Estados Unidos e do Canadá. Os meus agradecimentos às energias de Chicago; Washington D.C.; Mesa, Arizona; Houston; Gainesville e Orlando, Florida; Indianápolis; Montreal; Milwaukee; Seattle; Atlanta; Tucson e Kansas City. E a todos os outros Estados sobre os quais voei, enquanto escrevia no meu fiel computador portátil, no avião.

SOBRE O AUTOR

Após graduar-se em Administração e Economia na *California Western University* da Califórnia, Lee Carroll criou uma empresa em São Diego que floresceu durante 27 anos.

Onde é que as parábolas e histórias de anjos se encaixam em tudo isto? Tal como o próprio Lee conta, Deus precisou bater-lhe na testa para provar que a sua experiência espiritual era verdadeira. O ano de 1989 foi o ponto de viragem, quando o primeiro psíquico lhe falou de Kryon e, três anos mais tarde, quando segundo psíquico, não relacionado com o primeiro, lhe disse a mesma coisa (soletrando o nome KRYON durante uma sessão)!

Timidamente, os primeiros escritos de Kryon foram apresentados à comunidade metafísica em Del Mar, na Califórnia, e o resto já é história – com um total de seis livros metafísicos publicados num período de quatro anos. Existem, actualmente, cerca de 250.000 livros publicados em sete línguas diferentes em todo mundo.

Lee e a sua parceira, Jan, começaram os "Grupos de Luz" Kryon em Del Mar em 1991, e logo se transferiram para uma igreja lá perto. Agora, organizam encontros em todo mundo, com audiências que vão até 1000 pessoas. Kryon tem o maior e mais consistente dossier da Nova Era de toda a história da *America Online*, e atrai muitos visitantes às suas duas páginas da Internet: www.kryon.com e www.kryon.org.

A revista *Kryon Quarterly*, com distribuição nacional, foi fundada em 1995. Esta publicação periódica da Nova Era, com 40 páginas a cores e sem qualquer tipo de publicidade, tem cerca de 3.500 assinantes em mais de 12 países.

Em 1995, Lee foi convidado a apresentar o seu trabalho nas Nações Unidas (ONU) perante um grupo de funcionários deste organismo conhecido por Sociedade para Iluminação e Transformação (*Society for Enlightenment and Transformation*, SEAT). O encontro foi tão bem recebido que Lee foi convidado para uma segunda visita a Nova Iorque, em 1996.³

O relacionamento com a editora *Hay House* é muito forte e promete muitas surpresas!

Lee continua a escrever histórias inspiradas e parábolas, na sua casa em San Diego.

3 - A transcrição destas canalizações encontra-se no Livro 6 - Em Sociedade com Deus.

Índice

Introdução - 3
1 - Michael Thomas - 4
2 - A Visão - 8
3 - A Preparação - 13
4 - A Primeira Casa - 17
5 - A Segunda Casa - 25
6 - A Grande Tempestade - 34
7 - A Terceira Casa - 40
8 - A Quarta Casa - 51
9 - A Quinta Casa - 65
10 - A Sexta Casa - 76
11 - A Sétima Casa - 91
12 - Transpondo a Porta do Lar - 108
Epílogo - 115
Sobre o autor - 116